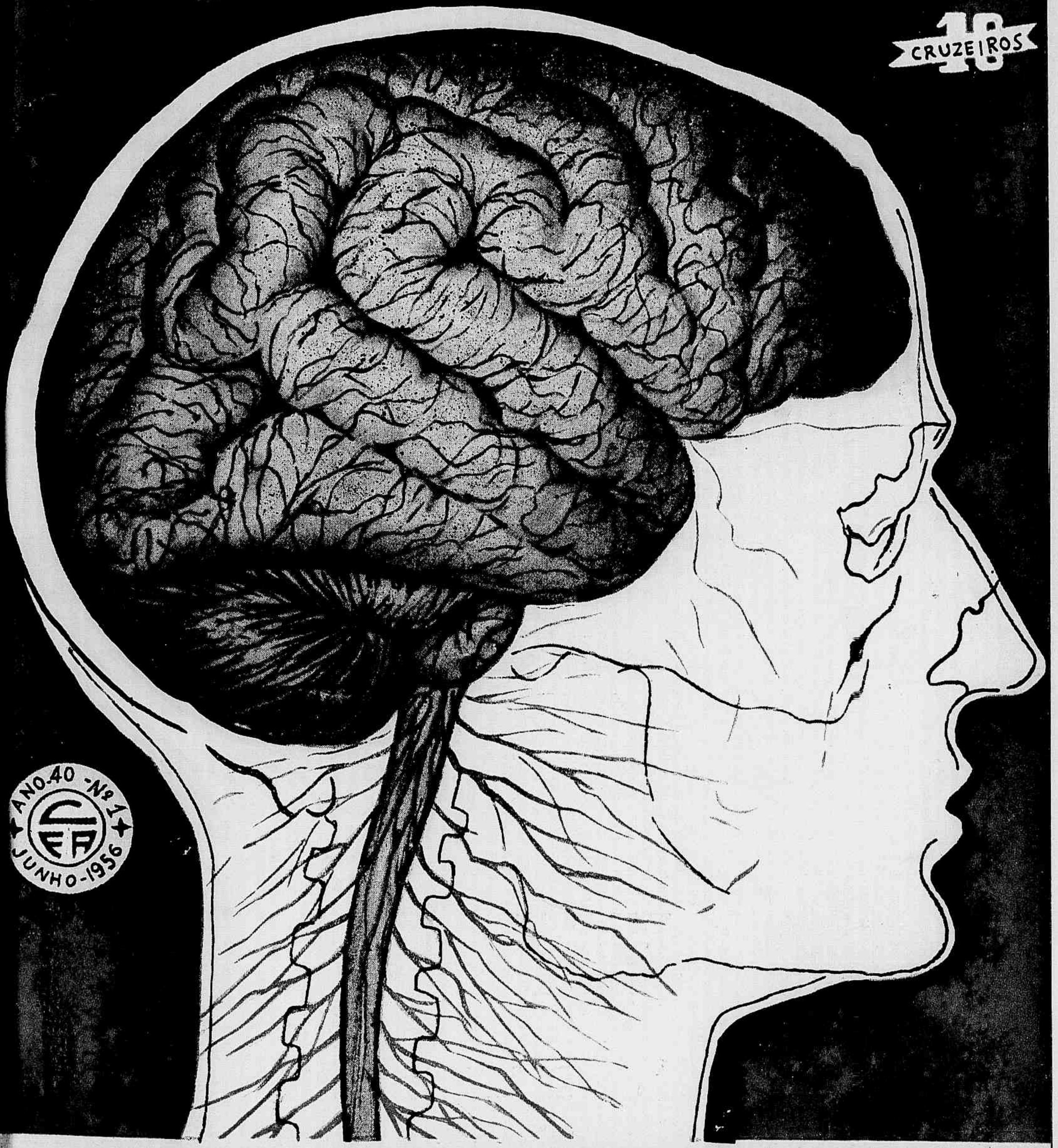
1956

JUNHO - N.469

EU SEI TUDO

1$ CRUZEIROS



O SISTEMA NERVOSO CHAVE DA VIDA ★ OS «TANQUES DA NATUREZA» ★ JÁ AGORA PODEMOS FOTOGRAFAR O PASSADO ★ OS BÓLIDOS NOS AMEAÇAM DO INFENITO

Viaje nos trens

VERA CRUZ" e "SANTA CRUZ"

CARROS DE AÇO INOXIDÁVEL

COM AMORTECEDORES

HIDRÁULICOS

MODERNÍSSIMAS CABINES E

CARROS RESTAURANTES

COM AR CONDICIONADO

PREÇOS DE PASSAGENS E HORÁRIOS

VERA CRUZ

IDA E VOLTA .. CR$ 614,00
IDA ..... CR$ 341,00

BELO HORIZONTE
SAIDA: 19,50 — CHEGADA: 11,00

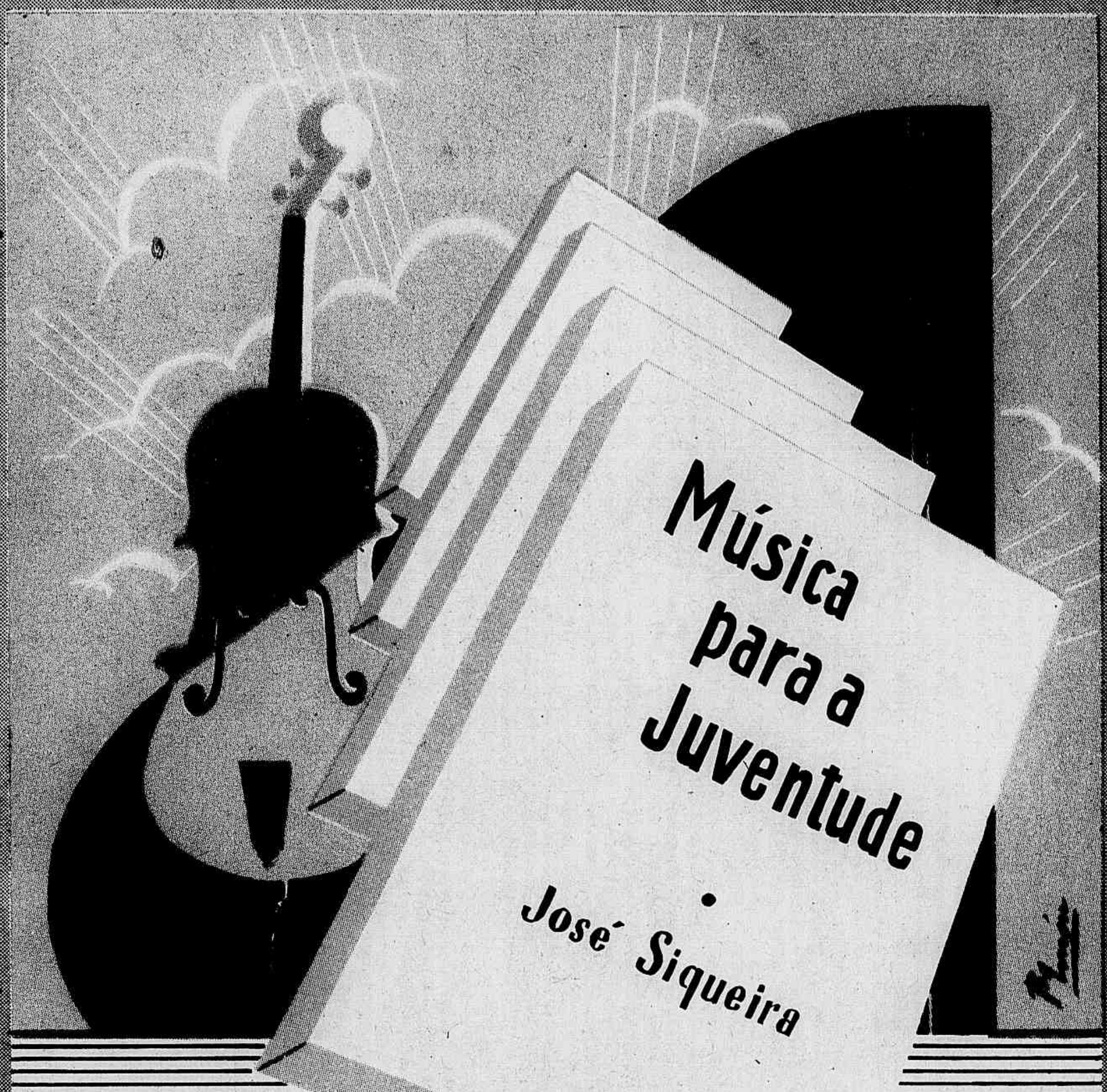
RIO DE JANEIRO
SAIDA: 20,10 — CHEGADA: 10,15

SANTA CRUZ

IDA E VOLTA .. CR$ 539,00
IDA ..... CR$ 299,00

SÃO PAULO
SAIDA: 22,40 — CHEGADA: 8,25

RIO DE JANEIRO
SAIDA: 22,30 — CHEGADA: 8,20



JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"**, obra destinada à mocidade que êle ama e à qual tão bons serviços prestou criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados (**"Regras de Harmonia"**, **"Canto Dado em XIV Lições"**, **"Curso de Instrumentação"**, **"Modulação Passageira"**, **"Sistema Trimodal Brasileiro"**). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"** está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: **Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração** e **Banda de Música**. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

Preço dos 4 volumes pelo reembôlso postal: Cr$ 250,00

Pedidos a Rosa Paula Machado:

Av. Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856

RIO DE JANEIRO

ESTA SIM!
É QUE É
A MAIOR!
45.000
PARES QUE VÃO
SER QUEIMADOS
POR QUALQUER
PREÇO
insinuante
É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA
DA AMERICA LATINA E É TAMBEM
UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.
CARIOCA 46·48 - SETE DE SETEMBRO 199·201

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO ARTISTICO HISTORICO E LITERARIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Telegr.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550; Publicidade: L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna . Em S. Paulo: Distribuição: Agência Polano, Rua João Bricola, 46 — Representantes em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Av. 9108 Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil: Cr$ 10,00. Número atrasado: Cr$ 11,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 120,00, para o estrangeiro: Cr$ 150,00.

O NOIVO QUE MAMÃE ESCOLHEU

Conto de ***PATRICIA FINHORE***

NOS dias de sol, as begônias rosadas do vasto terraço do hotel Boa-Vista, chamavam tanto a atenção como as campânulas vermelhas que bordavam as aléias e o azul celeste do lado. Desgraçadamente, naquela tarde de verão, em que chegaram as Reyersons, não havia sol. O hotel, o lago, as flores pareciam ter adotado a côr do céu, que era de um cinzento muito escuro. Até o "groom" tinha uma expressão sombria, enquanto levava as valises pelo longo corredor até os aposentos, que eram pequenos e de teto alto.

Muriel conteve um suspiro, em consideração a sua mãe, que se deleitava com a quantidade de gavetas no armário e o tamanho das toalhas, no quarto de banho.

— Reconheço que é um tanto antiquado. A srà. Carson me preveniu. Mas tudo de boa qualidade, como da melhor qualidade é a gente que aqui se hospeda desde há muitos anos. Tudo gente bem, de posição sólida. Nada dêsses veraneantes vistosos que vão passar uma semana numa estação de águas, levando numa valise todo o seu guarda-roupa

"Como nós" — teria dito Muriel, mas não o diz. Sua mãe tinha grandes esperanças nessa viagem e para realizá-la teve que gastar o último dinheirinho que lhe restava. Se as coisas saíssem conforme havia projetado, tudo seria agradável para ambas.

— Muriel! — exclamou a sra. Reyerson, desde a janela. — Tens vista melhor do que eu. Êsse homem que está sôbre a ponte está com uma saída de banho azul?

— Sim... Parece que é azul...

— Pois bem, **êle** tem uma saída de banho azul! A sra. Carson contou que nestes últimos dez anos não tem usado outra! Parece que é uma das suas pequenas manias. E tive uma idéia magnífica, meu bem... Por que não vais tomar um banho, também?

— Agora? **Faz muito frio**.

— Mas êle é o único que está na praia... Tens uma ocasião de conhecê-lo.... e meu instinto diz que...

— Está... Eu vou.

Muriel desde há muito deixara de discutir com sua mãe, quando entrava em funcionamento seu sexto sentido.

— Vai conhecer seu espôso nesta viagem! Tenho a certeza! Aquêle dia, no instituto de beleza, quando eu penteava a sra. Carson e ela conversava sôbre êste lugar, eu mal a ouvia. Pensava, apenas, que estava atrasada de cinco minutos para o próximo penteado. Então ela pronunciou um nome. Alexandre Hibben, e logo meu ôlho esquerdo começou a tremer e a piscar. Você sabe que isso me ocorre sempre que está para acontecer uma coisa importante. Fiquei ali, tremendo, com o pente parado no ar. Então, compreendi que...

— Que maiô devo usar? O branco ou o orquídea?

— Os dois ficam bem em você. Põe o que achar que pode dar mais sorte, querida.

— Então, o de côr orquídea. É mais fácil de vestir.

— Não seja assim, Muriel. Esta é a ocasião de você conhecer um homem realmente conveniente. Sei que você me considera uma mulher fria e calculista, mas a culpa é da própria vida, que me fêz assim — disse a sra. Reyerson suspirando.

— Nem sempre fui assim. Quando me casei com seu pai era alegre, bonita e cheia de alegria de viver. Mas o amor... êsse tipo de amor, não dura muito. Nunca esquecerei o dia em que êle me deixou. Tinha só cinco dólares em casa... Você brincava no quintal e...

Muriel já ouvira tantas vêzes essa história que nem fêz caso. Não que fôsse uma pequena de coração duro. Adorava a sua mãe e compreendia os muitos sacrifícios que fazia para dar-lhe lindos vestidos e lições de "ballet", de piano, de canto, igualzinho como as demais garôtas do colégio. Afligia-se, sinceramente, por não ter ainda, aos vinte e um anos, encontrado noivo e continuar sendo uma fonte de preocupações para sua mãe. Não era, na verdade, uma carga econômica, pois que tinha um bom emprêgo de secretária, mas quanto a casamento era um completo fracasso.

Ia a cinemas e a reuniões com mocinhas de suas relações, porém a sra. Reyerson desprezava essa gente, considerando que "não servia para Muriel".

Muriel tentava afirmar não ser melhor do que outra qualquer, mas acabava desistindo. Que adiantava discutir? Não valia a pena. A verdade era que, excetuando aquêle entusiasmo de colegial pelo capitão de uma equipe de futebol, nunca se enamorara. Devia ser de tipo indiferente. E quando se pertence a êsse tipo, e a mamãe vive repetindo que é tão fácil apaixonar-se por um rico como por um pobre, é bem possível encontrar um com muito dinheiro e assim resolver a questão matrimonial de uma vez por tôdas.

Com os pés enfiados em sandálias brancas, um manto branco sôbre os ombros e um grande chapéu cujas abas lhe desciam até os ombros, voltou-se para a mãe e perguntou:

— Que tal?

— Um encanto! — respondeu ela; e em suas palavras havia tanta verdade quanto orgulho maternal.

Os têrmos "atraente" ou "impressionante" não podiam ser aplicados a Muriel. Seus olhos azuis eram mais serenos que fascinantes, e seu sorriso, mais terno que audacioso.

— Torça por mim, mamãe — disse ela, beijando a sra. Reyerson no rosto.

— De todo o coração, minha filha.

A caminho da praia considerou que até um amante da natureza, como Alexander Hibben, suspeitaria de uma moça que tomasse banho num dia como aquêle. Mas, felizmente, ela era uma excelente nadadora.

Decidiu que a melhor maneira de aproximar-se dêle consistia em afastar-se. Descalçaria as sandálias, entraria nágua e nadaria ràpidamente. Isto dar-lhe-ia tempo para pensar no que faria depois, quando ambos se encontrassem na balsa.

Estava ali, no trampolim, e teve a agradável surprêsa de ver que êle era alto, de ombros largos e pernas compridas, com pele tostada pelo sol.

A sra. Carson havia dito e sua mãe repetira fielmente que aquêle homem tímido diante das mulheres era alto: entretanto, Muriel o imaginava baixo e gordo.

Também era um magnífico nadador, e ela admirava sua silhueta, enquanto desaparecia na água. Deixou seu manto junto aos objetos dêle, e nadou na direção da balsa.

— Bravo! — gritou êle, quando juntou-se a ela. — Sua maneira de nadar é quase perfeita.

— Por que "quase"?

— Porque seu braço esquerdo tende muito para o lado esquerdo.

— Também não respiro corretamente. Mas, de qualquer modo, divirto-me, e isto é o que vale!

Tornou a entrar na água, no que foi imitada por êle, que perguntou:

— Posso ir com você?

— Que tal nadarmos até aquelas rochas?

— Ficam muito longe. Não sei se conseguirei.

— Não se preocupe que estarei ao seu lado.

A sra. Carson havia dito que Alexander Hibben era um inventor de êxito, cuja diversão favorita eram os pássaros. E um filho tão devoto que desde a morte de sua mãe no ano anterior, nunca mais se havia ocupado de outra mulher. Pois bem: devia ter mudado nos últimos meses. Olhava Muriel, e enquanto estiveram sôbre as rochas, nem seus olhos, nem suas maneiras denunciaram timidez.

Fêz-lhe muitas perguntas. **"Quando chegara a Boa-Vista? Quanto tempo pretendia demorar? Costumava vir à praia sempre às três horas; estaria ali à mesma hora, no dia seguinte?"**

Quando soube que aquela era sua primeira visita, ofereceu-se para mostrar a cidade.

— Aquêle montão de rochas é "Crown Island". Além da curva que forma o lago há uma série de recantos adoráveis. Tryst é meu recanto favorito. Quando fizer um lindo dia iremos até lá. É esplendoroso, com pinheiros que chegam à margem e rochas de várias côres. Se tivermos sorte.

NÃO É NENHUMA NOVIDADE: TODO MUNDO SABE QUE É TÃO FÁCIL ENAMORAR-SE DE UM HOMEM RICO COMO DE UM POBRE.

Agora, ao despertar estava tudo lindo!

poderemos ver a águia que vive ali há muitos anos.

Muriel começou a pensar que as idéias da sra. Carson sôbre as pessoas eram muito estranhas: descrevera o sr. Hibben como um homem de aspecto bastante distinto!

Um vento cortante agitava o lago, e seu companheiro falou:

— Seus lábios estão ficando azulados. Vamos voltar.

Sua mãe a esperava, com uma pergunta nos olhos, a que Muriel respondeu, bailando alegremente.

— Não é sòmente rico; é maravilhoso também! Nunca vi um homem tão encantador!

— Eu não disse! — exclamou a mãe, contentíssima. — Quando meu ôlho esquerdo começa a tremer...

Ao ver sôbre a cama o vestido côr-de-rosa, Muriel protestou:

— Não vou vesti-lo!

— Mas se é o melhor e mais novo que você tem... A fim de causar uma boa impressão você deve...

— Não — replicou, com firmeza. — Quando uso um vestido pela primeira vez fico nervosa. Prefiro o azul, estampado. E, mesmo, prefiro que êle goste **de mim**, não dos meus vestidos!

Correndo o risco de ferir os sentimentos da mãe, antes de entrar no salão-de-jantar, disse-lhe:

— Se êle vier sentar-se à nossa mesa, não demonstre muito entusiasmo. E, por favor, não me faça elogios!

O salão de refeições do Hotel Boa-Vista, cujas janelas davam para o lago, era muito agradável, porém Muriel achava-o aborrecido e vazio. **Êle não estava presente.** Os únicos comensais eram um casal de certa idade, algumas velhas, uma senhora com uma criança e um homem solitário, sentado na mesa vizinha daquela em que se achavam.

— O salão fica aberto até oito horas, e ainda são sete — disse a mãe, num tom consolador.

Muriel nada falou. Depois do banho sentira apetite, mas agora havia passado; e não pôde comer.

— Hoje, ao meio-dia, vamos deixá-lo em paz — dizia uma mulher ao homem da mesa próxima. — Oh! Por favor, não se levante.

Êle insistiu em levantar-se. Era alto e delgado, com uma cabeça pequena e nariz ponteagudo.

— Hoje passei o dia inteiro caminhando — explicou êle.

— Num dia como êste? Vejo que é mesmo apaixonado pelas caminhadas, sr. Hibben!

— Hibben! Hib... Você ouviu? — disse a sra. Reyerson à filha.

— Cuidado, mamãe. Que êle não ouça! Espere um momento...

A sra. Reyerson não estava disposta a esperar.

— Se não quer tomar o café, vamos saindo — propôs, com ar zangado.

No vestíbulo, enfrentou a filha:

— Agora, Muriel, quero uma explicação! Êsse homem da praia...

— Gostaria muito de saber quem êle é — disse Muriel, com voz lamentosa. — Julguei que se tratasse do sr. Hibben.

— Vocês não se apresentaram ?

— Não. Êle vestia uma blusa azul, e falou de uma águia, de modo que julguei...

— Mas, como pode ser ? Você não aprende nunca mais, minha filha ! Deve ser um desconhecido qualquer, que vive de fazer conquistas.

— Oh ! Não !..

A sra. Reyerson não estava para discussões. Alexander Hibben saiu do salão de jantar e parou para comprar cigarros. A mãe tomou a filha pelo braço, e no momento em que êle acabava de pagar o que comprara, ela falou:

— Perdão... mas... o senhor é Alexander Hibben ?

— Eu... sim ! — disse êle, retrocedendo.

— Sou a sra. Reyerson, e esta é a minha filha Muriel.

— Muito prazer em conhecê-las.

— A sra. Carson nos falou tanto a seu respeito... Ela sempre passa aqui as duas últimas semanas de agôsto, tal como o senhor. Mas, infelizmente, êste ano não pôde vir.

— Ah ! Lamento muito.

— Foi uma grande decepção para ela, que adora êste lugar. Pe-

(Cont. no fim da revista)

NA "Gazeta de Newport" (Virgínia), um proprietário de imóveis publicou o seguinte anúncio: "Esta você não conseguirá aquecer ! Trata-se de uma casa que tem nove quartos e um só banheiro."

EM Nancy, França, o hóspede de um hotel queixou-se à polícia de que seu próprio automóvel, após perder o contrôle na rampa da garagem, entrou na casa e foi parar sôbre seu leito.

INTITULANDO-SE de "O Paraíso dos Recém-Casados", um balneário de Connecticut mandou colocar um cartaz com os seguintes dizeres: — "Experimente um fim-de-semana antes de casar !"

NUM restaurante de Chicago havia o seguinte aviso em letras luminosas: "Se você costuma deitar cinza de cigarros dentro da xícara do café, peça ao garção que êle lhe servirá café num cinzeiro."

NUMA ação de divórcio, uma espôsa londrina alegou que o seu marido nunca usava o topete artificial quando saía com ela, mas sòmente quando saía com os amigos.

UMA placa, colocada à margem de uma rodovia, à entrada da vila de Woyo, nos Estados Unidos, e cuja população é de trezentos habitantes, diz o seguinte: — **"Devagar — Não temos hospitais"**.

UM grupo de alunos de uma escola superior de Bruxelas (Bélgica) organizou uma "Associação de Homens Gordos", com o intuito de provar que os "homens gordos são mais carinhosos e os melhores maridos". Mais tarde a associação anunciou que muitos maridos da cidade estavam "comendo desesperadamente", a fim de engordar e conseguir sua aceitação como membros efetivos.

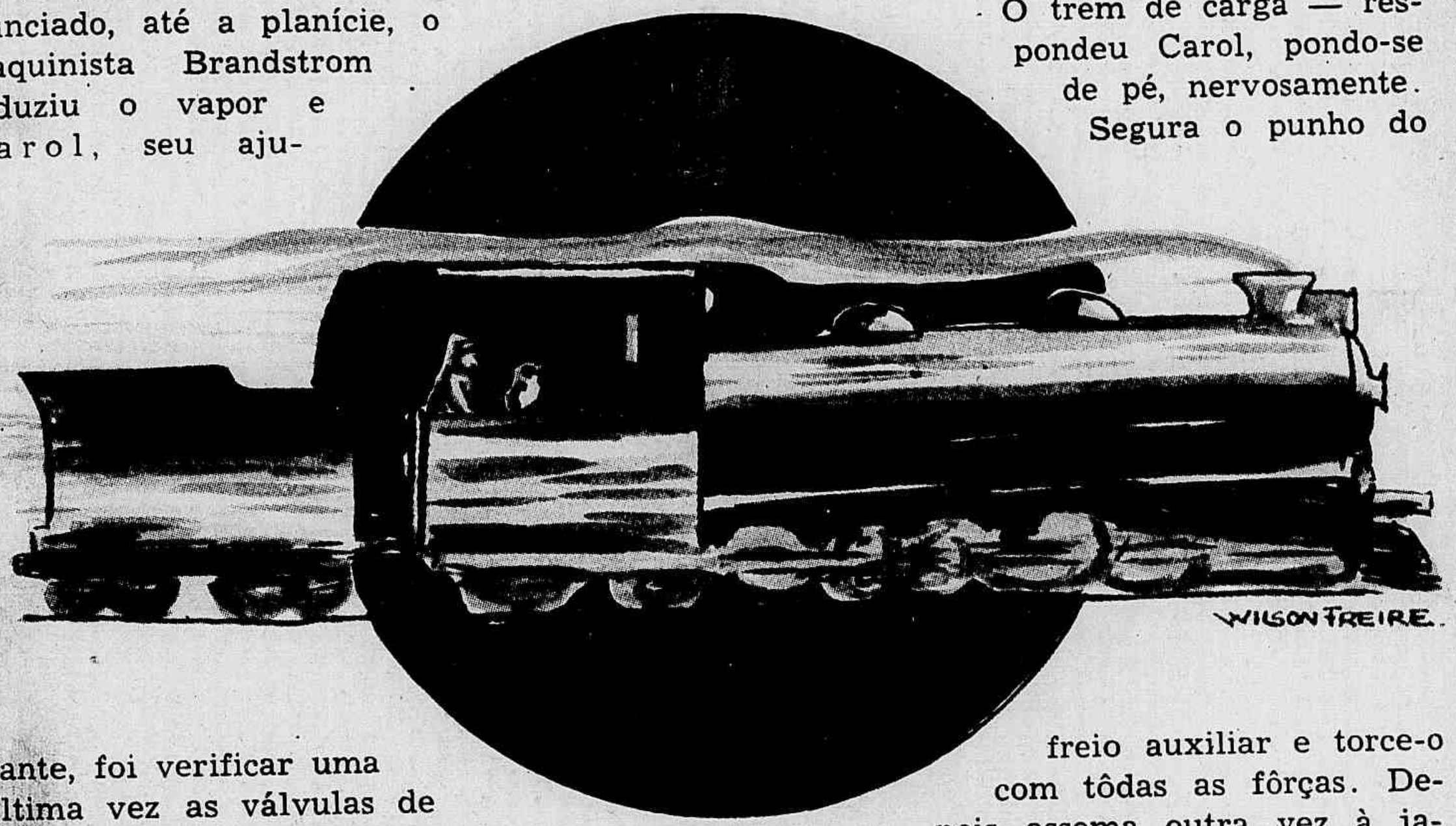
UM vendedor de automóveis de New York escrevendo a um freguês, cujas prestações estavam muito atrasadas, perguntou: "Que pensarão os seus vizinhos se eu lhe tomar o veículo ?" Recebeu uma pronta resposta: "Todos os vizinhos pensarão que você não passa de um grande trapaceiro e que o carro não prestava."

EM Nápoles, um empregado quase surdo, que trabalhou mais dez dias após ser despedido pelo patrão, mas que não pôde ouvir a ordem da sua despensa, foi condenado a pagar o que deveria ganhar pelo tempo que trabalhou sem ser mais empregado !

NARRATIVAS EMOCIONANTES

O "RÁPIDO" NÃO PAROU EM MILWAUKEE

Por HANSJORG SCHMITTHENNER



10 horas, 27. Fiel a seu horário, o Olimpia-Hiawatha-Express chegou às proximidades da bifurcação número 9. Sabendo que a via desce, daí por diante, num declive bastante pronunciado, até a planície, o maquinista Brandstrom reduziu o vapor e Carol, seu ajudante, foi verificar uma última vez as válvulas de escape, como o prescreve o regulamento. Apóia-se no rebordo da janelinha, esperando descobrir, de um minuto para outro, a cidade que se estende a oito quilômetros mais além, no fundo do vale e nas margens do lago. Mas o dia não estava claro e Carol acha que a neblina dá ao seu cachimbo um sabor amargo. De repente se endireita, num movimento convulsivo; o trem de carga que os precede acaba de tombar no meio da bifurcação. Terrível estrépito domina, por um instante, o silvo da sua máquina. Diante êles um montão de ferros retorcidos obstruindo os trilhos.

Tremenda sacudidela faz estremecer a enorme estrutura da locomotiva, mas logo a seguir, ela continua sua marcha, como se nada tivesse acontecido.

Obedecendo a seu instinto, Carol dá um salto para as válvulas, solta o vapor, aperta o freio automático e o freio de mão, e depois, sem nada dizer, agarra Brandstrom e atira-se com êle ao chão da cabine.

— Que aconteceu? — gritou Brandstrom, estupefato.

O trem de carga — respondeu Carol, pondo-se de pé, nervosamente. Segura o punho do freio auxiliar e torce-o com tôdas as fôrças. Depois assoma outra vez à janela. Acabam de passar a casota de sinais n. 45. A lomotiva do trem de carga, projetada fora dos trilhos, parece intacta. Carol se voltou para os vagões do Olimpia-Hiawatha-Express: já não estavam enganchados à locomotiva! Assomados às janelas, os passageiros fazem grandes gestos para a casota do sinaleiro. Carol distingue na dianteira do primeiro vagão, pendente da plataforma, restos do engate quebrado.

Aumentava gradualmente a distância entre a locomotiva e o resto do comboio; alguém, entre os passageiros, deve ter apertado o freio de segurança... Carol gira sôbre os calcanhares, abrindo muito a bôca, como se tivesse recebido um murro entre as espáduas. E os freios? Os freios da locomotiva? Se êle próprio os apertara! E a paisagem continuava desfilando diante dos seus olhos. Árvore... poste... árvore...

árvore. Horrorizado, vê Brandstrom repetir seus próprios gestos de pouco antes, afanando-se sôbre os freios, sem mais êxito que êle próprio.

10 horas, 27 minutos, 47 segundos — Carol se volta desesperadamente para um Brandstrom envelhecido de dez anos, que fixa sôbre êle um olhar vazio, terrível, com os braços separados do corpo, num gesto de impotência.

Brandstrom e Carol se precipitam cada um para uma janela. O olhar de Brandstrom só encontra o paredão cinzento da pedreira. Vai olhar do mesmo lado de Carol. Distante, atrás dêles, o trem está agora imobilizado. Os passageiros começam a saltar dos vagões. Quanto a êles dois, árvore... poste telegráfico... árvore... árvore...

— E os freios? — grita Carol, com voz chorosa e desesperada. — Partidos?

Como resposta apenas uma afirmativa inclinação de cabeça. Carol se precipita sôbre o painel, puxa uma ou duas alavancas, mas em vão. Os cabos que empunha estão frouxos, não oferecem qualquer resistência. Carol bate com os dois punhos contra a parede de aço, como sôbre o aparelho automático ou um telefone público que recebeu a moeda e não funciona.

— O tênder... O eixo do freio, sem dúvida, foi quebrado pela roda do tênder... — explicou. Depois, com um erguer de ombros, tornou a traduzir tôda a sua impotência.

10 horas, 29 minutos, 57 segundos — Chegam ao quilômetro 8, antes de Milwaukee. Brandstrom se entrega a rápidos cálculos sôbre o grau da pendente e a velocidade. O contador marca já agora 76 quilômetros por hora. Dentro de dois, de três minutos no máximo, chegará a 110. Na primeira virada a locomotiva será projetada para a direita, contra a rocha... ou para a esquerda, para o fundo do barranco. Impossível manter-se sôbre os trilhos em semelhante velocidade. E mesmo supondo que tenham essa sorte que terríveis acidentes vão provocar quando atravessarem as estações, as passagens de agulhas, as pontes, as passagens de nível... a uma

velocidade que chegará, talvez, aos 130 ou 140 quilômetros por hora!

Brandstrom e Carol estão presos na cabine dêsse monstro de aço, e arrastados com êle numa corrida louca. É tarde, muito tarde para saltar. Correriam o risco de ser despedaçados como êsse camponês que acabavam de esmagar.

Carol começa a gritar e a saltar como se o solo lhe queimasse os pés. Lança rugidos de fera selvagem, entrecortados com pedidos de ajuda. Finalmente, salta sôbre Brandstrom e, numa acesso de demência, tenta estrangular o companheiro.

Brandstrom já o esperava. A guerra lhe dera a experiência de homens da classe de Carol, aos quais o terror enlouquece e que são capazes de atirar-se ao fogo gritando "Socorro!", como se o fato de estar ao ar livre fôsse salvá-los da morte. Com um sôco sêco e justo, atirou Carol para um canto, onde ficou, gemendo. Pouco depois, entrou a vomitar e a arquejar sob o olhar arqueado de Brandstrom.

10 horas, 31 minutos, 45 segundos — Na cabine de sinais, próxima do lugar do acidente, Williams está curvado sôbre o telefone, dando todos os sinais da agitação mais viva. Comunica uma novidade sensacional... "Sim; a locomotiva se desprendeu do comboio... Corre sòzinha... Sim! A velocidade aumenta... Sim... Penso que sim...

Nesse momento, distingue, no fundo do vale, o sítio em que a vertente se adentra na planície, na direção da cidade, um minúsculo ponto negro que desliza a todo correr.

O trânsito está interrompido. A cabine 166 comunica: "Acaba de passar uma locomotiva em velocidade louca, calculada em 200 quilômetros por hora. Um homem gesticulava na janela e gritava... Naturalmente era impossível compreender o que dizia..."

O chefe da estação se precipita para o microfone, para transmitir uma ordem urgente: "Limpem as vias imediatamente para o Olimpia-Hiawatha-Express. Há algo de anormal. A locomotiva passa pelas estações sem parar. Tomem as medidas de emergência e de alarma..." Procura reconstruir em seu espírito a ubicação das agulhas e seu funcionamento.

Quer raciocinar depressa, porém sente que seu pensamento nunca foi tão lento. Já ressoa na estação o sinal de alarma, ao mesmo tempo que uma voz repete no altofalante. "Procurem evacuar todos os vagões e tênderes. É urgente!" Os empregados da estação correm ao longo dos trilhos, instando com os passageiros para que usem as passagens subterrâneas. Apodera-se um mêdo pânico daquela multidão, da qual sobem choros de crianças arrastadas sem cuidado, gritos histéricos de algumas mulheres, enquanto uma voz continua repetindo. "Evacuem as linhas. Evacuem as linhas..."

O chefe da estação consulta o relógio: 10 horas, 32 minutos, 15 segundos. Os nomes das estações mais próximas remoinham em seu crânio. Verifica o horário: as vias estão livres, exceto ao norte de Milwaukee, onde o expresso Granville toma a via 7, às 10,36. Às 10 horas e 42, segundo o horário, o Olimpia-Hiawatha-Express também ali estará. Manda deter o trem de Granville.

Porém a estação central de carga informa que os trens tomam a referida via para ir engatar.

— Evacuem! Evacuem imediatamente! — grita ao telefone.

— Necessitamos ainda de dois minutos...

— Impossível. Digo que evacuem imediatamente. Entenderam?

10 horas, 32 minutos, 50 segundos — Carol se levanta, cambaleando como um ébrio. O contador marca 138. A locomotiva é sacudida da esquerda para a direita, da

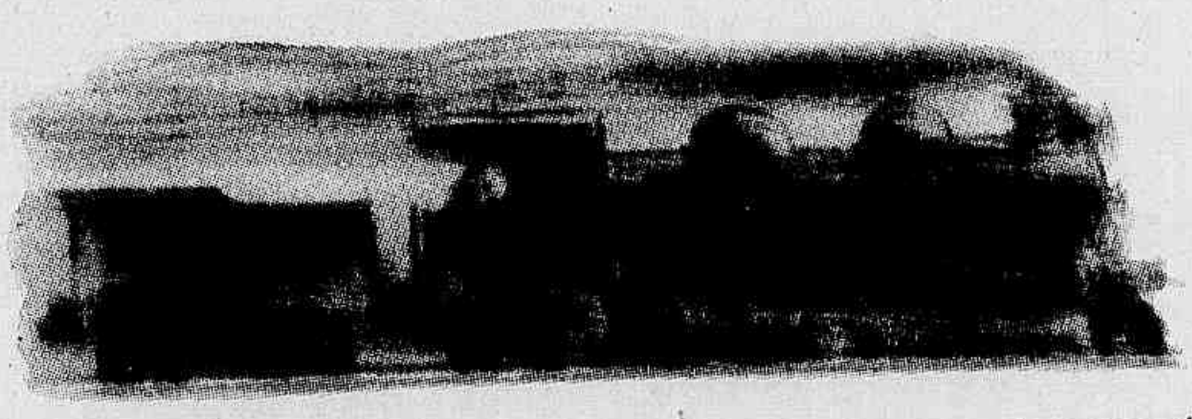
direita para a esquerda. É preciso agarrar-se com as duas mãos para não cair. Num canto, Brandstrom escreve. "Uma carta de despedida — pensa Carol. — Sim... Um só vagão na linha e será o fim..." Tira, por sua vez, um livrinho de notas do bôlso e, com as mãos trêmulas escreve: "Minha mulher querida, adeus! Não me esqueças. Teu Herbert". Está prestes a estalar em soluços, como uma criança. Imitando a Brandstrom, amarra a mensagem ao próprio boné e a atira pela janela na primeira estação que atravessam. Porém a "carta de despedida" de Brandstrom estava assim concebida:

"Olimpia-Hiawatha-Express. Freios partidos. Velocidade: 139 kms. Brandstrom."

10 horas, 33 minutos, 30 segundos — A locomotiva atravessa a estação de mercadorias, na zona norte. O chefe da estação está à porta do seu escritório. Repentina lembrança detém seu gesto. Era no Somme, durante a guerra. Um obus havia aniquilado a companhia que vinha substituí-los. O tenente levava a mão ao quepe para a saudação habitual, sem compreender o que acabava de ver. Ficara com a mão no ar e um sorriso mortificado nos lábios...

Assomado à portinhola, Brandstrom observa a linha. A locomotiva se aproxima das agulhas. Um pedaço de ferro que ali ficara enganchado choca-se contra um sinal, que se parte lançando faíscas.

Carol se deixa cair de joelhos e balbucia orações. "Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores..." Brandstrom é projetado de uma parede para outra a cada balanço da locomotiva. "Não sei se alguém, antes, conduziu seu próprio funeral" — pensava êle. Mas tratava de proteger a cabeça com as duas mãos enquanto Carol, que continuava com suas letanias, rolava pelo chão da cabine. A via penetrava nos primeiros subúrbios da cidade; casas operárias, de fachadas tristes; paredes cobertas de cartazes que elogiam refrigerantes, cigarros e um novo tipo de gasolina; galpões, montes de carvão, terrenos baldios. As casas estão cada vez mais juntas. Tôdas se parecem, porém esta tem uma particularidade para Brandstrom: junto de um gradil idêntico jogou a sua primeira partida de base-ball, sendo ainda um garôto de oito anos, ficando sua mãe, do outro lado da cêrca, a vigiá-lo. Em Minneapolis, Brandstrom tem seu lar. Vê sua mulher deitando o filhinho, George, no leito laqueado de branco. Ela se volta ligeiramente para olhar, sôbre um ombro, quando êle chega. E êle adora êsse gesto familiar. Mas brigou com ela, antes de sair, àquele dia. Brigou por uma coisa sem importância, e saiu para a rua batendo a porta sem lhe dizer sequer até logo. Agora é muito tarde para apagar aquêle instante de mau humor. A locomotiva vai saltar dos trilhos de um momento para outro. Restam-lhe apenas alguns instantes para viver.



A locomotiva passa agora por um subúrbio de tráfego intenso. Os transeuntes parecem fantasmas a Brandstrom. Ali está o canal, negro com a fumarada que sobe das barcaças a carvão. A locomotiva faz a ponte tremer. Alguns pescadores estão sentados na amurada, com as pernas dependuradas. Ao longe, umas nuvens se refletem no lago iluminado por um sol pálido.

10 horas, 34 minutos, 30 segundos — A locomotiva atravessa a estação de Milwaukee. Uma lâmina de aço se desprende do resto do engate e vai partir em dois o relógio da estação, antes de cravar-se na parede.

10 horas, 35 minutos, 40 segundos — Chegam à estação central no momento em que o chefe da estação ordena, por telefone: — "Deixem o comboio onde está. Entendido?" Vendo que a locomotiva atravessa a estação como um raio, prossegue: "Que todos se afastem da via, imediatamente!" Telefona, depois, para todos os pontos seguintes, para dar instruções análogas. A seguir dá ordens a seu substituto e salta

(Continua no fim da revista)

SÁBIO INGLÊS FOTOGRAFA O PASSADO

ENQUANTO, NA ITÁLIA, UM APARELHO DE LABORATÓRIO PERMITIU FOTOGRAFAR OS SONHOS DE UMA PESSOA ADORMECIDA

REALMENTE, mais cedo ou mais tarde, tinha mesmo que ocorrer. Depois do "detetor de mentiras" e das famosas máquinas "registradoras das emoções", hoje utilizadas pelos delegados e juízes norte-americanos, a câmara fotográfica trata de enfocar nossos pensamentos mais secretos, e ameaça fotografar nossas **imagens mentais**, os **nossos sonhos**!

Já imaginaram os leitores o que pode ocorrer no dia em que um diplomata possa ler o pensamento de seu adversário? No dia em que um noivo consiga fotografar o coração da sua eleita ou em que Otelo, aproximando-se da adormecida Desdêmona, deslize um "detetor de sonhos" por sua alva e puríssima fronte?

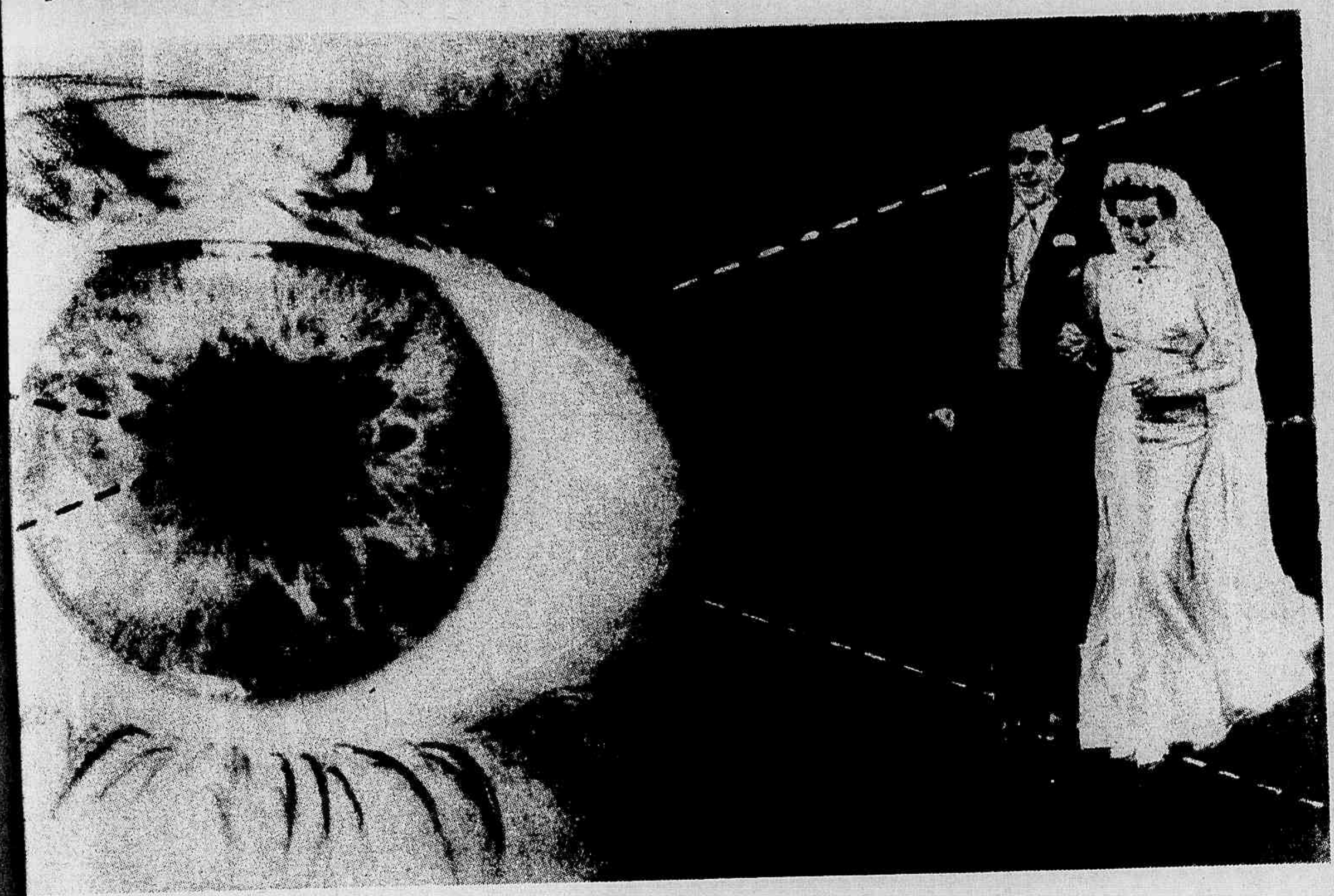
O NOSSO CÉREBRO FABRICA IMAGENS — Quando um indivíduo qualquer olha os objetos exteriores, os mesmos se desenham no fundo do seu ôlho como numa câmara escura, sôbre essa prodigiosa "placa sensível" natural que é a retina. Esta é formada por uma superfície avermelhada, viva, constituída por um alargamento do nervo ótico.

Cêrca de quinhentas fibras nervosas, isoladas individualmente por uma substância gordurosa, desembocam nesse ponto, formando um "mosaico" análogo ao do transmissor da televisão.

Sob a influência da luz, as extremidades nervosas são excitadas. Uma corrente nervosa, de natureza ondulatória, propaga-se ao longo de cada fibra e dessa forma chega finalmente a uma zona do cérebro, chamada "territórios óticos".

É a partir daí que começa o que podemos chamar de "o grande mistério".

De fato, como são transformadas essas correntes nervosas em manifestações sensoriais, em **pensamento**? Como chegam à alma?



Simplesmente podemos comprovar o fato, sem tratar de explicá-lo.

Mas voltemos ao "nó" do nosso problema. Ao estudar a "fisiologia das sensações", os sábios observaram que o organismo vivente reage sob a forma de um **ensaio de resposta.**

Por exemplo: quando o ouvido percebe um som, seus elementos tendem a colocar-se no estado próprio para reproduzir justamente êsse som, caso pudessem vibrar.

Há, portanto, um fenômeno de adaptação, aparentado com o famoso "feed-back" da cibernética, o qual demonstra que a excitação nervosa "pode propagar-se nas duas direções opostas."

Se convencermos a uma pessoa hipnotizada de que lhe foi aplicado um sinapismo, observaremos que sua pele se torna vermelha e acaba empolando. E, no entanto, só uma coisa agiu sôbre a pele do indivíduo hipnotizado: **a idéia da queimadura,** percorrendo caminhos inversos aos da sensação.

Recentemente, um cientista italiano afirmou que o mesmo fenômeno ocorre com a visão. Segundo êle, num pensamento muito vivo, que atingisse a intensidade do pesadelo ou da alucinação, poderia impressionar o nervo ótico ao ponto de **criar, sôbre a retina, uma imagem mais ou menos nítida dos objetos pensados!**

Essa é a teoria. Passemos, agora, à prática.

A FOTOGRAFIA ATRAVÉS DAS PÁLPEBRAS — Fotografar o interior do ôlho não é, na atualidade, uma façanha extraordinária. Qualquer oculista pode realizá-la, sendo para tanto necessária uma iluminação especial, proporcionada por um fino projetor, além de um aparelho fotográfico apropriado. A chapa revela a superfície da retina com seus vasos sanguíneos, seus defeitos e, eventualmente, a "praia" trágica de um descolamento, e dá ao médico especialista os elementos necessários para formular seu diagnóstico.

Porém, quando se trata de fotografar os sonhos, uma pequena dificuldade se apresenta. **O que dorme tem os olhos fechados.** Porém, o sábio italiano não se deteve por coisa tão insignificante e chamou em seu auxílio êsses preciosos raios infra-vermelhos ou "raios de calor", que permitem fotografar um fio de arame colocado por

trás de uma parede de tijolos, ou uma caldeira através do casco de um navio!

O investigador construiu, pois, um aparelho de raios infra-vermelhos, capaz de fotografar através das pálpebras e o utilizou, a fim de explorar, durante quinze minutos... **os sonhos de uma mulher adormecida**. Os "negativos" obtidos não foram inteiramente satisfatórios. No entanto, mostraram claramente as pessoas "sonhadas", embora as paisagens permanecessem um pouco vagas".

Mediante fino projetor e uma câmara fotográfica, o oculista fotografa o interior do ôlho do paciente.

ENTUSIASMO E CETICISMO — Êsses métodos audaciosos, é claro, provocaram inicialmente uma onda de ceticismo. A pergunta mais aborrecida que se formula é:

"Com a imagem retiniana, admitindo que exista, pode ser "iluminada" pelos raios infravermelhos ou de qualquer outra natureza, procedentes do exterior?"

E, continuando, dizem os críticos que isso equivale a ir ao cinema e tratar de reforçar a projeção, quando a mesma se mostra um pouco pálida, iluminando a tela com uma lanterna de algibeira!

Os cineastas, justamente, formulam contra êsse sistema uma objeção muito curiosa. Todos nós sabemos que a "persistência" das impressões luminosas na retina é da ordem de 1/12 de segundo, e nisso reside justamente o princípio da cinematografia, pôsto que se o ritmo de projeção das imagens é superior a doze por segundo, ocorre o "encadeamento" e temos a sensação de movimento normal.

Devemos pensar, pois, que as ...ipotéticas "imagens procedentes do cérebro", se sucedem igualmente sôbre a retina à razão de doze por segundo Nessas condições, essa cifra se torna absurdamente reduzida. Ninguém ignora que sonhos "muito prolongados" se desenrolam às vêzes em poucos segundos. Prova de que as "imagens dos sonhos" são meramente psicológicas, mentais, carentes, portanto, de uma "tradução" material na retina.

A FOTOGRAFIA DO PASSADO — A coisa ficara nesse pé, quando se soube que um "metapsíquico" inglês muito conhecido, mr. Delawar, acabava de realizar uma façanha pouco comum, ao "fotografar" o passado!

Êsse audacioso investigador afirma poder fotografar, hoje, uma cena ocorrida meses ou mesmo anos atrás, processo que seria

particularmente agradável para os historiadores e os juízes nos tribunais...

Entre outras coisas, afirmou mr. Delawar que tinha conseguido fotografar seu próprio casamento... vinte anos depois da cerimônia nupcial!

O investigador britânico se mostrou, porém, muito avaro dos detalhes do seu processo. O único que se conseguiu averiguar foi que, para que o mesmo tenha êxito, é indispensável uma testemunha vivente da cena passada.

Segundo as informações que conseguimos colhêr, a técnica consiste, justamente, em fotografar a retina da testemunha, depois de lhe ser ordenado que reconcentre seu pensamento naquela cena.

O sistema Delawar seria, pois, uma variante do primeiro processo, com a diferença de que a produção das imagens retinianas pelo indivíduo teria que ser voluntária, e não dependeria da fantasia desordenada dos sonhos.

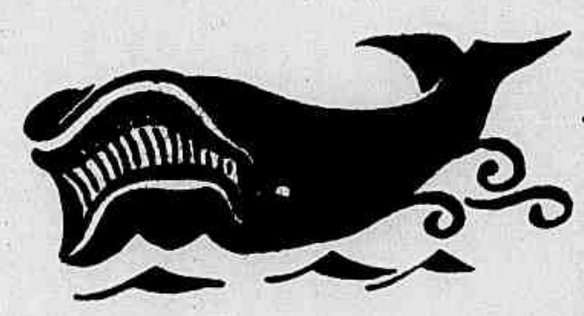
Seria inútil dissimular que tais experiências, sem dúvida alguma muito ousadas, requerem confirmação e, se situam nos limites mais extremos da ciência. Mas é de desejar que investigadores especialmente dotados nos diferentes países, prossigam as buscas tão brilhantemente inauguradas.

◆ ◆

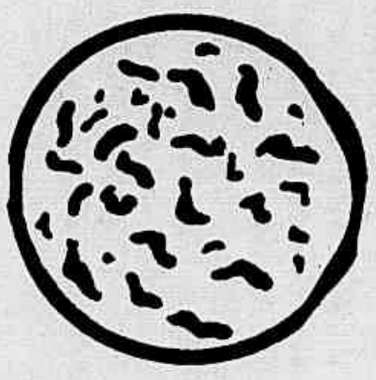
A CIÊNCIA AO ALCANCE DE TODOS

ACABA de ser publicado na coleção científica francesa "Pro Natura" um interessante trabalho intitulado "Os Fósseis de Amanhã". Trata-se de um estudo baseado em recentes enquetes sôbre os costumes e a destruição de treze mamíferos ameaçados de extinção, assim como a proteção aconselhável para a sua conservação. Entre êsses mamíferos cita o Leão da Ásia — o famoso **Leão Assírio** — espécie ainda tão abundante em princípios do século passado, mas da qual, atualmente, existem apenas alguns exemplares na floresta de Gir, situada ao longo da região noroeste da Índia. Êsses animais foram afugentados da savana — seu "habitat" primitivo — pelos caçadores. Vivem em grupos, nutrem-se essencialmente de porcos selvagens (o único animal abundante na floresta de Gir), mas atacam freqüentemente o gado, e muitas vêzes, o homem. "Pro Natura" anuncia a saída de uma publicação análoga consagrada aos pássaros.

SEGUNDO as estatísticas publicadas pela Organização Mundial de Saúde, a Ásia é a região do globo onde as serpentes (Naja, Bungarus, Víbora de Russell, etc.) fazem o maior número de vítimas: 25.000 a 30.000 mortos por ano! É na Índia que o número de óbitos é mais elevado, e, na Birmânia o índice de mortalidade atinge cifras elevadas. Na América do Sul, 3.000 a 4.000 pessoas, das quais mais de 2.000 no Brasil, morrem anualmente em virtude de mordidas do Crotalo (cascavel) do do Bothropio. Na América do Norte contam-se cêrca de 500 óbitos por ano; na Europa 50 e na Oceania apenas 15. Os dados relativos à África são bastante imprecisos: calcula-se em 500 ou 1.000 o número de vítimas das cobras, mambas e diversas espécies de víboras espalhadas pelo continente.



UM biologista holandês, A. Stolk, em suas pesquisas sôbre as doenças das baleias, assinalou, nestas últimas, vários casos de cirrose hepática! É preciso esclarecer que se trata de uma afecção análoga à cirrose de Hanot, e na qual o alcoolismo não desempenha nenhum papel!



É raro passar um mês sem que se tenha notícia da descoberta de um ou de vários antibióticos: o seu número já atinge a várias centenas. Recentemente, pesquisadores húngaros isolaram a Primicina, obtida de um "Actinomycetes" que se desenvolve no intestino da "Galleria Melonella" — a famosa traça das colmeias. A ação bacteriostática da Primicina é mais eficiente com relação a bactérias positivas e especialmente o estafilococo dourado. Êste antibiótico é bastante tóxico, o que exclui a possibilidade de uso interno, mas poderá ser muito eficiente no tratamento das infecções cutâneas.

2 NOVOS descobrimentos

JÁ temos falado, algumas vêzes, da hipertensão arterial e explicado os modernos tratamentos dessa moléstia. A hipertensão arterial é um fenômeno grave, cuja origem se mantém, às vêzes, misteriosa, e que parece tornar-se mais freqüente à medida que a civilização se desenvolve. Não devemos, pois, mostrar surprêsa se as pesquisas prosseguem incessantemente nesse terreno. Com o presente artigo revelaremos aos nossos leitores dois novos descobrimentos no tratamento dêsse mal.

1.º — Os Sais de Amônio: — Dois novos caminhos fazem entre si grande concorrência, se assim é lícito dizer, disputando teimosamente o favor dos médicos: o tratamento medicinal pròpriamente dito e o tratamento cirúrgico. Desnecessário é dizer que o primeiro conta, por fôrça, com o favor dos médicos... e dos doentes.

Os novos tratamentos médicos visam a baixa durável da hipertensão arterial e, acima de tudo, o desaparecimento das perturbações que acompanham a mesma.

Sabe-se, de fato, que a vida dos hipertensos é quase sempre penosa em razão de diferentes perturbações, das quais a mais freqüente é uma contínua dor de cabeça, acompanhada ou não de vertigens, perturbações visuais (môscas voando diante dos olhos) ou auditivas (zumbidos no ouvido, principalmente à noite).

Pois muito bem. Um dos novos medicamentos descobertos apresenta a vantagem de aliviar ràpidamente essas perturbações. Trata-se de um sal de amônio, o "tetraethyl-bromuro", que tem a curiosa propriedade de agir sôbre os gânglios do sistema nervoso simpático, que, como é sabido, comandam, entre outras coisas, a contração dos vasos sanguíneos. Êsse medicamento interrompe as conexões nervosas entre as fibras colocadas **antes** dos gânglios e as que estão colocadas **depois**. Os vasos sanguíneos ficam assim subtraídos à ação dos nervos vaso-motores que os comandam habitualmente, o que provoca um certo estado de dilatação que faz baixar a pressão arterial.

O tratamento, que consiste em injeções dêsse sal, apresenta, infelizmente, certos riscos e deve ser praticado com o maior cuidado. Ocorrem, às vêzes, perturbações visuais, uma sensação de bôca sêca, vertigem. É necessário, pois, fazer o enfêrmo permanecer deitado durante duas horas, após cada injeção, ou praticar a mesma ao deitar, a fim de não alterar o enfêrmo em suas ocupações quotidianas.

A tensão baixa em dez a trinta minutos após a administração dêsse medicamento; essa baixa se mantém durante três a oito horas aproximadamente. Porém as perturbações que acompanham a hipertensão desaparecem, em geral, de maneira durável.

Um outro sal de amônio, o hexametônio, também dá bons resultados, mas apresenta perigos contra os quais não foram ainda encontrados remédios.

2.º — A Fístula Arterial — Já era sabido que certas operações (secção dos nervos e gânglios simpáticos) davam resultados muito interessantes no tratamento da hipertensão.

Atualmente, os cirurgiões aperfeiçoaram uma nova técnica, baseada sôbre um fato observado há muito tempo pelos cardiólogos, a saber que as "fugas arteriais", isto é, as comunicações acidentais entre uma artéria e uma veia (chamadas fístulas artério-venosas), são acompanhadas, geralmente, por uma baixa da tensão.

Desde que os enfermos sofrendo de uma fístula artério-venosa acidental acusam uma baixa de tensão, por que não provocar artificialmente essa fístula? Tal o raciocínio feito não há muito por vários cirurgiões.

Após numerosas experiências em cães, praticaram finalmente em enfermos supertensos uma pequenina operação consistindo

TRATAMENTOS DA HIPERTENSÃO

na realização de uma fístula artificial pondo em comunicação uma artéria e uma veia da coxa. Que ocorre, nesse caso? Sabe-se que, normalmente, o sangue passa da artéria para a veia correspondente (tôda artéria é acompanhada de uma ou várias veias, que a seguem fielmente) por intermédio dos capilares, que asseguram a irrigação sanguínea dos tecidos. Ora, essa rêde capilar, finíssima, forma um freio ao percurso do sangue, o que provoca uma elevação da tensão nas artérias.

A fístula provoca uma "fuga" do sangue arterial, que retorna mais fàcilmente e mais ràpidamente ao coração. Com isso, a pressão baixa no interior da "tubulação" arterial.

RESULTADOS ENCORAJADORES — Evidentemente, essa operação só tem sido tentada nos casos graves, que resistem aos demais tratamentos. Entretanto, em diversos casos operados recentemente por um cirurgião parisiense, o dr. Welti, sob a direção do prof. Lian, foram anotados os seguintes resultados:

M. M..., quarenta e três anos, tensão 14-24, dores de cabeça persistentes. Após a operação cessaram as referidas dores. Pressão 12-20.

Mme. H..., cinqüenta e seis anos, tensão 13,29, dores de cabeça, zumbidos nos ouvidos, "môscas voando" diante dos olhos, vista enfraquecida. Após a operação desaparecimento dessas perturbações, melhoria da vista. Tensão 11-23.

Mlle. M..., vinte e sete anos, tensão 15-25, dores de cabeça, insônia, palpitações, vertigens. Depois da operação, perturbações desaparecidas. Tensão 10-22.

Os resultados, como se verifica, são encorajadores, tanto mais que a operação é fácil, efetuada sob simples anestesia local e não tendo conseqüências prejudiciais.

As contra-indicações são insuficiência cardíaca, com inflamação dos tecidos (edema), e a insuficiência renal (uremia além de 0,8), assim como um péssimo estado geral.

Tentaram também outra operação consistindo em praticar uma fístula mais junto do coração, entre a aorta e a artéria pulmonar. A operação ainda só foi praticada uma vez, em caso gravíssimo: o resultado foi excelente. Mas compreende-se que o risco é muito maior que com a simples fístula da artéria femural (artéria da coxa). Com esta última já há, atualmente, um meio de intervir nos casos de hipertensão grave, que coloque o enfêrmo em constante perigo e perturbe a sua vida quotidiana.

Cada dia que passa, a ciência dá mais um passo para a frente, permitindo esperar num futuro próximo a redução durável da hipertensão arterial, seus inconvenientes e até mesmo seus perigos, segundo o afirmou o dr. Marc Ollivier, em recente artigo publicado em Votre Samté, de Paris.

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA

PRÁTICAMENTE, não existe dona-de-casa que não tenha uma batedeira elétrica. A receita abaixo se destina especialmente às leitoras que possuam um dêsses indispensáveis aparelhos elétricos domésticos.

GENOISE

6 ovos
1 xícara de açúcar
1 colherinha de essência de baunilha
1 xícara de farinha de trigo
¼ de xícara de manteiga derretida, fria.

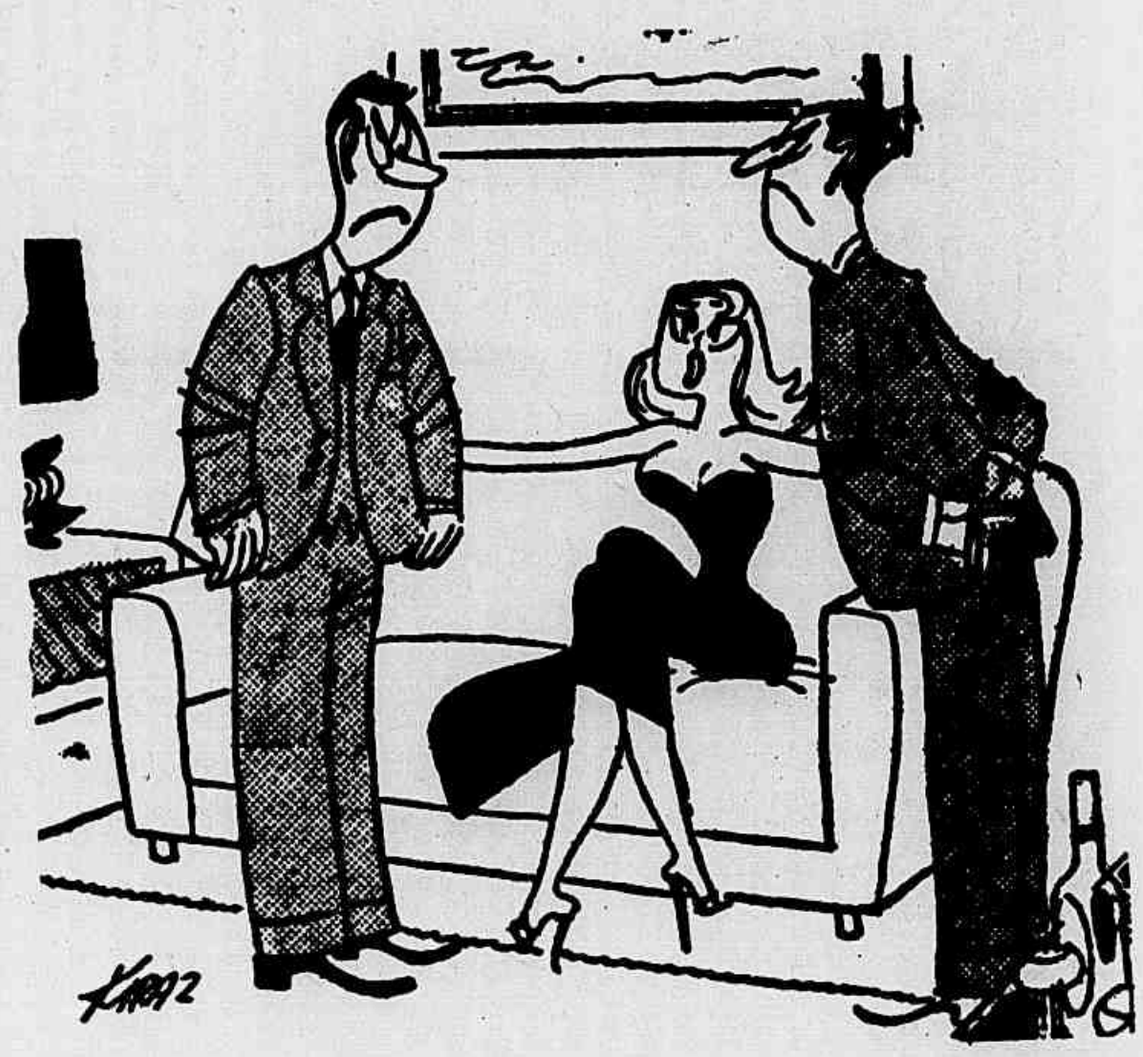
Batem-se os ovos, com açúcar e baunilha, à maior velocidade da batedeira elétrica, até que a massa fique bem espêssa e firme, ou seja de 20 a 30 minutos. De vez em quando, deve-se raspar as bordas da vazilha com a espátula. Ao mesmo tempo, unta-se uma fôrma, coloca-se por cima papel encerado e torna-se a untar o papel.

Mistura-se a farinha de trigo com a massa de ovos, de seis a oito vêzes, mexendo, depois de cada uma dessas vêzes, com a espátula, cuidadosamente. Junta-se a manteiga, uma colherinha de cada vez, e mistura-se bem. Coloca-se a massa na fôrma e leva-se ao forno, prèviamente aquecido, deixando-se ali durante cêrca de 40 minutos. Quando estiver assado, o bôlo se afundará no centro se submetido a uma leve pressão.

Para cobrir o bôlo, pode-se usar creme de manteiga e chocolate, que se prepara da seguinte maneira: mistura-se meia xícara de água com uma e meia xícaras de açúcar e um quarto de colherinha de cremor de tártaro e ferve-se até adquirir certa consistência. Batem-se as gemas de 6 ovos numa batedeira elétrica, juntando-se pouco a pouco, a calda, enquanto se bate, a alta velocidade. Junta-se uma e meia xícaras de manteiga, um pouco de cada vez, batendo-se à velocidade média.

Mistura-se um quarto de xícara de água com 150 gramas de chocolate derretido e mistura-se com o creme. Junta-se uma colherinha de essência de baunilha.

Cobre-se o bôlo com o creme e, antes dêsse endurecer, colocam-se, enfeitando o bôlo, algumas amêndoas torradas e picadas.



— Vamos, vamos! Que estão esperando? Que vença o melhor!

Um grande transatlântico força a sua marcha para fugir à ameaça do "iceberg".

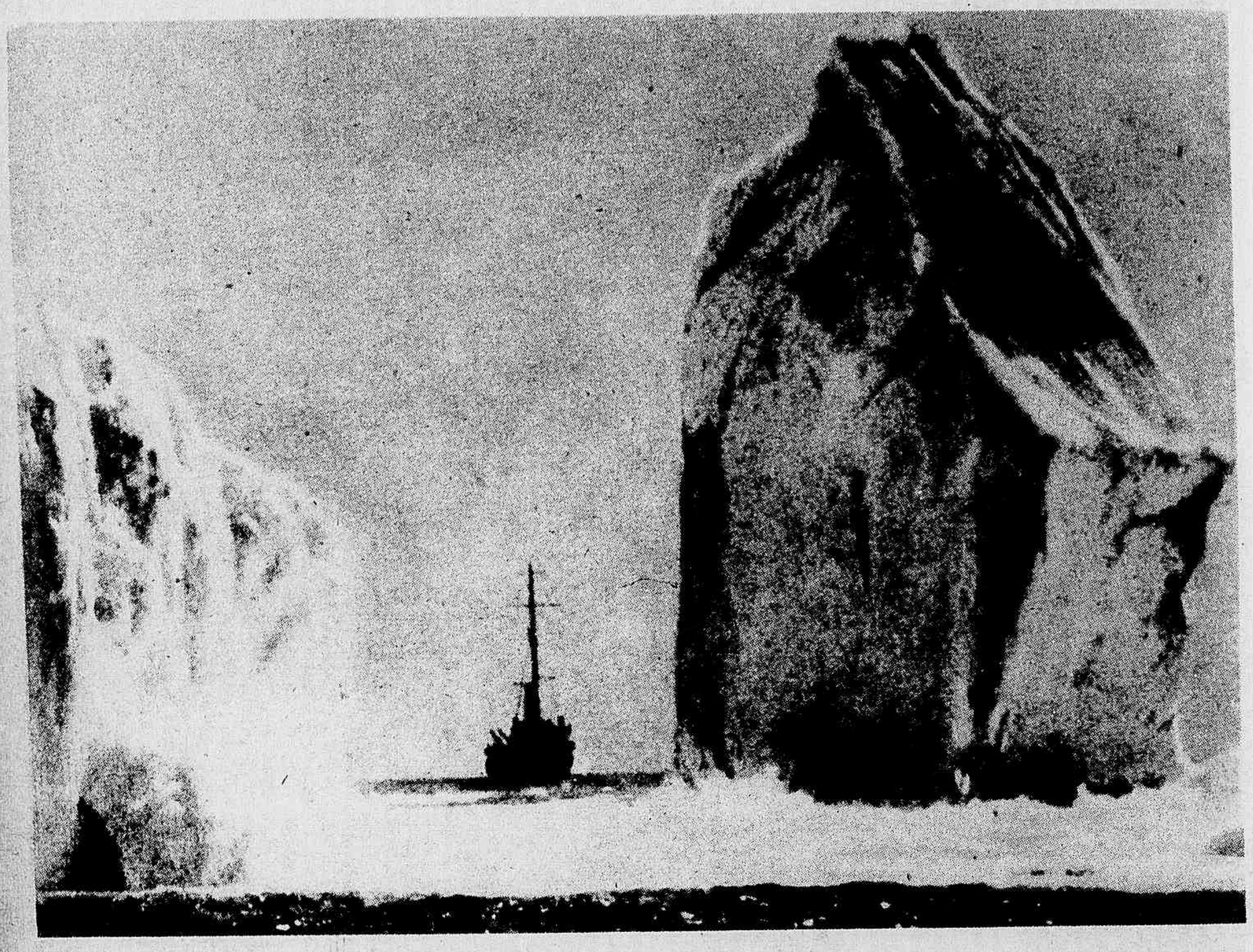
AS MONTANHAS QUE VIAJAM SÒBRE AS ÁGUAS

A imprensa diária vem alertando as companhias de navegação que fazem a linha do Atlântico norte sôbre o perigo representado pelos "icebergs", que, segundo os aviadores do serviço de meteorologia norte-americano, são gigantescos e mais numerosos do que os assinalados nestes últimos trinta e cinco anos, sendo mesmo de temer que o inverno próximo seja ainda mais rigoroso do que o dêste ano, cujos efeitos foram tão trágicos para os europeus.

Por essa e outras razões, é justo que nos ocupemos um pouco com essas montanhas de gêlo que navegam milhas e milhas, invadindo os mares de águas mais temperadas e alterando o clima em várias regiões.

A TEORIA DE GREEN — Segundo êsse sábio geólogo, nosso planêta, agindo da mesma forma que uma bola de borracha, quando começa a esvaziar, tende a tomar, lenta e levemente, a forma de um tetraedro, de uma pirâmide de quatro faces. Se quisermos admitir a hipótese do geólogo Green, teremos que admitir que três dos quatro vértices da pirâmide estão no hemisfério Norte e nêles surgem a Escandinávia, o Canadá e a Sibéria. Ao quarto vértice correspondem as regiões polares antárticas, e pelas três faces laterais se estendem os oceanos. Nessas condições, parece lógico pensar que pelos domínios do Pólo Norte (quarta face da pirâmide terrestre) há de estender-se outro oceano e que nas regiões polares do Sul deve existir um continente. Ora, após as explorações polares, realizadas nos últimos decênios, entre as quais figuram em primeiro plano as realizadas pelo alm. Byrd, proporcionaram a clara prova da existência de um continente antártico, cuja extensão excede os 14.000.000 km², ao qual se deu o nome de Antártida, e em cujo solo, coberto pelos gelos, supõem os cientistas que se encontre, à farta, o ouro, o carvão e o petróleo.

ORIGEM DOS "ICEBERGS" — Ambas regiões polares estão cobertas pelos gelos



Um patrulheiro da marinha norte-americana conseguiu dividir em dois o colossal "iceberg". Mas a ofensiva prosseguirá e, ajudado pelos ventos, o patrulheiro, a canhonaços, continuará atacando a montanha temível, até que tenha conseguido a completa destruição do bloco de gêlo.

formados pela compressão da neve acumulada sôbre o verdadeiro solo na Antártida lada sôbre o verdadeiro solo da Antártida dadeiras geleiras de formação análoga às que no incessante transcorrer do tempo se estabeleceram no solo continental europeu.

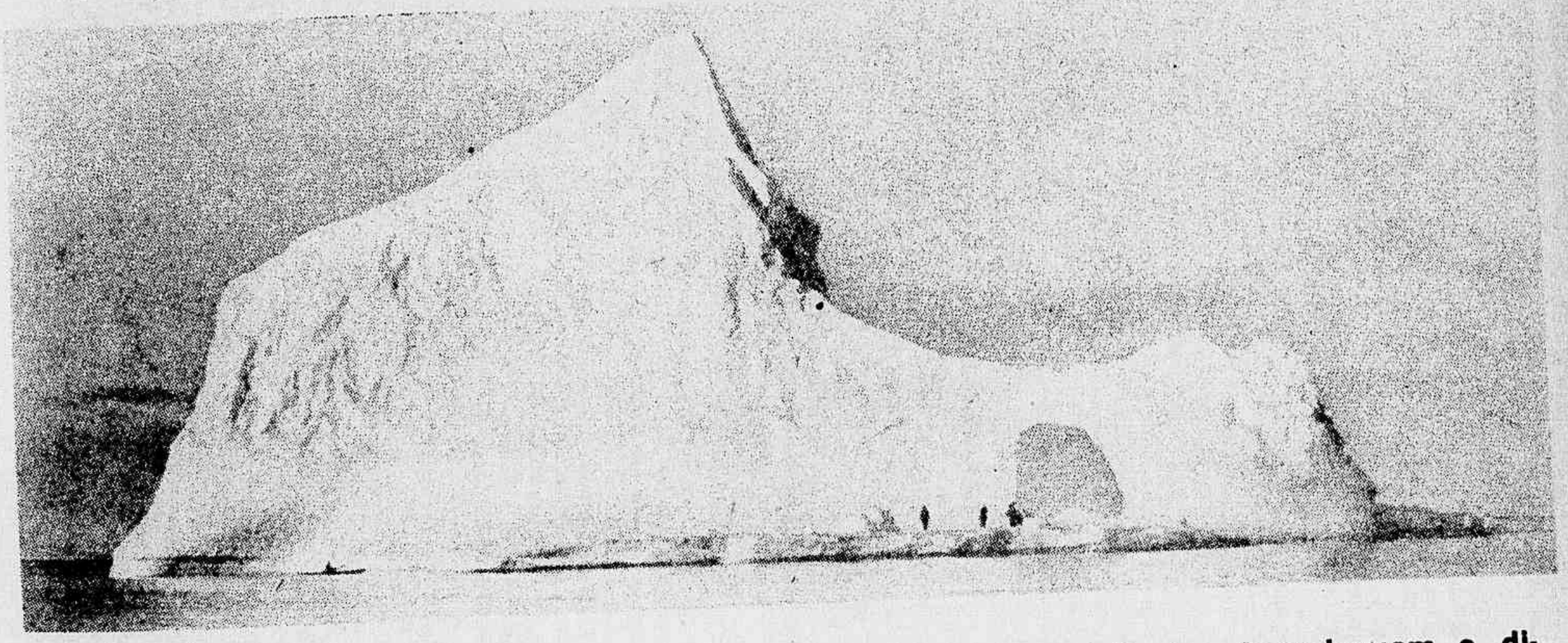
A água do mar se congela tanto mais fàcilmente quanto menos densa é. Nas regiões polares a congelação começa com as águas superficiais, à temperatura de 2,5 graus, e êsses gelos acumulados nas costas dão origem às "barreiras" e "bancos"

Um urso polar sobe para um pequeno "iceberg", para atacar uma foca (ponto prêto no outro lado da colina de gêlo). Os ursos viajam muitas milhas sôbre essas montanhas navegantes. Quando o gêlo derrete nadam distâncias verdadeiramente fabulosas até alcançar solo firme.

Segundo a teoria de Green, nosso planêta, como ocorre com uma bola de borracha, quando fura e perde o ar interior, tende a tomar a forma de uma pirâmide triangular, sem, no entanto, perder sua redondez.

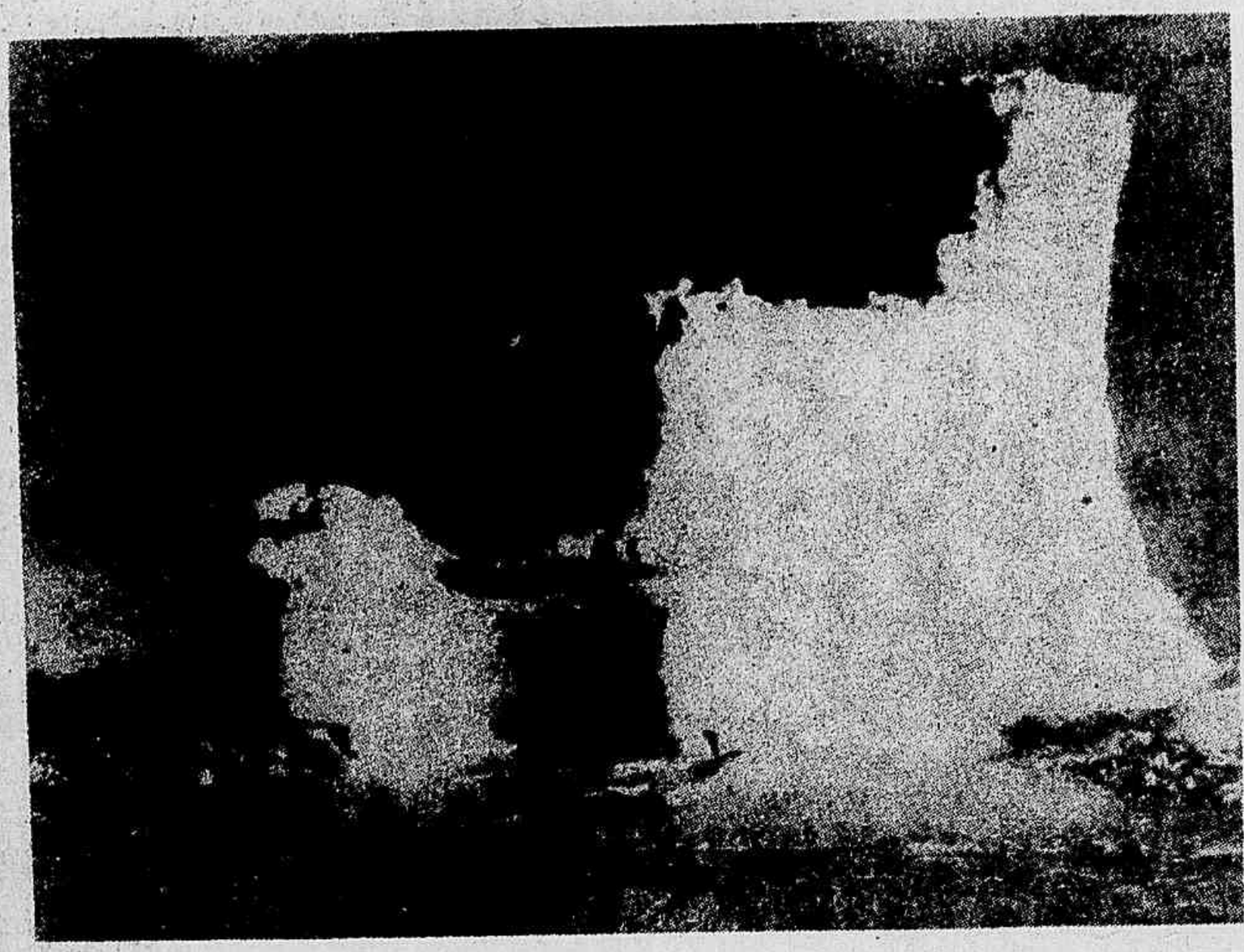
e aos gelos flutuantes. Por sua vez, os gelos polares, **que se apóiam numa superfície de resvalamento**, caminharão lentamente para o mar, e quando o bordo da geleira entra em contacto com as águas marinhas sofre um impulso para cima, enquanto que sôbre a parte imergida a maré começa a exercer sua ação. Tudo isso terminará com a rutura do bordo da geleira e seu conseqüente desprendimento, formando-se dessa forma os "icebergs" ou montanhas de gêlo que cruzam os mares à mercê das correntes, que são cinco gigantescos rios correndo no próprio seio da parte líquida do nosso planêta. A Groenlândia, por si só, constitui um colossal **viveiro** de "icebergs" e entrega anualmente ao mar muitos blocos com milhões de metros cúbicos de gêlo que em sua maior parte assumem formas fantásticas logo navegando à deriva na direção do Atlântico.

COMO SÃO AS MONTANHAS DO MAR — Os "icebergs" não costumam destacar-se acima da superfície do mar por mais de sessenta metros. Alguns exploradores ocasionalmente encontraram "icebergs" cuja



Há ocasiões que, em vez de canhonear o "iceberg", turmas especializadas desembarcam e dinamitam a montanha, que é processo mais rápido e mais econômico do que o tiro de canhão.

altura alcançava os cento e cinqüenta metros. Mas como em razão das densidades relativas de gêlo e da água a parte



Essa fantástica montanha de gêlo, encontrada nas cercanias da Antártida, tomou êsse caprichoso aspecto depois de canhoneada por um navio patrulheiro, cuja missão é impedir que essas montanhas navegantes atinjam as zonas de rota dos transatlânticos.

submergida é umas sete vêzes maior do que a insubmersa, é necessário calcular que a altura total do "iceberg" varia entre duzentos e cinqüenta e quinhenots metros. E, se levarmos em consideração que sua longitude chega a ser, talvez excepcionalmente, até de cem quilômetros, podemos afirmar que são como montanhas movediças, cujo volume se mede por centenas de milhões de metros cúbicos; enormes ilhas de gêlo que, pela lentidão com que se fundem, realizam longas incursões pelos oceanos.

Algumas têm fromas arredondadas, como lombos de animais marinhos que assomassem no mar; outras estão cheias de agulhas, festões e cavernas. Há "icebergs" que parecem arcos triunfais, enquanto outros assumem a aparência de castelos arruinados.

Os que tiverem ensejo de ver aquêle famoso filme cinematográfico que foi conseqüência da expedição Byrd às regiões polares do Sul, recordarão as montanhas de gêlo do que poderíamos chamar de "terra a dentro", e aquelas barreiras, como a de Lord Ross, de onde saem os blocos que, às vêzes, chegam a latitudes de 35º a 40º, e podem ser vistos em seu longo e lento navegar desde o Cabo Horn, na América do Sul ou do Cabo da Boa-Esperança, na África do Sul.

Na famosa Bacia das Baleias, na Antártida, um enorme bloco de gêlo logo após a explosão de poderosa carga de dinamite.

O PERIGO DOS "ICEBERGS" GIGANTESCOS — Os enormes blocos de gêlo influem, sem dúvida, mesmo de longa distância, nos fenômenos meteorológicos, pois quando alcançam as latitudes que já mencionamos podem penetrar na Corrente do Gôlfo, cuja influência sô-

(Cont. no fim da revista)

VISÃO MUNDIAL

Cavaleiro Árabe, de Théodore Chasseriau.

O ISLÃO ECLODE DO SEU TORPOR

A FERMENTAÇÃO MOSLÊMICA

Por DE MATTOS PINTO

ATROPELADOS e pressionados pelas impulsividades da Civilização Tecnológica, os povos moslêmicos recuperaram a insolência guerreira e revitalizados pelos antagonistas do presente, golpeiam o europeus em Marrocos, Argélia e Tunísia. Debilitam-se cada vez mais os últimos segmentos do colonialismo africano e as potências instigam os estadistas no anseio de perpetuar o crepúsculo de uma era superada. Guy Mollet, o presidente do Conselho de Ministros da França, estafa-se com os sangrentos motins dos tunisinos, argelinos e marroquinos, cujas aspirações nacionalistas repercutem sôbre as possessões britânicas e desgastam o prestígio do primeiro ministro Anthony Eden. Esgotou-se o ciclo milenar do politismo estereotipado na lógica oportunista de Niccolo Machiavelli, cujas especulações ignoraram a fôrça dos trustes e a pressão dos cartéis. E o secretário norte-americano Foster Dulles confabula com franceses e inglêses no afã de conter a dissolução das esferas de influência. Os africanos intoxicaram-se de servilidade aos europeus e rebelam-se de Casablanca a Suez, de Trípoli ao Cairo, estimulados pelas recentes independências do Egito e do Sudão.

No ocaso do politismo e das tutelas militares, o Islão eclode da sua mumificação secular e ressurge viril na Tunísia, Argélia e Marrocos. No continente africano, o período neolítico e a civilização industrial contendem-se todos os dias, a mais rudimentar forma de vida marcha paralelamente às novidades das aplicações mecânicas. E o impacto assume proporções ainda mais chocantes no mundo interior e na escala do reajustamente cultural, pois o progresso invadiu os territórios sem adaptar as populações. As minorias nacionalistas falam uma linguagem moderna e vivem espiritualmente em outras épocas de tabus. Os colonialistas frustraram-se entre a babelização da África do Norte, cujas raças não se identificaram com as necessidades geo-econômicas do Ocidente. E descobriremos porque as culturas não se transferem de certas fronteiras para outros territórios com a simples conquista militar.

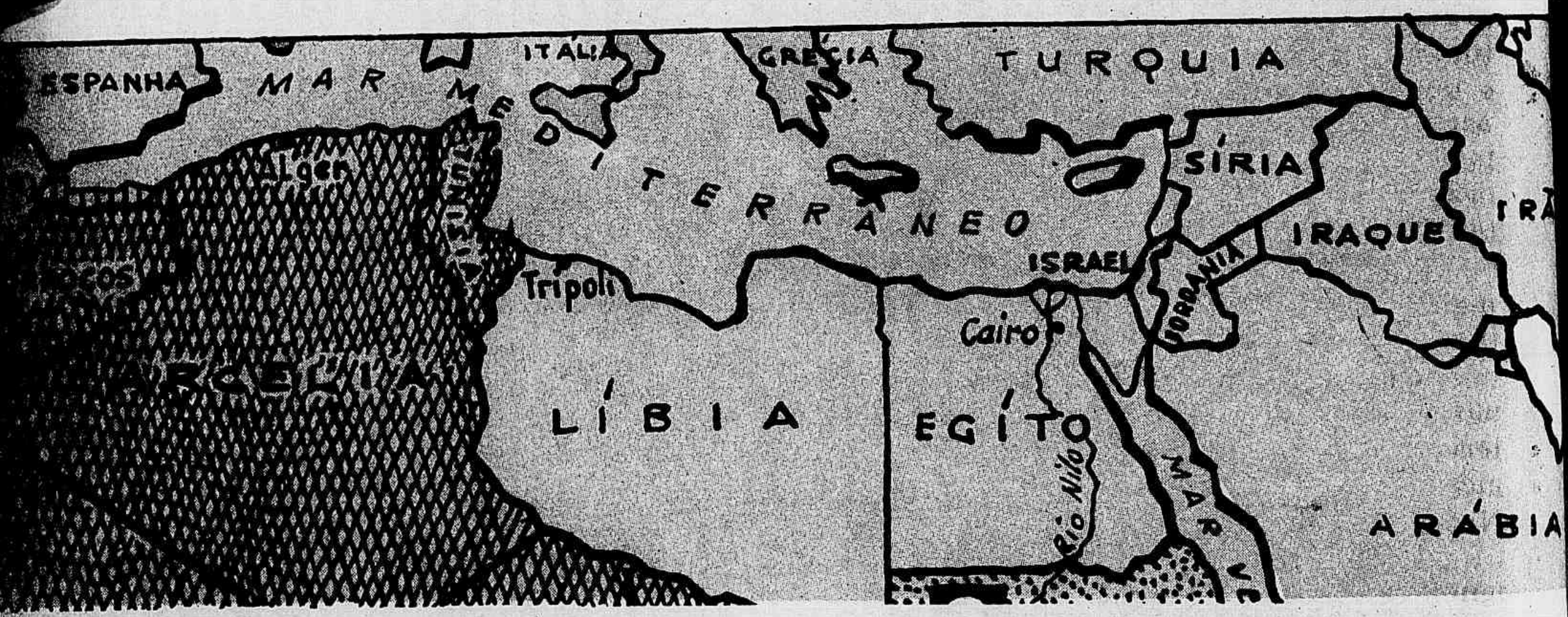
TÂNGER — A PORTA DAS INVASÕES — As transferências de civilizações pela guerra fracassaram no século XX como degeneraram em outras épocas de notória agressividade. Frustraram-se as tentativas de transferência compulsória de cultura entre britânicos e inglêses, alemães e japonêses, como entre os gregos e os romanos, os egípcios e os cartagineses.

A filosofia busca, através das datas sucedendo-se na história a marcha do espírito a resvalar e a se erguer no meio das campanhas, o fluxo das instituições viajando de continente a continente e despojando-se das suas virtudes primitivas. A fôrça material não justifica por si própria a so-

brevivência de um povo e a sua perpetuidade no tempo. Depois de conquistada Cartago, o domínio bizantino perdurou em muitos lugares até os limites do Atlântico, em Tânger, na passagem de Gibraltar.

Ocupado o estreito fatal, voltam-se as tropas orientais para o Este, sempre na vizinhança do mar, refúgio em caso de algum imprevisto assédio. Mantém guarnições na proconsular, província integrando a Tunísia e a Tripolitânia, invadem a Numídia, zona geográfica da atual Constantina. Fortificam-se da melhor maneira com os destroços das antigas muralhas romanas e as pedras dos últimos redutos vândalos, concentram-se na faixa do Mediterrâneo. Enfraquecidos pelas lutas na Europa e na Ásia, não dispõem de legionários para subjugar a África do Norte, cujas montanhas interiores escapam à influência militar. As guarnições se comunicam ùnicamente pelo mar, a fim de evitar o assalto dos indígenas perseguindo e fustigando os expedicionários. Destruídos os chefes arianos, os bérberes regressaram à sua liberdade e à vida livre, às guerrilhas e às repentinas incursões, às correrias em todos os sentidos. Não se tratava mais de enfrentar um guerreiro rústico e invencível na sua bruta intrepidez com Genserico, mas domar outros fatôres mesológicos, não menos terríveis à obra civilizadora dos latinos. Os vândalos prevaleciam-se do instinto de rapina impulsionando raças grosseiras e errantes pelos campos, para assegurar a vitória contra os romanos, habitantes de luxuosos palácios. Os getulos, os numidas e os mouros serviam-lhes de companheiros no saque, mas aos bizantinos faltavam aliados porque ali desembarcaram com outros fins, a cultura da terra, a edificação de cidades e a restauração das colônias. Duplamente fracos pela ineficácia militar e pelas dissídias morais, hesitavam em repelir as tribos, cujas revoltas prosperavam sob o ódio dos generais entregues à mais desenfreada egolatria.

Das montanhas de Djel-Aures, no sul de Constantina, desceram hordas a combater a autoridade de Salomão, emissário de Bizâncio. A civilização latina ia morrer na África do Norte sem qualquer entrosagem com os seus povoadores nativos legando apenas ruínas de mármore. Quando cessaram as represálias nesse local, os luatas saíram da Tripolitânia em assédios às cidades reconstruídas e às novas muralhas levantadas. Aliaram-se a outras tribos bérberes, traspassaram a Tunísia saqueando residências familiares e mutilando os últimos monumentos. À frente das suas colunas Salomão procura aniquilar os devastadores perto de Teveste, no ano 543, numa infeliz batalha terminada na dérrota dos orientais. A invasão dos autóctones se desdobra e aproxima-se do litoral conservado sob o domínio do Império de Bizâncio, cujos exércitos não podem conter



Eis o mundo árabe, que domina a orla sul e oriental do Mediterrâneo. Já está quase totalmente independente, restando apenas a Algéria e parte do Marrocos, ainda sob domínio franco-espanhol.

O general Abdel Nasser, "o General Egito" como é agora chamado, por ser o chefe absoluto da nova e independente República do Egito.

a vaga selvagem. Às cidades tropilitanas sucedem-se as povoações da Numídia que resistem poucos meses e logo entram em ruínas sob o bater das achas e o fogo. Bizâncio decide recuperar os territórios perdidos e manda em 546 uma expedição de reforços comandada por João Troglita, cuja audácia repele os bárbaros.

Golpearam os greco-romanos durante quatro anos e as tribos agora vencidas por um general intrépido, cuja energia moral restaura a disciplina no exército e suspende as voracidades pessoais. Pacifica o norte africano a partir de 550, acontecimento êsse que motivou honrarias e festas dos últimos latinos abandonando os seus refúgios. A vitória de João Troglita se encontra registrada na história literária por uma obra laudativa cantando o heroísmo oriental.

O versificador africano Flavius Corsconius Coripous compôs em oito livros a "Johannide", poema histórico. Apesar de celebrado em poesia, o triunfo militar de Troglita só resistiu vinte anos, até 570, quando recomeçaram as hostilidades. O inquieto Gasmul, rei dos mouros, quebra a paz com a invasão da Cesárea, cidade marítima ao oeste de Argel e essa campanha assinala uma série de investidas e correrias reproduzindo-se por vinte anos.

Numerosos e impunes, os bérberes sitiam os muros de Cartago em 593, destruída, meio restaurada e novamente coberta de sangue e poeira. Em 600 da era atual o Setentrião da África perdera tôda a sua grandeza latina e as belas cidades jazem mortas, o silêncio ronda os palácios e os jardins murcham sem amantes sonhadores, as estátuas mutiladas rolam pelas estradas das legiões imperiais. A vulnerabilidade da África do Norte à invasões oriundas do continente euro-asiático propiciavam novos impactos das raças. Para completar a ruína universal, os visigodos navegam o Estreito de Gibraltar em 620 e instalam-se em Tân-

ger, conquistada aos derradeiros bizantinos que se retiram definitivamente em fuga.

Sultão Sidi Mohamed Ben Yussef, que a França "afastou" do Marrocos porque era favorável à independência do seu país. Mas o povo marroquino forçou o regresso do seu soberano.

Os cavaleiros tunisinos formam um corpo de exército africano dos mais justamente admirados,

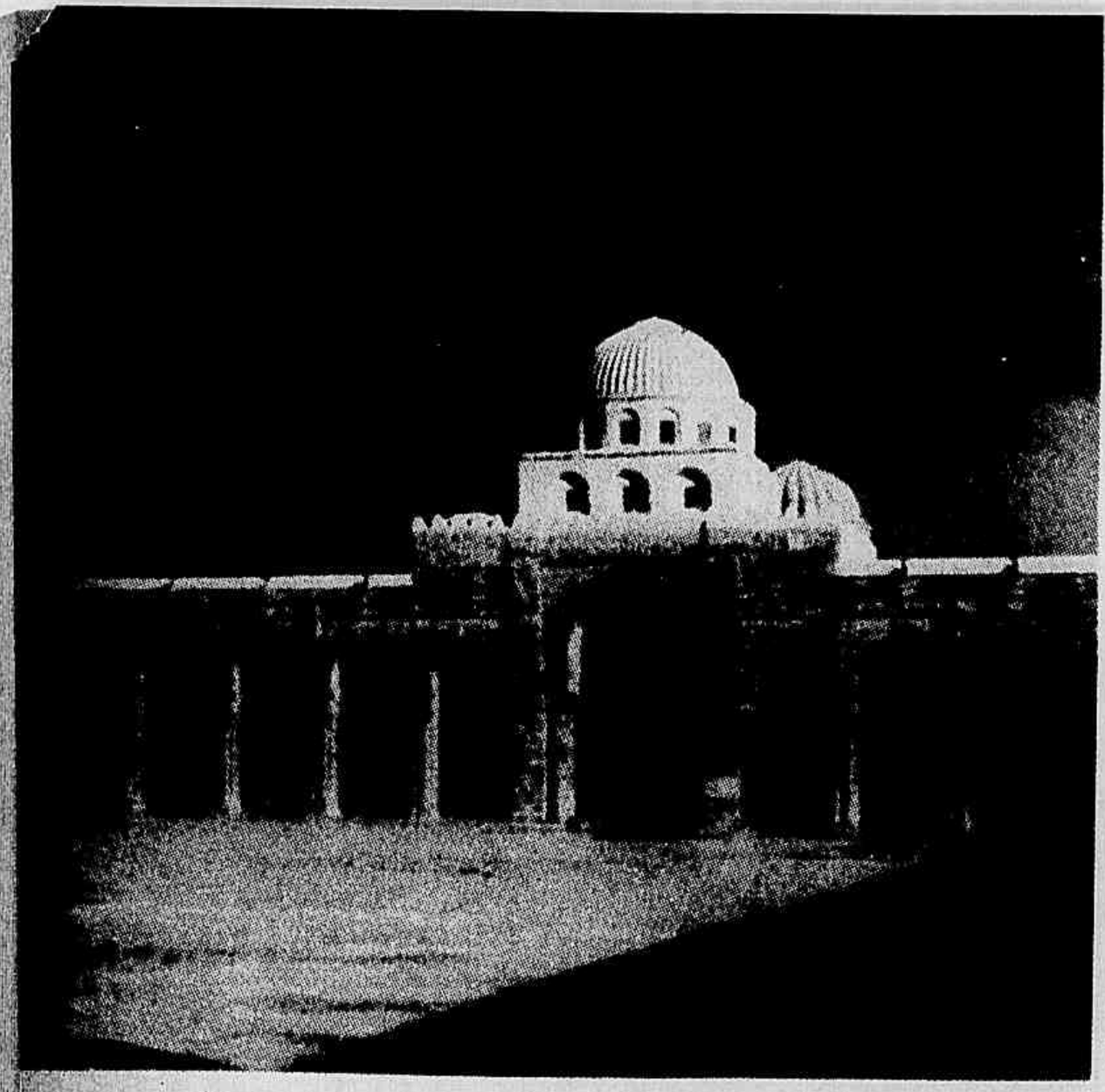
O INCÊNDIO DA BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA E A VITÓRIA DAS CIMITARRAS — Um messianismo militar deveria mudar por completo as aventuras da África do Norte com a vinda de um novo invasor. O "Alcorão" acabava de unificar um povo agreste e quase desconhecido antes partilhado em lutas regionais, que toma consciência do seu destino histórico e arregimenta-se à bandeira de um visionário empreendedor de conquistas geográficas. Maomé morrera no ano 11 da hégira, seiscentos e trinta e dois da era cristã e sua sombra impulsiona os povos moslêmicos, que se jogam sôbre a Síria e a Pérsia impondo os versículos sagrados a golpes de cimitarras. A guerra santa inflama os cavaleiros à ordem do príncipe sucessor do profeta e da sua campanha religiosa. O segundo califa Abu-Hafsah Ibn-el-Kattab, mais conhecido como Omar I, desfechou guerras religiosas contra a Pérsia e a

tendo prestado valiosos serviços nas duas guerras.

Grécia, Palestina e Síria. Estendeu as suas vitórias à Mesopotamia e decidiu-se pela invasão do Egito, que se encontrava sob o domínio de Heraclitus, imperador de Bizâncio. O general Amer ibn-el Aci chega em 640 à frente dos maometanos e obtém decisivas vitórias. Conquista Alexandria com as suas quatrocentas casas de divertimentos mundanos, quatro mil banhos públicos, quatro mil palácios, doze mil lojas e armazéns, quarenta mil jardins e a famosa biblioteca que valia por si própria a cidade inteira. Alexandria monopolizava escolásticos e geômetras, doutrinadores do estoicismo e do peripatetismo, geógrafos e historiadores, esoteristas e neoplatonistas, em cujas controvérsias pontificaram Eratóstenes e Aristarco, Filon e Aristóbulo, Jamblico e Plotino. Em 641 o califa Omar I deparou com o intrincado dilema de conservar ou destruir a biblioteca de Alexandria, cujas obras científicas e literárias poderiam antagonizar o avanço do Islamismo. Depois de uma ardilosa reflexão enunciou um dos mais notórios sofismas da lógica: "Ou êsses livros concordam com o Alcorão ou não concordam. Se não estão de acôrdo com o Alcorão devem ser queimados e se estão de acôrdo também devem ser queimados porque basta o Alcorão". E, com êsse traiçoeiro raciocínio, ordenou ao general Amru que incendiasse a famosa biblioteca de Alexandria com os seus trezentos mil manuscritos sôbre ciência e filosofia. E, sem mais especular sôbre metafísica o conquistador árabe funda a povoação de Fostat, origem do Cairo e que conserva ainda hoje, visíveis em todo o esplendor, a arquitetura moslêmica.

Avança sôbre o território vizinho, compreendido entre Marmarica e o Gôlfo da Grande Sirta, na Cirenaica, animado da sua glória religiosa que nada detém. Oferece batalha aos luatas e aos huaras, que lhe barram o caminho, e derrota as tribos locais. A invasão da Tripolitânia segue-se à vitória sôbre o Egito, incapaz de resistir sem o exército de Bizâncio, desaparecido inteiramente. Os triunfos excitaram Amer ibn-el Aci e lisonjeiam a sua vaidade sequiosa de mais territórios africanos no seu frenético messianismo guerreiro. Mas o califa Omar I teme as expedições aventurosas contra raças desconhecidas perdidas no interior do continente.

Além dessa incógnita, o Islão arquejava sob a pressão interna dos primeiros distúrbios oriundos da herança do califado e Abu-Behr sucedera a Maomé como o seu mais venerável discípulo numa preferência que ninguém discutira. Abu-Behr legou sua dignidade principesca ao melhor guerreiro do Alcorão, o sincero e invencível Omar I, que se deixou surpreender pela intriga de



Grande Mesquita de Kairuan, na Tunísia.

Ali e tomba assassinado em 644, êle o vencedor jamais derrotado. Enquanto os crentes moslêmicos se atraiçoavam, o mesmo drama político infestava os derradeiros soldados de Bizâncio, corrompidos e debilitados pela decadência moral. O exarca Gregório, ao saber da morte de Heraclius, declara-se indepedente, transfere a capital para Sufetula, veste a púrpura e proclama-se imperador, cargo que ocupa apenas um ano porque os árabes recomeçam a marcha.

O novo califa Othmane ibn-Affane autorizou a invasão de todo o Mogreb, nome significando para o Islamismo todo o ocidente africano, ao oeste do Egito. Os geógrafos moslêmicos partilharam a região em Mogreb-Ifriki compreendendo a Tripolitânia e Tunísia, Mogreb-Ausath circunscrevendo a Argélia e o Mogreb-el-Aksa incluindo todo o Marrocos. Um exército de vinte mil cavaleiros sob as ordens do general Abd Allah ibn Saad parte em 647, constituído de árabes vindo da Síria a que se uniram outras tropas muçulmanas do Egito. O usurpador africano, o exarca Gregório, sente o extermínio e recorre aos bérberes, depois aos latinos e aos gregos e comandando as tropas enfrenta o invasor. O general sarraceno intima-o a adotar o Islão, mas, repudiado na tentativa; desfecha a batalha para impor a religião ao poder do ferro. Ao brado de Maomé e de Allah, as tropas árabes espalham o terror, as cimitarras aniquilam as colunas patrícias, a quem falta o patriotismo e o ideal da nação mortos nas suas almas mercantilizadas. Gregório fica no campo de guerra e Abd Allah ibn Saad dispersa os greco-romanos, pilha Sufetula e chega aos muros de Trípoli. Para evitar o assédio de Cartago, os bizantinos refugiados concederam forte indenização aos exércitos moslêmicos que regressam ao Oriente.

A MESQUITA CONQUISTA A TUNÍSIA E A TRIPOLITÂNIA — As civilizações atropelam-se na luta pela sobrevivência como as individualidades. As rivalidades sôbre a herança do Califado afasta temporàriamente os sarracenos de Cartago, cuja jurisdição passa a novo governador impotente em restaurar o domínio. Ali, genro do profeta, combate a Moaulia, chefe da família dos Omeiadas, numa luta que perdura vinte anos e com sacrifícios de vida, prejuízo da unidade moral e das terras conquistadas. Os Omeiadas venceram, impuseram a sua dinastia e em 665 nova expedição religiosa segue para a África com o fim de reocupar os domínios abandonados momentâneamente. No intervalo, os emissários de Bizâncio nada fizeram para reerguer as antigas colônias e davam-se a inumeráveis crueldades que, acrescidas de odiosos tributos, incrementaram os motins.

Novo exército tenta expulsar os conquistadores moslêmicos emigrados das terras sírias. A legião grega se abrigou nas ruínas de El-Djen, localidade bem histórica por existir aí um gigantesco anfiteatro, prova material de quanto pode subir e descer uma civilização invasora. Batidas pelos maometanos, as tropas imperiais retiram-se para o mar nas poucas embarcações de que dispunham e evacuaram, uma após outra, Constantina, Tunísia e Tripolitânia.

O general Sidi Obka ibn Nafi, conquistador da Barbária, esmaga os nativos que recuam rumo às montanhas e exige, além da submissão militar a fé no credo das mesquitas. Primeiro general muçulmano a proceder mais como um civilizador do que como um conquistador, preocupa-se com outras coisas além da rapina e as requisições, os despojos e a glória trivial dos combates. Funda, a oito dias de marcha de Cartago e cento e sessenta e cinco quilô-

metros de Tunis, uma cidade que deveria se celebrizar pelos seus monumentos e escolas, ciência e literatura, arte e sua Grande Mesquita. Situada na Tunísia, serviu de capital aos sarracenos da África, que a elevaram a um nível superior de cultura. Começaram em 671 os trabalhos da muralha num perímetro de nove quilômetros e com tôrres de defesa que a tornavam uma praça forte.

Conhecedores de medicina, física, botânica, química, geometria, filosofia, familiares de Aristóteles e Hipócrates, Euclides e Arquimedes, uniam à fúria religiosa um alto sentido civilizador. O general Sidi Obka ibn Nafi edifica casas e palácios, jardins e, para orgulho de Cairuan, constrói Djanaa Kebira — a Grande Mesquita com as suas seiscentas colunas de granito, mármore e pórfiro. Destinada a ser uma cidade sagrada e capital da invasão islâmica no continente africano, Cairuan celebrizou-se pela Mesquita das Três Portas, cujo estilo ainda absorve o assombro dos turistas e a admiração dos arqueólogos. Só o frenetismo místico favorece o surgimento de monumentos dessa espécie. A multidão de seiscentas colunas perturba os forasteiros ocidentais obsecados pelo mercantilismo das matérias-primas.

Os mais crentes dos peregrinos islamitas falam de quinhentas ou seiscentas colunas, recusando-se a especificar o número exato e alegando que ficariam cegos se contassem a floresta das colunas. Meca, Medina e Cairuan, eis as três cidades sagradas do Islão para onde convergem os peregrinos do profeta — conquistador. Sidi Obka ibn Nafi mandou edificar outra mesquita fora das muralhas da cidade onde a lenda fala se encontrar sepulto o barbeiro de Maomé e existir como relíquia três cabelos da barba do fundador do Islão. A capela de Sidi Abid-el-Ghariani, em cuja arquitetura contrastam o mármore branco e o mármore prêto, inscreve-se entre as mais perfeitas

No Egito tudo começou com a grande revolta dos estudantes contra os ingleses, em 1952...

jóias arqueológicas da cidade santa da Tunísia. A dinastia dos príncipes Aghlabitas embeleceu Cairuan com novas obras de arte e de arquitetura no século IX. Depois de fundar Cairuan, empreende o general Obka ibn Nafi, a partir de 681, a conquista de todo o Mogreb com audácia e sabedoria, atravessa a zona de Aurés, caminha em direção a Zab, em cujo oásis repousa, e em seguida vai à extremidade do Mediterrâneo, apodera-se de Tânger. Volta-se depois sôbre o centro do Mogreb, transpõe o Atlas de cimitarra em punho e pisa as areias do Atlântico.

Narra a lenda que entrou com o cavalo oceano a dentro a bradar por Maomé, a tomá-lo como testemunha de que só as vagas o detinham na sagrada missão de conquistar homens para Alah. Pouco tempo depois, pôde conhecer a fragilidade das suas vitórias, arruinadas por um ato de imprevidência e de excessiva confiança nas aparências. Os habitantes da África do Norte receberam dos historiadores romanos diversos apelidos, libianos e numidas, mouros e getulos, donatistas e bérberes como se referindo a raças diversas. Os árabes os classificaram sob nome geral de bérberes e qualificaram a sua

(Cont. no fim da revista)

POR QUE NÃO FAZEM...

UM alimento especial para gatos? No caso poderiam muito bem enlatar.. ratos, pois que são o "prato" favorito dêsses felinos e poderiam ser servidos com dupla vantagem: como quitute para os gatos e seriam outra forma de combater a praga dêsses roedores.

UMA instalação elétrica e automática que indique ao morador de cada apartamento, num grande edifício, que foi colocada em sua caixa do correio, existente na portaria, uma correspondência qualquer?

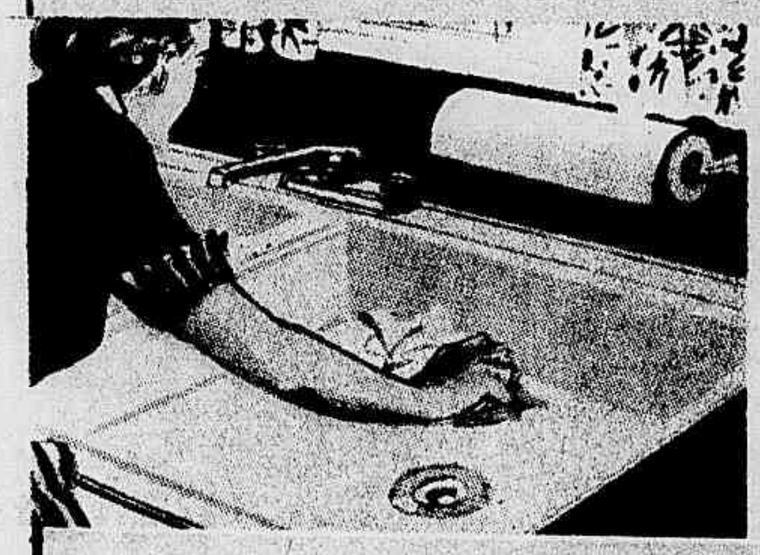
TOALHAS de papel mais fortes e maiores, para uso nas pias da cozinha, o que muito ajudaria a dona de casa numa perfeita limpeza da louça e do esmalte das pias, que assim ficaria absolutamente sem gordura.

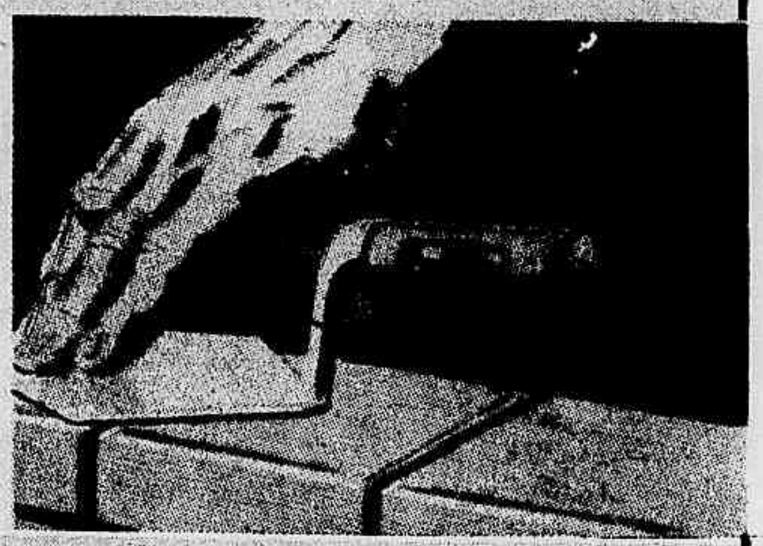
COLCHÕES com molas... podendo ser contraídas fàcilmente, por meio de um simples botão que se calque. Assim poderiam ser guardados até mesmo numa gaveta, quando fora de uso.

CORDAS especiais, próprias para cercar os canteiros recém-plantados? Tais cordas deveriam ser fabricadas com uma tinta fluorescente, a fim de brilhar durante a noite e evitar que os distraídos caminhem sôbre as plantas? Poderiam servir não só para particulares como também para os jardins públicos.

NO cabo de uma "colher de pedreiro" seria excelente colocar um "nível", pois que, dessa forma, o trabalho correria muito mais fácil e depressa, ficando o objeto valendo por dois.

SELOS do correio que possam ser pregados no envelope sem que haja necessidade de molhá-los, antes de colar?





A MORTE COM MEIAS DE SÊDA

Romance de ANTHONY BERKELEY ◆ Tradução de RENATO DE ALENCAR

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

O jornalista Roger Sheringham era dado a investigações criminais, já tendo escrito várias obras de ficção sôbre isso. Certo dia recebeu de mr. Manners, pastor de um condado inglês, uma carta na qual solicitava que Sheringham procurasse descobrir uma filha dêle, Janet, que tinha ido lutar pela vida em Londres, e não mais dera notícias, havia meses. Roger descobriu que a moça morrera enforcada com uma meia de sêda no cômodo em que residia juntamente com uma colega de teatro. Pessoalmente, transmitiu a notícia ao pastor Manners e aos filhos. Depois dêsse crime, pois Roger estava certo de que não se tratava de suicídio, e sim de um crime, mais três vieram a público. Aliando-se ao chefe de inspetores da Scotland Yard, Moresby, planeou um programa para agarrarem o delinqüente.

Êle já havia notado ausência de arranhaduras na parte inferior da porta, dessas que são produzidas pelos sapatos, quando a pessoa se vê obrigada a debater-se na agonia do enforcamento, como se registrou no caso da morte de Janet Manners. Roger constatava, agora, a mesma ausência de marcas também no alto da porta, o que vinha corroborar a opinião do médico, isto é, que o exame das unhas da vítima nada podia adiantar como elemento para esclarecer o crime. Evidentemente, a pobre Dorothy Fielder tinha sido assassinada sem lutar desesperadamente como Janet e Elsie Benham...

Diante da porta, como sempre, se achava a cadeira derrubada.

Roger a examinou cuidadosamente, mas êsse trabalho nada influía no caso. Tratava-se de uma cadeira baixa, do gênero de "cadeira de missa". O espaldar ou encôsto tinha uma parte trabalhada, um ornamento escultural. Era tão baixinha, que o jornalista se admirou pudesse a mesma servir aos desígnios do criminoso. Seu assento se achava a pequena altura do solo, fazendo crer que a morta deveria ter ficado nas pontinhas dos pés, para que a meia que a estrangulara lhe permitisse tocar com os pés o assento do móvel.

A cadeira, segundo Roger raciocinava, não tinha outra importância senão a de ter servido de parte do cenário do "suicídio". Mas Roger não deixou de achar bastante esquisito, não houvesse o criminoso lançado mão de outras cadeiras mais apropriadas à execução do crime, uma que melhor se adaptasse ao delito.

Estava, assim, fazendo seus raciocínios de detetive amador, quando veio juntar-se a êle o diretor-adjunto.

— Já ouvi bastantes elogios aos seus dons, pelo meu predecessor, sr. Sheringham — disse êle, amàvelmente. — Que pensa o amigo de tudo isto?

— Que não compreendo nada!

— E não é o senhor o único que nada percebe do caso — respondeu sir Paul. — O criminoso deve ser um sujeito de gênio, **um técnico**, pois que não deixa o menor vestígio atrás dêle. Nem mesmo uma impressão digital reveladora...

O fotógrafo e o inspetor divisionário acabavam de partir. Moresby e o comissário continuavam, porém, a conferenciar a um canto do aposento.

— E dizer que eu almoçava mui calmamente, lá no clube, enquanto se dava êste crime! — murmurou Roger. E, para cúmulo, almoçava eu com Pleydell, o noivo de lady Úrsula, também morta nestas mesmas circunstâncias.

— Ah! Sim... conheço vagamente o sr. Pleydell. Êle deve revelar alguma coisa.

— Já se desincumbiu disso — anunciou Roger.

Caiu entre êles pesado silêncio.

Coube a Roger rompê-lo.

— Não consigo compreender o motivo por que não se encontra aqui nenhum vestígio da luta que deveria ter-se travado neste aposento, entre o atacante e a vítima.

— É exato; nem em qualquer parte do quarto, nem no corpo da morta ! O médico vai fazer a autópsia; mas duvido muito que daí venha qualquer resultado prático. Apenas é evidente a causa da morte...

Roger refletia.

— Os punhos de lady Úrsula — disse êle — apresentavam ligeiras equimoses, bem como também tinham vestígios de luta os seus calcanhares. Lembro-me disso muito bem. Com certeza fôra ela obrigada a defender-se, oferecendo resistência ao atacante, o que não sucedera a esta pobre moça.

— Penso que o criminoso varia de método — opinou o diretor-adjunto. — Além disso, os punhos de duas das outras vítimas não apresentavam marcas. Sabia disso ?

— Não. Moresby me falou de um exame que deveria fazer-se; mas não soube ainda do resultado.

— Recebi o relatório esta manhã. Nenhum sinal ou marca sôbre o corpo das duas mulheres, que se teriam debatido às mãos do assaltante.

— Então, comissário ?

Green se aproximou do grupo.

— Penso, chefe, que êste caso nada vai adiantar — disse êle. — Nem Moresby, nem eu achamos coisa alguma.

— Mas é preciso dar mais buscas, procurar mais ! — anuiu sir Paul. — Êsse bandido não deverá escapar-nos. Ora, podemos afirmar que êle existe; a ausência de impressões digitais no volume de versos o prova !

Não havia indícios; mas, que o criminoso estava agindo desassombradamente também era mais que evidente.

Green parecia desolado. A idéia de que um indício qualquer lhe houvesse escapado chocava-o profundamente.

— E a crítica da imprensa nos vai atacar ferozmente — ajunta sir Paul, com ar de grande mágoa. — Estou desesperado por não têrmos ainda descoberto uma só pista, uma réstia de luz nessas trevas.

— Se essas censuras surgirem, que será possível dizer, chefe ? Claro que não vamos revelar o que temos feito, nem que estamos na pista certa. Seria arriscar nosso êxito, revelando o que já possuímos de positivo.

— Não; está visto. O melhor será escrevermos aos jornais, pedindo-lhes que não façam comentários sôbre êsses fatos. Façamos ver que a Scotland Yard tem já uma opinião, mas prefere não alertar o público durante suas pesquisas e investigações em curso. Você sabe muito bem como fazer isso. Já o temos feito algumas vêzes.

— Muito bem. Vou tratar disso.

— A propósito, comissário, por que não tentar outra coisa ? Êsse delinqüente é, evidentemente, um louco. Poderíamos averiguar, se não teria escapado de algum manicômio, um louco furioso, um desequilibrado perigoso. Que diz ?

— Posso, certamente, fazer isso — respondeu o comissário. — Mas creio que poderíamos passar algumas horas com o homem a quem procuramos, sem notar um só instante, sua loucura.

— É esta também a minha opinião — afirmou Rogers.

— Sério, mr. Sheringham ? — falou o comissário com polidez, mas sem manifestar o menor interêsse.

O diretor-adjunto fêz esforços para deter o riso. Êle conhecia Green e seu desprêzo pelos detetives amadores.

— Ora muito bem, Sheringham; penso que nada mais temos que fazer aqui. Venha comigo ao clube; lá poderemos conversar. Gostaria de trocar idéias com você sôbre êsse caso e saber de suas impressões.

Roger, que jamais enjeitava uma oportunidade para palestrar, aceitou o convite com muita satisfação.

— Ainda resta a outra pequena — disse sir Paul, logo que chegaram à rua — A moça que morava com a vítima... Não a vimos porque Moresby a encerrou no aposento vizinho. Mas vai interrogá-la agora mesmo. É melhor deixá-lo desincumbir-se sòzinho, pois, diante de mais gente, poderia ela correr o risco de perturbar-se. Já teve uma crise de nervos... Além disso, confesso, não espero grande coisa de suas declarações.

Chamaram um táxi e foram para o clube. Sir Paul pediu que lhes servissem chá. Roger, confortàvelmente instalado em vasta poltrona, explicou como se desenharam em seu espírito as primeiras suspeitas e passou a detalhar suas diversas conclusões. Sir Paul o ouvia com a maior atenção. O

jornalista exprimiu, então, um certo ceticismo quanto à mensagem deixada por lady Úrsula. Parecia-lhe exagerado depositar muita esperança sôbre um pedaço de papel de carta.

— Entretanto — disse sir Paul — só contamos com êsse indício material para armar a pista e agarrar o criminoso.

Com essas palavras revelava estar de acôrdo com a opinião de Moresby.

— Sim; e indício muito frágil —. respondeu Rogers. — Tenho mesmo a impressão que os senhores dà **Scotland** nada conseguirão se continuarem a empregar os meios habituais.

— Veremos. Demais, nada temos que escolher. O assassino, afinal, ainda não nos desmoralizou com os seus crimes. Veja bem: repare em seu último homicídio. Em tôrno do crime, tôdas as pesquisas são negativas, não se encontrando mesmo a mais ligeira impressão digital no livro do qual extraiu os versos. Nem sôbre a página — ou a capa — o miserável deixou a menor indicação como base de nosso trabalho. Como provar, pois, que se trata de crime e não de suicídio? Embora estejamos convencidos de que se trata mesmo de um crime, de um assassínio, nenhum júri se deixaria convencer disso. E veja que não somos capazes de indicar quem é o nosso misterioso suspeito! Ah, meu caro, tudo isso me parece muito mal pôsto...

— Com êsses processos, acredito que sim! — disse Roger, cada vez mais convencido da necessidade de empregar-se um método novo. — A Scotland Yard está sendo mantida pela lei em estreitos limites, não há dúvida; mas eu, Roger, não! Reservo-me, pois, tôda liberdade de ação...

A conversação tomou rumos de maior generalidade. Trocaram idéias sôbre a ciência criminológica, tema que apaixonava a ambos, tudo, porém, girando em tôrno da morte da pequena atriz.

— Um crime quase perfeito! — declarou sir Paul ao acender um novo cigarro.. — O nosso assassino, parece-me, fêz tudo com perfeição absoluta, não cometendo uma só falta. Um crime quase perfeito, e, oh! ironia, cometido por um louco...

— "Quase" perfeito? — perguntou Roger. — Por que êsse advérbio?

— Porque o crime perfeito — respondeu sir Paul, sorrindo — parece-me ser aquêle que não é jamais suspeitado.

— De acôrdo. Os sádicos que matam, simplesmente pelo prazer de matar, escapam, muitas vêzes, à ação da justiça.

— É fácil de compreender isso, pois êles não obedecem a um móvel tangível. Ora, quando o criminoso age tendo um objetivo em mira, uma causa visível, pode ter nove vêzes sôbre dez, contra êle. O móvel de um crime se une à ocasião propícia, o que enche de alegria os detetives, pois que êles sentem, então, que sua prêsa não lhes pode escapar.

— Sou um amador — disse Roger, suspirando — e é por isso que não me sinto contente com essa enervante espera... Dizer que êsse monstro vai ainda, provàvelmente, matar outras mulheres, antes de ser agarrado...

— Mas, medite bem, Sheringham, no enorme trabalho de pesquisas e investigações que exige um assunto dessa natureza, antes de ser possível prender o acusado. Calculo que ainda tenhamos de trabalhar um ano!

◆

— ... então, junta-se a manteiga com a farinha e bate-se bem...

— Eu bem o sei... Mas é horrível! Vai tornar ainda a Gray's Inn Road?

— Pergunta isso porque você mesmo está ansioso para voltar lá?

— Confesso que é isso mesmo. Devem ter terminado o interrogatório da amiga da vítima, e eu desejo muito saber se descobriram qualquer coisa.

— Bem, Sheringham. Retorne ao local do crime. Eu não vou acompanhá-lo, pois tenho que estar na Scotland Yard, sem tardança.

— A propósito, sir Paul — perguntou nosso herói, que se mostrava muito persuasivo. — Quero pedir-lhe um favor... Poderia dar instruções no sentido de que telefonassem para minha casa, à medida que fôssem aparecendo pistas ou novos fatos na polícia acêrca dêsse crime? Eu lhe agradeceria muito...

Sir Paul sorriu.

— Não há dúvida...

Os agradecimentos de Roger foram interrompidos por um empregado do clube, que veio anunciar um chamado telefônico para sir Paul. Separaram-se. Roger foi ao vestiário e apanhou o sobretudo e o chapéu.

Uma suspeita o assaltou nesse instante. Não fôra, provàvelmente, por acaso, que sir Paul o convidara para ir em sua companhia ao clube, afastando-o lá do apartamento da morta; fizera-o conscientemente, a fim de deixar os detetives sòzinhos a proceder a outras pesquisas sem a presença de seu colega amador. Admitindo que fôsse mesmo assim, Roger estimava que os detetives oficiais, apesar de disporem de tanto tempo para agir livremente, nada lhe pudessem dizer de positivo, quando o vissem retornar àquela triste casa de Gray's Inn Road. E com que cara ficariam, quando o vissem novamente entre êles! Roger resolveu, porém, não aparentar nenhuma nova emoção. Já saía do clube, quando o chamaram. Era sir Paul. Roger se encaminhou para êle.

— Alguma novidade?

— Sim — respondeu sir Paul. — O primeiro **goal** que marcamos em tôda essa batalha. Moresby acaba de telefonar para dizer que obteve excelente descrição do homem a quem procuramos.

— Céus! — exclamou Roger, que saiu como louco em busca de um táxi.

Capítulo XIV

O comissário recebeu Roger com bastante frieza, mas Moresby se mostrou muito amável e o pôs a par do que tinha sucedido. A amiga da vítima, Zelma Deeping, não havia revelado coisa alguma que clareasse a situação. Segundo sabia, Dorothy Fielder não esperava nenhuma visita. Zelma não podia designar ninguém, entre os numerosos camaradas masculino de Dorothy, que porventura houvesse ido ao seu apartamento no dia trágico. Alguns amigos vinham, muitas vêzes, fumar um cigarro, especialmente artistas de teatro, quando suas ocupações lhes proporcionavam ir a êsse bairro de Londres. Mas não podia indicar êsse ou aquêle.

Em resumo: as informações dadas por Zelma haviam sido puramente negativas. Dorothy não era dada a receber visitas, não esperava ninguém naquele dia, não era noiva de ninguém, nem tinha o jeito muito feminino de encorajar particularmente amizades masculinas. Informou ainda que jamais ouvira falar em Gerald Newsome, George Dunning ou Arnold Beverly.

Havendo-a feito jurar que nada diria sôbre os acontecimentos daquela tarde, Moresby mandou-a sob escolta para a casa de uma amiga de Hampstead, onde ela ficaria até que a polícia terminasse as pesquisas em seu apartamento.

Mas os informes preciosos e de importância real, tinham sido fornecidos pelo porteiro do edifício, o qual ocupava pequeno alojamento situado à esquerda da entrada principal, de onde podia ver o passeio ou calçada do prédio. Da janela o homem via, com a maior clareza, as pessoas que entravam ou saíam. Por isso, pôde dar a Moresby — que admirou seu espírito de observação — a lista dos que havia visto chegar entre meio-dia menos um quarto, e uma hora.

Uma mulher, provàvelmente atriz, viera pouco antes de meio-dia, e ficara muito pouco tempo. Lá para as doze e cinco, um senhor ainda jovem, de aspecto decente, mais parecendo comerciante do que algum

operário, também entrou ali, mas não viu quando deixou o prédio. A seguir, entrou uma senhora já idosa e, logo após, um senhor de idade, usando óculos com armadura de ouro, chapéu de copa alta, barba curta, com ares de tabelião. Vinte minutos depois retirava-se, de táxi. Durante êsse lapso de tempo, um outro homem tinha vindo, e o porteiro vira quando o mesmo deixava o edifício em companhia de uma jovem que ali residia. Ainda algumas visitas de mulheres entre meio-dia e meio e uma hora; depois chegou também um cidadão aí pelas treze horas menos cinco minutos, que parecia muito apressado. Pagou ràpidamente ao chofer de seu táxi, antes de galgar ligeiro os degraus da escada. Ia tão rápido, que o porteiro não teve tempo de vê-lo direito.

Teria, talvez, de trinta a quarenta anos; era bonitão, elegante, no lábio superior pequeno bigode prêto; levava um sobretudo azul, chapéu-côco, e, à mão, suas luvas; luvas laváveis. O porteiro afirmara que o reconheceria fàcilmente. Não o vira sair, pois, nesse ínterim, fôra almoçar.

— Eis aí o nosso homem, sr. Sheringham! — exclamou Moresby, com ar importante.

— Bravos! — respondeu Roger.

Achavam-se os três na pequenina sala do apartamento: Moresby, o comissário e Roger. O corpo já havia sido levado ao necrotério e tudo no aposento estava interdito, não se podendo tocar fôsse no que fôsse. O próprio inspetor Tucker já não se achava mais ali. A polícia nada mais esperava descobrir de interessante naquele lugar. Contudo, um policial guardava a porta de entrada do apartamento.

O comissário Green olhou friamente para o jornalista e detetive-amador e disse:

— Pois é isso, Sheringham! Resta-nos, agora, o trabalho de identificar o homem. Como agir? Se você tem alguma idéia a comunicar-nos...

— Oh! Mas êsse trabalho compete aos senhores — respondeu Roger, sorrindo. — Os métodos habituais serão suficientes para descobrir o assassino.

Green não respondeu ao sorriso um tanto crítico de Roger, nem quis voltar à carga. Deu-lhe as costas. Estava pouco amável, o comissário Green. Mas, bastante capaz de trabalhar, Roger se sentia senhor de si mesmo e do assunto. Voltando-se para Moresby, perguntou:

— Você poderia localizar o táxi, que trouxe o desconhecido aqui. Não vai tentar isso?

— De certo. O chofer poderia dar-nos ótimas informações. É mesmo isso o nosso principal trunfo. Mas, mr. Sheringham...

Para grande surprêsa de Roger, parecia que Moresby vacilava, não se sentia seguro de um plano. Tudo nêle transpirava desconfiança.

— Então?...

— Bem! Creio ser muito difícil chegarmos à identidade do culpado — disse o inspetor-chefe com o tom de uma criança que confessa faltas a um superior.

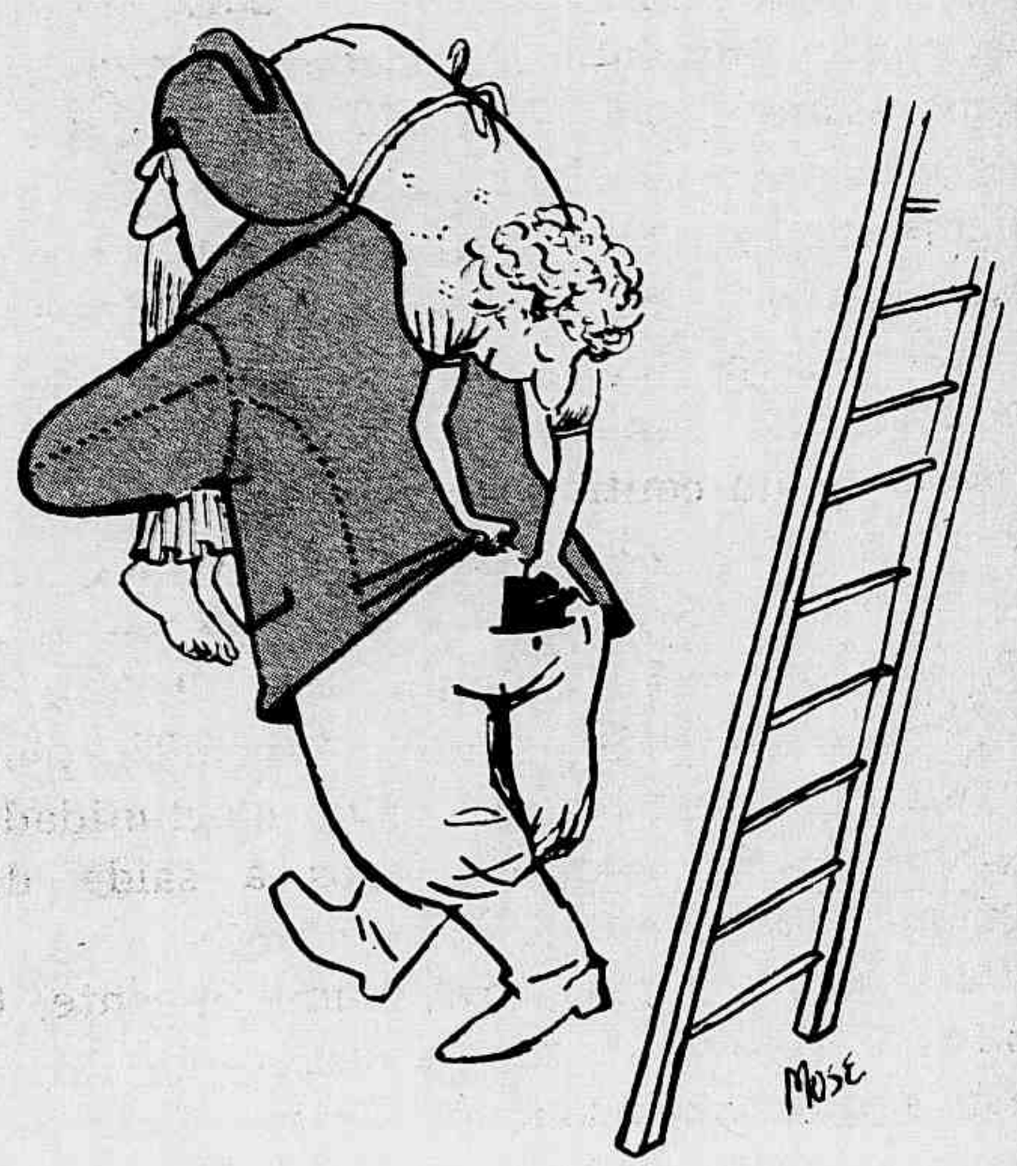
Roger não sabia como interpretar a estranha atitude de Moresby. Como?! Excusava-se êle de ser o primeiro a procurar uma solução para o problema? Tal gesto não era de seu feitio.

— Quê?... Já desanimado assim?... — exclamou Roger, cordialmente. — Aceite meus cumprimentos. O senhor é, realmente, extraordinário!

— Que quer? É assim mesmo... — disse o outro, com tristeza.

Roger o fitou com estupefação.

◆



Moresby não teria ar mais culpado, se houvesse sido êle mesmo o autor dêsse crime.

— Permita-me, Sheringham, que nada lhe diga imediatamente. Preciso ainda fazer certas verificações... Se você insiste... eu lhe direi o seu nome, obedecendo ao nosso acôrdo; mas preferiria nada adiantar... ainda. Você compreenderá, mais tarde.

— De acôrdo — disse Roger, que estava cada vez mais perplexo com o que ia ouvindo de Moresby. Ignoro até onde quer chegar, e nada me diga se assim prefere... A propósito de verificações, suponho que você vai ouvir as pessoas que entraram no edifício durante êsse intervalo de uma hora?

— Certamente — respondeu Moresby, cujo semblante, já um tanto aliviado, tornara-se quase cômico. Não esqueceremos nada, tanto quanto possível...

— Tudo isto é muito bonito — resmungou o comissário do outro lado do quarto. — Mas, como é que vamos convencê-lo dos seus crimes, admitindo-se que lhe deitemos a mão?

Houve curta pausa, durante a qual todos três meditavam, evidentemente, sôbre os mesmos problemas.

— Mas... a descrição do porteiro... — arriscou Roger, tìmidamente.

— Nada impedirá que o nosso bandido declare, simplesmente, que viera até aqui convidar a essa pobre moça, para almoçar em sua companhia, retorquiu Green. — Bateu; não tendo recebido resposta, foi-se embora. Aí está o que poderia dizer, e nenhum de nós estaria em condições de contestá-lo. Que restaria, pois, do testemunho do porteiro, mr. Sheringham?

— Talvez tenha razão — concedeu Roger muito contrito.

— Além disso, nem mesmo poderemos afirmar —ou provar — que êle se aproximou dêste apartamento. Não há uma só impressão digital, nada! Sabemos, pelo porteiro, que o monstro teve oportunidade para cometer o crime após a saída da amiga; mas só isso!

— Exato — confessou, humildemente, o nosso herói.

— Suponhamos que êle sustente não ter vindo a êste apartamento, e sim a um outro — continuou o comissário. — Não podemos afirmar que está mentindo.

— Evidentemente. A que horas Zelma Deeping, a amiga da morta, saiu deixando-a só, Moresby?

— Oh! Muito cedo... — respondeu o inspetor-chefe. Um pouco depois das onze horas. Deixando a outra no apartamento, disse à futura vítima, que ia fazer umas compras antes de encontrar-se com uma colega no restaurante, às treze horas.

— Ah! Foi então, sòmente a partir do meio-dia, que o porteiro parece ter observado êsse movimento de entradas e saídas, de idas e vindas. Isso nos deixa a margem de uma hora, não é mesmo?

— Sim. Mas quer você acreditar que o criminoso tenha, talvez, chegado entre onze horas e meio-dia, mas que só matou sua vítima um pouco mais tarde? É possível, evidentemente; mas não creio que êle se tenha preocupado com esta eventualidade.

— O advogado da defesa se ocupará disso, com certeza, observa Roger.

— É possível...

— A propósito, êsse tabelião, de barbas e óculos?

— Que acha, mr. Sheringham?

— Parece-me ainda mais misterioso que o bonitão de quem suspeitamos. Tiveram oportunidade de saber alguma coisa sôbre êle, junto aos inquilinos?

— Não. Ainda não. Tucker se encarregará disso, logo que esteja livre. Mas é da mesmo forma inútil, mr. Sheringham, dizer-nos que o indivíduo de que suspeitamos não corresponde ao tipo que o amigo deseja. Veja que êsse velhote não pode ser o culpado, porque êle se retirou cêrca de meio-dia, e o crime foi cometido sòmente a uma hora, ou mais cedo ainda; mais provàvelmente a uma hora e trinta. Não! O indivíduo que procuramos deve ser o comerciante, ou o homem elegante; provàvelmente êste. É provável que Tucker obtenha, amanhã, do primeiro, os informes suficientes. Estou convencido disso.

— Não tenho grande coisa a responder-lhe — disse Roger, a contragôsto. — Mas tenho cá as minhas dúvidas, as quais, aliás, nem sei como explicá-las.

— Não haverá mais nenhuma dúvida, quando tivermos algemado o monstro — disse Moresby, com otimismo.

— Mas, como é isso? Vocês não terminam a discussão? — resmungou o comissário. — Bem. Vou para a Scotland Yard. Quer vir comigo, Moresby? As fotos devem ser ampliadas agora.

— Realmente, não há muita coisa a fazer aqui... Vamos deixar o guarda à porta?

— Sim. É preciso não permitir, ainda, a entrada de estranhos. Nunca se sabe bem quem presta e quem não vale nada. Penso que não perdemos o nosso tempo... Você vem conosco, Sheringham?

Os representantes da Scotland Yard não tinham, evidentemente, nenhuma intenção de permitir-lhe fazer qualquer pesquisa no apartamento, sem sua presença.

Roger procurou olvidar as impressões digitais, preciosa fonte em romances policiais, mas tão ilusórias por sua ausência na vida real.

— Vou com vocês... Esperem um instante! Penso ter tido uma idéia!

Os dois detetives o encararam sem entusiasmo.

— É sério, Sheringham? — disse Moresby.

— Sim! Disse o sr. comissário que não existia neste apartamento nenhuma impressão digital, provando que o criminoso entrou aqui. Estou de acôrdo, neste seu julgamento; mas apenas quanto ao que se refere ao interior; mas já pensaram em observar... **o exterior**?

— Como o **exterior**? Que impressão digital deixada fóra daqui dêste apartamento, poderia ser-nos útil, sr. Sheringham?

— O senhor esqueceu o botão da campainha, sr. comissário! — respondeu Roger, com voz suave e um tanto irônica.

Moresby achou interessante a sugestão.

— A idéia me parece boa — confessou.

O comissário lhe dirigiu um olhar de menosprêzo, desaprovador. Estava sempre contra as idéias de policiais amadores, contrárias a todos os princípios... Contudo, consentiu em examinar o botão da campainha.

— Com certeza foi o nosso homem a última pessoa que calcou o botão — explicou, com satisfação o jornalista, quando os três saíam até à entrada do apartamento.

— Miss Deeping não deve ter usado a campainha, pois tinha uma chave... E a porta ficou mais ou menos aberta desde então. Vocês se recordam, com certeza, do que disse o porteiro: **o homem não estava enluvado**; levava as luvas na mão. Na certa, êle só as calçou depois de entrar.

O comissário examinou o botãozinho da campainha à entrada do apartamento, com o auxílio de uma lente. Depois, retirou da algibeira pequena caixa contendo um pó prêto, que espalhou na palma da mão e depôs, com muita perícia, formando camada finíssima e uniforme, sôbre a superfície polida do botão. A impressão digital apareceu claramente, destacando-se com suas linhas negras, fazendo contraste com a porcelana branca da campainha.

— Não se trata de dedo de mulher — disse o comissário, sem manifestar a menor emoção. — Creio que marcou um tento, sr. Sheringham. Moresby, mande fotografar isto o mais ràpidamente possível.

Roger se manteve com ar modesto, apesar dessa primeira vitória, e nada disse diante do sucesso.

Capítulo XV

Naquela tarde, não tendo mais o que fazer, Roger se deixou ficar em seu apartamento, a fumar cigarro sôbre cigarro, bem refestelado em cômoda poltrona. Sair? Ir a um teatro, a um concêrto? Impossível. Instantes depois acariciou a idéia de ir fazer uma visita a Moira Carruthers, aquela amiga de Janet, a quem não via há muitos

◆

dias. Mas, lembrando-se de que ela devia estar no teatro, abandonou a idéia. Ao seu espírito veio, então, o nome de Pleydell...

Foi apanhar o indicador telefônico e procurou o número desejado.

Pleydell estava em casa. Roger, usando de mil precauções, disse-lhe que **certos aconetcimentos importantes** tinham surgido desde que haviam almoçado juntos, de maneira que teria muito prazer de revê-lo. Podia Pleydell ir ao seu apartamento?

O noivo de lady Úrsula aceitou o convite com muita satisfação, respondendo que estaria lá num abrir e fechar de olhos.

Roger compreendeu essa pressa. Isto porque, embora se mostrassem discretos, todos os vespertinos haviam registrado o novo drama, ocultando, naturalmente, o particular interêsse que a Scotland Yard tinha no assunto.

O jornalista-detetive anotou, depois, em um caderninho, todos os acontecimentos do dia referentes ao caso, como costumava fazer sempre. Não esqueceu as particularidades das informações do porteiro, as de miss Deeping e a descoberta das impressões digitais na campainha.

Pleydell chegou depois de uns vinte minutos, crivando Roger com uma saraivada de perguntas, embora mantivesse aparente calma, a fim de ocultar a ansiedade e interêsse que transpareciam de todo o seu ser. Repetiu as ameaças de contratar os serviços dos melhores detetives privados; falou mesmo em mandar vir da "Organização Pinkerton" um bom detetive, pois essa famosa agência de New York era tida como a última palavra em ação policial. O relato que lhe fêz Roger sôbre o depoimento do porteiro, e a descoberta das marcas digitais (pelo que Pleydell o felicitou calorosamente, consolando-o da frieza do comissário Green), contribuíram, de algum modo, para acalmar um pouco o visitante. O jornalista se dispôs, então, a encarecer a obra.

— Não menospreze o nosso trabalho, Pleydell. Você me havia prometido não agir individualmente, se eu o pusesse a par do que fôsse ocorrendo. É o que estou fazendo. Pode ficar certo: nós chegaremos a um resultado satisfatório. E veja: Moresby me declarou há pouco, que tinha as mais fortes presunções relativamente ao indivíduo que deixara as impressões digitais.

Pleydell, que se mostrava nervoso, a andar de um lado para outro da sala, ao ouvir essa novidade, estacou, indagando apressado:

— Sério?... E quem será? De quem é a marca digital?

— Moresby não me quis dizer... — respondeu Roger, não sem algum embaraço.

Depois de ter comunicado seu completo acôrdo com a Scotland Yard, era, realmente, muito difícil explicar que êsse perfeito entendimento se achava, não obstante, sujeito a certas restrições. E continuou:

— ... Moresby desejava, antes, verificar a verdade, para então poder afirmar. Tolices... Com certeza houve intervenção do comissário, que não esconde sua má vontade para comigo. Green não gosta de verme colaborando oficialmente com a Scotland Yard.

Roger procurou fazer compreender a Pleydell que os detetives oficiais alimentam, com relação aos seus colegas amadores, os mais negros sentimentos de inveja.

— Mas êle acredita conhecer a identidade do miserável! Ora veja! — disse Pleydell. — É sempre assim! E, palavra, Sheringham! Muito desejo que êles agarrem o criminoso. Além de outras, mais esta pobre moça de agora! Não pude, ao ler os jornais, livrar-me de um certo sentimento de responsabilidade pessoal. Sabendo que o bruto continua em liberdade, eu deveria já ter encontrado um meio de o agarrar, de opor-me... à continuação de seus crimes.

Roger fêz um sinal de assentimento com a cabeça.

— Sei, Pleydell. Você nada mais fêz do que descrever os meus próprios sentimentos. É absurdo, com efeito, mas é horrível pensar que, enquanto você e eu saboreávamos excelente omelete, entre outras iguarias finas, naquele mesmo instante, essa pobre moça era assassinada por brutal enforcamento! Sôbre isso mesmo tive oportunidade de falar ao diretor-adjunto.

Os simples comissários podiam mostrar-se frios com Roger; mas as principais figuras da Scotland Yard o ouviam àvidamente.

(Continua no próximo número)

Em 2.000 anos o CRISTO apareceu 100 vezes!

A notícia da recente aparição do Cristo ao papa Pio XII não é mais novidade. Tôda a imprensa, grande e pequena, quotidiana e hebdomadária a transmitiu a seus leitores com seriedade ou fantasia, em seu laconismo sólido, baseado na única informação confirmada pelo Vaticano ou na versão romanceada de detalhes mais ou menos verossímeis. Não importa. Os fatos se resumem a isto: S.S. Pio XII declarou ter visto o Cristo, na manhã do dia 2 de dezembro de 1954. E explicou: "Eu não dormia. Estava perfeitamente lúcido; não pode tratar-se de um sonho. EU VI." Simples e emocionante, pois uma coisa não exclui a outra.

Simples para o católico conseqüente o papa é o vigário do Cristo. Jesus se manifestou ao seu vigario. Poderíamos até mesmo dizer que o sobrenatural é, no caso, perfeitamente natural.

Simples, também, para o descrente que nega a **priori** o sobrenatural e pode, apesar disso, supor que tudo aquilo que não tem, hoje, explicação, por falta de conhecimentos ou dados suficientes, não é forçosamente inexplicável devido a causas naturais. Emocionante e mesmo assombroso para um e outro. Seja porque o fato de achar o milagre coisa naturalíssima nas mãos de Deus não impede absolutamente que o indivíduo aprecie o caráter prodigioso e sagrado, seja porque o inexplicado conserva um extraordinário prestígio quando se liga a nomes ocupando tão vasto espaço na história do mundo: o Cristo e o Papa.

No momento, muitos crentes e descrentes se mostraram surpreendidos, quase estupefatos ao receber a notícia espantosa por intermédio do ruidoso hebdomadário de grande tiragem, entre as catadupas de informações semanais as mais diversas. Para sentir devidamente essa emoção e entender como é devido essa notícia, é evidentemente necessário recebê-la com "fiel", pois no caso só o fiel pode entrever os fatos sob o próprio ângulo em que os narrados ocorreram.

Sôbre o tema escreveu André Frossard:

"O sobrenatural caindo no "Diversas Notícias", ao lado da notícia de um **cão esmagado por motocicleta**, parece perder uma parte do respeito que lhe é devido; mas seria realmente dar provas de singular estado de espírito subordinar o valor da mensagem à qualidade do mensageiro. Por outro lado, não devemos esquecer que o fato devia ser mantido em segrêdo e assim ocorreu, realmente, cêrca de um ano. O santo padre confiara apenas a alguns íntimos familiares a visita maravilhosa, recebida na fase aguda da sua enfermidade.

Uma simples indiscrição e a notícia, de bôca em bôca chegou à mesa do redator-chefe do jornal italiano "Oggi", que não tinha nem tem por que esconder as aparições. Colocado diante da necessidade de confirmar ou desmentir, o Vaticano se viu na obrigação de autenticar as revelações do jornal. Não podiam as altas autoridades da Igreja negar um fato sobrenatural a pretexto de que o papa tinha sido a única testemunha ou o público informado por um jornal qualquer e não o 'Osservatore Romano".

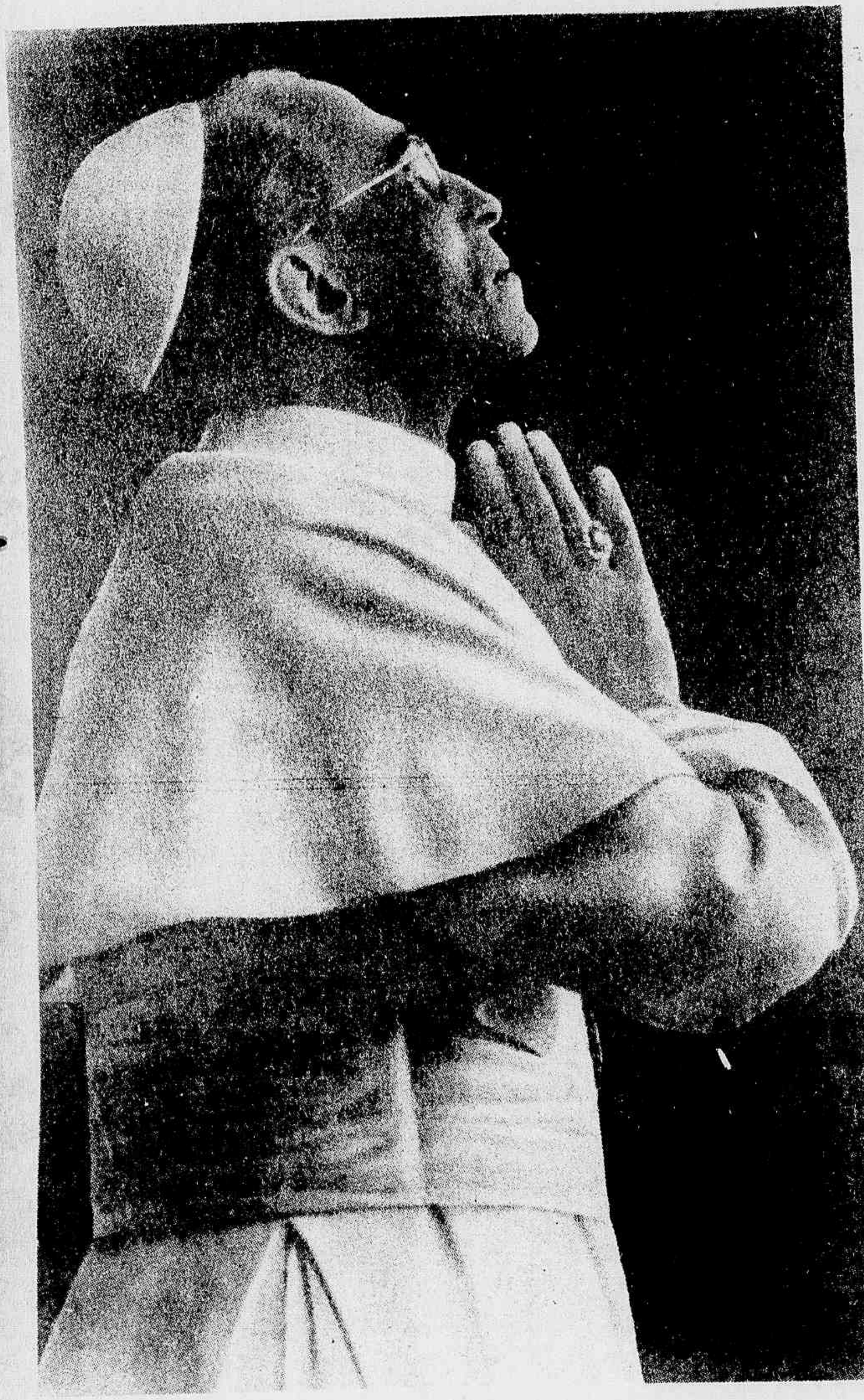
E, realmente, porque não temos o coração assaz puro, a alma bastante atenta para receber o que foi dado a S. Paulo, a São Francisco de Assis e tantos outros, devemos pensar que êles sonharam? Não faltarão os psicólogos modernos para sustentar e falar de fantasmas e de alucinações. Mas uma alucinação e uma aparição não têm, a rigor, nada de comum. Uma aparição é fato de experiência mística, e podemos, sem receio, acrescentar que é uma experiência que nenhum psicólogo moderno jamais teve da mesma que um biologista só tem experiência pessoal da morte quando morre... e nada mais pode dizer a respeito.

No seu máximo de intensidade, uma alucinação pode revestir a aparência de uma realidade objetiva, mas no seu mais frágil grau de potência, pelo testemunho universal dos místicos, a visão sensível,

imaginativa ou puramente intelectual sobrepassa sensìvelmente a tôda realidade natural em brilho, densidade, certeza e pêso de evidência. Um alucinado pode "ver" um elefante em seu quarto e mesmo receber um golpe de tromba na cabeça; no limite extremo, seu sonho poderá dar-lhe a sensação da existência material. Mas na visão mística, ao contrário, o mundo material parecerá tocado de uma certa irrealidade diante da irrupção brusca de uma luz que relega nosso sol para o plano dos lumes fumarentos, e sôbre a qual o psicólogo fica reduzido às conjecturas enquanto não tiver feito, pessoalmente e não pelos livros ou terceiras pessoas, a experiência da vida espiritual.

Uma aparição não sendo uma coisa ordinária, para o cristão é totalmente o contrário de uma coisa incrível. E pôsto que seus olhos está demonstrado que tal acontecimento pode ocorrer, nada se opõe, em verdade, a que um papa seja o beneficiário.

Os que puderam aproximar-se de Pio XII, seja em Roma, seja a mercê das democráticas audiências de Castel-Gandolfo, não se surpreendem ao ouvir contar que êsse papa, cujas palavras parecem entremeadas de preces, tenha recebido uma ou várias vêzes a graça excepcional de um contacto direto com o universo sobrenatural. Em Pio XII, tudo indica o homem de ação e o espiritual autêntico; não serão as personagens oficiais, que êle mantém imóveis em seu séquito durante intermináveis devoções, que duvidarão de suas faculdades de concentração e de recolhimento. Os fiéis sabem que é justamente para essas almas vibrantes de vida interior que o céu se entreabre, às vêzes.



CONTANDO-SE as aparições do Cristo sôbre a terra desde a sua ressurreição dentre os mortos — para empregar a próprio linguagem dos Evangelhos — é possível, a vontade, enumerar apenas uma dúzia ou, no mínimo, uma centena, segundo se pretenda levar em consi-

Para quarenta e três milhões de sêres humanos, o papa é um vice-rei e, de certa forma, a própria presença do Cristo sôbre a terra. Não deve, pois, surpreender a notícia do seu recente encontro

deração apenas as que colocaram a pessoa do Homem-Deus em presença dos sentidos exteriores dos que foram beneficiados (os que viram com os próprios olhos, ouviram com as próprias orelhas, tocaram com os próprios dedos), ou aceite tôdas as aparições que se dirigiram, segundo parece, aos sentidos internos e constituem, em suma, o que, com ou sem razão, chamaram de visões intelectuais.(*)

Tudo isso, no fundo, tem ligeira importância, pôsto que num e noutro casos podemos legìtimamente falar de **aparições reais**: "manifestações extraordinárias e sensíveis de um ser seja espiritual ou corporal". Ora, dessas manifestações a vida dos santos está cheia, no curso da história da Igreja. Os poucos exemplos que apresentaremos, serão suficientes para demonstrar a compenetração permanente do sobrenatural e do "terrestre", que o cristão admite sem hesitar.

Não perderemos muito tempo com as aparições do Cristo logo após sua Ressurreição e registrada pelos Evangelistas. São as pouco conhecidas, as únicas, de resto, consideradas absolutamente indiscutíveis para todo cristão.

Através os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos e as Epístolas (S. Paulo) foram citadas e descritas, de maneira detalhada, 7 pelo menos. E não se trata de um fantasma, mas de uma "aparição" que podia dizer: "Sou eu realmente. Tocai-me e tereis a certeza, porque um espírito não tem nem carne nem ossos, como bem vêdes que tenho." (Lucas 24-39). E, no entanto, êsse corpo passa através as portas fechadas (João, 21-19) e sobe para o céu (Marcos, 16-20). Apontaremos ainda, de memória, a aparição às santas mu-

lheres, perto do sepulcro vazio, na **própria manhã** da Ressurreição; a seguir aos discípulos de Emmaus, aos Apóstolos Reunidos em Jerusalém, provàvelmente duas vêzes; depois na Galiléia, sempre aos Apóstolos, e a mais de 500 discípulos dos quais alguns ainda viviam no momento em que S. Paulo escreve aos corintianos (1 Cor. 15-16); sôbre a montanha da qual subiu para o céu; finalmente a Paulo, na estrada de Damasco: "Após todos êsses, Êle também apareceu a mim, como ao abôrto" — disse

---

(*) Num e noutro casos, para dar algum valor a êsses números, é preciso admitir apenas os fatos relatados, de maneira certa nas Escrituras ou aquêles que a Igreja, acolhendo-os após severo inquérito, indicou que se devia aceitar como autênticos.

Uma das primeiras, uma das mais autênticas, uma das mais célebres aparições do Cristo foi aos discípulos de Esumaús. E célebre duplamente porque é mais conhecida essa tela de Rembrandt que a narrativa do Evangelho de São Lucas...

modestamente o apóstolo. Uma tradição muito antiga, relata que o Cristo apareceu ainda uma vez a Pedro, nas portas de Roma, no momento em que êle fugia à perseguição do imperador Nero. Nessa ocasião viu o Cristo, carregando sua cruz e caminhando em sentido inverso: para a cidade. Foi quando Pedro fêz ao seu Senhor a pergunta que ficou célebre: Quo vadis, Domine. (Aonde vais, Senhor?) — Vou a Roma, para lá ser crucificado... e sepultado sôbre o monte Vaticano.

Ali se eleva, hoje, a basílica de S. Pedro de Roma; ali, recentes escavações permitiram encontrar o túmulo de Pedro.

Do primeiro milênio, entremeado de lendas em que o prodígio cristão se mistura fàcilmente com o fantástico, poucos textos seguros chegaram até nós, para que seja possível tecer considerações.

Afirmaram alguns cronistas que o papa Silvestre I, 32.º sucessor de S. Pedro, recebeu a visita do Cristo, que lhe anunciou o fim das perseguições no Oriente para os anos 323 ou 324. Nenhuma tradição bastante firme pôde ser estabelecida e tôda a glória do santo homem se resume, para nossos contemporâneos, no fato de ser êle o padroeiro do último dia do ano. No fim do século IX encontramos mais seguramente São Anjo, religioso da ordem do Carmo, oriundo de uma família judia da Palestina e que morreu em 1125 pela fé cristã. Êle viu Jesus, ao qual perguntou quando libertaria Jerusalém do jugo muçulmano. Jesus respondeu: "Um rei se elevará, finalmente, da antiga raça dos reis de França e de uma grande piedade por Deus". Após que a aparição se desvaneceu numa luz que cegava.

Devemos admitir que se tratava das Capitulações que seriam assinadas por Francisco I e pelas quais o Grão-Turco "libertava" o culto cristão nos lugares santos?

Um século mais tarde, S. Francisco de Assis, um dos santos mais populares foi beneficiado com várias aparições sensíveis do Cristo. Seus anais relatam primeiro que, um dia, estando em orações na Igreja S. Damiano, de Assis, diante de um quadro no estilo bizantino representando um Cristo crucificado, viu repentinamente o quadro animar-se e ouviu Jesus dirigir-lhe a palavra nestes têrmos, repetidos três vêzes: "Olhai, Francisco, minha igreja cai em ruínas; ide, reparai-a..."

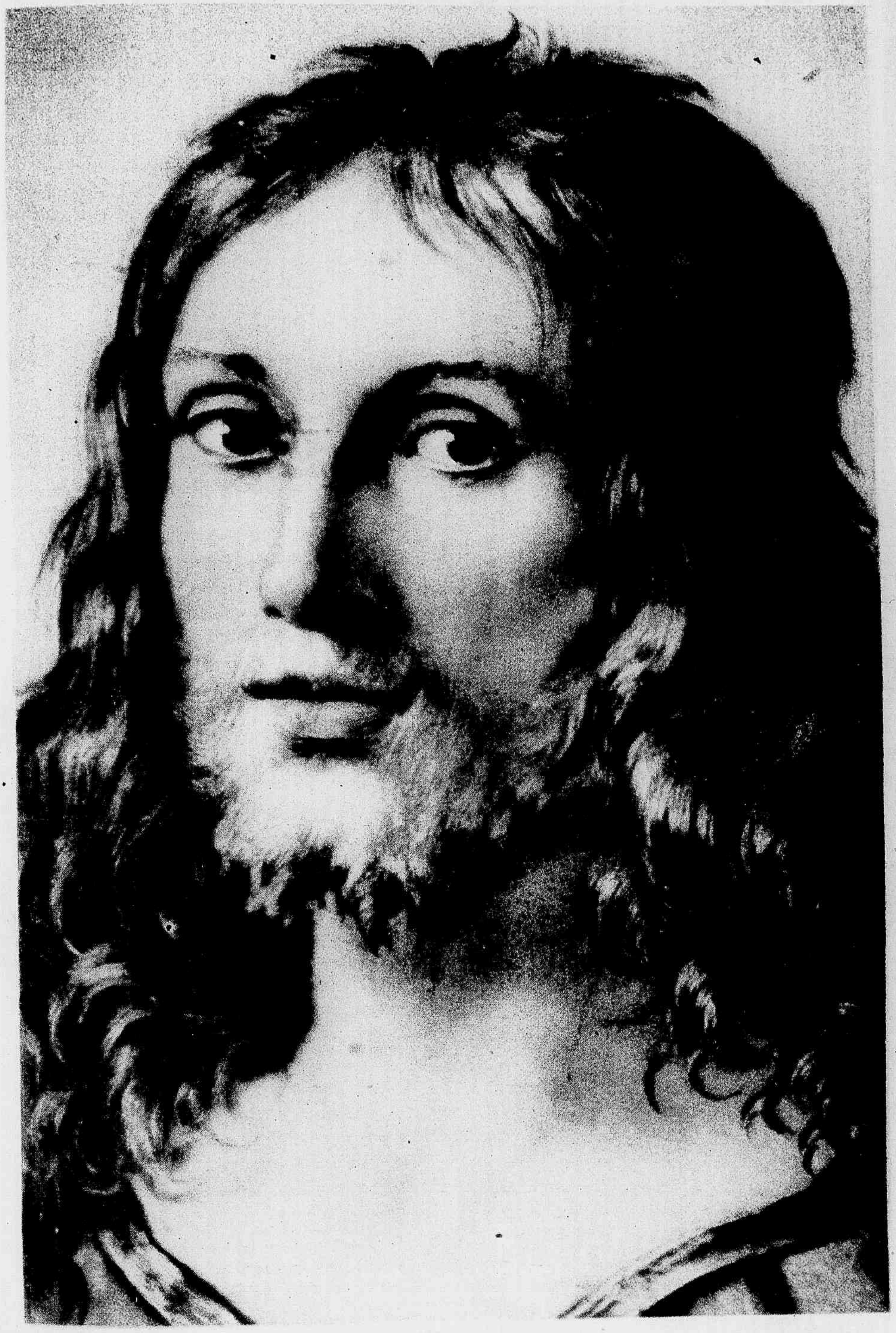
Francisco tomou, primeiro, essa ordem ao pé da letra; compreendeu, em seguida, que se tratava de uma restauração moral.

Muito mais tarde, se nos reportarmos às "Fioretti" (As pequeninas flores de São Francisco de Assis), assiste-se a um encontro ainda mais impressionante:

"Um menino, admitido na ordem, sendo S. Francisco ainda vivo, ficou num convento modesto, onde os irmãos dormiam sôbre a própria relva do campo, ao ar livre.

"S. Francisco estêve nesse convento e o menino decidiu observar onde o santo

Ao lado, "O Cristo", de Carraci (Aníbal) — Galeria Real de Dresden (Alemanha).



homem ia, tôdas as noites. Para tanto instalou seu pobre leito ao lado do leito de S. Francisco e atou o cordão da sua cintura ao do santo, a fim de sentir o movimento do mesmo, quando se levantasse.

"Quando todos adormeceram, S. Francisco se levantou e sentindo que seu cordão estava prêso desatou-o do cordão do menino. Êste acordou, por sua vez, pouco depois e seguiu o santo, para ver o que fazia. Assim chegou ao alto da colina, onde São Francisco se havia instalado para orar.

"Aproximando-se, viu uma luz maravilhosa que cercava o santo de todos os lados; e nessa luz descobriu o Cristo, a Bem-aventurada Virgem Maria e os Bem-aventurados João Batista e João Evangelista, com uma grande multidão de anjos, ocupados em conversar com o santo."

A última aparição histórica é a que precedeu de dois anos a morte do santo e no correr da qual êle

Jacinta, Francisco e Lúcia, três crianças às quais a Virgem apareceu em 13 de maio de 1917, marcando novo encontro com êles para o mesmo dia 13, 5 meses depois.

Também o papa Pio XII, mais de 30 anos após as crianças de Fátima, foi testemunha do mesmo prodígio, tendo, então, nesta oportunidade, recebido da Virgem Maria misteriosa mensagem.

recebeu em sua carne os estigmas da Paixão (1124). Assistimos nisso a uma espantosa transposição; não é o corpo glorioso do Cristo que aparece, mas seu símbolo vivo, que não é menos real. Ouçamos, a êsse respeito, o testemunho do discípulo e companheiro de Francisco, Irmão Leão:

"Estando o bem-aventurado Francisco na ermita do Alverne, teve a visão divina de um homem semelhante a um serafim, que ostentava seis asas que se mantinham sôbre êle, os braços bem abertos e os pés juntos, presos a uma cruz. Duas de suas asas se erguiam acima da cabeça, duas outras se abriam como para alçar vôo, as duas últimas, enfim, velavam todo o seu corpo. Francisco parecia extremamente m a r a v i-lhado..."

COM santa Gertrude, a grande mística alemã do século XIII, conhecemos as visões sôbre as quais não podemos afirmar

"Na quarta noite, Jesus foi até êles caminhando sôbre o mar". (S. Mateus, Cap. 14-V-25)

se são aparições dirigidas aos sentidos externos ou internos. Um e outro, talvez. Abadessa do seu convento, no fim do século, muito culta, escrevendo latim com perfeição, santa Gertrude teve inumeráveis êxtases durante os quais encontrava-se em tête com o Cristo. A seguir relatava suas visões com palavras de amor que encantavam a quantos a ouviam.

Santa Ângela de Foligno, morta em 1309 também teve numerosas visões, célebres por seu realismo.

— "Um dia — disse ela — a imagem do Homem-Deus apareceu diante dos meus olhos no instante da descida da cruz. O sangue estava fresco, rubro; escorria das feridas abertas; vinha do interior do seu corpo. Então nas juntas eu vi tão grandes rasgões, os nervos de tal forma deslocados pelos esforços dos algozes, que senti uma lança atravessar-me de lado a lado..."

Um pouco mais tarde, santa Brígida, com a idade de 10 anos tem suas primeiras visões do Cristo, no estado em que era pregada na cruz, e que lhe disse: "Assim fui ferido". Brígida, não compreendendo como o Salvador podia ser assim novamente crucificado, respondeu:

— Oh, Senhor! Quem vos tratou assim?

— Os que me desprezam e desdenham meu amor — respondeu o Cristo.

Aparição do Menino Jesus a Santo Antônio. (Quadro de Murillo — Catedral de Sevilha.)

Pouco depois da morte do príncipe sueco, seu espôso, Brígida viu uma nuvem luminosa e ouviu, como antes ouviram os filhos de Israel no monte Sinai, o Senhor que lhe dizia:

— Eu sou o teu Deus, que quer falar contigo.

Brígida teve, a partir de então, freqüentes êxtases.

Foi também com a idade de 10 anos que a grande Catarina de Siena teve a sua primeira visão do Cristo, que estendia sôbre ela as suas mãos, para a abençoar.

No século XVI, a grande santa Teresa de Ávila teve realmente aparições do Cristo no sentido próprio do têrmo?

Ela própria escreveu:

— Jesus não se mostrava a mim sob uma forma sensível, porém impunha-se ao meu entendimento por um conhecimento soberanamente claro que excluía a dúvida.

Mas não é êsse um tipo de visão intelectual? No entanto, certas visões parecem assaz "sensíveis", pois, em seu êxtase, santa Teresa de Ávila via a seu lado um anjo de grande beleza, dos que formam a coorte dos espíritos superiores, mergulhar numa espada chamejante em suas **entrailles** (entrailles significava **peito, tórax** nos séculos XVI e XVII) e retirar seu coração, que depois apresentava a Deus. Essa visão, que deixava a santa quase morta do amor por Deus, renovou-se várias vêzes. As Carmelitas festejam ainda hoje essa visão, chamada **Transverbação do coração de santa Teresa**.

Mas eis que o Cristo intervém algumas vêzes de maneira mais direta. Eis o que encontramos na Vida de santa Teresa, de Marcelle Auclair:

"Ante o fracasso de uma de suas obras, à qual se dedicara com tanto zêlo, a santa vai fechar-se, um dia, em sua célula, ora e chora recusando o alimento. Enfim, uma das irmãs a conduz esforçadamente ao refeitório e a convence a comer alguma coisa, a fim de não sucumbir à fraqueza.

Ela, porém, continuava imóvel diante do prato, e olhar distante. Mas, repentinamente, vou Jesus, em sua veste de linho, de pé, junto da mesa e que lhe deu de comer o pão, bocado a bocado, como se faz com as crianças. E disse-lhe:

— Come, minha filha. Bem vejo como sofres. Coragem! Isto nada é...

Ana-Catarina Emmerich, camponesa da Westphalia no início do século XIX, via, sendo ainda uma menina, o seu anjo da guarda... e o bom Pastor. Tornando-se monja teve muitas vêzes a aparição do Cristo.

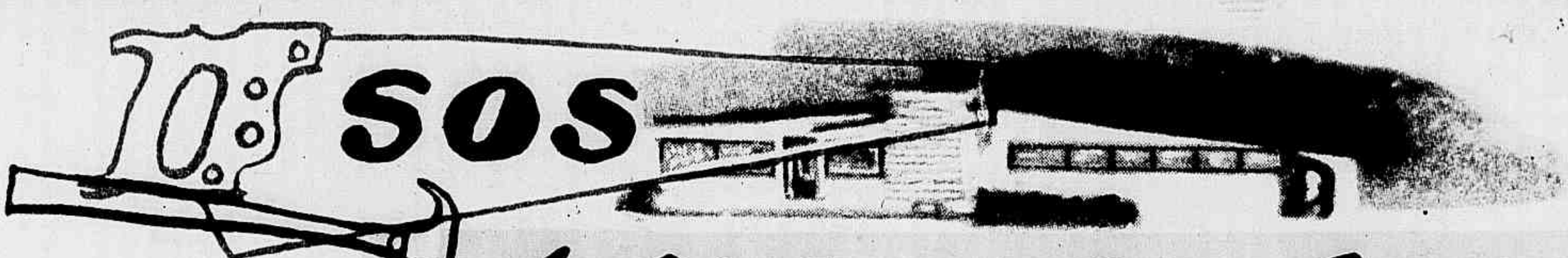
"No Natal, por exemplo — afirmava ela — estive com Jesus, no seu berço em Belém. O pobrezinho tinha febre e me revelou seu sofrimento."

"Tudo o que vejo — explicava ainda — me é mostrado com as formas e as feições; e a linguagem é para mim mais lacônica e mais compreensível também que outra qualquer, porque os homens são também formas que caem sob os nossos sentidos e não puramente palavras ou abstrações."

"No meu 24.º aniversário, estava ajoelhada diante do crucifixo e orava fervorosamente quando, repentinamente, vi meu noivo celeste sair do tabernáculo, sob a figura de um homem moço cercado por um halo de luz. Aproximou-se tendo numa das mãos uma coroa de flores e na outra uma coroa de espinhos que logo colocou em minha cabeça e que eu mesma enterrei com tôdas as fôrças de minhas mãos. Depois desapareceu e imediatamente senti terríveis dores de cabeça."

Poderíamos ainda citar numerosos casos do mesmo gênero desde a antiguidade até os anos mais recentes. Em sua maioria foram objeto de um inquérito ordenado pelas autoridades religiosas.

Esta rápida viagem através do maravilhoso cristão não pretende ser nem o catálogo de tôdas as aparições do Cristo, nem uma parte das crenças que todo fiel é forçado a adotar. Longe de nós! A Igreja adota para a canonização dos santos uma conduta que nos dá a entender que admite vários dêsses fatos. Tal atitude indica que o fiel pode e deve prudentemente aceitar as mesmas como autênticas. De qualquer maneira, o interêsse revelado pelos homens de hoje, crentes ou não, pelos fatos que vão além da sua imaginação ou compreensão, é prova suficiente do quanto o mundo atual precisa do maravilhoso.



10 SOS para o seu lar

PARA remover papel da parede aconselhamos passar sôbre esta um cilin-

dro molhado com água quente e espuma de sabão, aplicando pequenas porções de cada vez. Dêsse modo, o papel se despregará fôlha após fôlha, e o cilindro, que deverá ser de papelão, ficará em perfeito estado depois de secar.

OS papéis de "Instruções e Modos de Usar" que sempre acompanham utensílios, brinquedos e muitos objetos domésticos comprados no comércio, quase sempre se perdem ou são lançados na lata do lixo. A fim de resolver uma infinidade de problemas cotidianos, organize um livro que se tornará o seu "Guia de Instruções". Cada nota importante que o leitor encontrar deverá pregar numa página do livro. Deverá organizar, também, um **índice alfabético**, para que possa, com facilidade, fazer acréscimos ou substituir anotações. Assim, saberá onde encontrar as respostas para cada problema.

SE o leitor necessita de um banheiro **extra**, um recente projeto ensina como instalar o chamado "banheiro interior" (sem janelas) e que é dotado de inúmeras vantagens. Sem as limitações relativas à posição, poderá ser localizado numa área que atenda, ao mesmo tempo, as conveniências próprias e a economia de espaço. Um banheiro "interior" pode ser conservado mais quente com a utilização de menos calor, e, além disso, não há janelas sôbre a banheira pròpriamente dita. Um exaustor é mais útil para fornecer a ventilação necessária e remover a umidade.

TÁBUAS semelhantes às que são usadas pelos alfaiates atendem a várias finalidades: escrever, costurar, servir o café na cama, etc. Podem ser construídas de madeira com-

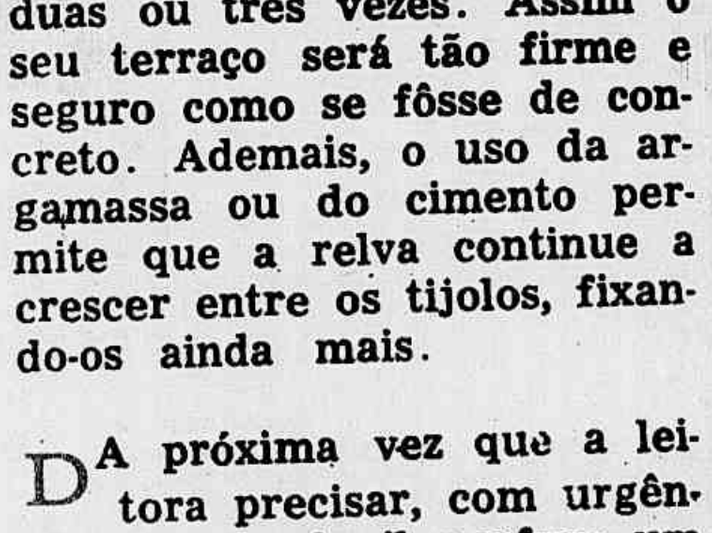
pensada, com um corte lateral, perfeitamente adaptável à cintura.

SE a leitora possui máquina de costura portátil, compre mesa daquelas que têm "esconderijo" para máquina de escrever, introduza a máquina na cavidade respectiva e cubra a parte superior da mesa com um tôldo de matéria-plástica. Dêsse modo, não sòmente a máquina ficará dissimulada, quando não estiver em uso, como as grandes gavetas dêsse tipo de mesa oferecerão mais espaço do que os comuns das máquinas de costura.

SE o leitor está em dúvida a respeito da qualidade e tipo de tinta usada numa parede, ou em qualquer outro lugar, procure friccionar uma pequena área com um trapo molhado em água quente. Se tôda a tinta se desprender, é sinal de que se trata de calcimina; se a côr aparecer no pano, trata-se de tinta dissolvida na água; no caso de não desbotar, é tinta **à óleo**.

DESEJA o leitor, por acaso, construir um terraço fora de casa? Então faça o seguinte: depois de colocar os tijolos ou pedras talhadas sôbre a areia, preencha as fendas que ficam entre os blocos sólidos com argamassa ou cimento, molhando com água duas ou três vêzes. Assim o seu terraço será tão firme e seguro como se fôsse de concreto. Ademais, o uso da argamassa ou do cimento permite que a relva continue a crescer entre os tijolos, fixando-os ainda mais.

DA próxima vez que a leitora precisar, com urgência, de um funil perfure um buraco no fundo de uma lata de conserva vazia. Use uma :ovela ou um atarraxador,



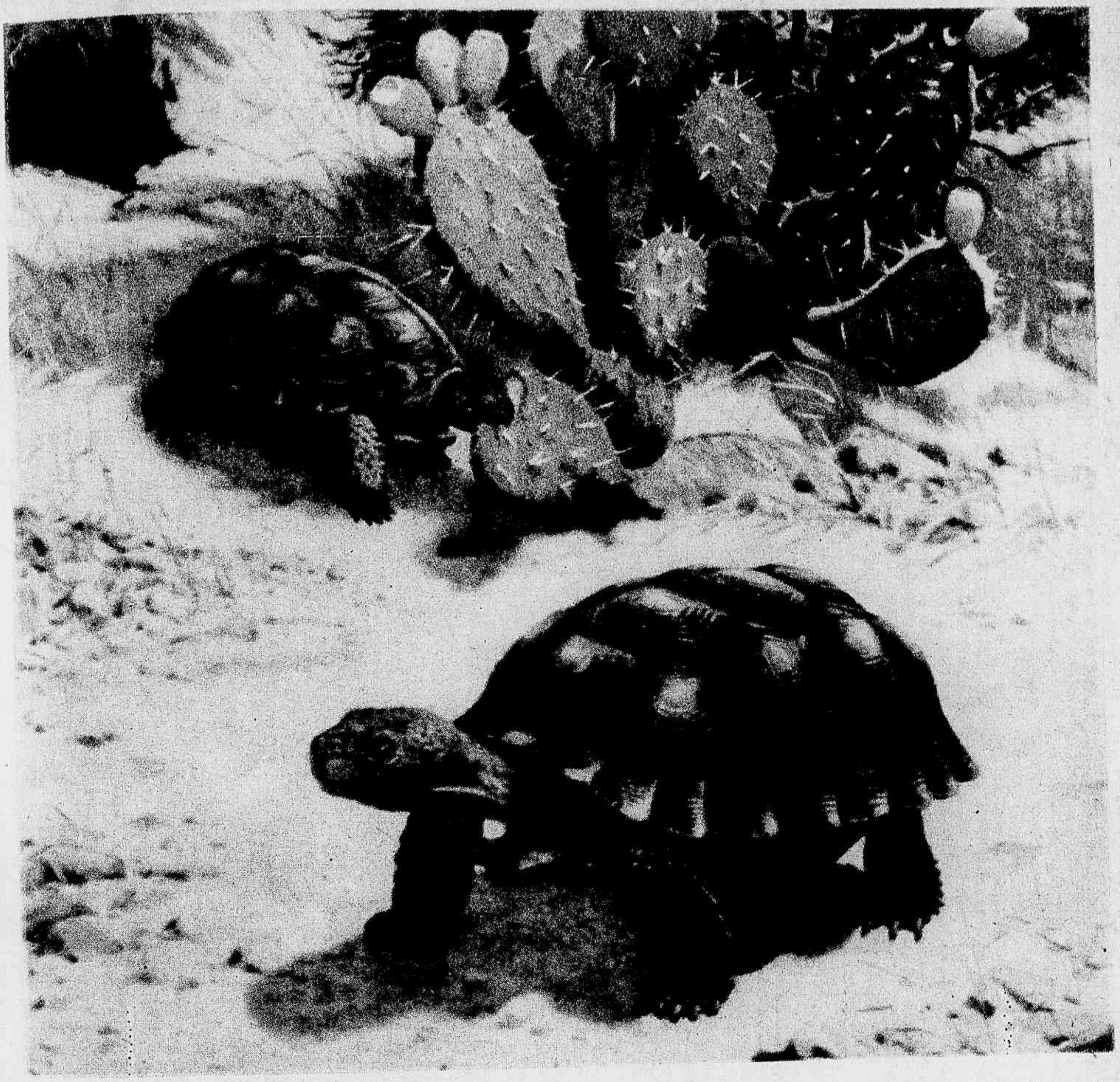
fure de dentro para fora e deixe os bordos do buraco para fora a fim de facilitar a saída do líquido.

VIVA COM MAIS CONFÔRTO

NÃO é possível que numa casa de campo ou de arrabalde não haja espaço para ser aproveitado com sentido prático e econômico.

Tanto pode ser na parte lateral ou nos fundos. A verdade é que geralmente há um alpendre qualquer, um telheiro, feito sem qualquer plano mais importante e que serve quase sempre, para fugir do sol ou da chuva sem deixar de estar fora de casa.

O que apresentamos, acima, é magnífico exemplo. O telheiro vem sendo aproveitado para guardar automóvel e oficina mecânica. Na ausência do veículo serve, ainda, para outras coisas mais e até como depósito de brinquedos quebrados e coradouro de roupa. Mas..., positivamente, não é o ideal! Não é aquilo que podia ser! E, se querem sugestões, aqui estão duas, que apresentamos abaixo. Um estúdio envidraçado e ventilado e, na base do clichê, uma sala de refeições e de leitura, que poderá ser envidraçada, com janelas rasgadas do teto ao chão e... refrigerada! Será, sem dúvida, um lugarzinho favorito de todos os de casa.



Os quelônios do deserto saem pouco ao ar livre e sòmente nos dias de sol fraco, pois são forçados a regular a própria temperatura do sangue e não podem suportar o sol muito quente, como os mamíferos. Aparecem de manhã bem cedo, ao fim da tarde ou logo após as chuvas. São invulneráveis aos outros animais quando recolhidos às suas carcaças, menos ao homem.

OS "TANQUES" DA NATUREZA

AS tartarugas são répteis de antiga e boa linhagem. Seus antepassados fósseis têm sido encontrados em rochas de pelo menos 175 milhões de anos! E quando dizemos tartarugas, referimo-nos a todos os quelônios; isto é: as tartarugas dos mares e dos rios e bem assim os cágados, os jabotis, que vivem em terra, sob velhos troncos caídos, em tocas nos grandes desertos arenosos ou nas extensões de vegetação rasteira, onde se alimentam de cactos e pequenos frutos. Um dos maiores fósseis dêsses quelônios terrestres foi encontrado no norte da fndia. Media dois metros e trinta e dois centímetros e tinha 98 centímetros de altura. Êsses fósseis deram aos cientistas a certeza de que durante a longa Idade dos Répteis, êsses quelônios floresceram sôbre todo o mundo, com exceção, talvez, das espêssas camadas de gêlo circumpolares; segundo parece, o frio

é o seu único real inimigo. Seus descendentes são encontrados, atualmente, em quase tôdas as regiões do mundo não sujeitas a um pesado e perpétuo inverno.

A tartaruga, como o cágado — êste caracterizando todos os chamados quelônios terrestres, ocuparam sempre considerável espaço na mitologia e no folclore. Muitos

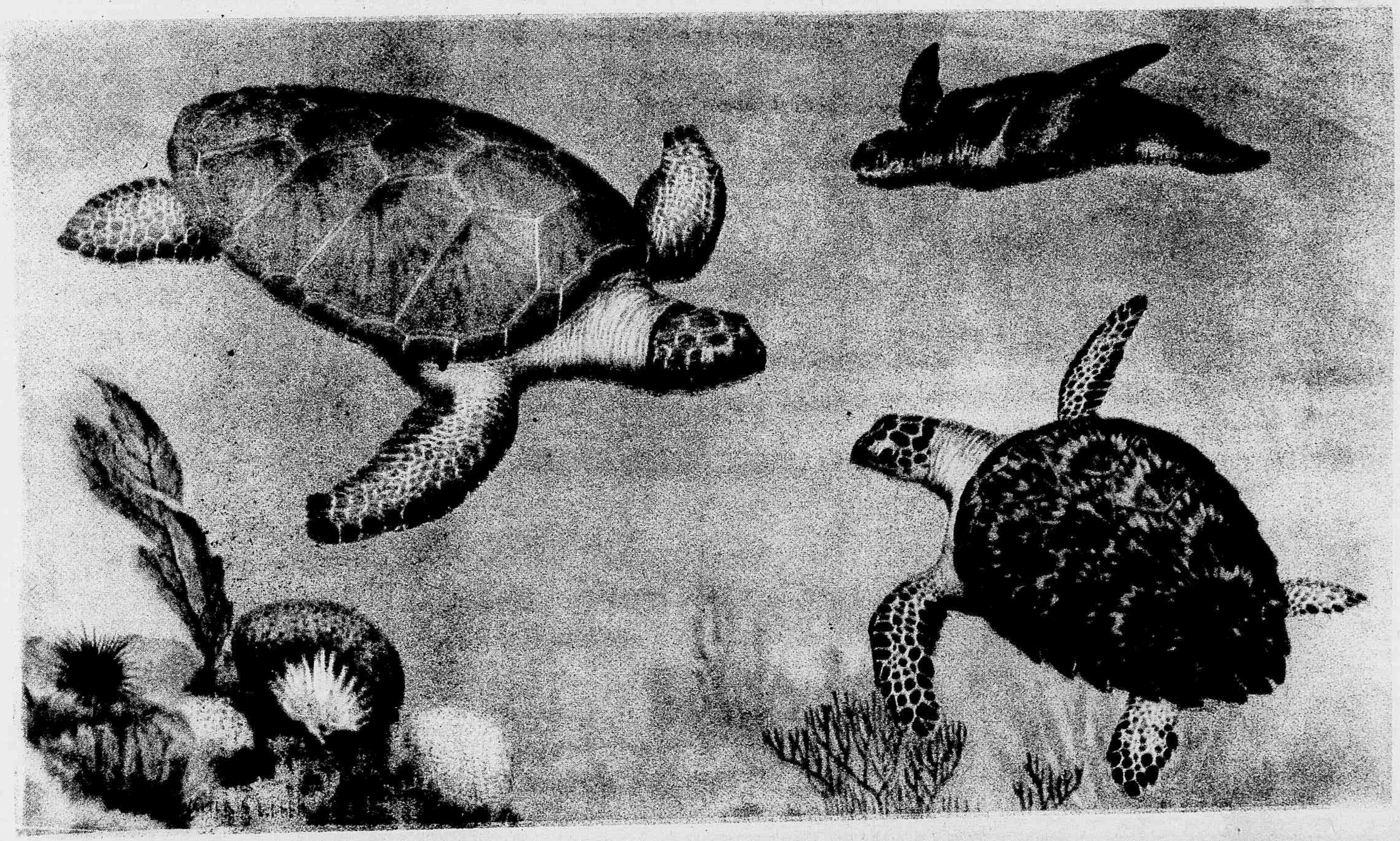
As tartarugas ouvem com seu ouvido externo. Sua pele, ultra-sensível, colhe tôdas as vibrações na água ou em terra. Os quatro tipos que apresentamos são comuns nas três Américas.

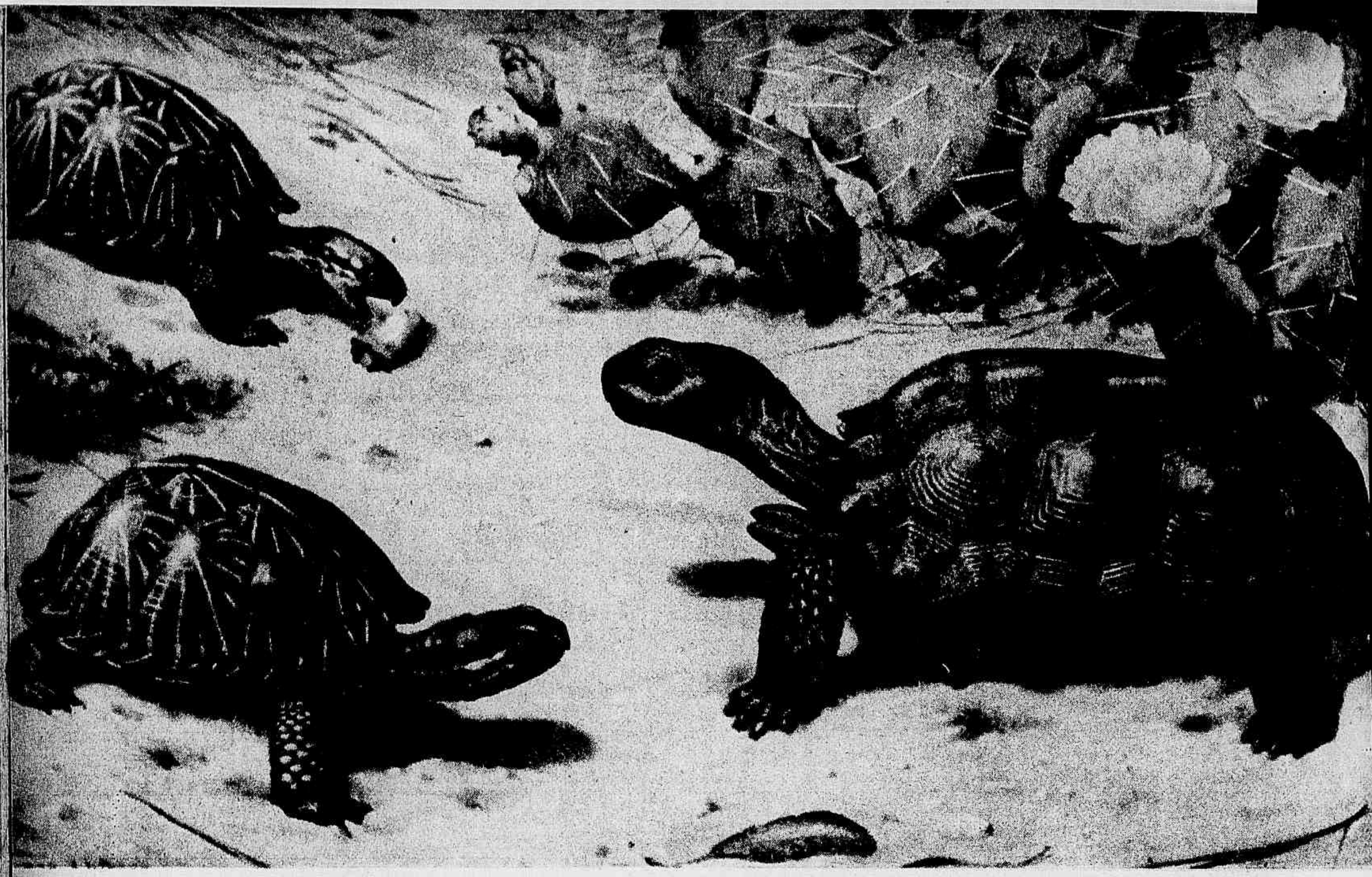
povos asiáticos acreditaram que o próprio mundo repousava sôbre o dorso encouraçado de um dêsses animais.

Nos complicados cerimoniais religiosos, como também nas "artes medicinais" dos índios das Américas, o casco da tartaruga é material indispensável como repositório de remédios ou capacete de feiticeiros. Isto desde a região centro e sul da América do Norte até o Paraguai. A longevidade e a resistência da sua natural couraça são as principais causas dessa preferência quando se trata de curar um doente ou enfrentar um perigo maiúsculo.

Inofensivas e bastante valiosas como alimento (Ah! Se o leitor não comeu ainda ovos de tartaruga com farinha, à moda do Amazonas e do Pará, ou provou uma suculenta sopa de tartaruga, não conhece nada em matéria de pratos gostosos!) a tartaruga, como o boi, é aproveitada cem por cento, pois, além da sua carne, de primeira qualidade, como gôsto e suculência, ainda fornece o seu casco para diferentes indústrias, da mesma forma que óleo. Com tudo isso êsses quelônios tinham

A TARTARUGA MARINHA vive a primeira parte da sua existência num constante terror dos tubarões; precisam ganhar tamanho para sobreviver no seu mundo predatório. Á direita (ao alto) a maior de tôdas chega a pesar setecentos e cinqüenta quilos. A da esquerda (verde) é famosa pelo sabor da sua carne, enquanto a última (imbuia) alcança alto preço no mercado em virtude da grande beleza de sua carcaça.





O deserto guarda água para aquêles que sabem onde encontrá-la. A gravura mostra diferentes espécies de quelônios terrestres (cágados, jabotis — testudo tabuleta) em busca de frutos e plantas suculentas. Durante a noite, êstes animais retiram-se para tocas construídas na areia.

que ser, como são, popularíssimos, estando presentes num sem número de lendas e anedotas e, mais recentemente, figurando entre as "estrêlas" dos desenhos de Walt Disney.

Como se verifica, as tartarugas, como seus irmãos terrestres são bichos muito simpáticos, mas que, como outros indivíduos igualmente simpáticos, não podem mais viver em paz na vertigem da nossa vida moderna, especialmente nas grandes estradas ou nos caminhos mais modestos.

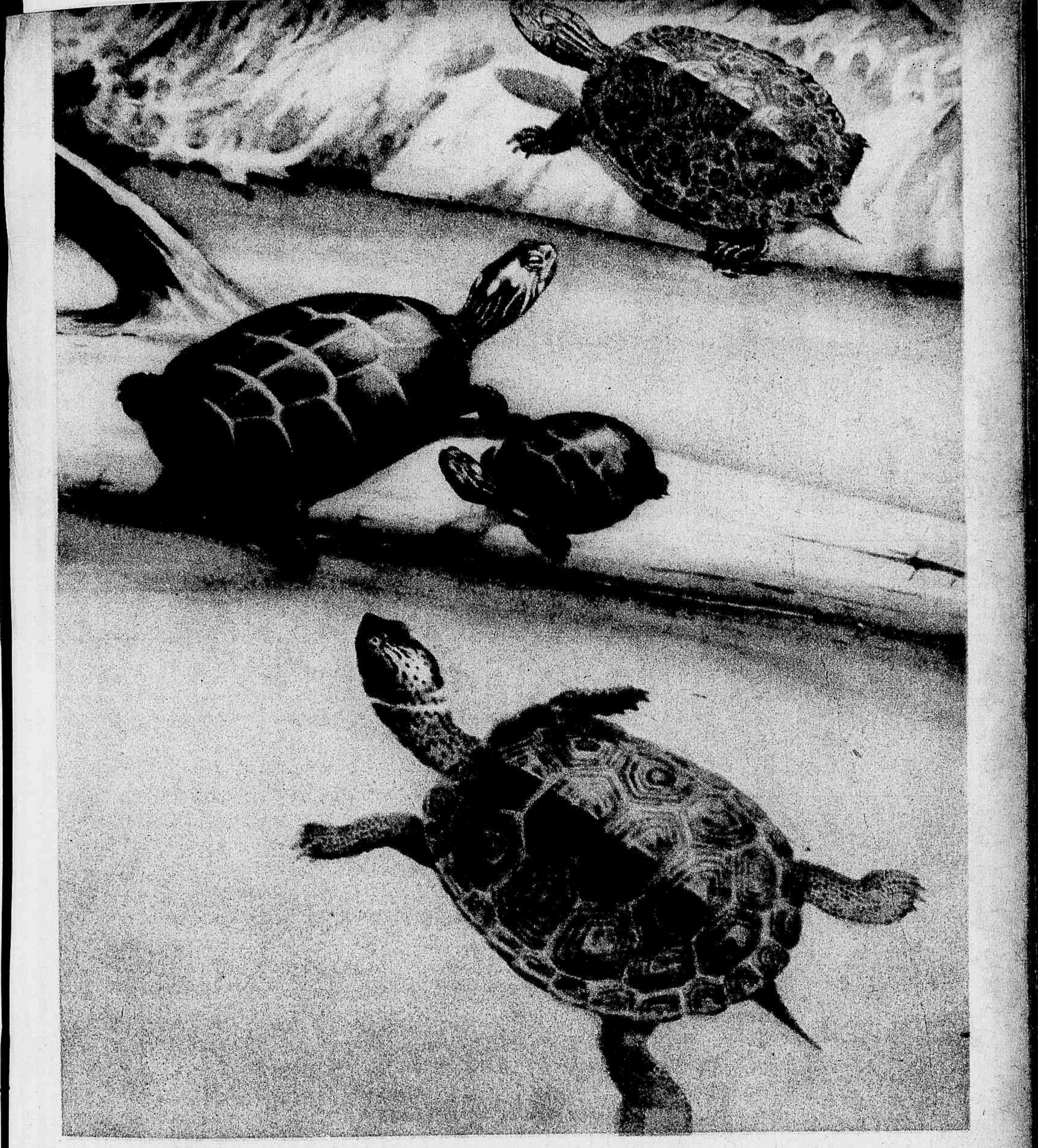
De fato, sem que tenha sido explicado até o presente, o espaço mais claro e liso do centro de uma moderna auto-estrada exerce uma irresistível atração sôbre êsses quelônios, que preferem os benefícios dos raios solares sem qualquer outro obstáculo senão o da própria couraça.

COM exceção das espécies puramente marinhas, que algumas vêzes visitam as costas norte-americanas, a tartaruga-aligator é a maior entre tôdas as existentes nos Estados Unidos. São encontradas nas costas dos Estados litorâneos com o Gôlfo do México e ao longo das águas do Mississipi. A despeito de suas grandes dimensões, seus hábitos são pouco conhecidos.

Em média, a tartaruga-aligator tem uma couraça medindo uns sessenta centímetros de comprimento e com o pêso de 70 quilos, embora alguns exemplares tenham acusado o pêso extraordinário de 100 quilos. Só a cabeça mede 28 centímetros de comprimento!

Um rápido olhar para a cabeça, de aspecto feroz, e a bocarra terrível da tartaruga-aligator convencerá qualquer caçador submarino de que êsse animal é dêsses que convém deixar **p'ra lá**.

Em cativeiro, mesmo as tartarugas jovens dessa espécie Aligator (Ma crochelys temminckii) são destruidoras e temíveis e se seu tratador não fôr pessoa prevenida não tardará a perder alguns dedos, trincados gulosamente por uma aligator. Da mesma forma não podem ser colocadas juntamente com outras espécies num mesmo curral, pois atacariam imediatamente suas companheiras e matariam mesmo as de porte maior que o seu. Da mesma forma não podem ser colocadas em tanques contendo peixes dourados, trutas ou qualquer outro



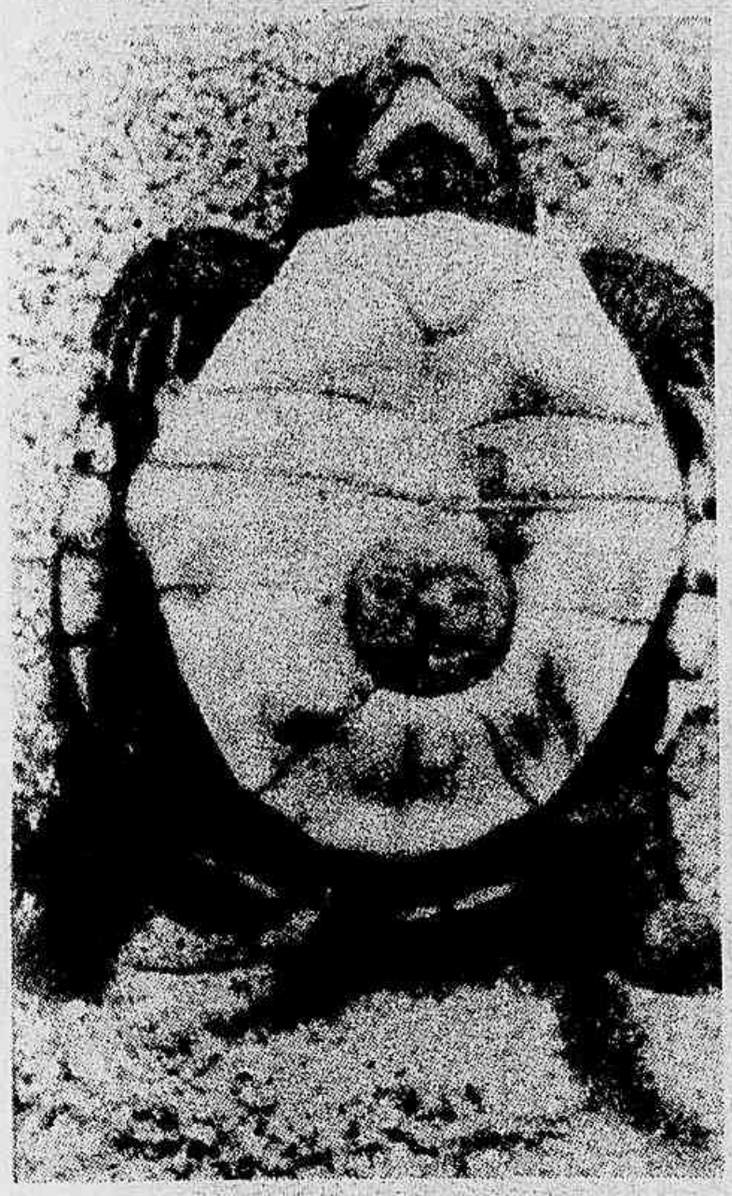
Diversas espécies de tartarugas de rio, encontradas, por assim dizer, em todos os países americanos, nos bancos arenosos das margens dos rios. Tôdas enterram cuidadosamente seus ovos.

animal. Embora maiores, as tartarugas marinhas são muito menos ferozes que a "aligator". A espécie "Dermochelys Coriacea" atinge as maiores dimensões hoje conhecidas entre qualquer tipo de tartaruga, com uma couraça de dois metros e setenta, em média e com um pêso aproximado de cêrca de 750 quilos.

As tartarugas marinhas vivem e criam em águas tropicais, embora ocasionalmente algumas possam viver muito mais para o norte até que sejam aniquiladas pela temperatura fria.

Sabendo, com certeza, que os azares da existência são numerosos e muito sérios para a gente do mar que é obrigada a

A língua branca e móvel dessa tartaruga (Aligator) atrai os peixes de longa distância... para serem devorados. Ferocíssima, essa espécie, de aresta macias e semelhante às do dorso do jacaré, nunca se afasta d os trechos de água fresca e piscosos. Ataca também tartarugas de outras espécies e vivem sempre aos pares (casais). Em média, as tarta rugas-aligator têm uma couraça medindo uns 60 cm de comprimento.



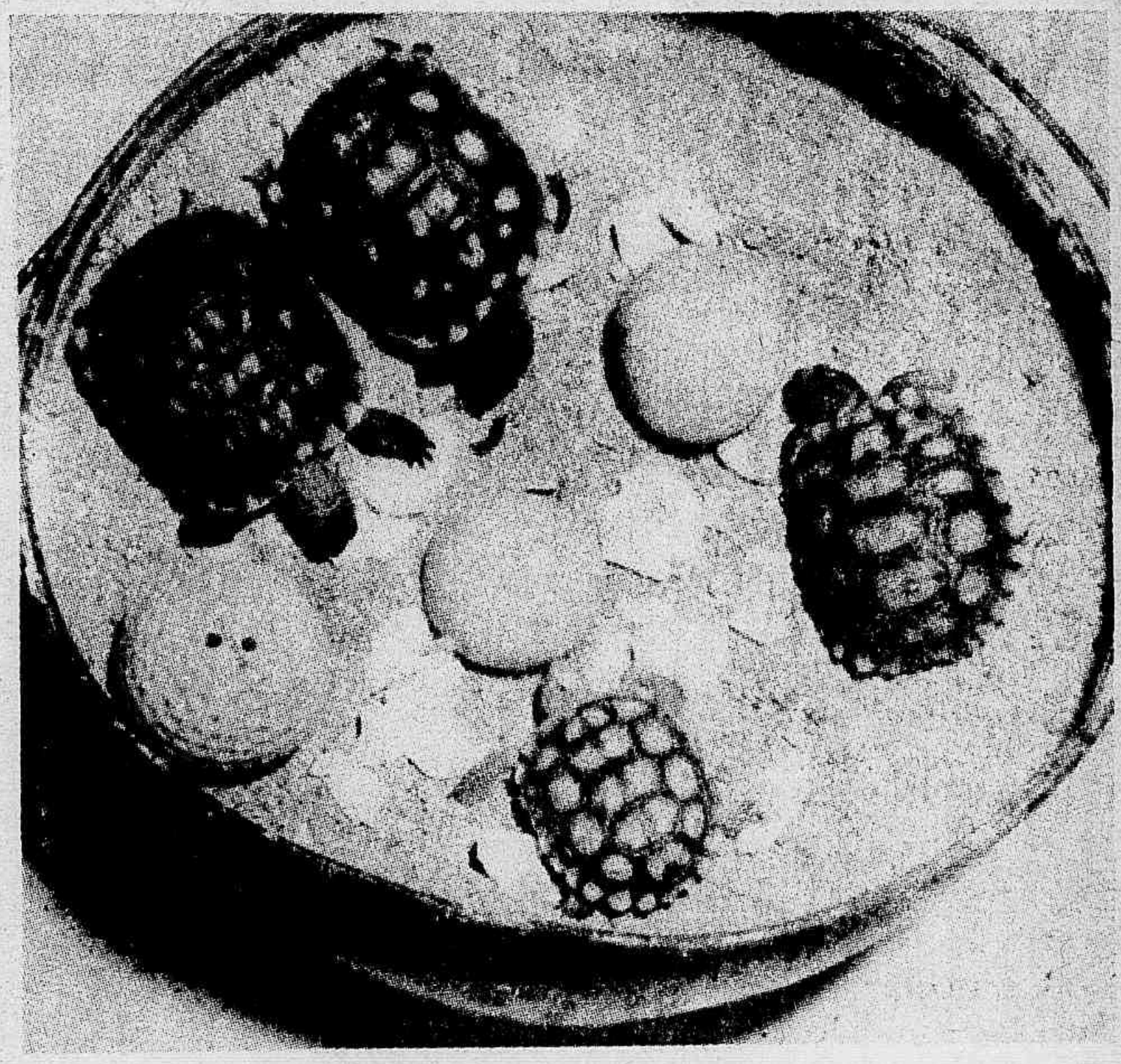
As tartarugas nascem "completas" e com ração para vários dias, pois têm um saco ventral, que as alimenta desde o ôvo.

Em Washington, um clube de garotos realiza anualmente uma famosa "corrida de tartarugas", na qual tomam parte exemplares muito jovens, que são treinados especialmente para esta interessante competição. E como apostam os "papais"!

deixar os filhotes em terra firme, a tartaruga fêmea deixa de 90 a 150 ovos numa cova... umas quatro vêzes por ano, em vez de meia-dúzia de vêzes, como é hábito das mamães-tartarugas de água doce.

Porque os ovos de tartaruga contêm um óleo de alta qualidade, geralmente usado para relógios e outros aparelhos de precisão, servindo também como alimento fortificante dos mais reputados, os nativos residentes nas proximidades das praias tropicais, caçam os mesmos perfurando os pontos "suspeitos" da areia com a ponta de uma vara.

Há os conhecedores, que com um simples olhar, antes da maré cheia — que apaga o rastro — descobrem o caminho seguido por um tartaruga, sabendo se é fêmea e se foi ou não depositar ovos. Isto, pela marca deixada pela ponta aguda da pequena cauda, que, segundo o sulco deixado na areia, indica se subiu



As tartarugas das ilhas Galapagos, famosas por suas dimensões e aspecto antidiluviano, nascem após 86 a 157 dias (segundo as estações e o ambiente) de ovos ainda menores que uma bola de gôlfe.

ALFA E OMEGA... — Uma gigantesca tartaruga adulta, das Galapagos, sustenta na feia cabeça uma jovem tartaruga da mesma espécie. À primeira com cento e setenta quilos e a segunda com pouco mais de meio quilo. Nas áridas Galapagos, essas tartarugas guardam água da chuva em bôlsas especiais que possuem no pescoço. Êsses animais salvaram muitos náufragos ali.

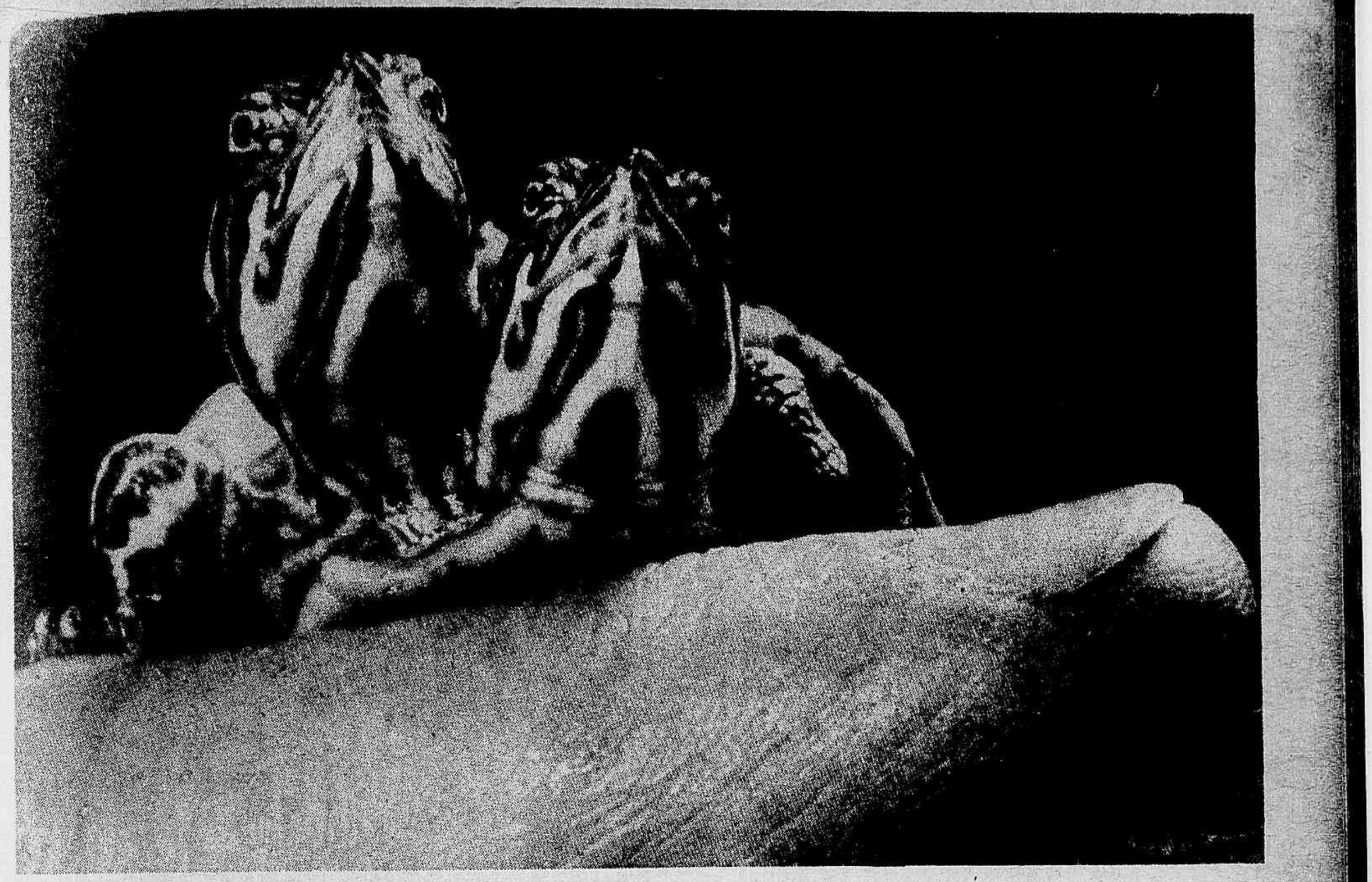
"cheia" e desceu, "vazia" para o mar. A tartaruga verde (Chelonia Mydas) é caçada sem descanso devido ao rico sabor da sua carne. Já a Eretmochelys imbricata, conhecida como "Falcão" é procurada pelo alto valor da sua couraça, especial para o fabrico de finíssimos pentes, caixas de jóias, e aplicações em mobiliário e anéis desde a Idade-Média. Sua couraça é maleabilíssima, própria para nela fazer gravuras, durável e deliciosamente colorida com tonalidades de ouro, amarelo, marron intenso e imbuia.

Na ordem dos quelônios, podemos dizer que temos, no Brasil, tôda a espécie de tartaruga, tanto aquática quanto terrestre (cágados, jabotis, etc.).

Entre elas, entretanto, destacaremos entre as tartarugas de água doce, a **Emis dumeriliana**, de carne saborosíssima; da mesma forma a Matamatá (Testudo plana sapida), o Cabeçudo; o Capitary, havido como sendo o macho da tartaruga; a Aiassá, a Aparema (Testudo plana sapida); Uayanury; Tracajá e, finalmente, o conhecidíssimo Jabobity (Testudo terrestris), que Walt Disney elevou ao estrelato cinematográfico, além de outros muitos.

Todos êsses animais têm uma vida realmente curiosa em seus variados aspectos e com exceção de poucas pessoas, que tenham tido um maior contacto com essas criaturas, todos êsses animais que levam a própria casa às costas são pouco conhecidos pela maior parte dos leitores.

Mesmo no inverno e se a manhã foi muito fria, quando o sol brilha e chega ao ponto mais alto do céu, a temperatura sobe. A tartaruga terestre, fêmea que passou a noite enterrada numa espêssa camada de fôlhas, sente os músculos revigorados pelos raios cálidos do sol. O frio, na verdade, age como agente paralisador nos quelônios e em todos os demais réptis. O calor do corpo nessas criaturas de sangue frio, varia segundo o calor do ambiente que as rodeia, precisando mesmo de temperatura elevada como ocorre com os pássaros e os mamíferos, apenas que terá de sonseguir... de fora. Quando se en-



ESSAS TARTARUGAS SIAMESAS PROVAM QUE NEM SEMPRE DUAS CABEÇAS VALEM MAIS QUE UMA — Com duas cabeças a tartaruguinha foi apanhada no Mississipi e está no Aquário de New York, onde são submetidas a constante exame dos cientistas e a testes variados. Assim verificaram que cada cabeça comanda o par de pernas do seu lado e isto causa grandes dificuldades ao quelônio, pois em horas de perigo ou de alegria, uma cabeça ordena: — "Bater em retirada, enquanto a outra ordena: — "Avançar !", o que prova a afirmativa por nós feita.

contra um jaboti ou qualquer outro tipo de quelônio terrestre bem cedo, quando o ar ainda é frio, verifica-se quão frio está a sua pele, tocando-a com a mão. Da mesma forma seus movimentos serão lentos e letárgicos.

Depois de esquentar o corpo algum tempo, ao sol, já se mostrará mais alerta e vigoroso, iniciando então um primeiro passeio que tanto poderá ser em busca de alimento, como de algum companheiro ou simplesmente para "esticar as pernas". O seu casamento é coisa rápida e parece despertar-lhe o apetite, pois logo a seguir trata de conseguir alimento e é essa a ocasião em que mais come.

Nas regiões em que o inverno se mostra realmente rigoroso, êsses quelônios hibernam tôda a estação, metidos em buracos nos barrancos ou sob os troncos das árvores, cobrindo com espêssa camada de fôlhas. Durante êsse longo sono a respiração quase cessa e o seu metabolismo se amortece até quase o ponto de total aniquilamento. Nos países em que o gêlo e a neve cobrem a terra, no inverno, os quelônios nada comem, não fazem o menor movimento e parecem mortos.

Quando as primeiras chuvas penetram até seu ninho, despertam finalmente e quando, um belo dia, o sol surge particularmente quente e vem beijar seu cobertor de fôlhas, atreve-se a sair do leito.

Durante essa longa hibernação, os ovos que trás em seu interior, mal continuaram a crescer, mas logo ao fim dos dois primeiros dias de primavera e de sol quente, entram a crescer ràpidamente e logo alcançam seu tamanho normal. Então, de um momento para outro, o quelônio trata de encontrar um bom local para deitar os ovos.

Após busca ansiosa, finalmente escolhe uma área entre longas raíses à flor da terra, onde haja maior proteção e onde o

sol possa lançar seus raios na maior parte do dia.

Usando apenas uma pata traseira, trata de afastar a terra. Quando uma perna fica fatigada, passa a usar a outra, sempre aumentando a cova. É uma longa operação, que requer grande paciência e a noite sempre chega antes de que o buraco esteja tão fundo que a pata do quelônio não alcance o fundo (cêrca de 10 centímetros).

Finalmente, começa a expulsão dos ovos. Um após outro são deitados na cavidade, a intervalos de vários minutos. Sempre que cai um ôvo, o quelônio, com a pata, ajeita-o no melhor lugar, para abrir espaço para o seguinte.

Quando a operação termina (sete ovos quando a fêmea é grande, sendo êsse o número máximo), executa a primeira operação ao inverso, isto é, cobrindo novamente a cova com a terra extraída.

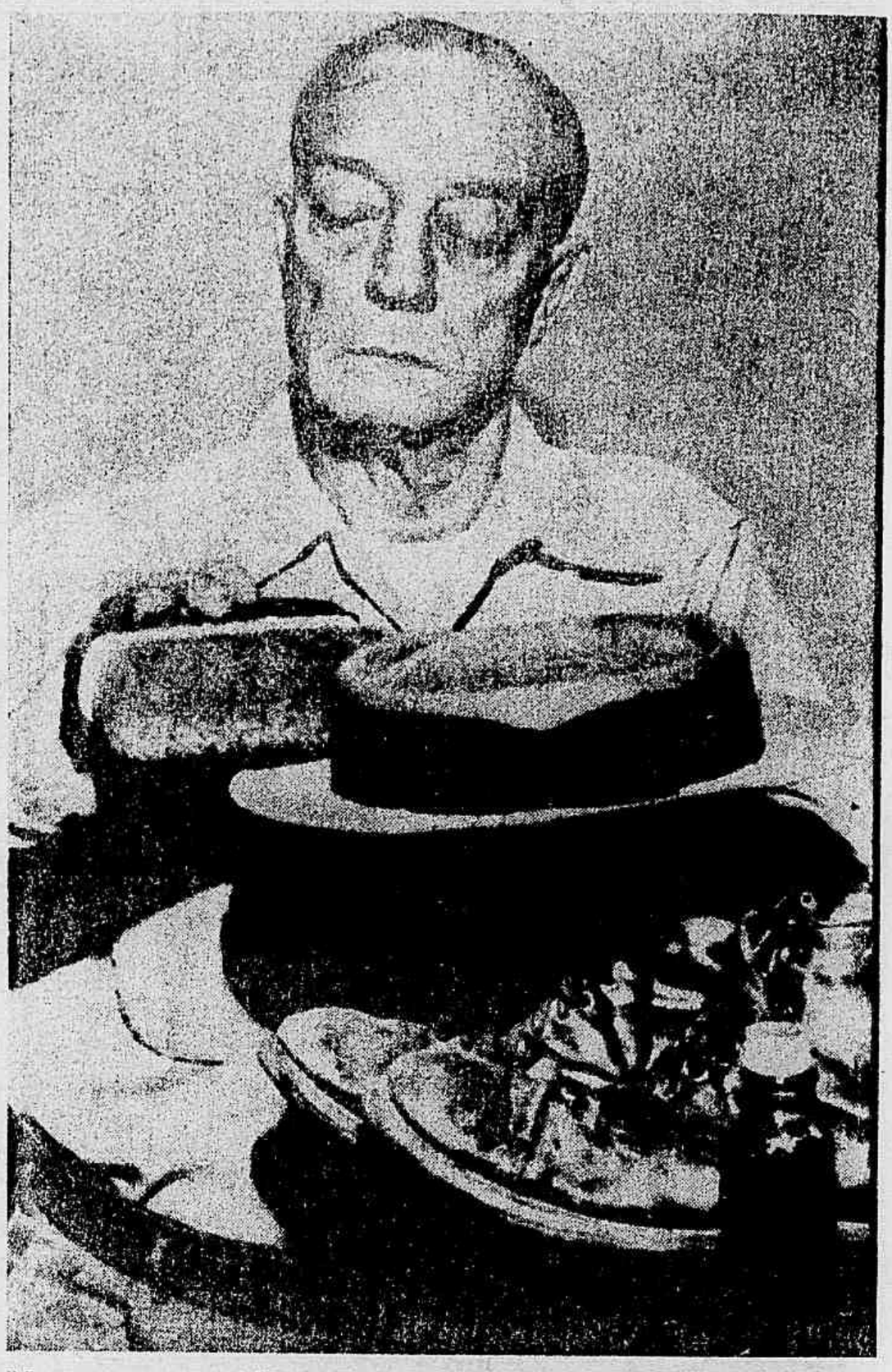
O mais interessante é que a isso se resume todo o seu trabalho, pois jamais volta ao local, a fim de cuidar dos ovos ou inspecionar se estão como devem. Logo que termina, volta-se e examina se estão bem cobertos, passando mesmo várias vêzes sôbre o local, a fim de abater a terra e disfarçar o local em que estão seus futuros filhos. Feito isso, afasta-se, sem voltar a cabeça. Estão terminados seus deveres maternais.

Ficam os ovos, portanto, à mercê de qualquer ladrão salteador: desde os cães até os ursos, êstes principais apreciadores dêsse petisco.

Nos países de inverno rigoroso, se a fêmea não enterrou convenientemente seus ovos, no verão, o gêlo do inverno matará os embriões. Mas se os ovos são deitados no princípio do verão, as crias nascerão muito antes do inverno se mostrar rigoroso.

O período de incubação dos ovos dêsses quelônios depende da temperatura. Em geral são três meses, se o tempo se mantém uniforme e cálido. Em caso contrário (e os embriões não morram com o frio) as crias permanecerão dentro dos ovos e só dêles sairão... na primavera seguinte!

E CONTINUA COM POUCA VONTADE DE RIR...



Mas agora até que tem motivo. O antigo ator do cinema mudo, Buster Keaton, anunciado sempre como "o homem que fazia rir mas não ria"(!) está agora bastante velho e anda sem sorte. Exibindo-se em teatrinhos de segunda ordem, depois de ter sido tão famoso e querido do público, Keaton estêve recentemente hospitalizado, e quase a morte, vítima de forte hemorragia interna. Agora, restabelecido e com 60 anos, conseguiu um pequeno contrato para apresentar na televisão, o que já melhorou um pouco a sua decadente carreira.

★

EM Barrow (Lancashire) a Marinha britânica realizou, debaixo do maior segrêdo, o lançamento do segundo submarino do tipo Shrimp (Camarão). Êsses submersíveis, de 16 metros de comprimento, são tripulados por 16 homens. Até o momento suas características são completamente desconhecidas.

Enquanto isso nos estaleiros de Rotterdam foi iniciada a construção de submarinos destinados a dar caça a... submarinos! Aquêles serão providos de casco triplo, que lhes permitirá suportar grandes pressões — com possibilidade de descer até trezentos metros — sendo menos vulneráveis aos projéteis submarinos. Os especialistas acham que, de um modo geral, êsses tipos de submarinos são revolucionários.

SEGREDOS DE SCOTLAND YARD

O ASSASSINO GULOSO

UMA jovem empregada doméstica, de Londres, que estava limpando luxuosos bronzes de uma porta em Gloucester Place, atirou um sorriso faceiro para o carteiro que, neste momento, com as maçãs do rosto incendiadas por causa do vento frio do inverno, e apertando contra o peito, como um escudo, o grande saco de correspondência, dobrava a esquina de Wyndham Place.

O carteiro recebeu o impacto que o fêz tremer, mas teve o cuidado de não pisar num gato que, atrevidamente, se atravessara na estreita calçada para lamber lenta e incansàvelmente os brancos anéis deixados no solo pelas garrafas de leite e então notou, junto da porta de um refúgio contra ataques aéreos, construído de tijolos, na esquina de Wyndham Place... um farol de bicicleta.

— É seu, senhorita? — gritou, agachando-se para apanhá-lo e já apreciando o bom pretexto para entabolar conversação com a empregadinha.

Mas, nesse instante, um pouco mais para dentro da entrada do refúgio anti-aéreo viu outra coisa... Viu o corpo encolhido de uma mulher. Estava morta, sem dúvida. Tinha uma echarpe de côres vivas, fortemente apertada em redor do pescoço.

Quando o inspetor Robert Fabian entrou no seu escritório de Scotland Yard, àquela manhã de 1942, em plena guerra, os teletipos já estavam batendo os detalhes daquele assassinato recém-descoberto. A morta se chamava Mary Hamilton, tinha trinta anos e levava uma vida respeitável. O farol de bicicleta e um par de galochas de borracha, encontrados junto do cadáver, eram seus. A desgraçada tinha sido despojada do conteúdo da sua carteira. Parecia um motivo insignificante para um assassinato... o conteúdo da carteira de uma mulher vulgar. Mas, depois de estudar as informações, uma coisa intrigou ao inspetor Fabian. O corpo tinha sinais de violências que lhe foram feitas depois da morte. No dia seguinte, o alarma de assassinato tornou a soar em Wardour Street.

Desta vez, a morta era uma corista que tinha trabalhado pouco antes no teatro Windmill. Seu nome era Evelyn Oatley. Jazia morta em seu próprio apartamento. Também a ela tinham roubado o conteúdo da carteira. E, como fôra feito com a primeira vítima, Evelyn tinha sido atacada depois de morta. A arma utilizada para o assassinato tinha sido um abridor de latas.

No cabo do objeto havia uma nítida impressão digital. Não tardaram os técnicos policiais a verificar que essa impressão não era da morta. Podia, neste caso, ser a impressão digital do assassino.

Três dias depois, no bar de Saint Stephen's Tavern, onde se reuniam os homens de Scotland Yard, o inspetor Fabian palestrava com o seu hábil colega, atualmente superintendente, Ted Greeno.

— Outro assassinato, Bob — disse êste último, com o seu modo de falar arrastado. — E desta vez no meu departamento. Trata-se de uma pequena chamada Peggy Campbell... Você ouviu falar dela alguma vez?

— Sim... Aliás, Margaret Lowe! — respondeu Fabian, que era, então, o chefe do departamento de moralidade e estava tratando de realizar essa coisa quase impossível que é aprender, de memória, todos os nomes e "nomes de guerra" de tôdas

as mulheres registradas na seção competente.

— Exatamente! — confirmou Ted Greeno. — Pois essa pobre pequena foi assassinada no seu próprio apartamento de Gosfield Street. Parece-me que temos um novo Jack, o Estripador, Bob!

De fato, o ataque tinha sido selvagem. Uma faca de cortar pão, duas de cozinha e um atiçador de brasas de fogão estavam caídos sôbre o cadáver. Na cozinha havia uma garrafa de cerveja preta, não vazia de todo e ainda com espuma. A polícia havia chegado só alguns minutos depois do assassino haver fugido.

A polícia trabalhava ainda no apartamento de Peggy Campbell, quando ocorreu o quarto assassinato. A nova vítima era a sra. Doris Jouannet. Também tinha sido selvagemente mutilada.

Pessoalmente, o inspetor Fabian conhecia a sra. Jouannet. Era um dos enigmas do West End. Tinha quarenta anos e, durante o dia, dirigia com eficiência um hotel londrino altamente respeitável e se indignava quando membros do pessoal feminino do estabelecimento cometiam a mais leve falta que atentasse contra o bom nome do estabelecimento. Tôdas as mulheres (camareiras, copeiras e cozinheiras) tinham que regressar ao hotel, nos dias de saída, antes das dez. Costuma dizer:

— As ruas de Londres não são decentes para uma mulher depois das dez da noite!

Mas logo que terminava o seu serviço saía majestosamente do hotel, dirigindo-se para o seu apartamento de Paddington, soberbamente mobilado, onde transformava-se em Doris Robson e tomava parte na vida noturna do Soho (bairro baixo de Londres). Tôdas as manhãs, novamente altiva e vestindo-se de prêto, com colarinho branco engomado, dedicava-se a supervisionar o aterrorizado pessoal feminino do hotel, que ignorava por completo o seu segrêdo.

E agora lá estava não apenas morta, mas horrìvelmente assassinada. Os jornais, chegando as coisas a êste ponto, começaram a citar o nome de Jack, o Estripador, com variações referentes às mulheres de vida noturna.

Observei um fato realmente notável. Em sete terríveis noites, o assassino havia feito o que não tinham conseguido realizar mil e quinhentos policiais londrinos durante três gerações. Havia limpado de mulheres as ruas de Londres!

Em Regent Street e Piccadilly, Leicester Square, Coventry Street e Sheperds Market... não se via uma única dama pintada nem por milagre! Algumas se refugiaram, desconsoladas, em clubes; porém pelas ruas não andava nem uma sequer!

Em Scotland Yard era desenvolvida febril atividade. Tínhamos que presumir que o assassino era como um garrafão de maldade mal arrolhado, que derramava crueldade sem poder controlar-se. Todo ato de selvageria ocorrido na cidade devia ser investigado. Um dos auxiliares de Fabian passou duas horas ajoelhado num parque público, procurando marcas de pisadas, para tratar de descobrir o brutal autor da morte de um gato entre os arbustos.

Pouco depois uma mocinha surgiu, despenteada, furiosa e assustada na delegacia de Jermyn Street, onde declarou que tinha sido assaltada. Segundo sua descrição, um indivíduo que vestia o uniforme das Reais Fôrças Aéreas (RAF) havia entabolado conversação com ela, tratando logo a seguir de estrangulá-la de encontro à parede de um refúgio subterrâneo contra ataques aéreos. Gritara e lutara com seu agressor. Êste se afastou correndo e deixando nas mãos da assaltada o cartão de sua máscara antigás.

Com êsse elemento foi fácil à Polícia individualizar o assaltante. Antes de passada uma hora o aviador Gordon Cummings, jovem de bonita aparência, sorriso sedutor, estava respondendo às perguntas no Departamento Central de Polícia do West End. Havia atacado a uma mocinha e a Polícia andava em busca dos homens que atacavam a mulheres.

— O senhor nos daria suas impressões digitais? — foi-lhe perguntado. Porém êle sorriu e negou atender ao pedido, o que era um direito seu, enquanto não houvesse para tanto uma ordem do juiz.

— Não ataquei a essa mocinha — afirmou. — Ela apenas me disse: "Vem para junto de mim..." Mas logo me ameaçou fazer escândalo, caso não lhe desse tudo o que

tinha na carteira. Quis afastar-me e ela agarrou minha máscara contra gás. Livrei-me com um forte puxão; mas não toquei nela!

— Muito bem — disse Ted Greeno, pensativo — terá que voltar aqui, à noite, para outros detalhes, a fim de responder, amanhã a uma acusação formal perante o tribunal. Não podemos agir de outra forma... Porque, afinal, essa moça o acusou de haver tentado estrangulá-la...

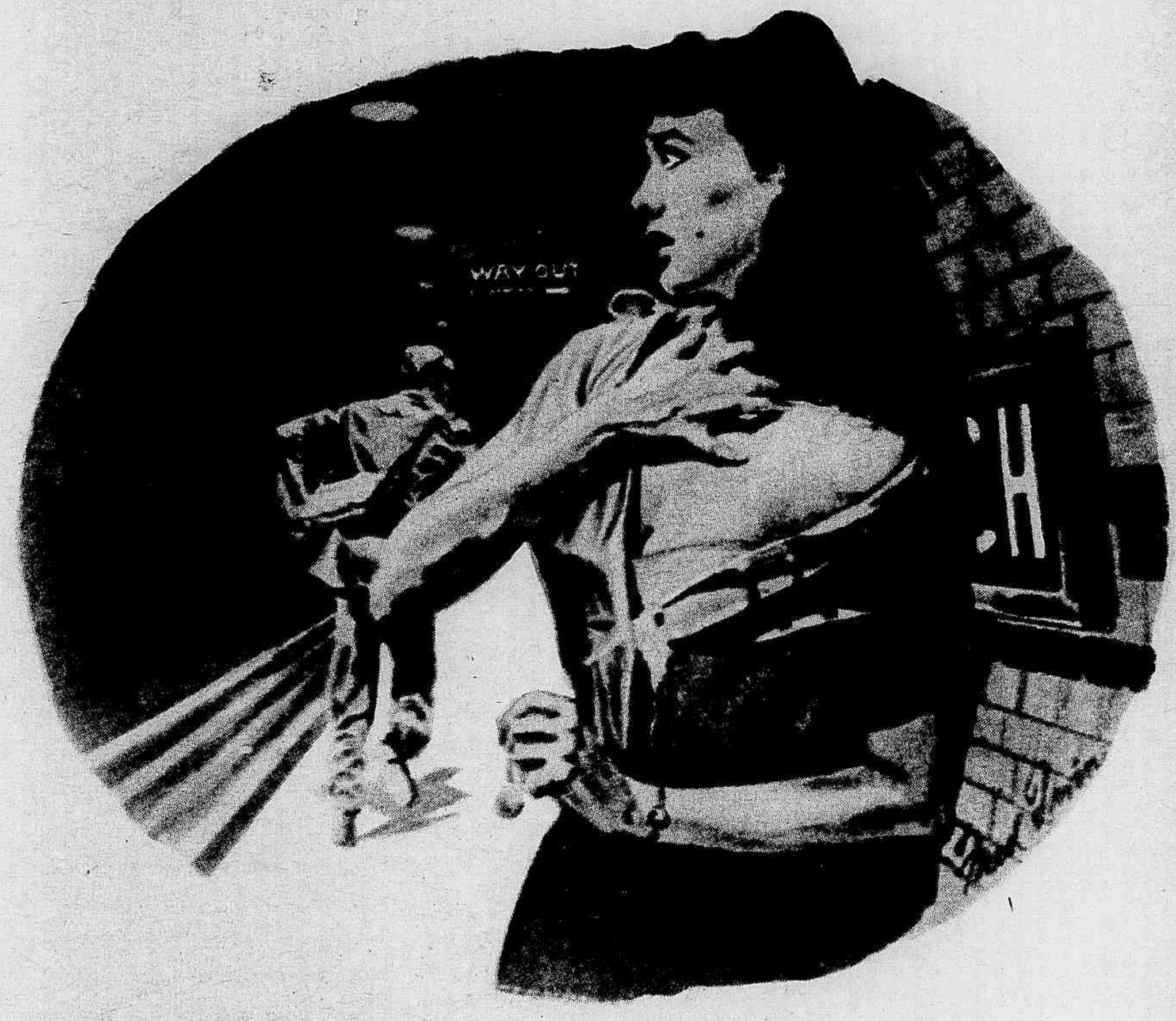
cote de caramelos, uma barra de chocolate, seus documentos da Real Fôrça Aérea, uma barra de **nougat**...

Greeno exclamou, surpreendido:

— Um momento! Tem aí o senhor uma barbaridade de doces!

(Em 1942, momento mais crítico da guerra, a razão de gulodices estava limitada, na Inglaterra, a apenas três onças por semana.)

Cummings desatou a rir e explicou:



— O que ela quer é publicidade! — disse Cummings, sorrindo tranqüilamente.

— Talvez... Aliás, é simples questão de rotina — afirmou o sargento de plantão. — Mas, em todo caso, sempre é bom saber o que leva o senhor nas algibeiras...

Cummings encolheu os ombros, com ar de desinterêsse e virou os próprios bolsos para fora. Surgiram, então, um lenço, algumas moedas, uma nota de uma libra, um canivete, uma caneta tinteiro, um pa-

— Minha pequena me dá seu cartão de racionamento.

Os olhos de Greeno se apertaram. Apanhou o pedaço de cartão amarelo e o examinou com muita atenção durante um minuto.

— E também lhe pede que apague o seu nome e escreva outro, falso, em seu lugar? — perguntou o inspetor-chefe.

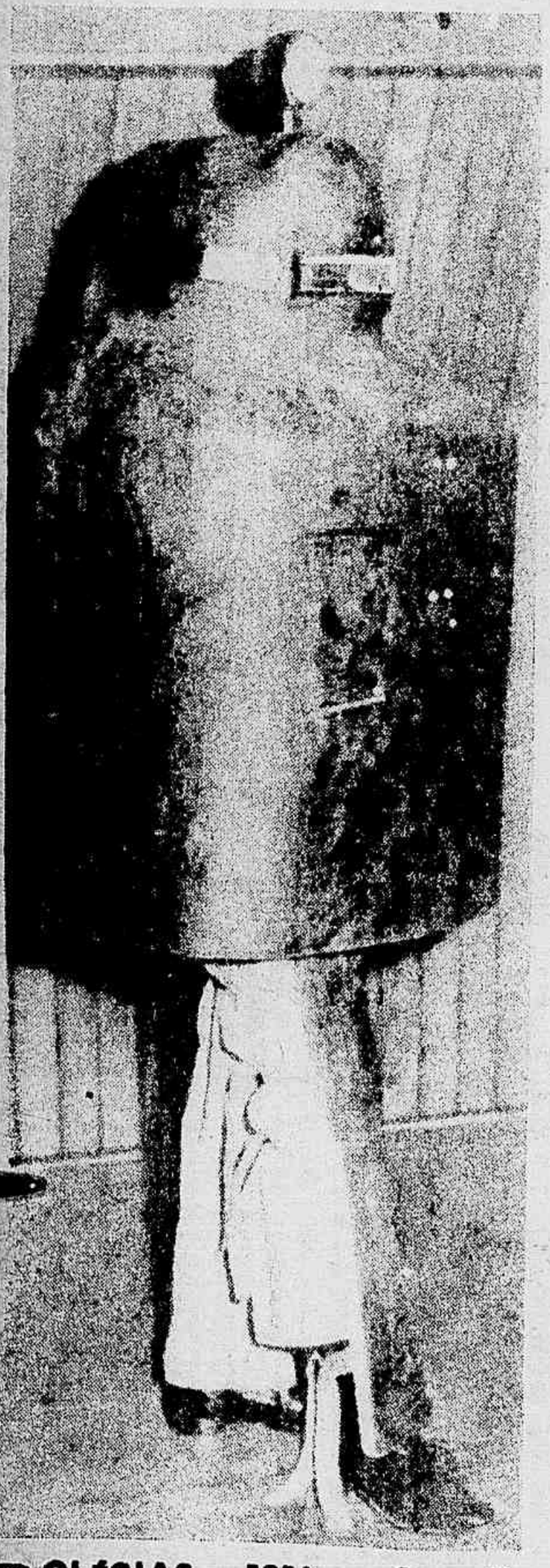
Pela primeira vez o sorriso desapareceu do belo rosto de Cummings.

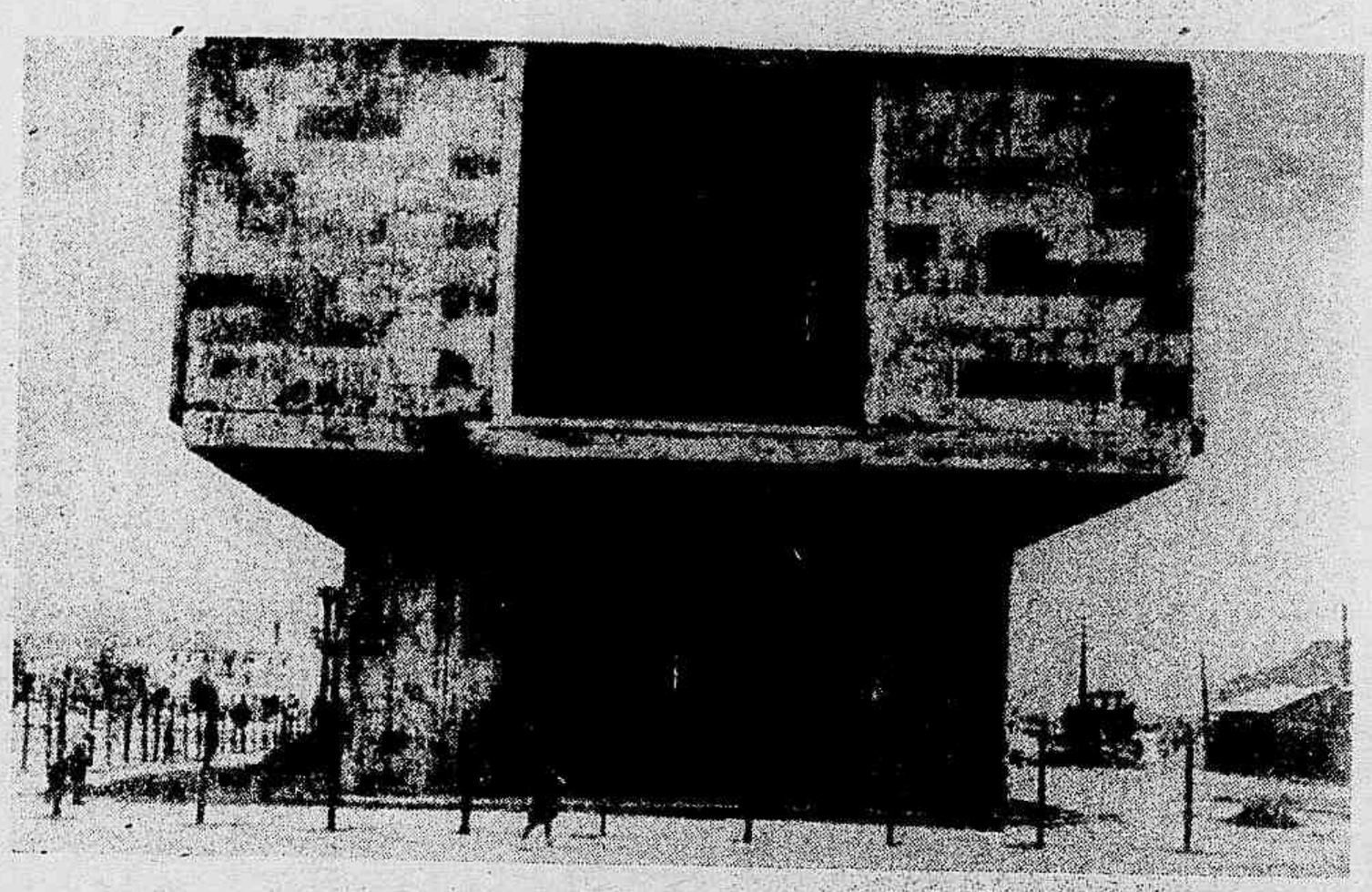
Submetido o cartão a exame no laboratório de Scotland Yard, o nome original logo apareceu. Era o de: Mary Hamilton.

Quando a polícia revistou o domicílio de Cummings o cartão de racionamento de Evelyn Oatley apareceu atrás de um aparador. Dois "pontos" de guloseimas tinham sido utilizados. Dêsse modo, por um punhado de caramelos, Cumings foi condenado. Tinha conservado aquêles dois e amarelados cartões de racionamento que estavam gritando: "Assassino! Assassino!".

Foi condenado a morte depois de ser julgado em Old Bailey. No dia seguinte, as damas aventureiras e notívagas, cujas vidas e cartões de racionamento já não corriam perigo, apareceram como de costume, sob a luz dos lampiões.

◆

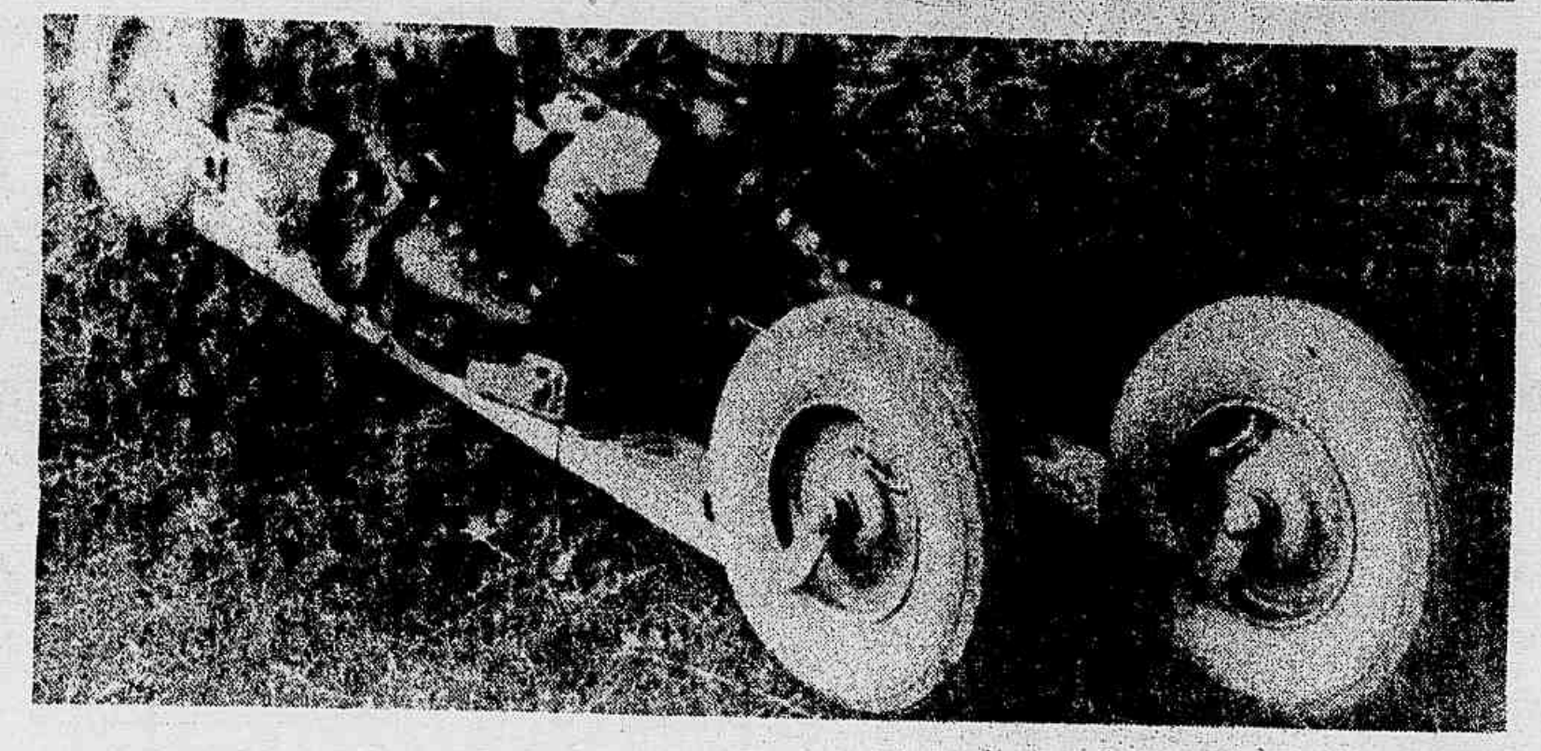




O MUSEU ATÔMICO DE HIROSHIMA — No dia 6 de agôsto de 1955 foi inaugurado em Hiroshima o Museu Atômico, justamente na data da explosão da primeira bomba. Dos 344.000 habitantes morreram 78.150 pessoas, ficando destruídos quase todos os edifícios. No ano anterior os católicos japonêses inauguraram a «Igreja Atômica».

O ESQUI NA GRAMA — É uma nova invenção alemã que já ganhou popularidade em tôda a Europa. Praticar o esqui, porém não na neve, mas sim nas rampas gramadas. É esporte emocionante, que exige pernas fortes, coragem e golpe de vista. Ao lado um esquiador dêsse novo patim com rodas de borracha. Em baixo, o patim próprio para deslizar nos gramados, vendo-se como é fortemente prêso às botas do "esquiador".

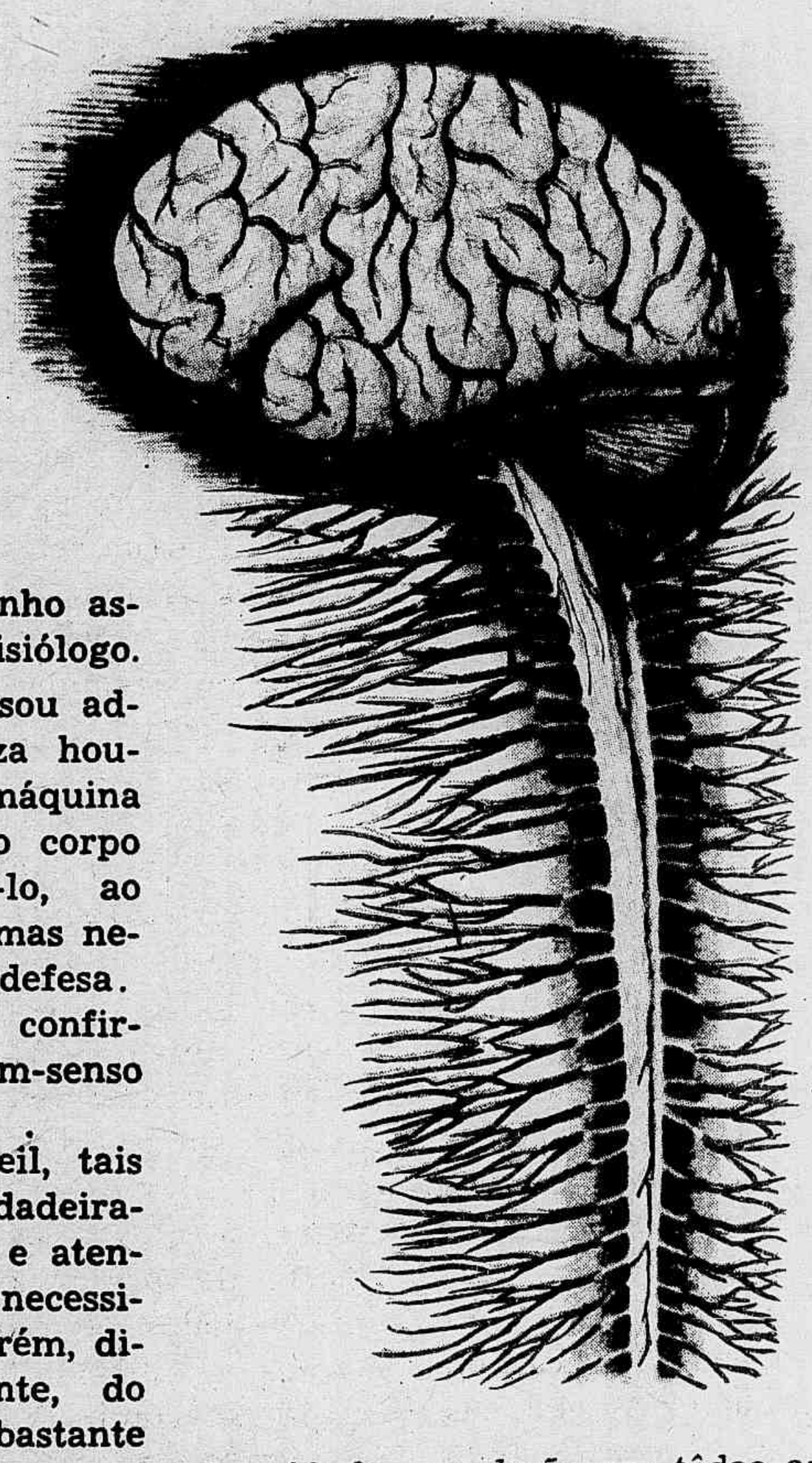
POLÍCIAS - 1956 — Os policiais de Detroit, EE.UU., (onde são constantes e violentas as greves dos operários nas fábricas de automóvel) vão agora usar armadura. Em vez de um penacho, como usavam os cavaleiros andantes, o elmo terá um poderoso refletor, destinado às operações noturnas. Confiantes na própria coragem, os policiais não blindaram as costas. As pernas serão protegidas por placas de aço, móveis.



SEGUNDO AS EXPERIÊNCIAS DO DR. THEIL

O SISTEMA NERVOSO "CHAVE" DA SAÚDE

NA medicina moderna há uma tendência no sentido de acreditar que tôdas as enfermidades (ou quase tôdas) têm sua origem no sistema nervoso. Nesse sentido é interessante conhecer os resultados obtidos há meio século pelo dr. Martin du Theil, médico francês, falecido em 1924. Seus trabalhos poderiam ter por lema a célebre frase de Claude Bernard: **"O micróbio nada é; o terreno, sim, é importante."**



O dr. Theil viu nessas palavras um ensinamento profundo e empreendeu resolutamente o caminho assinalado pelo ilustre fisiólogo.

De fato, Theil recusou admitir que a Natureza houvesse criado essa máquina maravilhosa, que é o corpo humano, sem dotá-lo, ao mesmo tempo, das armas necessárias para a sua defesa.

Os fatos aí estão, confirmando o que o bom-senso previu.

Segundo o dr. Theil, tais armas existem, verdadeiramente; estão em nós e atendem a tôdas as nossas necessidades. Dependem, porém, direta e exclusivamente, do sistema nervoso; é bastante saber utilizá-las para que a enfermidade, qualquer que seja, tropece com uma barreira intransponível.

"Disso resulta, disse o próprio dr. Theil, que, em lugar de perseguir tal ou qual micróbio em particular, é infinitamente mais simples, e também mais fácil, manter em bom estado essas armas naturais, pois dessa forma o terreno atacado permanecerá invulnerável a todos os agentes infecciosos."

Decidiu, pois, utilizar até o máximo as fôrças naturais de defesa, agindo diretamente sôbre o sistema nervoso, fôsse qual fôsse a espécie de micróbio que atacasse. Porém, contra o método racional tropeçou o dr. Theil com todos os ensinamentos que havia recebido. Sentiu-se prêso pelas algemas da escola e teve que travar luta penosa para adotar diretivas diferentes das que havia aprendido. Não negou os progressos palpáveis que se realizaram graças ao descobrimento dos soros e das vacinas, mas, ao mesmo tempo, mostrou-se convencido de reais esperanças em outro terreno. Êsse convencimento de que a organização defensiva natural existia de fato e podia desempenhar papel capital na luta contra as enfermidades, foi afirmado por fatos concretos.

No princípio do século, em alguns hospitais de Paris procedia-se a um exame sistemático do pulmão em tôdas as pessoas que morriam em suas salas, sem distinção de idade ou classe de enfermidade. Graças a êsse exame comprovou-se que 90% tinham lesões tuberculosas, na maioria dos casos perfeitamente curadas e cicatrizadas.

Tendo em conta que êsse bacilo ataca não apenas ao pulmão, mas também os outros órgãos, pode-se afirmar — segundo Theil — que a todos nós atacou em alguma

época de nossa vida. No entanto, a imensa maioria (nem nós tampouco) de nada soube e o micróbio foi vencido sem qualquer ajuda exterior; o organismo, por si só, anulou a fôrça do bacilo.

Outro exemplo que nos oferece o doutor Theil está relacionado com o tifo: em uma aldeia de mil habitantes há uma fonte. Suas águas estão contaminadas pelo bacilo de Eberth. Se a presença do bacilo fôsse bastante para desencadear a enfermidade, todos os habitantes, sem exceção, apanhariam o tifo. É evidente que isso não ocorre. Dos mil habitantes cairiam enfermos trinta ou quarenta, porém os demais continuariam absolutamente sãos, simplesmente porque a maioria estava protegida, sem o saber, e pôde repelir o ataque do bacilo, sem imaginar sequer a sua presença.

A conclusão do dr. Theil foi a de que existe uma organização defensiva natural na maioria dos casos, muito suficiente para aniquilar, sem auxílio exterior, tôda tentativa de invasão das enfermidades, e o organismo equilibrado. Nessas condições, a saúde depende dêsse equilíbrio.

O dr. Theil, que além de médico era farmacêutico, buscou os meios de estimular ou reforçar essa defesa natural, isto é, produtos que atuem sôbre o sistema nervoso que a dirige. Até depois da primeira Grande Guerra (1914-1918) não aplicou sistemàticamente o seu método. Quando, já desmobilizado (em 1918), voltou a Neully, onde tem sua clínica, irrompe a gravíssima epidemia de gripe, chamada "Espanhalo". Theil tem ocasião de comprovar que a enfermidade causa maiores estragos nas mulheres moças e logo encontra esta explicação para o fato: viveram quatro anos separadas de seus maridos, salvo os rápidos dias de licença, em agonia constante, aguardando as notícias do **front**, temendo sempre o pior; quando chegava a carta ambicionada podiam pensar que não vivia mais quem a escrevera. O sistema nervoso, assim, esgotado, deixara certas mulheres sem defesas ante o ataque do micróbio. Theil a partir de então não mais hesita; passando do efeito à causa, concentra todos os seus esforços no sistema nervoso. E tem a satisfação de atingir a êste notável resultado: em tôda aquela epidemia horrível morre apenas uma de suas enfêrmas!

Êste resultado teria sido suficiente para dissipar suas dúvidas, caso as tivesse. Animado com seu êxito, procedeu da mesma maneira em tôdas as enfermidades de índole infecciosa, sem exceção.

A DEFESA DO SISTEMA NERVOSO — Apesar disso e mesmo depois de dez anos de experiência quotidiana, nos quais os resultados constantes lhe confirmam a verdade, que havia pressentido, não se decide ainda a dar o passo decisivo: publicar, em 1929, a obra que constitui seu testamento e que se intitula: **"A defesa do sistema nervoso"**.

No prólogo do livro, o dr. Theil define claramente sua posição:

"Não posso considerar como meio exclusivo de luta as inumeráveis vacinas que seriam necessárias diante da multiplicidade de nossos inimigos — os micróbios — cujo número está muito longe de ser conhecido, embora se demonstrasse que cada um dêsses soros ou vacinas é absolutamente inofensivo para o organismo..."

"Afirmo e demonstro que, obstinando-se a combater cada enfermidade tomada por separado, perde-se de vista o conjunto e ficam esquecidos os maravilhosos meios de proteção que a Natureza criou em cada organismo. Afirmo e demonstro que em todo organismo normal êsses meios naturais de defesa são suficientes para rechaçar a enfermidade. Afirmo que pude comprovar que não existe uma profilaxia do câncer, uma profilaxia da tuberculose, uma profilaxia da tifóide, etc., mas, ao contrário, que a profilaxia única, isto é, a arte de preservar-se do conjunto das enfermidades consiste, simplesmente, em manter o sistema nervoso em perfeito equilíbrio, condição necessária, porém suficiente, para que êste último possa desempenhar seu papel de defensor contra tôda enfermidade de índole infecciosa..."

A demonstração que o dr. Theil faz a seguir, pode ser assim resumida:

MILíCIAS DO SANGUE — Vivemos rodeados de micróbios que nos atacam incessantemente. O corpo humano é um campo de batalha onde se trava uma

luta constante com nossos defensores naturais. Êstes são bem conhecidos: os glóbulos brancos, ou leucócitos, cuja missão essencial consiste em fazer desaparecer as impurezas de tôda classe que possa ter o organismo. Se se apresenta um corpo estranho, um cisco de carvão, por exemplo, precipitam-se sôbre êle, aprisionam o intruso, graças a propriedade que têm de poder emitir umas espécies de tentáculos chamados "pseudopodos", incorporando-o à sua massa protoplásmica, na qual é material digerido.

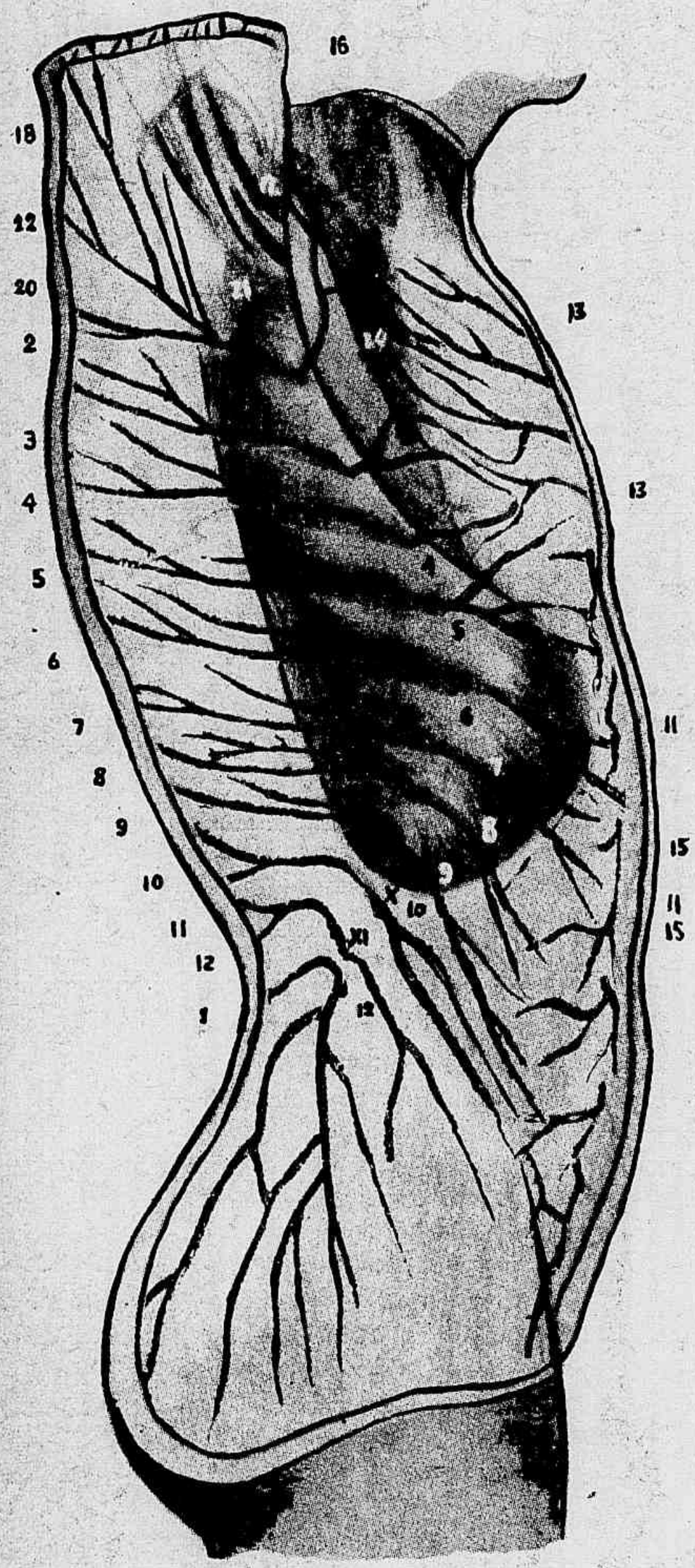
Da mesma maneira agem com os micróbios, embora, neste caso, a luta seja muito mais dura, pois o invasor não é tão passivo, mas, ao contrário, também ataca. Porém os leucócitos são apenas os soldados, os agentes executivos, e dado que nossa vontade não intervenha é preciso que uma fôrça presida essa luta, que uma inteligência dirija essa defesa. Esta máquina, por mais perfeita que seja, necessita de quem a mova. Esta fôrça, esta inteligência, êste operário da máquina humana existem, de fato, e estão reunidos num mesmo órgão único, que é o sistema nervoso ou, com outras palavras, essa parte do sistema nervoso que chamamos o "grande simpático", constituído por uma cadeia de gânglios unidos entre si e colocados de ambos os lados da coluna vertebral.

Dêsses gânglios emergem numerosos fios nervosos, que vão parar nos órgãos de vida vegetativa: coração, fígado, baço, pulmões, vasos, etc., e em certas regiões formam verdadeiras rêdes, chamadas "plexos", e asseguram, além do mais, a comunicação do grande simpático com o sistema nervoso central, que domina

ESQUEMA DO GRANDE SIMPÁTICO, TRAÇADO SÔBRE UMA ESTÁTUA DE PRAXITELES: — 1 — Plexo cardíaco; 2 — Nervos cardíacos; 3 — Gânglio cervical inferior; 4 — Gânglio cervical médio; 5 — Plexo solar; 6 — Gânglios raquídeos; 7 — Plexo mesentérico; 8 — Plexo hipogástrico; 9 — Plexo ilíaco.

o sistema nervoso central que preside os movimentos dirigidos pela nossa vontade: os gestos, o caminhar, a palavra, etc.

O grande simpático, segundo expressão do dr. Theil, é o "generalíssimo", porém se não pode contar com todos os seus re-



cursos, seus soldados marcham para a derrota. Se a vitalidade do leucócito estiver diminuída, o micróbio triunfará, multiplicar-se-á no organismo e sobrevirá a enfermidade.

Ocorre então que os gânglios linfáticos, o baço, os órgãos que fabricam os glóbulos brancos, entram em ação para proporcionar novos combatentes, substituindo aos que hajam sucumbido. Porém êsses órgãos, chamados a realizar um trabalho suplementar, também dependem, por sua vez, do sistema nervoso, e a fraqueza dêste repercute diretamente sôbre êles; começam a falhar e os leucócitos que produzem são insuficientes contra um inimigo que cresce em número e em virulência; a resistência cede e, se o sistema nervoso não recebe uma ajuda pronta e segura, o organismo acaba por sucumbir.

◆ ◆

SIGNOS ASTROLÓGICOS

SEGUNDO o folclore judeu, "um homem nascido sob a influência do sol será alegre, independente e incapaz de guardar segredos; mas, em caso de ser ladrão não custará muito a ser prêso. Um homem nascido sob o signo de Vênus será cauteloso, mas com forte tendência para o sensualismo. O que nascer sob o de Mercúrio, será sábio e dotado de boa memória. Os nascidos sob a influência da lua serão doentios, **como êsse satélite, que é tão pálido** (!), não poderão ser independentes, nem confiar em si mesmos, pois a lua recebe a luz do sol, isto é: depende do outro poder. Como ladrões, os homens que venham a nascer sob tal signo serão prósperos, **porque a lua rege a noite**. As idéias e planos do homem nascido sob o signo de Saturno não se realizarão; porém, outros dizem que as idéias e planos dos demais com relação a êsse homem serão inúteis. Aquêles que venham a nascer sob a influência de Júpiter serão caridosos e os que vierem ao mundo sob a influência de Marte estão destinados a derramar sangue, e serão bandoleiros.

◆

DURANTE o ano de 1956 transcorrem vários aniversários de pessoas famosas: o cinqüentenário da morte de Pierre Curie, de Ibsen e do historiador Albert Sorel; o centenário de nascimento do presidente Wilson e da morte do compositor Robert Schumann; o bicentenário da morte de Mozart e tricentenário da do pintor Ribera. Comemora-se, igualmente, o centenário da morte de Santo Inácio de Loiola e quatrocentos e cinqüenta anos do nascimento de São Francisco Xavier e da morte de Cristóvão Colombo.

◆

ACABAM de ser descobertas na Groenlândia importantes jazidas de minerais radioativos — urânio e tório. Porém, o trabalho que realizam os técnicos americanos mantém-se no maior segrêdo.

EPISODIO REAL

Um Cadáver Nas Trevas

O corpo que jazia entre os trilhos formava uma cena apavorante. Embora estivesse cortado ao meio, não o tinha sido pelas rodas de um trem, como verificou, logo após, o maquinista do "Expresso de Plymouth".

Através de uma fenda no espêsso nevoeiro de Londres, êsse homem viu quando os dois pedaços do corpo rolaram de uma das pontes que cruzam a Great Western e caíram ao solo, separadamente, do lado esquerdo da linha férrea.

Mas a Scotland Yard não sabia como o corpo havia caído lá de cima, nem quando ocorrera o seccionamento. Interrogatórios feitos na vizinhança revelaram que uma pequena carroça o havia arremessado de cima da ponte, no momento em que o "Expresso de Plymouth" passava por baixo dela.

Baseada nessas informações, a polícia conseguiu seguir a pista de um automóvel que permanecera parado naquela manhã por causa do nevoeiro. De fato, o veículo fôra roubado ao seu proprietário, mas havia voltado ao seu lugar de estacionamento, enquanto êste se dirigia à polícia, a fim de comunicar o roubo.

Realizando investigações na região, os detetives descobriram uma oficina salpicada de sangue, pertencente a um carpinteiro chamado Harry Hilliard, cuja espôsa havia saído de casa, a passeio, poucos dias antes. Tendo sido inteiramente impossível localizá-la, chegou-se à conclusão de que os traços dela correspondiam exatamente com a descrição do cadáver encontrado. E o próprio Hilliard havia sido visto retirando de sua oficina um caixão que, pelas suas proporções, podia conter as duas metades de um corpo humano.

Êste encadeamento de circunstâncias foi suficiente para conduzir Hilliard ao Pôsto Policial, onde um inspetor da "Scotland Yard" perguntou ao suspeito:

— Que fêz você de sua espôsa?

Era tarde, e a escuridão aumentava. O inspetor notou que uma luz, proveniente do outro lado da rua incidia seu jato avermelhado sôbre o rosto de Hilliard, dando ao acusado um expressão demoníaca. Mais ainda; o brilho intermitente estava incomodando o carpinteiro a tal ponto, que seu olhar, sempre fixo na janela, parecia cada vez mais feroz. O inspetor continuava a fazer suas perguntas, quando Hilliard repentinamente explodiu:

— Fui eu! — gritou êle. — Fui eu! E contarei tôda a história. Mas deixem-me sair daqui!

DEPOIS que Hilliard assinou sua confissão, o inspetor foi até a janela a fim de averiguar qual a significação daquela luz; a princípio julgou que tal lampejo podia representar um sinal enviado por algum cúmplice. Mas logo a seguir compreendeu o papel que aquilo havia desempenhado no caso Hilliard.

O jato de luz provinha de um cartaz luminoso, colocado na fachada de um teatro que ficava próximo ao Pôsto Policial. O famoso ilusionista Selbit estava dando espetáculo; a luz anunciava um número que o ilusionista estava apresentando como a maior sensação da temporada. E cada vez que Hilliard olhava através da janela essas palavras brilhavam diante dos seus olhos: A MAIOR SENSAÇÃO DA TEMPORADA: — UMA MULHER SERRADA EM DOIS PEDAÇOS!

DISTRAIA-SE COM O SEU CEREBRO

O DIÂMETRO DA ESFERA — Vamos ver, hoje, quem resolve o engenhoso problema que passamos a apresentar, envolvendo princípios de geometria e de física.

Suponham que têm diante dos olhos esfera, uma bola de bilhar, por exemplo, e que precisam determinar o seu diâmetro. Mas há uma condição bastante aborrecida. É que não podem riscar a esfera e muito menos fazer uso do compasso.

Nessas condições, como poderão resolver o intrincado problema?

UM TESTAMENTO COMPLICADO — Essa coisa de testamentos, às vêzes, surgem alguns realmente extravagantes e nos fazem supor que os mortos os fazem propositadamente, a fim de que, depois, fiquem no outro mundo, rindo muito com as dificuldades dos herdeiros.

De outras vêzes, porém, é o acaso quem se encarrega de criar grandes embaraços. Dêsse tipo, aqui temos um exemplo:

Um cavalheiro endinheirado morreu, deixando a viúva em vésperas de lhe dar um herdeiro. Aberto o testamento, verificou o tabelião que o mesmo continha, em resumo, as seguintes disposições:

"Se o filho, que estava para nascer, fôsse varão, ficaria êle com dois terços da fortuna, restando para a viúva apenas um têrço. Se, por acaso e ao contrário, fôsse menina, o testador destinava à viúva dois terços e à filha o têrço restante.

Ora, ocorreu que a viúva teve parto duplo. Nasceram-lhe gêmeos, sendo um menino e uma menina. E, daí, sérios embaraços para o testamenteiro!

Como, nessas condições, deveria ser repartida a herança, a fim de corresponder à vontade do testador?

Querem os leitores dar uma ajudazinha ao pobre homem?

Caso não saibam como fazer, para o primeiro e o segundo problemas, verifiquem as respostas certas na pág. 80.

PESCANDO POR

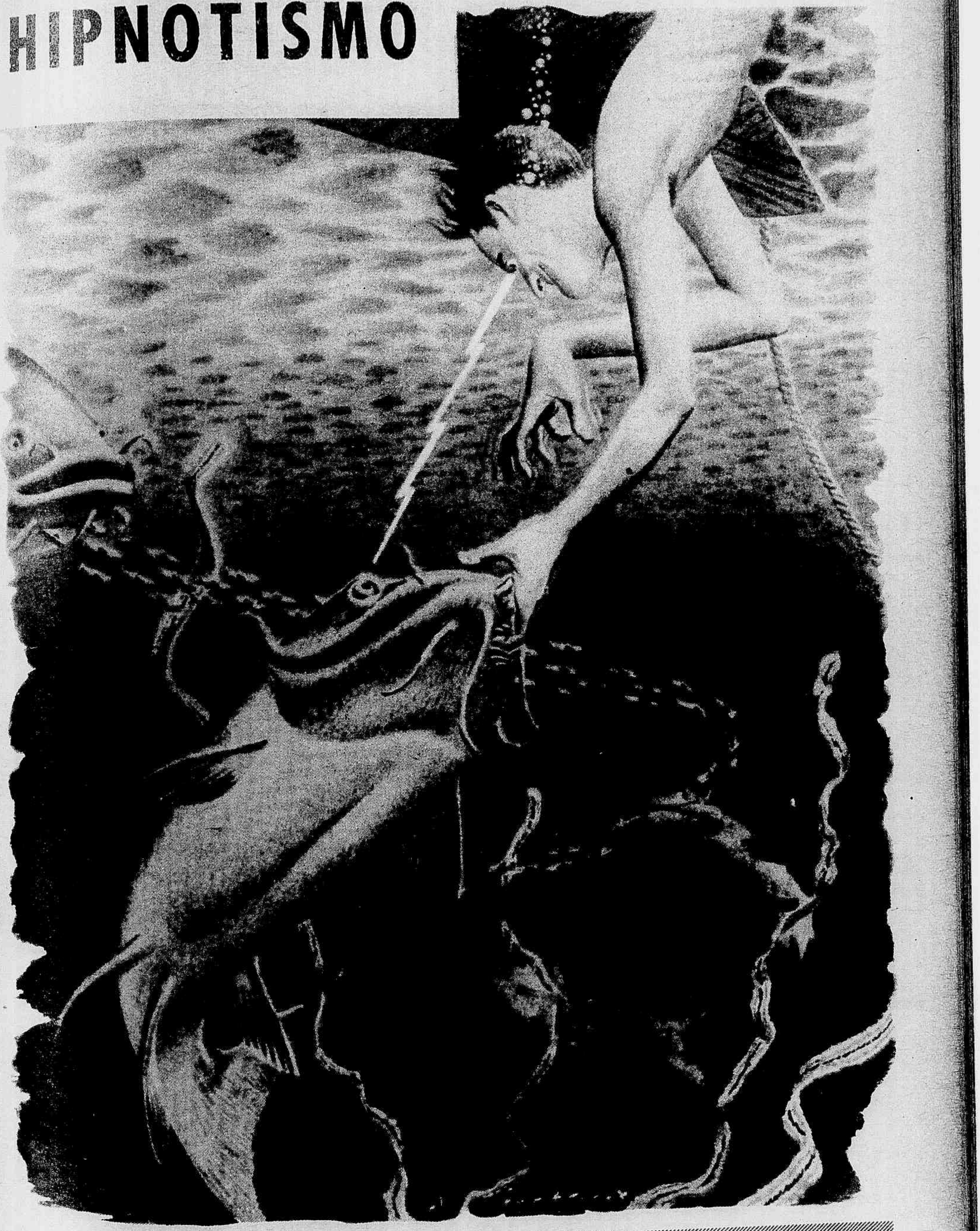
Tom Mitchell e Ira Matthews são mestres na arte de pescar por meio do hipnotismo.

SIM, senhores. Êsse é o novo esporte aquático, nos Estados Unidos. Pescar por hipnotismo. É claro, nem todo peixe se deixa hipnotizar e, mesmo, nem é bom experimentar com alguns de bocarra ameaçadora. Mas, alguns, como o "peixe-gato", são fàcilmente hipnotizados porque, acima de tudo, são de uma ingenuidade de pasmar.

Mergulha-se... e êles logo se aproximam para ver de que se trata e ficam parados, observando. Assim, Ira Matthews e Tom Mitchell, da cidade de Butterfield, no Missouri, são uns campeões dêsse novo tipo de pescaria. Depois de imobilizar o "peixe-gato" com o poder do olhar, seguram o bicho pelas mandíbulas, que têm grandes, fortes, mas inofensivas, e o levam, amolecidos sem luta, para a canoa. O "peixe-gato"

Vemos no clichê acima o "peixe-gato", que se deixa hipnotizar com grande facilidade.

HIPNOTISMO



(cath-fish dos norte-americanos) e uma das numerosíssimas espécies de bagre, encontrada também em nossos rios e lagoas (Branco ou Urutu e Jurupitanga).

● "peixegato" é o nome inglês que qualquer peixe pode ingerir com relação aos verifiquem que são mesmo um "peixegato"!

AS RAZÕES DO DIVÓRCIO

SURPREENDENTES, principalmente para os letrados e os magistrados, os motivos que alegam os cônjuges para obtenção do divórcio. Desde a simples infidelidade até a apelação um tanto vaga: "Crueldade mental", tão em moda nestes últimos tempos e que, por assim dizer, diz respeito a todos os motivos. Depois os advogados discutem e os juízes resolvem, cabendo aos jornais noticiar os mais notáveis.

Já temos relatados muitos dêles. Hoje apresentaremos alguns bastante curiosos e, para começar, temos o caso do ex-ajudante de campo do ex-imperador Francisco José, da Áustria, que aos oitenta anos solicita divórcio por "infidelidade política"! Cinqüenta e um anos depois de casado, alega que continua sendo monárquico e a venerar a memória do seu ex-imperador. Apesar disso, sua espôsa, de sessenta e oito anos, vivia agora a insultar Francisco José e a proclamar-se socialista! Os juízes deram ganho de causa ao velho militar.

Novidade, realmente, constituiu o divórcio de Herbert Levy e Adelia Levy.

— Senhora — disse o juiz. — Já pensou realmente sôbre a causa alegada para solicitar o divórcio?

— Claro! Quero separar-me porque meu marido é ventrfloquo.

E era, de fato, razão valiosa. Herbert tornava insuportável a vida da espôsa. Sem descolar os lábios, **dava voz** aos mais disparatados objetos da casa. Eram frases impertinentes e sempre no momento menos oportuno. Falavam as caçarolas, os aventais, as vassouras, as agulhas. Houve até um momento em que uma garrafa de cerveja soltou um palavrão dos mais pesados no instante de ser desarrolhada. Era demais!

Embora o marido alegasse, em sua defesa, que tudo era verdade, mas que assim fazia... "para treinar", o juiz concedeu o divórcio.

E há, ainda, êstes casos:

UM ANJO DE MULHER! — Por ocasião do seu depoimento numa ação de divórcio intentada em New York, John Maffucci declarou que sua espôsa Clarice, afirmava repetidamente que tinha como único objetivo tornar a vida dêle desgraçada "a fim de que êle apanhasse uma úlcera"!

◆

JÁ ERA ABUSAR! — Em Londres, Virgil Clopine, ao intentar uma ação de divórcio, declarou que sua espôsa, Marie, havia instalado a mãe, irmão e filha que lhe nascera de um casamento anterior em sua casa de apenas dois quartos e que, além disso, ainda saía tôdas as noites, em companhia de outros homens.

◆

DESFORRA! Em Albuquerque, Estados Unidos, a motorista Anita Warnick, guiando o seu táxi, reconheceu o cão que a havia mordido, cêrca de três semanas antes; mas, em vez de esmagar o animal, como vingança, preferiu levar o animal para casa e ali o conservou por muito tempo, no regime de coleira e de corrente!

◆

NO Missouri, um marido surdo-mudo moveu uma ação de divórcio contra a espôsa, que também era surda-muda, sob a alegação de que ela o importunava com a sua linguagem mímica.

MAS a campeã, parece, é a senhora Mary Cody, de Chicago, que pediu divórcio por não poder suportar "a extrema veemência do marido".

— Mas, afinal, por que quer divorciar-se? — perguntou o juiz, sem compreender.

— Por que meu marido me ama exageradamente, sr. juiz! Às 8 da manhã sai para o trabalho depois de beijar-me 30 ou 40 vêzes. Vinte minutos depois telefona para dizer que me adora e enviar-me os beijos que não teve tempo de dar, em casa. Seis abraços e dezoito beijos são o meu "aperitivo", antes do almôço, e não sei quantos carinhos e palavrinhas com açúcar, ao entardecer. Se vamos a uma cinema, não posso ver o filme, porque meu marido só pensa em beijar-me e dizer-me palavras inflamadas de amor. Não sei o que há com êle. Certas vêzes, se não consegue beijar-me naquela horinha... adoece! O sr. juiz compreende... A vida assim é insuportável! Não tenho fôrças para agüentar tanto carinho!

O juiz concedeu o divórcio... por "crueldade mental"!

O PUNHAL DE DOIS GUMES

Por
E. S.
GARDNER

A fria escuridão de fevereiro envolvia como uma mortalha os depósitos de lixo da cidade, nos subúrbios de Detroit. Anteriormente chovera, porém, cêrca de meia-noite, a chuva havia cessado, sendo substituída por uma temperatura glacial e isso estava destinado a ter, mais tarde, importância muito grande. No momento, os que tinham algo que fazer nos arredores dêsse lugar só notavam que fazia um frio terrível.

Eram poucos os estabelecimentos comerciais existentes naquelas redondezas. Um pôsto de abastecimento para automóveis, no "boulevard" próximo, e uma combinação de acampamento para "trailers" e de casas "de passagem" para automobilistas. Poucos dias depois seria comunicado à polícia que dispondo apenas de dez quartos para alugar, trinta e três casais haviam parado no "hotel" numa só noite!

Ao sair do sol invernal e atravessar com seus raios o lençol de névoa suja que cobria essa parte da cidade, um caminhão de lixo manobrava entre os montões de imundícies. Repentinamente, apareceu um sapato de mulher. Como se tratava de um sapato quase novo, o lixeiro se apressou a apanhá-lo, continuando, depois, a remexer no mesmo ponto, em busca do outro pé, para formar o par. Então descobriu a perna de uma mulher e, finalmente, os despojos de um corpo, caído de rosto para baixo sôbre um monte de cacos e latas vazias.

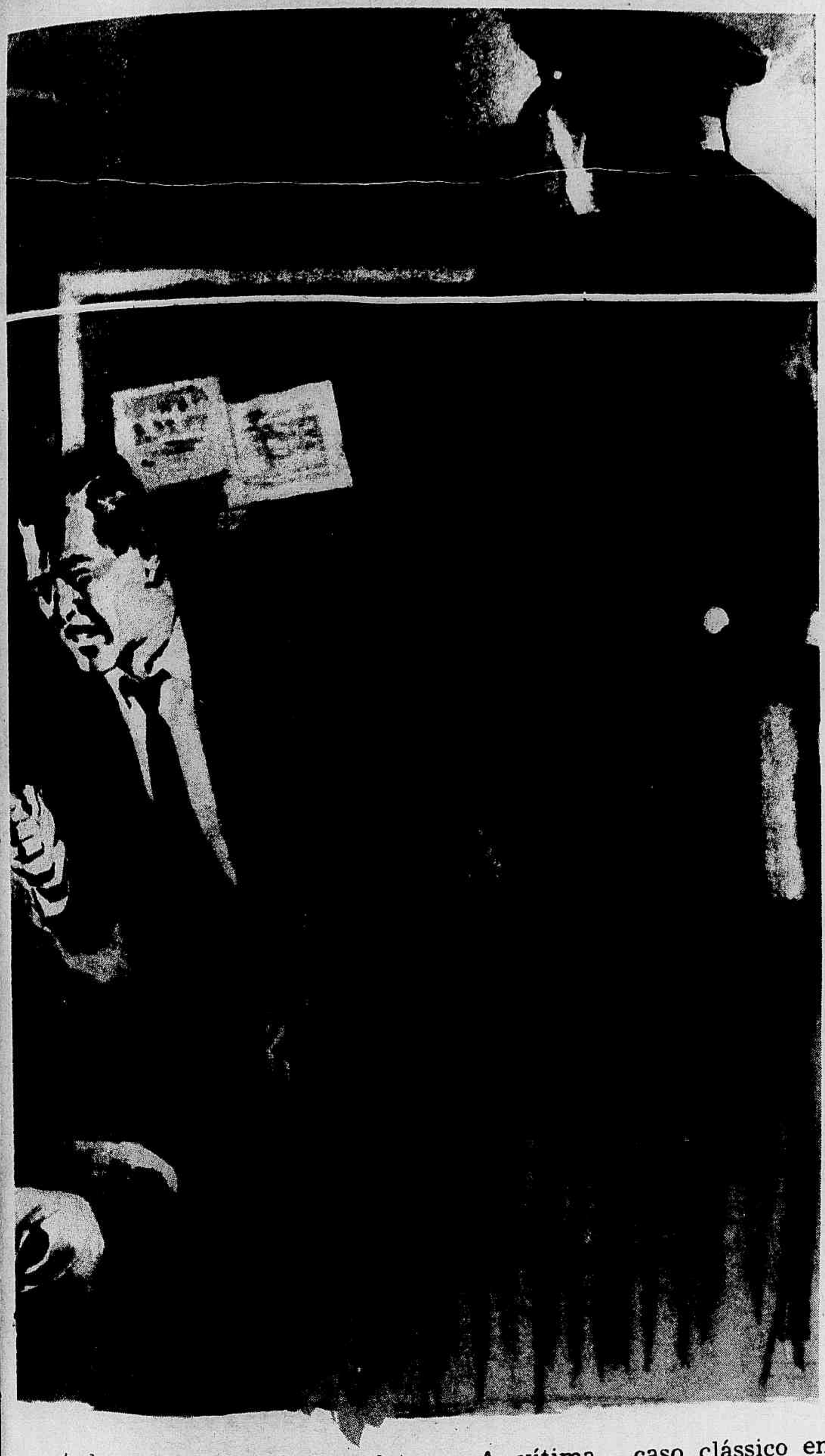
Em redor dos tornozelos da desgraçada estava enrolado um arame forte e farpado, rasgando suas meias finíssimas e cravando-se em suas carnes. Tudo isso explicava, mais claramente que palavras, o que acontecera.

A mulher, em sua carreira, procurara livrar-se a pontapés do arame que tolhia seus movimentos, perdendo os sapatos nessa luta desesperada. Finalmente, havia tropeçado e caído... E seu perseguidor a havia alcançado.

A polícia, chamada a tôda pressa, acreditou que o corpo pertencesse a uma mulher de vinte anos, mas não tardou a convencer-se de que a pobre vítima era muito mais moça. Era extraordinàriamente bela e a polícia estava segura de que poderia identificá-la sem dificuldade. No entanto, horas mais tarde, os detetives continuavam pesquisando ativamente, po-

rém, ainda, sem haver descoberto qualquer indício. Ao examinar as denúncias relativas às pessoas desaparecidas, não encontrou uma só cuja descrição coincidisse com as características da moça morta. Também não foi encontrada carteira de dinheiro ou documentos de identidade, embora pela inspeção das roupas do cadáver parecesse à polícia tratar-se de **alguém que havia vivido em Detroit**. Por que, nestas condições, não fôra dado aviso do seu desaparecimento ?

A polícia procedeu a um inquérito no pôsto de serviço e abastecimento para automóveis, não distante do local do crime e também no hotel suspeito. Um dos empregados acreditava ter visto a vítima num automóvel. Infelizmente, não havia pres-



tado muita atenção ao fato... A vítima tinha as costas perfuradas por quatro punhaladas e as roupas tinham-lhe sido retiradas logo após êsse feroz ataque. Embora inacreditável a identificação continuava a não avançar um passo. Era inconcebível que uma criatura tão bela pudesse desaparecer de sua casa e do convívio de suas relações sem que sua ausência causasse alarma. Os médicos que lhe fizeram a autópsia puderam verificar que as quatro punhaladas apontavam para cima, em vez de para baixo, como seria lógico imaginar.

NAQUELA ocasião — 1944 — era fiscal do Departamento de Homicídio, William Dowling e foi êle quem forneceu aos jornalistas preciosas informações referentes ao caso.

Finalmente, graças ao inteligente e teimoso trabalho da polícia, o cadáver foi identificado e lhe daremos, agora, um nome qualquer: **Kay Anderson.** Não obstante o desenvolvimento do seu corpo, que a fazia aparentar 20 anos, a infeliz não havia completado os 15! Poucos dias antes havia anunciado a seu pai, com arrogância, "que já era dona do próprio nariz", acrescentando que de então para diante seria responsável por si mesma e que não pretendia dar satisfações de seus atos.

Agora, desgraçadamente, seu corpo jovem e crivado de facadas, estava na morgue da cidade, destinado a figurar em um processo de homicídio, com ramificações legais tão peculiares que acabou constituindo um caso clássico entre as investigações criminais científicas. A pesquisa policial descobriu que na noite anterior à da sua morte, Kay havia ocupado uma das habitações do pequeno hotel, estabelecimento que, segundo declarações subseqüentes de várias testemunhas, alugava aposentos a viajantes, especialmente. Novos e exaustivos trabalhos da polícia, observando tôda

pista possível, eliminando outras sem interêsse, reconstruindo acontecimentos, acabaram por coordenar o conjunto e chegar à reconstituição de um quadro do crime. Suas conclusões levaram os policiais a suspeitar de um rapaz — ao qual chamaremos de Clarence —empregado do pôsto de serviço, contíguo ao hotel.

NOS primeiros interrogatórios, Clarence declarou aos policiais que não conhecia Kay nem a tinha visto jamais. Porém, pouco depois, "recordou" que a mesma havia entrado no pôsto para falar por telefone. Mais tarde, instado sempre, fêz outras concessões que os detetives acharam significativas. Souberam, depois, que, àquela noite, ao entrar para o serviço, Clarence trazia consigo um facão de cozinha de fôlha larga, explicando que o trouxera com o objetivo de afiá-lo. Ao ser interrogado pela polícia, que exigiu a apresentação do facão, declarou que o havia perdido.

No depoimento de Clarence foram anotadas outras contradições, pelas quais as autoridades começaram a exercer sôbre êle maior pressão. A natureza e a extensão exata dessa pressão mais tarde seriam objeto de acesa discussão. Indiscutìvelmente, a **pressão mental** teve que ser muito grande. Sempre que funcionários da polícia interrogam um suspeito durante muito tempo, é natural que não conversem com êle sôbre o tempo que vai fazer.

Em todo caso, Clarence, ao cabo de várias horas, confessou-se autor do crime. Declarou haver conduzido Kay em seu automóvel, explicando que anteriormente Kay tentara "pescá-lo" em sucessivas ocasiões, ao que êle havia resistido por ser noivo e não desejar histórias com outras mulheres. Como na noite do crime estivesse preocupado com seus próprios pensamentos, Kay aludira a sua noiva empregando certos têrmos zombeteiros, o que o enraivecera. Nessa ocasião, deteve o veículo. Assustada, Kay saltara do automóvel e fugira a tôda carreira. Êle a perseguiu, conseguindo agarrá-la pela saia, que ficou entre as suas mãos. Então lembrou-se de que no bôlso levava o facão e o cravou quatro vêzes quando ela tropeçou e caiu num monte de lixo. Atormentado pelo remorso cobriu o cadáver com o casaco da vítima e retornou para sua própria casa.

EVIDENTEMENTE, essa confissão não concordava com os fatos. Clarence não mencionou o arame-farpado nem outros detalhes muito importantes. As autoridades não se deram por satisfeitas. Acossaram o criminoso para que contasse a verdadeira história, insistindo em que, confessado o assassinato da pobre menina, podia também contar o resto. No entanto, e apesar de haver deposto mais umas quatro vêzes, manteve a maior parte de sua primitiva versão dos fatos.

No dia imediato, Clarence foi levado ao teatro do crime, a fim de reconstituí-lo diante da polícia e dos jornalistas. Ao voltar para a cadeia, retratou-se, enèrgicamente, de sua confissão, que afirmou ter sido feita por temer a continuação dos maus tratos que lhe eram infligidos, jurando que tinha sido castigado fisicamente e que, pior que tudo, tinham conseguido alterar o seu sistema nervoso.

Exasperadas, as autoridades o levaram imediatamente para um hospital, não uma mas duas vêzes. Foi despido completamente e examinado dos pés à cabeça por uma junta médica que não encontrou sequer um arranhãozinho em sua pele ou qualquer outro sinal de violência corporal.

Com as coisas assim expostas, o caso chegou perante o juiz. O tribunal nomeou advogados de Clarence a Hugh Davidson e David Kull. Êstes, segundo parece, tinham nítida impressão de que defendiam uma causa perdida, porém não cessaram de martelar sôbre a existência de certas discrepâncias nas confissões do acusado, discrepâncias que, no seu entender, não explicavam as declarações. Segundo aquelas confissões, o crime fôra cometido à meia-noite. Os advogados aduziram que a essa hora o chão estava ainda brando. A chuva forte havia cessado pouco antes. Depois, o solo tinha começado a gelar. Se fôssem exatas as declarações de Clarence, teriam sido encontradas marcas de sapatos no barro, em redor do corpo da vítima. A polícia não encontrou tais marcas. Os defensores insistiam em que isso indicava, ao contrário, que o crime fôra cometido

quando o piso já estava coberto pelo gêlo. E, mais — sustentava a defesa —as feridas causadas com um facão de dois gumes não podiam ser as mesmas abertas por um simples facão de cozinha, como o que Clarence havia levado para o pôsto, a fim de afiar. Apesar de tudo isso, o júri não parecia disposto a dar importância a essas alegações. Os acusadores pediam um veredito de homicídio simples. Em sua opinião a defesa estava enchendo hora com detalhes inconsistentes. Foi então que, estando a causa prestes a terminar, após longas semanas de debates, ocorreu algo realmente de surpreendente.

EM certa casa de alojamentos de Detroit vinha ocorrendo uma série de roubos. Virtualmente, todos os inquilinos haviam denunciado a perda de alguma coisa. Todos, com exceção de um rapaz chamado Alfred Johnson, operário de uma fábrica.

A proprietária decidiu dar uma busca no aposento do suspeito. Abriu uma valise, que achou debaixo do leito e encontrou uma coleção de bolsinhas de mulher, dessas próprias para guardar dinheiro e que são levadas no interior das bôlsas maiores. Examinou tôdas elas e, horrorizada, viu uma que, sem dúvida alguma, havia pertencido a Kay Anderson. Também encontrou uma faca de dois gumes. Imediatamente deu aviso à polícia. John foi interrogado e logo se evidenciou ser êle o verdadeiro matador de Kay Anderson.. Johnson era um psicopático, assaltado por irrefreáveis desejos, tão difíceis de acreditar como impossíveis de reproduzir aqui, dentro dos limites da decência. Johnson confessou que, às vêzes, sentia irreprimível desejo de sair e matar alguma mulher moça. Disse que, na noite do crime em questão, saíra com o deliberado propósito de buscar qualquer criatura, na qual pudesse saciar aquela terrível sêde de sangue. Passando perto do hotel tropeçara com Kay Anderson, a quem convidara a subir para o seu automóvel. Depois, quando ela tentou fugir de suas insinuações, êle a perseguiu na escuridão gelada e satisfez seu insensato um desejo, apunhalando-a até deixá-la sem vida. Os advogados de Clarence estavam, pois, certíssimos. O crime fôra cometido depois de estar o solo coberto de gêlo, a uma hora mais avançada do que a declarada em sua confissão. E fôra cometido em circunstâncias tais, que as feridas, causadas por uma faca de dois gumes não podiam ser imitadas por um simples facão. A cena que então ocorreu no tribunal foi mais sensacional e dramática do que o relato do próprio crime. O julgamento foi interrompido quando a polícia, de cabeça baixa, notificou ao promotor. O fiscal geral, que presidia o julgamento chamou precipitadamente seu superior William Dowling e foi pedida uma suspensão dos trabalhos.

O caso acima é do maior interêsse para os criminalistas. À luz de uma investigação posterior, ficou evidenciado que Clarence sentia um médo quase irracional ante a dor física. Mêdo tão intenso que o induziu a admitir sua culpabilidade para não afrontar as pressões policiais que temia viessem a converter-se em castigos corporais. Segundo parece, sua intenção era **explicar** a circunstância de ter visto a mocinha antes do homicídio, criando assim uma situação que não tem exemplo nos anais do crime.

Um homem, que havia tratado de explicar ter conhecido a jovem assassinada, que nada menos de cinco vêzes tinha confessado ser o autor do crime e que o reconstituíra diante dos policiais e dos jornalistas, foi declarado inocente!

O verdadeiro assassino foi julgado e condenado, evitando-se grave êrro judicial.

Cabe agora imaginar o que teria podido ocorrer se Clarence não encontrasse casualmente defensores tão conscientes do seu dever e tão lutadores e obstinados em assinalar a inconsistência das confissões do acusado, mercê do que a polícia acabou por descobrir o autêntico assassino.

DISTRAIA-SE COM O SEU CÉREBRO

(Resposta da página 73)

O DIÂMETRO DA ESFERA — Eis a maneira de determinar-lhe o diâmetro, sem riscar ou usar o compasso:

Pesa-se a esfera no ar e, depois, mergulha-se em água; a diferença dos dois pesos será o pêso de um volume igual ao da esfera, de água (distilada). Ora, o pêso é o produto do volume pela densidade. $P = V\,d$

Mas, no caso, a densidade, tratando-se de água distilada, é a unidade

$$d = 1$$

Temos assim que... $P = V$.

O número que exprime o pêso referido à unidade quilograma é o mesmo que exprime o volume referido a unidade decímetro cúbico, dado que um decímetro cúbico de água distilada pesa um quilograma: mas o volume da esfera é

$$\frac{4}{3}\eta R^3 = V$$

e

$$R = \frac{D}{2} \qquad R^3 = \frac{D^3}{8}$$

Substituindo

$$\frac{4}{3}\eta\frac{D^3}{8} = V = P$$

ou

$$\frac{\eta D^3}{6} = P$$

ou

$$D^3 = \frac{6}{\eta} \times P$$

$$D = \sqrt[3]{\frac{6}{\eta} \times P}$$

Ora $\frac{6}{\eta}$ é, com uma aproximação muito suficiente, igual a $\frac{21}{11}$; logo:

Tendo achado a diferença do pêso da esfera **no ar** e **na água**, tomando $\frac{21}{11}$ dessa diferença (expressa em quilogramas) e extraindo a raiz cúbica, tem-se o diâmetro expresso em centímetros. (Com efeito a raiz cúbica de decímetros cúbicos são centímetros lineares.)

UM TESTAMENTO COMPLICADO — A vontade do testador era que a mãe tivesse metade do que tivesse o filho e o dôbro do que tivesse a filha; a maneira mais condizente com essa vontade seria dividir a fortuna em 7 partes, e dar 4/7 ao filho, 2/7 à viúva e 1/7 à filha. Essa solução mais satisfatória, embora jurìdicamente talvez não fôsse admissível, pois o caso não estava previsto no testamento.

Conservas

UMA história tragicômica ocorreu recentemente com o engenheiro Raynal, funcionário do govêrno francês, quando inspecionava a região de Ubangui, na África Equatorial Francesa, para estudar os recursos minerais do solo.

Instalara-se nas margens do rio e ali trabalhava em companhia de dois servidores negros e uma dúzia de operários. Assim decorreram vários meses e tudo parecia marchar satisfatòriamente: a alimentação era razoàvelmente boa, graças à fartura de frutas e de caça da região e as remessas regulares de conservas européias. Por sua vez a saúde se mantinha normal e o trabalho, com altos e baixos, avançava ràpidamente.

Raynal era um velho habituado da África Equatorial Francesa, onde havia vivido durante mais de dez anos. Conhecia muito bem os pretos e sabia "levá-los" com a técnica e a precaução necessárias. E, justamente, porque conhecia tôdas as suas reações íntimas foi que, apesar de todos os motivos de euforia, começou a ficar inquieto. Os operários se mostravam desconfiados, baixando a cabeça ou trocando olhares estranhos, quando o viam aproximar-se. Nem riam mais e quase não falavam, quando geralmente trabalhavam cantando e tagarelando entre si.

Um belo dia, a crise explodiu e, ao despertar, viu diante da sua cabana todos os homens falando e gesticulando. No meio dêles, o cozinheiro gritava, agitando um abridor de latas. Raynal já se encaminhava para interpelar os homens quando apareceu um visitante, inesperado: era o chefe da tribo, que, mau grado a hora insólita, chegava solene, ornado com todos os seus penachos de cerimônia, capa de pele de leopardo e capacete emplumado, que lhe dava um ar de verdadeira realeza.

"Mau sinal..." — pensou Raynal, que continuou avançando ao encontro do visitante, fingindo considerar essa visita como um simples gesto de cortesia. Porém, ao mesmo tempo, procurava descobrir o verdadeiro motivo da presença daquele chefão de pele escura. Alguma reclamação trabalhista? Salário? Infração de certos costumes? Horário dos serviços?

Foi informado imediatamente pelo chefe:

— Parece — disse êle — que tu comes carne de prêto todos os dias!

Um branco civilizado, acusado de antropofagia por um negro selvagem! Raynal

de negros

esperava tudo, salvo isso! Aliviado e certo de poder dissipar depressa o engano, desatou a rir:

— Pergunta, então, se eu como um de vocês, todos os dias? Pois chame o meu cozinheiro! Êle te dirá de que me alimento!

No entanto, essas palavras não pareceram modificar a atitude dos homens, que faziam círculo em seu redor. E viu, com um princípio de terror, que cada um estava munido de uma picareta, uma pá, uma enxada, etc. Se as coisas esquentassem, poderia correr perigo e, por isso, convidou o chefe a entrar com êle na cabana. Sendo o único europeu no meio de tantos pretos, sabia que sua vida pouco valia.

— Vem comigo! — disse êle. — Vamos interrogar o cozinheiro.

Entraram para a sala que servia de refeitório, "atelier" e quarto de dormir e pouco depois surgiu o cozinheiro, ainda mais agitado que os trabalhadores.

— Então — disse-lhe Raynal — andam dizendo que eu como um de vocês todos os dias?

— Sim, tôdas as manhãs. E tu ainda me obrigas a cozinhá-lo!

Raynal quase perdeu a fala; um suor frio começou a molhar-lhe as têmporas. Era preciso refletir, tentar compreender depressa.

— Pois, nesse caso, traze-nos um pedaço do que sobrou de hoje — disse êle, para ganhar tempo — pois estou desconfiado de que deves servir-se sem que eu saiba.

O cozinheiro sumiu para os lados da cozinha. Os trabalhadores acotovelando-se à entrada da cabana, cochilavam ameaçadoramente. Raynal levara disfarçadamente a mão ao seu revólver; o chefe emudecera. Esperava. Finalmente, o homem voltou, tendo nas mãos... algumas latas de conserva!

Raynal cada vez compreendia menos. No entanto, a cólera dos pretos parecia crescer à vista dos objetos apresentados pelo companheiro; os cochichos se transformaram em gritos furiosos. O chefe, ainda impassível, esperava que o engenheiro se desculpasse! Alguns instantes passaram.

Finalmente, depois de examinar a lata em todos os sentidos, Raynal acabou por compreender o motivo da indignação geral. Sôbre as latas de conservas que recebia da França, um rótulo indicava o que continha a lata, ornando-se ainda com desenhos de "petits-pois", azeiotnas, sardinhas ou carne de porco, tudo em côres; o cozinheiro, abrindo as latas, podia verificar a identidade dos alimentos que conferiam com o desenho do rótulo.

Ora, sôbre certas latas de farinhas lácteas ou chocolate, era um rosto de prêto, de beiçola arreganhada, mostrando dentes muito brancos. Os trabalhadores haviam, pois, concluído que, lògicamente, tratava-se de irmãos passados num moedor e reduzidos a pó!

Por felicidade, o chefe havia cursado, embora por pouco tempo, uma escola francesa e Raynal conseguiu fazê-lo decifrar o que dizia o rótulo.

Explicou-lhe, mesmo, que o rótulo era uma homenagem prestada a sua raça, simbolizando dessa forma a excelência do produto ali contido. O chefe deu, por sua vez, a explicação aos trabalhadores, que, descontentes com êsse resultado "tranqüilo" deixavam-se ficar, mudos, diante da porta.

Mas tudo acabou voltando à calma e, afinal, convidou o chefe a almoçar com êle, a fim de provar sua farinha.

— Teria sido bastante um nada para que eu fôsse reduzido a migalhas — concluiu Raynal. — Reconheço que a farinha de mesa é realmente excelente auxiliar para vários pratos. Mas quando hoje aparece à minha mesa, francamente, perco o apetite!

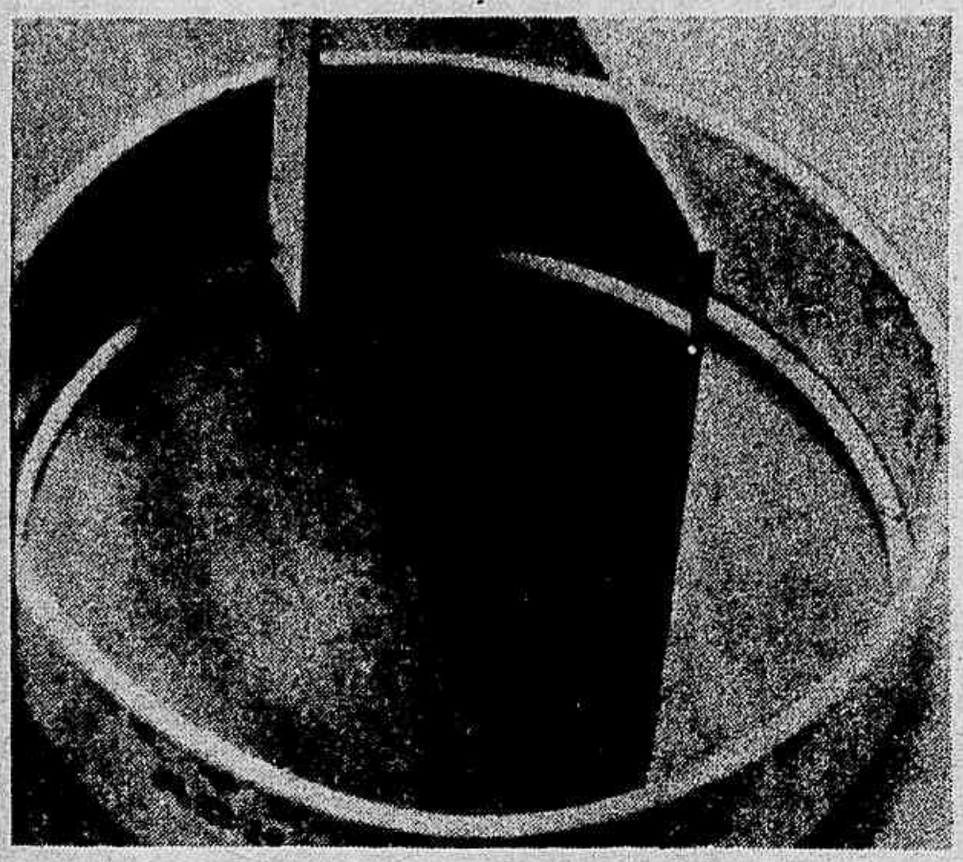
FOTOGRAFIAS MALUCAS

O leitor não precisa ser "artista" nem "mágico" para conseguir êsses efeitos malucos em fotografia.

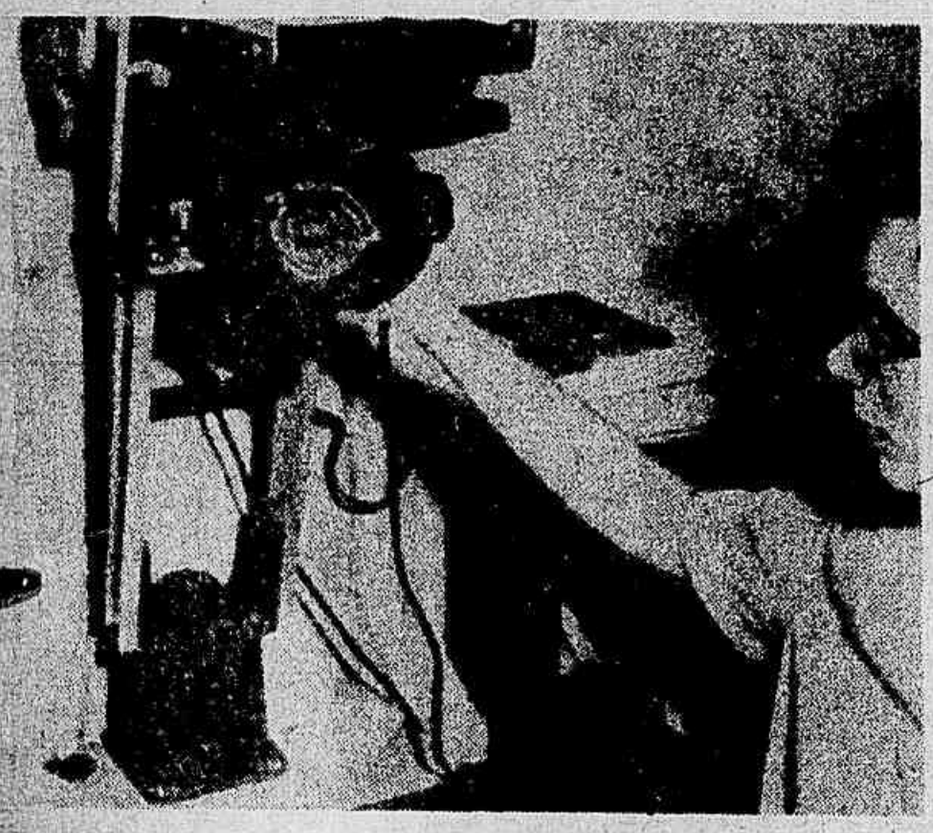
Um simples jôgo de espelhos e tudo estará feito!

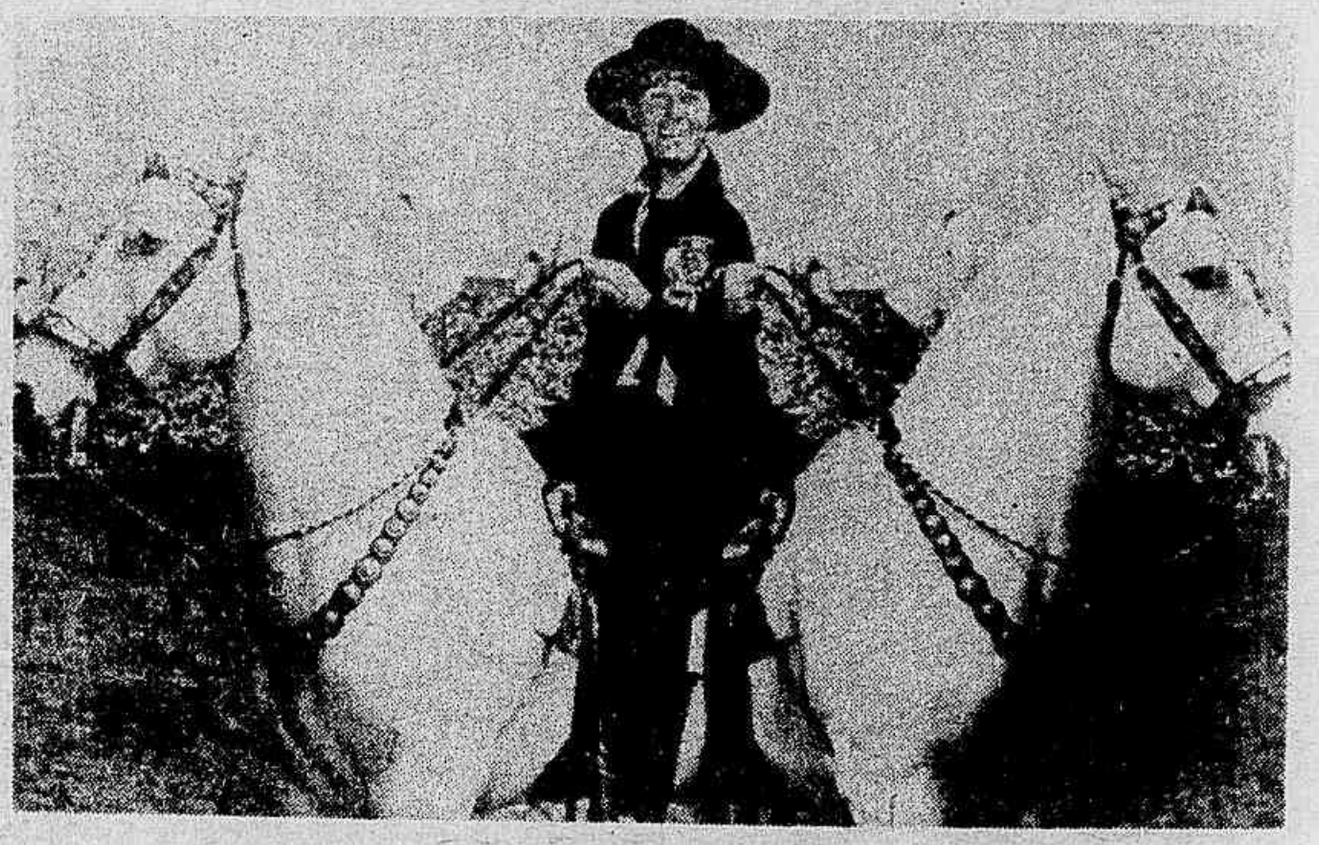
E como poderá divertir-se com os amigos, realizando verdadeiras caricaturas dos mesmos.

O processo, dos mais simples, um verdadeiro "ôvo de Colombo", é explicado melhor pelas legendas da esquerda, que acompanham as duas fotografias, também da esquerda, superior e inferior.

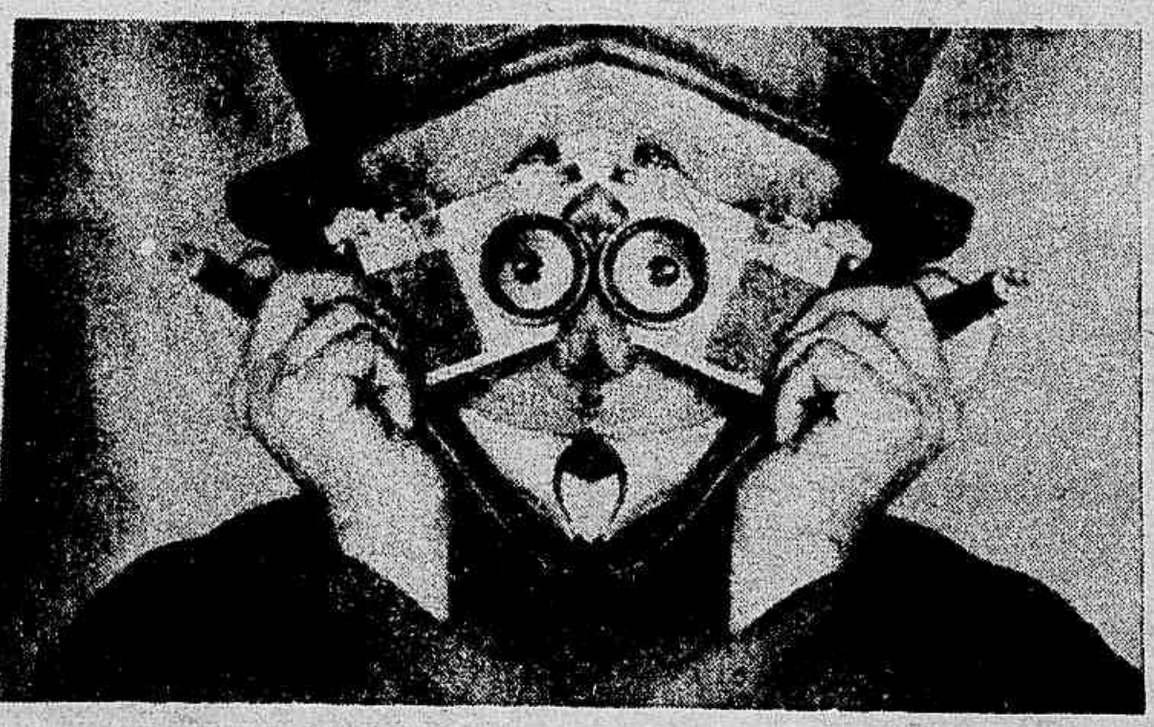


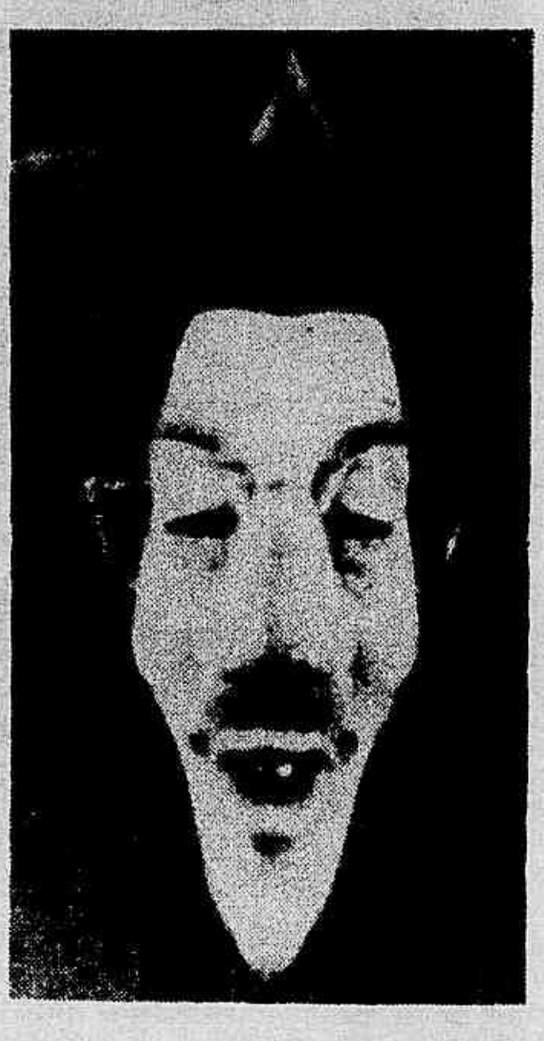
Eis o segrêdo. Consiste de uma superfície metálica bastante polida, onde um pequeno espelho, encaixado no ar de um carretel de esparadrapo. Colocado num certo ângulo entre a lente de aumento e o negativo, no laboratório, permite variados efeitos, segundo a posição do espelho e também do próprio negativo.





Ao alto, figura de monstro, de cabeça miúda e ombros largos. A seguir, Randolph Scott, popular artista do cinema, parece montar em um cavalo de duas cabeças e 4 patas dianteiras, o que assustaria mais os inimigos.





Eis, à esq. e à dir., dois magníficos exemplos de caricaturas, de mulher e de homem. Ao centro, o próprio fotógrafo parece usar máquina inédita, com dois visores, enquanto fuma dois charutos!

No esplendor barroco do Cassino de Monte Carlo, onde Grace Kelly, como espôsa do príncipe Rainier III, não tem permissão para apostar um único centavo, o número de suicídios é menor do que se imagina; os chamados "Sistemas Infalíveis" são, agora mais escassos e o homem que "arrasava bancos" perdeu seu último franco.

— "HÁ um sistema infalível para ganhar no Cassino de Monte Carlo" — disse o general Pierre Polovtsoff, atualmente funcionário dessa casa de jôgo e que, certamente, muito aprendeu sôbre o assunto em seus cinqüenta anos de residência fixa em Mônaco, tendo ainda exercido durante 25 anos consecutivos a presidência do "Esporte Clube Internacional".

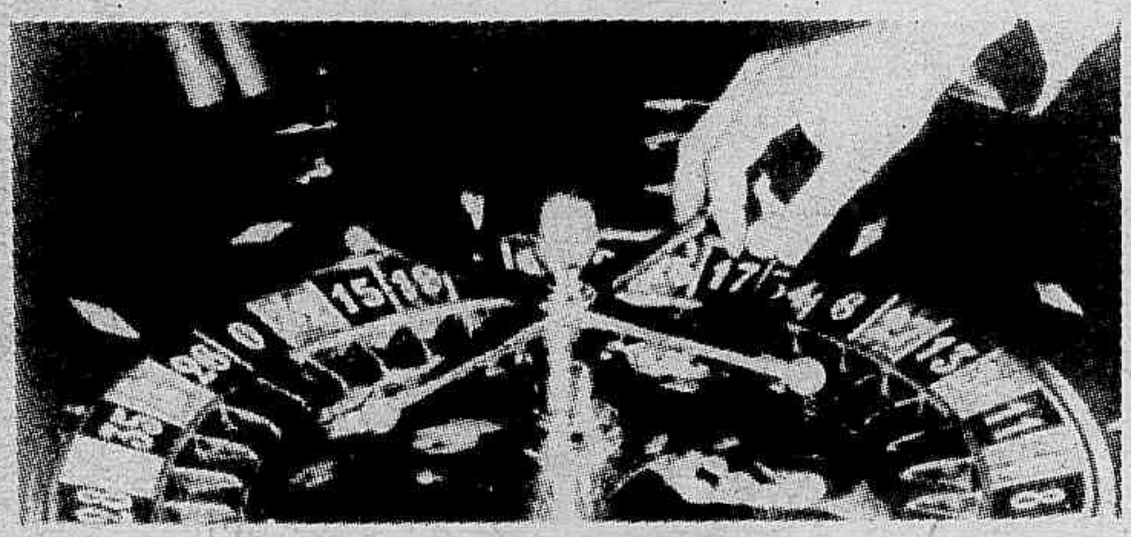
— Sim; é verdade; e o meu saudoso pai, príncipe Alexandre, disse-me haver descoberto êsse sistema.

Estava sentado no bar do hotel de Paris, ao lado de jornalistas. Não muito distante (Mônaco tem apenas 370 acres, sendo aproximadamente do tamanho da Esplanada do Castelo) ficava situado o amplo palácio de sua alteza, o príncipe Rainier III, que aliou recentemente seu pequeno principado à ribalta norte-americana, casando-se com a famosa atriz Grace Kelly. Mas o excitamento norte-americano nada representou em comparação com a profunda exaltação dos habitantes do Mônaco. Desde a coroação de Rainier, em 1949, que êles esperavam ansiosamente por suas bodas reais. E, segundo um acôrdo celebrado com a França, durante a Primeira Grande Guerra, Mônaco tornar-se-ia um proterorado francês, caso o seu governante morresse sem herdeiro. Tal fato significaria duas desagradáveis novidades: — impostos cobrados pelas autoridades francesas e serviço militar obrigatório. E a declaração de miss Kelly de que desejava ter vários filhos proporcionou incontida alegria aos habitantes do principado. Mas, voltemos ao general. Um tzarista emigrado, alegre e vigoroso, a despeito dos seus oitenta anos de idade; porém, sua situação é dolorosa, pois que sendo vítima da vertigem do pano verde, não pode, pelas leis que regem os residentes de Mônaco, arriscar mais que um único franco. Esta abstinência forçada, proporciona-lhe uma visão objetiva do vício e de tudo o que com êle se relacione.

— Sim, senhor; um sistema infalível! — prosseguiu êle. — Fêz uma experiência no

O famoso Cassino de Monte Carlo.

HÁ UMA ESCOLA ESPECIAL PARA "CROUPIERS" E AUXILIARES PARA OS CASSINOS



"trinta-e-quarenta". O sistema era baseado numa análise matemática. Quando meu pai não podia vir a Monte Carlo, enviava dois secretários que registravam todos os lances,

e permanecia em casa empenhado em seus estudos. Finalmente, estava pronto para pôr em prática sua teoria. Então, partimos para Monte Carlo...

O general interrompeu o que ia dizendo para curvar-se ante uma figura feminina que acabava de entrar no bar. Ela usava turbante verde, blusa azul, e saia alaranjada.

— "La Boêmia"! — informou êle. — Ninguém sabe qual o seu verdadeiro nome ou de onde veio. Ela diz aos jogadores que espécie de sorte os espera, porém, nunca permitimos que escolha os números em que devemos jogar. Auxiliou muito aos aliados durante a guerra. Desmoralizou alguns oficiais alemães, forçando-os a abandonar Monte Carlo. Êles costumavam perguntar se seriam enviados para a frente russa. "Certamente! — replicava ela. — E predigo ainda que, enquanto isto, seus lares serão bombardeados."

A encantadora adivinha sentou-se a uma mesa tal como uma arara a recompor suas penas de côres berrantes, e quase imediatamente um homem calvo dela aproximou-se com um ar de expectativa.

UM SISTEMA QUE APRESENTA RESULTADOS INFALíVEIS

— E o sistema dó seu pai? — perguntou um dos jornalistas, curiosamente.

— Ah! Sim... — disse o general. — Perdeu quatorze lances consecutivos, o que somou vários milhões de francos...

— E desanimou?

— Nem tanto. Afirmou que um simples êrro de cálculo matemático tenha sido a causa do desastre, mas não perdeu a fé em seu sistema. Continuou a jogar baseado nêle até o dia da sua morte, perdendo mais outros milhões. Um momento antes de exalar o último sùspiro, disse-me: — "Pierre, agora, sim, estou na pista certa!"

Falando ainda sôbre os sistemas de ganhar no jôgo, o general começou a descrever um dêles, o qual considerava o mais fantástico de quantos já conhecera!

Tratava-se da **descoberta** de um mercador de diamantes de Amsterdam, a quem a Deusa da Fortuna favoreceu. Êsse homem persuadiu um compatriota seu a jogar na roleta por sua conta e risco, durante uma semana, impondo as seguintes condições: êle lhe entregaria 100.000 francos (cêrca de 20.000 cruzeiros hoje, mas, aproximada-

mente cem contos, na época) e pagar-lheia uma diária de dois contos e quinhentos. Nos primeiros cinco dias o preposto ganhou apenas os seus salários, mas nos últimos dois dias, embora houvesse tentado evitar, ganhou mais de um milhão de francos (200.000 cruzeiros hoje, porém cinco vêzes isso na época). O mercador de diamantes apanhou o dinheiro, partiu de Monte Carlo, e nunca mais voltou!

"Como os senhores vêem — acrescentou o general — aquêle velho ditado segundo o qual **os jogadores sempre voltam**, não é verdadeiro. Claro que a maioria continua jogando, e realmente perde tudo."

E François Blanc, o genial criador do Cassino de Monte Carlo, estava tão certo disto que, quando o famoso milionário americano J. P. Morgan quis quebrar o limite dos lances permitidos na roleta, estipulou:

— Se jogar sentado, claro que aceitaremos lances mais altos; mas se jogar em pé, não!

Morgan jogou sentado, e perdeu vários milhões de francos.

Um outro jogador para quem o cassino aumentou o seu limite máximo de aceitação de apostas — de 500 mil para 3 milhões de francos — foi o ex-rei Faruk. Faruk é o último dos grandes jogadores. O Aga-Khan, há tempos considerado um terror no "baccarat", está afastado das mesas dos cassinos. O jôgo o aborrece atualmente. E quando sai de sua vivenda em Cannes e vem a Monte Carlo é para assistir à ópera ou ao "ballet". Entre as celebridades do momento, os maiores clientes do cassino vêm de Hollywood — Errol Flynn, Marlene Dietrich, Edward G. Robinson, etc. Mas o maior jogador dos anais da

Os suicídios praticados pelos que perdem no jôgo, no Cassino de Monte Carlo são mais raros do que se imagina.

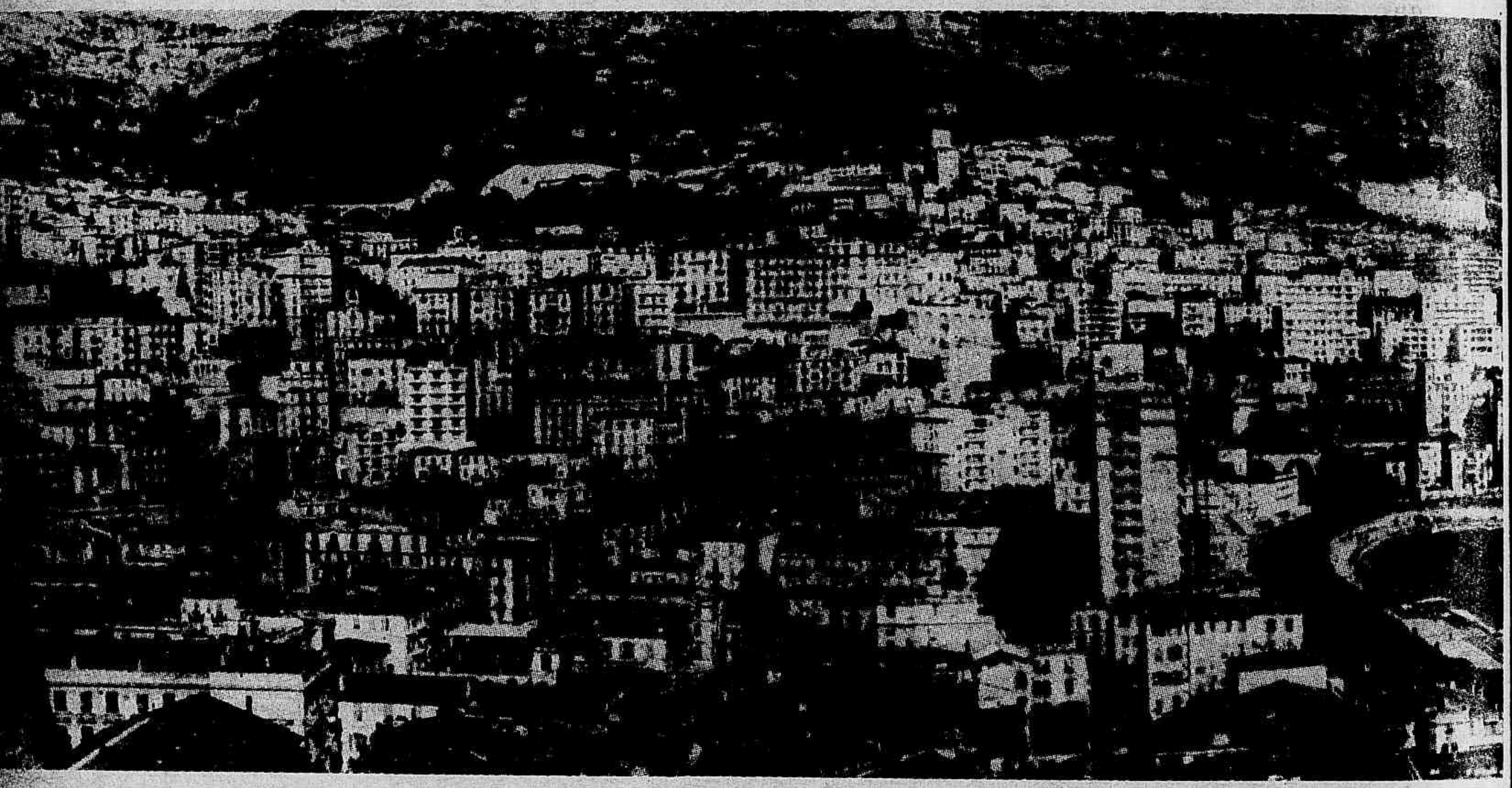
S. A. a princesa de Mônaco.

história de Monte Carlo, de acôrdo com o general Polovtsoff, foi o duque de Westminster, falecido há 2 anos. Conta-se que, certa vez, mundial. Durante uma outra temporada, perguntou a um amigo se queria vender o automóvel. Ao que o outro respondeu que venderia por quantia equivalente a 130 mil cruzeiros.

— Espere um instante — disse êle. — Voltarei dentro de poucos minutos.

Entrou no cassino, jogou algumas vêzes no número 29, e voltou com dinheiro suficiente para comprar doze carros!

Mas o amor salvou William, arrancando-o ao triste destino de jogador. Casou-se com



A história de Monte Carlo, afinal, não é tão trágica como geralmente se acredita. As mortes violentas, principado em que o príncipe Rainier III, deixando de ser "o solteirão mais cobiçado da Europa", tem

quando viajando para a Inglaterra em seu iate particular, encontrou nos bolsos de sua blusa de comandante vários milhares de dólares em fichas que esquecera de trocar na "caixa" do cassino.

— Um norte-americano de Illinois foi, provàvelmente, o mais feliz jogador que tive a oportunidade de conhecer — recordou o general, bebendo o seu segundo uísque. — Seu nome é William Darnborough. Sempre sustentava o número 29 na roleta. Durante uma só estação ganhou mais de 500 mil dólares (35 milhões de cruzeiros), o que representa o "record" uma bela inglêsa, que fê-lo prometer que nunca mais pegaria numa ficha."

O BANCO FICOU DE LUTO

— E que sabe do homem que quebrou o Banco de Monte Carlo? — perguntaram.

— Charles Wells? Isso não passa de uma lenda. Ninguém quebrou ou poderia quebrar o banco, no sentido de deixar o cassino na completa falta de dinheiro. Suas possibilidades são muito amplas. Muitos conseguiram — e Wells foi um dêles — ganhar tôdas as fichas de uma só mesa. Neste caso, a mesa era coberta de crepe

prêto durante o resto da tarde, sendo retirado sòmente na manhã seguinte — fato que representava um inteligente golpe de publicidade arquitetado por Blanc. Mas, agora, abandonou a tradição. Não se permite mais que as mesas fiquem sem fichas. Existe sempre o valor de meio milhão de dólares em imóveis e 25 milhões depositados no banco do cassino.

— Mas Wells era fantástico! Êle apareceu em Monte Carlo pela primeira vez por volta do início do século. Usava uma variante do chamado **sistema de gamarra**. Todos os sistemas têm ao menos a virtude de limitar as perdas do jogador. Colocando 500 dólares no vermelho ou no prêto — nunca em um número — deverá dobrar a parada se perder, e no caso de ganhar, joga o total por três vêzes consecutivas. A seguir, retira-se por pouco tempo e depois recomeça. Se a sorte estiver contra êle, deverá, então, baixar seus lances.

"Wells jogou durante onze horas no espaço de três dias, e quebrou a mesa repetidas vêzes, convertendo os seus 2.000 dólares em 200.000. E ao sair do cassino, passou por uma mesa de "trinta-e-quarenta", arriscou algumas fichas, e ganhou mais 30.000 dólares. Voltou no outono, e em outro pequeno lapso de tempo ganhou cinqüenta mil.

"Em sua terceira visita, chegou a bordo de suntuoso iate, o "Palais Royal", acompanhado de sua espôsa, Jean Burns, um antigo modêlo. Desta vez, êle perdeu seu capital inicial. Porém, sabia onde arranjar mais. Wells era um vigarista, com trinta pseudônimos. O iate representava uma parte de sua última fraude. Enganou gente de tôda a Inglaterra com um investimento inexistente em uma certa máquina propulsora para navios altamente econômica, e cujo valor se propunha demonstrar, realizando a travessia da Mancha em seu iate.

Telegrafou a uma de

em razão do jôgo, podem ser contadas com os dedos de uma só mão. Ao alto, uma vista geral do agora a companhia de Grace Kelly, com a qual casou numa cerimônia que despertou interêsse mundial

Príncipe de Mônaco, Rainier III.

suas vítimas, uma rica solteirona, pedindo fundos adicionais, explicando que seu aparelho experimental havia entrado em colapso. A moça enviou, ingênuamente, o dinheiro, que êle perdeu imediatamente no jôgo.

Quando a história de Wells explodiu em Monte Carlo, sendo comentada pelos jornais, suas vítimas começaram a querer saber o que fazia êle naquela cidade. Mas o espertalhão pacificou-os temporàriamente, dizendo que estava aperfeiçoando um sistema de jôgo, de cuja aplicação resultaria benefícios para os mesmos. Porém, eventualmente, a polícia acusou Wells de obter 150.000 dólares sob falso pretexto. Passou oito anos na prisão, e morreu na miséria, em Paris, com oitenta e cinco anos de idade.

Blanc teve um certo sentimento de gratidão para com Wells. A canção por êle inspirada, e que se tornou muito popular, tendo sido cantada em todo o mundo, proporcionou ao cassino a maior publicidade gratuita de sua história.

O uísque estava quase findando e o general sugeriu que os jornalistas fôssem passear um pouco com êle através do cassino. No "hall" do hotel passaram por uma estátua eqüestre. de Luís XIV.

— Observem — disse o general — como a coxa direita do cavalo brilha. É de ser roçada pelas gerações de jogadores em seu caminho para as mesas. Trata-se de uma superstição favorita.

A SUPERSTIÇÃO

E falou de outros fatos. O nó da corda usada por um carrasco em vários enforcamentos é tido como um poderoso auxiliar da fortuna (isto por causa da dificuldade de se obter uma tal mascote).

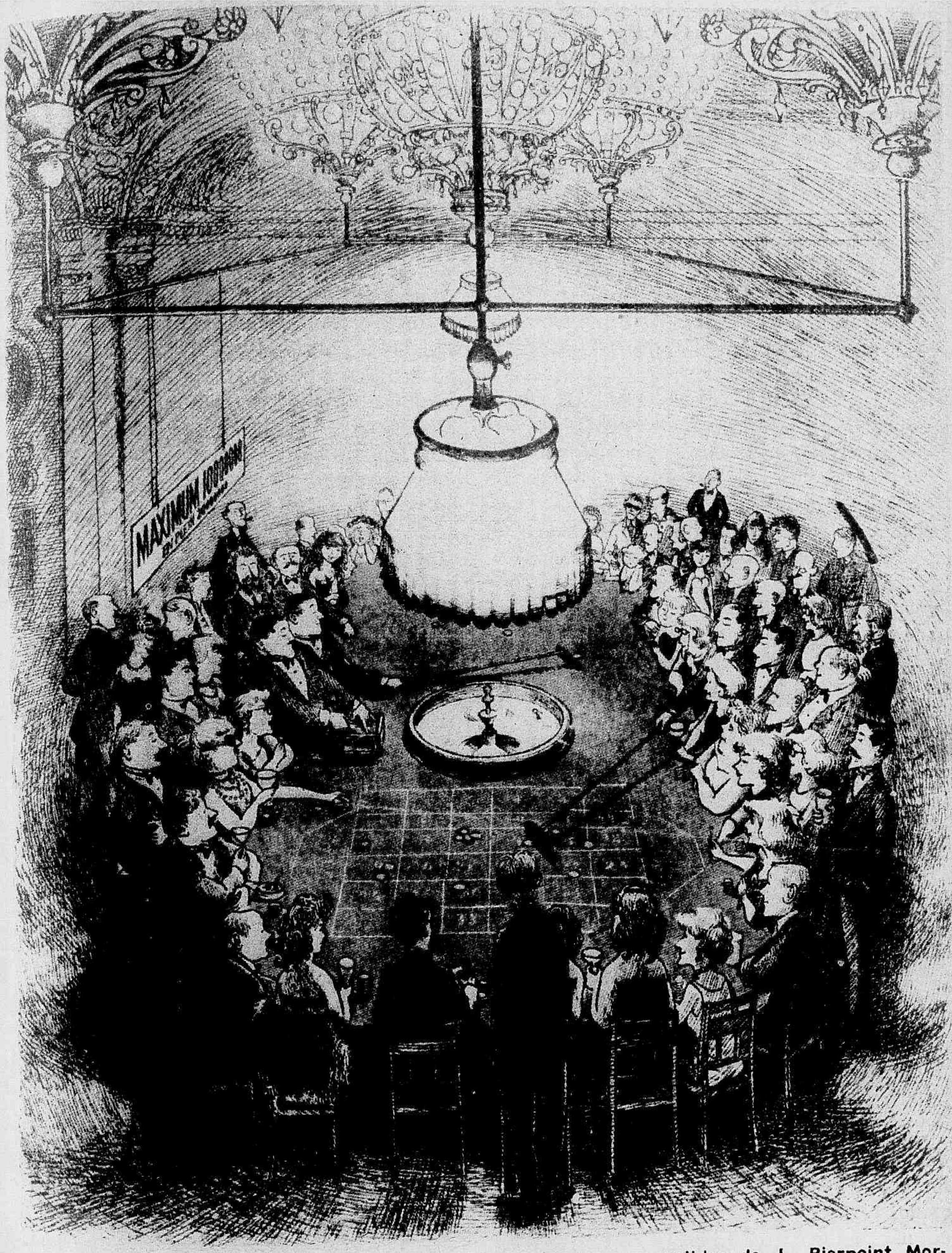
— Eu próprio — recordou o general — ganhei uma corda cheia de nós, que me foi dada por um oficial que havia enforcado vários rebeldes no Turquestão. Mas, como eu não podia jogar, dividi-a entre alguns amigos... que perderam tudo o que tinham!

Morcegos secos, pés de pássaros, dentes de serpentes venenosas, objetos religiosos abençoados pelo papa, brinquedos para crianças em forma de gatos pretos, a companhia de moças bonitas — tais são os talismãs que o general teve oportunidade de ver no cassino. Certo jogador viciado trazia uma aranha dentro de uma caixa de fósforos com uma metade pintada de vermelho e a outra de prêto. Abria a caixa antes de fazer o jôgo e colocava as fichas na côr do lado em que se encontrava a aranha. Por sua vez, os membros da Igreja Anglicana de Monte Carlo não jogam nos números dos hinos a serem cantados durante a cerimônia do dia. Por sua vez, muitos paroquianos chegam a sair no meio do sermão para jogar nos números citados pelo padre!

MUITOS VIVEM PARA PERDER NOVAMENTE

Quando atravessamos o colossal vestíbulo do cassino, o general começou a separar a verdade da ficção.

— Quanto às histórias dos suicídios — murmurou êle — nada pode haver de mais ridículo! Não há, como se noticia, cemitérios exclusivamente para suicidas em Monte Carlo; e, ao contrário do que apregoa o sensacionalismo jornalístico, não existem as tais "passagens secretas" do cassino, através das quais nos livramos dos cadáveres; e nem tem fundamento aquela fantasia, segundo a qual enchemos os bolsos dos jogadores mortos com dinheiro. Foi William Le Queux, o velho contista policial francês, quem inventou tudo isto, quando escreveu num jornal de Paris, dizendo que pelo menos um jogador praticava o suicídio, por dia, em Monte Carlo. Trezentos e sessenta e cinco suicídios por ano! A verdade é que, proporcionalmente à população, há menos suicídios em Monte Carlo que em muitas outras cidades que não possuem cassinos; e dêsses, mais de metade são determinados por outras causas que pròpriamente os insucessos no jôgo. Contudo, essa crença infamante persiste. Recentemente, aqui estêve, juntamente com sua mãe, uma jovem inglêsa. Um dia ouviu um disparo distante e começou a chorar, dizendo: **"Oh, mamãe, nem sequer posso pensar nesse pobre homem que acaba de estourar a cabeça!"** Sabem os senhores o que era o estampido? Nosso torneio anual de tiro-ao-alvo.



As apostas (pleno) têm um limite. Porém, para atender aos pedidos de J. Pierpoint Morgan, milionário norte-americano, e do ex-rei Faruk, do Egito, o Cassino de Monte Carlo concordou em aceitar apostas maiores que êsses limites. Os dois ousados apostadores perderam!

"O último suicídio que se pode, francamente, atribuir a perdas no jôgo ocorreu em 1929. Um casal russo, o príncipe e a princesa Stourdza, retornou ao seu quarto do hotel numa madrugada, após uma catastrófica arremetida da sorte, e ingeriu uma

grande dose de sedativo; entretanto, houve um suicídio mais espetacular ainda. Um iugoslavo, Kostich Radomillo, desesperado por haver perdido tudo na roleta, derramou fluido de isqueiro sôbre as vestes, e já se aprestava para incendiar-se quando dois guardas o agarraram. Livrando-se dos policiais, puxou o revólver e atirou no candelabro; a seguir, arremeteu contra a vidraça da janela, indo cair ao solo, onde quebrou as duas pernas. Ali mesmo meteu uma bala na cabeça!

— Quanto a mortes do coração nas mesas de jôgo — continuou o general — não são poucos freqüentes. Durante uma recente corrida de automóveis em Monte Carlo, o presidente do Automóvel Clube da Suécia resolveu tentar a sorte na roleta. Apostou 1.000 francos no 17 (o número que dá com grande freqüência). Mas, logo que viu a roda girar, foi vitimado por um colapso. E nunca mais recobrou a consciência para saber que o número 17 havia sido o premiado! Sua viúva recolheu os 36.000 francos que êle havia ganhado.

A seguir, o general indicou uma sala fechada, na qual ninguém pode entrar.

— Aqui é a sede do corpo de detetives do cassino — um dos maiores do mundo — e que dispõe de uma lista-negra de pessoas (o número dessas chega, no momento, a mais de 100.000) que não podem entrar em Monte Carlo. Esta lista inclui vigaristas, trapaceiros, ex-presidiários e prostitutas. Estão também incluídos os jogadores que receberam um "viatique" do cassino, e ainda não o reembolsaram. Um "viatique" (viático) é uma passagem de volta para casa, que a gerência do cassino adianta aos jogadores que perdem até o último centavo. Mas, oficialmente, o "viatique" foi suspenso há quarenta anos, quando os diretores descobriram que alguns dos que tinham sido assim favorecidos, estavam jogando em outros cassinos da Riviera.

O general pasou junto da principal sala de jôgo e moveu a cabeça tristemente. Homens em manga de camisa e mulheres com vestidos surrados alimentavam, com moedinhas, máquinas automáticas de bombons e chocolates.

— Antigamente os senhores não viam uma cena dessas — observou êle. — Que falta de estilo! Os norte-americanos, então, nem se fala! Entretanto, do ponto de vista comercial, tanto faz um grande número de pequenos jogadores como uma pequena quantidade de grandes. A porcentagem do cassino é sempre a mesma.

Passam através de uma pesada porta dupla. A enorme sala estava cheia, porém mergulhada num profundo silêncio. Os jogadores, completamente fascinados, raramente falavam e, quando o faziam, era com voz quase imperceptível. Ouvia-se distintamente o girar das roletas, o barulho das bolas sôbre as mesmas, e o invariável pregão dos **croupiers**. "Façam jôgo. Feito!"

— Lembro-me perfeitamente — disse o general — do terrível caso da princesa Faucigny-Lucinge. Ela se achava no terraço superior, recuperando-se das perdas do dia. Era uma noite de verão e a porta que dava para o salão-de-jôgo estava aberta. Procurando um cigarro em sua bôlsa, encontrou uma única ficha de dez francos que, num gesto de desespêro, lançou para trás por cima do ombro. A ficha atravessou a porta, caiu sôbre a mesa da roleta e parou no número 15.

— E ganhou, naturalmente — falou um repórter, incrédulo.

— Sua conclusão é certa! Mas há mais! Ela voltou ao jôgo e acabou cometendo um homicídio!

Olhando para a pilha de fichas diante do **croupier**, um dos jornalistas murmurou:

— Aquilo é uma verdadeira tentação para a fraqueza humana. Quanta gente gostaria de apanhar aquelas fichas!

— Não pense que não houve tentativas nesse sentido disse o general. — Sei de pessoas que já conseguiram **meter a mão**. Porém, o nosso serviço secreto está em tôda parte. A mulher que se acha sentada à mesa do "baccarat", o homem do bar ou o norte-americano alto, que passeia despreocupado pelo salão, qualquer um dêles pode ser um detetive... Eu não sei... Só o chefe do serviço secreto os conhece.

A maioria dos bons sistemas empregados para defraudar o cassino envolve a cooperação de um **croupier** desonesto. Certo **croupier**, trabalhando juntamente com cinco trapaceiros de Nice, conhecia um método muito eficiente para ganhar no "trinta-e-quarenta". Usa-se, neste jôgo, uma caixa

longa, de madeira, contendo seis baralhos. Êsses baralhos são utilizados por poucas horas apenas e depois relegados. E enquanto não estão sendo usados, ficam guardados num gabinete fechado. O **croupier** retirou um dêsses baralhos, arranjou as cartas numa certa ordem, informando, em seguida, os seus cúmplices. Durante o jôgo, um dos trapaceiros distraiu-se e deixou cair algumas moedas. E quando os outros jogadores baixaram-se para apanhá-las, o **croupier** passou-lhe ràpidamente o baralho arranjado. Então, os trapaceiros passaram a fazer enormes apostas, realizando ganhos colossais dentro de poucos minutos. Mas o acontecimento era fantástico demais para não levantar suspeita. A polícia prendeu o **croupier** Êste confessou e foi condenado, mas os cúmplices nunca foram apanhados.

Atualmente, antes de contratar um novo **croupier**, o cassino trata de mandar investigar, tal como o faz o FBI com as pessoas suspeitas. Além disso, todos êles usam roupas sem bolsos durante o tempo de trabalho. Esta medida foi tomada há oito anos, desde que se descobriu que um **croupier** ia saindo do cassino com 5.000 dólares de fichas metidos nos abainhados da calça.

Outro fato que abalou o cassino foi o seguinte: os suspeitos eram quatro espanhóis de meia idade; o jôgo, novamente o trinta-e-quarenta". Como estivessem ganhando milhões, os detetives começaram a vigiá-los, porém não descobriram qualquer irregularidade. Um dos policiais notou que todos quatro usavam óculos escuros. Saiu e voltou logo em seguida usando óculos escuros. E descobriu a trapaça. É que várias cartas se achavam marcadas nas costas com pequenas manchas brancas, apenas visíveis através de lentes escuras. Os espanhóis haviam colocado um composto fosforescente nas unhas e marcaram, assim, as cartas que lhes interessavam.

Joseph Jaggers é um nome do qual ainda hoje a gerência do cassino não quer ouvir falar. Não se sabe bem se o mesmo deve ser considerado um desonesto; tudo depende da moral de cada um. Êste indivíduo, engenheiro inglês, que construía fusos para as beneficiadoras de algodão, chegou a Monte Carlo num belo dia de verão, desconhecendo inteiramente uma ròda de roleta. As

— Se há aqui presente alguém que saiba de algum impedimento para êste casamento...

rodas despertaram o seu interêsse técnico. Então, começou a pensar em seu processo giratório. E para satisfazer sua curiosidade dedicou vários dias só para estudar o funcionamento de cada roda especìficamente. Notou que uma delas tinha uma tendência peculiar para nove números. O jogador deveria fazer lances em todos êles. Jaggers deixava, ocasionalmente de jogar nos mesmos a fim de evitar as suspeitas. E durante alguns dias apenas, ganhou mais de 300.000 dólares!

Os detetives só dispunham de uma pista: Jaggers sempre jogava na mesma mesa! Na noite seguinte trocaram a roda, o suficiente para que êle começasse a perder. Devassou todo o salão e, finalmente, escolheu uma outra mesa. Era a que estava com a sua roda favorita. Ganhou mais 100.000 dólares em poucas horas. Após ganhar tôda essa fortuna retornou à Inglaterra. E sòmente depois de muito tempo os detetives descobriram a causa de tal desastre. É que o cilindro da misteriosa roda tinha uma pequena imperfeição. Um dente da engrenagem era ligeiramente inclinado, de modo que, na maioria das vêzes, impelia a bola para um dos nove números seguidos que Jaggers escolhera para as suas jogadas. A realidade é que não se podia acusá-lo de coisa alguma, e o cassino teve de arcar com os prejuízos. "Esta experiência — disse o general — nos ensinou uma grande lição. Desde então, tôdas as rodas passaram a ser niveladas diàriamente."

AS MONTANHAS QUE VIAJAM SÔBRE AS ÁGUAS

(Continuação da página 26)

bre as costas ocidentais da Europa é por todos reconhecida, e modificar profundamente as condições climatológicas. Por isso mesmo, a abundância de "icebergs" pode ser o anúncio de um inverno extremamente frio na Europa.

As montanhas do mar, ao cruzar as rotas que abriram com suas proas os navios que vão e vêm entre os continentes, constituem tremendos perigos para a navegação naquelas épocas do ano em que são lançados ao mar por milhões de toneladas êsses escolhos flutuantes, que são, além do mais, verdadeiras fábricas dessas brumas e névoas, tão freqüentes em determinados meses nos bancos da Terra Nova, e que tantos desastres causam nas embarcações que navegam naquela privilegiada zona pesqueira.

O navio que encontra em sua rota um dêsses colossais blocos de gêlo, está correndo grave perigo, pois como o "iceberg" é socavado incessantemente, chega a perder sua posição de equilíbrio e, ao buscar outra posição, levanta uma enorme onda artificial, de águas e de gêlo, mais que suficiente para pôr em grande perigo o navio que venha a sofrer seus efeitos.

Porém a tragédia em seu grande máximo ocorre quando o navio se choca contra a montanha de gêlo. A história da navegação está cheia de páginas dolorosas, nas quais se relatam as terríveis colisões e suas tristes conseqüências.

A PERDA DO "TITANIC" — O transatlântico "Titanic" era uma maravilhosa obra de engenharia e de arquitetura naval. Era, em 1912, o maior navio do mundo e realizava a sua primeira viagem com duas mil trezentas pessoas a bordo. Às dez da noite do dia 14 de abril, uma massa de gêlo cruzou diante do gigantesco transatlântico; às onze vinha sôbre êle outra colossal montanha de gêlo. Não o salvou o frear ràpidamente em sua majestosa marcha. O choque se produziu com tôda a violência que se pode supor.

Três horas durou a agonia do colosso, que afundou após o **"salve-se quem puder"**. que o capitão teve que lançar finalmente.

Foram recolhidos uns setecentos náufragos. E foram registrados vários casos heróicos como o da orquestra do navio, que tentou, enquanto houve esperanças de salvamento, ajudar a levantar o moral dos passageiros e tripulantes, tocando alegres árias musicais, até que, nos últimos momentos, teve que trocá-las pelo hino religioso **"Mais perto, oh Deus, de Ti"**, que executou enquanto o navio descia estrondosamente para o abismo, a mais de cinco mil metros da superfície do mar!

Todos os anos, um patrulheiro da marinha norte-americana vai lançar, no triste aniversário, uma coroa de flores no lugar do sinistro, enquanto um "iceberg" cruza à deriva, despertando trágicas recordações.

A direção da luta contra as montanhas do mar, na qual colaboram várias nações, está confiada aos Estados Unidos da América do Norte; suas embarcações de patrulha e sua aviação vigiam os movimentos dêsses perigosos escolhos, de cuja presença avisam aos navios que possam encontrar-se em sua rota, e tratam de proceder à destruição por meios engenhosos e de eficaz resultado, empregando para isso poderosos explosivos.

E dessa forma se reduz o número de sinistros, pôsto que é impossível evitá-los totalmente, ante a enorme produção realizada pelos "viveiros" onde se criam essas perigosas montanhas de gêlo.

◆

O TRATAMENTO DOS METAIS EM FORNO SOLAR

O forno solar existente em Mont-Louis (França), com uma potência de setenta e cinco kilowatts, compreende um orientador de 125 metros quadrados de superfície, composto de quinhentos espelhos planos e uma paraboloide de 90 metros quadrados, cuja superfície refletora está formada por 3.500 espelhos curvos. Segundo a exposição da imagem do sol no forno, a temperatura varia entre dois mil e quinhentos a três mil graus. E desde há alguns anos que os cientistas vêm conseguindo fundir nesse forno importantes massas de matérias refratárias, assim como realizar a fusão do ferro, na proporção de 60 quilos por hora, ou seja, meia tonelada por dia!

PÁGINAS IMORTAIS

A BATALHA DE SÂNTOS

por OLIVEIRA VIANA

FRANCISCO José de Oliveira Viana nasceu no Estado do Rio de Janeiro no dia 20 junho de 1883 e ali faleceu em 28 de março de 1951. Jurista famoso, dedicou o melhor de sua inteligência e de sua cultura à sociologia, e foi, pràticamente, o primeiro grande sociólogo a interpretar a história e a vida do Brasil. Deixou muitas obras publicadas, que projetaram o seu nome além das fronteiras nacionais. "Populações Meridionais do Brasil", em dois tomos, é uma das maiores realizações do escritor. Dela destacamos o interessantíssimo episódio a que demos o título de "A Batalha de Santos", no qual Oliveira Viana exemplifica e retrata, com seu estilo simples e brilhante, a vida caudilhesca no segundo século da existência do Brasil.

QUASE nos fins do II século, a pacata população da vila de Santos dá conta dêsse fato espantoso: — pela estrada que comunica, pela serra de Cubatão, o planalto paulista com o litoral de São Vicente, marcha e se aproxima lentamente, em som de guerra, o mais luzido exército que por ali jamais se viu. Cêrca de mil pessoas o compõem. Nêle figuram os mais poderosos caudilhos de São Paulo, arrastando cada qual o seu clã de capangas. É uma demonstração de fôrça, teatral e imponente, que um grupo de potentados do alto da serra faz a um outro potentado do litoral, Diogo Pinto do Rêgo, homem de alto respeito e grandes posses em Santos. Diogo do Rêgo havia desrespeitado, com arrogância afrontosa, a Timóteo Correia, provedor da fazenda naquela cidade e membro da poderosíssima "gens" dos Tacques e Almeidas.

É o caso que um tal José Pinheiro, do clã de Diogo do Rêgo, tendo de retirar da Alfândega um pequeno volume, achou que não devia pagar o impôsto devido e, fiado naturalmente no poder do seu protetor, arrebata violentamente o volume, levando-o para casa. O provedor manda prendê-lo e o recolhe à cadeia. Diogo do Rêgo, potentado e caprichoso, irrita-se com isto, vai à cadeia, ameaça o guarda, solta o prêso. Tal como fazem, ainda hoje, no nordeste, os caudilhos sertanejos.

Por essa época a solidariedade parental é vivíssima. Timóteo Correia é enteado de Pedro Tacques de Almeida, um dos chefes das ilustres casas dos Tacques, dos Almeidas e dos Barros. Ofendido Timóteo, tôda a sua parentela se sente também ofendida. O velho Tacques convoca todos os parentes para combinarem o meio melhor de tomar uma desforra. Reunidos em concílio ardente, resolvem, afinal, descerem todos, Timóteo Correia, Pedro Tacques e "demais parentes da autoridade", com os seus homens de armas, até o litoral, para tornar a prender o culpado, desagravar o provedor e sustentar-lhe a "jurisdição e o respeito".

Congregados os clãs respectivos, Timóteo Correia, os seus parentes e os seus amigos "com copioso número de índios administrados", saem de São Paulo com destino a Santos. O cortejo forma na estrada de Cubatão, segundo Tacques, "um corpo de mais de mil pessoas".

Na testa da coluna está Timóteo, ladeado por sua mãe, dona Ângela de Siqueira, figura varonil de matrona romana, vivamente empenhada pela desforra do filho. Junto dêle o velho Pedro Tacques com "uma guarda de mais de cem homens armados". Logo após, os representantes da "gens" dos Barros, os irmãos Fernão Paes de Barros, Pedro Vaz de Barros e Antônio Pedroso de Barros, tios de Timóteo Correia, por parte de dona Ângela de Siqueira. Depois, os "briosos" Pires e Almeidas da formidável "gens" dos Almeidas, Francisco de Almeida Lara, João Pires Rodrigues de Almeida, José Pires de Almeida, Pedro Tacques Pires e Salvador Pires de Al-

meida, todos sobrinhos de Pedro Tacques. Depois, os representantes da "gens" dos Tacques, Luís Pedro de Almeida, Antônio Pedro Tacques, José Pompeu de Almeida, Maximiliano de Góis e Siqueira e Lourenço Castanho Tacques, todos sobrinhos de dona Ângela. Por fim, fechando a coluna, o poderoso clã do "grande Guilherme Pompeu de Almeida", composto de "escolhidos soldados da melhor nobreza da vila de Parnaíba, debaixo do comando do capitão-mor Pedro Frazão de Brito", também parente de Timóteo Correia.

Durante três dias e três noites, êsse poderoso exército desfila, na melhor ordem, morosamente, pelas encostas do Cubatão. Chega afinal a Santos. Entra na cidade. Em tôrno da casa de Diogo do Rêgo estende as suas fôrças em linha de assédio.

Rêgo havia sido avisado, com antecedência grande, dessa demonstração. Como bom potentado, não se atemoriza. Resolve enfrentar os caudilhos da serra. Transforma sua casa em fortaleza. Nas paredes da frente e dos fundos abre várias troneiras, em que introduz arcabuzes, "para disparar quando os paulistas intentassem cercá-lo". Recolhe nos seus paióis e adegas "muita pólvora e balas com fartura de víveres e sustento de carnes sêcas, e tudo quanto discorreu poderia carecer sem necessidade de abrir as portas para fornecer-se da praça". Prevendo a hipótese de ser detido, mina tôda casa com barris de pólvora. Feito o que, recolhe-se, com "todos os seus apaniguados, mulatos, escravos e pretos, de que tinha número grande, e homens seus agregados, dextros na pontaria das escopetas e arcabuzes, e com José Pinheiro, seu compadre".

É uma situação verdadeiramente inexpugnável. Diante dessa formidável fortaleza, os sitiantes ficam em atitude embaraçosa: sem ânimo para o assalto, mas sem quererem também sofrer a desonra do recuo.

Os padres carmelitas, franciscanos e jesuítas, residentes na Vila, intercedem com os seus bons ofícios. Mas Diogo do Rêgo se conserva intratável, como intratável se conserva Pedro Tacques.

Nessa indecisão, um expediente diabólico acode aos sitiadores: utilizar as peças de artilharia do forte. Descavalgam-nas das baterias e trazem-nas, a braços de homens, para fora e as assestam contra a casa de Diogo do Rêgo. Êste, compreendendo o irremediável da nova situação, cede, entregando o seu protegido José Pinheiro que é afinal, recolhido novamente à cadeia. E a calma volta à cidade entre o bimbalhar de sinos pelo acontecimento...

No meio de tôda essa luta, é curioso notar a atitude das autoridades públicas, a quem incumbe a segurança da ordem social. Elas não aparecem senão como simples espectadoras do tumulto. Em regra, recuam, cautelosas e tímidas, diante dêsse poder formidável, que os latifúndios elaboram.

NA Califórnia, um grupo de exibidores cinematográficos acaba de introduzir uma excelente inovação em favor dos espectadores: um "carnet" de crédito, que é pago uma só vez ao fim de cada mês e lhes dá o direito de assistir a um determinado número de lançamentos.

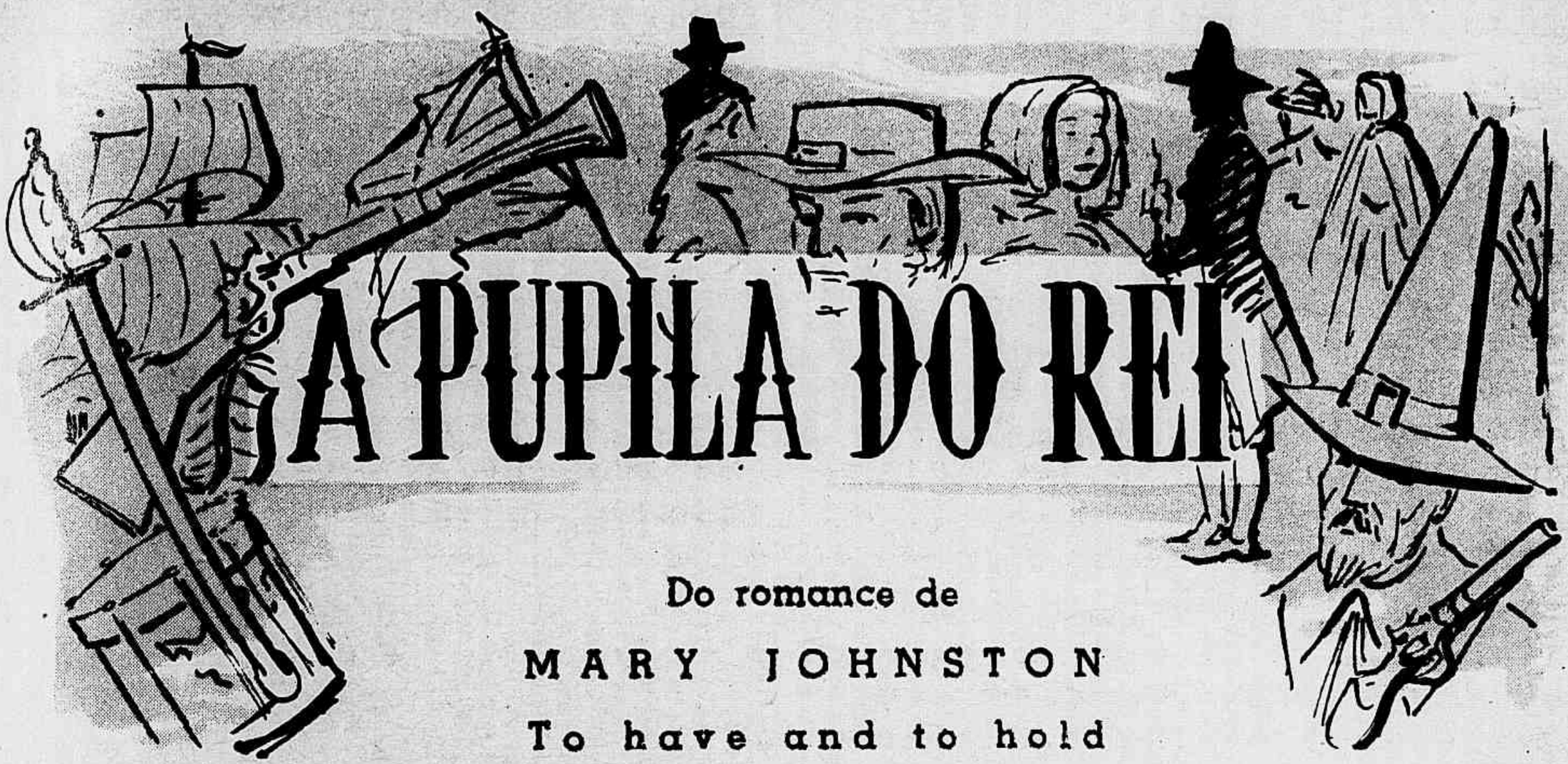
◆

O gêlo antibiótico, fabricado com cinco gramas de aureomicina para cada quatro toneladas de água, é usado nos Estados Unidos para conservar o pescado, destruindo as bactérias.

A maior escada do Corpo de Bombeiros de Paris mede 45 metros e pesa 12 toneladas. Desde que foi colocada a serviço daquela corporação, no ano de 1937, só foi utilizada treze vêzes.

◆

EM uma enquete realizada entre mulheres casadas inglêsas de idades e classes sociais diversas, com relação à felicidade matrimonial, setenta e cinco por cento declararam que são muito felizes. Seis por cento consideram-se infelizes. O resto manifestou-se contente.



A PUPILA DO REI

Do romance de

MARY JOHNSTON

To have and to hold

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Ralph Percy, cavalheiro inglês e um dos pioneiro nas terras da Virgínia, conquistadas pela Inglaterra, instado por seu amigo John Rolfe, também fidalgo, decide comprar espôsa entre as moças enviadas da Inglaterra para a colônia, para melhorar a vida em Jamestown, capital dessa terra americana. Com outros muitos vai aguardar o desembarque das beldades e encontra uma criatura de maravilhosa beleza, à qual propõe casamento.

— Casai-nos depressa, amigo — disse eu. — Acumulam-se nuvens, e vamos para longe.

Desceu do montículo, e fomo-nos pôr de pé em frente a êle. Eu trazia ao pescoço a cadeia de ouro que em certa ocasião me fôra dada pelo príncipe Maurício, e em falta de outro anel dela arranquei o elo menor e lh'o dei.

— Vosso nome? — perguntou Messér Sparrou, abrindo seu livro.

— Ralph Percy, cavalheiro.

— E o vosso? — inquiriu, fitando sua beleza com prazer talvez demasiado.

Ela corou bastante e mordeu o lábio.

Êle repetiu a pergunta.

Quedou um minuto em silêncio, com os olhos no céu que se anuviava. Depois disse, em voz baixa:

— Jocelyna Leigh.

Não fôra êsse o nome que eu vira o mercador do Cabo riscar de sua lista. Voltei-me para ela e fi-la encontrar meus olhos.

— Qual é o vosso nome? — exigi. — Dizei-me a verdade!

— Já o disse! — respondeu com altivez. — Chamo-me Jocelyna Leigh.

Tornei a encarar o pastor.

— Vamos! — disse-lhe simplesmente.

— A companhia ordena que nenhum constrangimento se faça às suas raparigas pobres. Portanto, quer casar-se com êste homem por sua livre vontade e escolha?

— Sim — disse ela — por minha livre vontade.

Pois bem, casamo-nos e Messér Jeremias Sparrow desejou-nos felicidade, e Kent teria beijado a noiva, se eu não lhe tivesse lançado olhar severo. Êle e Belfield foram-se embora, e eu deixei-a ali, e fui buscar-lhe a trouxa na casa que a agasalhara durante a noite. Ao voltar, achei-a sentada na relva, com o queixo apoiado na mão e os olhos escuros a observarem os riscos distantes dos relâmpagos. Messér Sparrow deixara o seu pôsto, e não podia ser visto em parte alguma.

Dei-lhe a mão e conduzi-a para a praia; então desamarrei meu barco e ajudei-a a embarcar. Ia-me fazendo ao largo, quando uma voz chamou-nos da ribanceira, e um instante depois um grande ramo de rosas vermelhas passou-me pela frente e foi cair-lhe no colo.

— Flores para a flor, bem sabeis — disse Messér Jeremias Sparrow jovialmente. — A caseira Allen nunca dará por falta delas!

Eu estava indeciso se devia rir-me ou praguejar — pois nunca lhe dera flores — quando decidiu por mim a questão, erguendo o ramo vermelho e atirando-o à corrente.

Um súbito sôpro de vento fêz virar a vela, encobrindo-lhe o rosto enfiado. O vento refrescou, vindo da baía e o barco vogou como uma corsa assustada. Quando tornei a vê-lo, tinha recobrado a calma, e com um sorriso no rosto áspero acenava-nos uma despedida.

Olhei para a formosura sentada à minha frente e, com rápido movimento de compaixão por êle, sem mulher, pus-me de pé e respondi acenando-lhe vigorosamente.

Capítulo IV

NO QUAL É PROVÁVEL QUE ME ARREPENDA COM VAGAR

Quando passamos a foz do Chickahominy, quebrei o silêncio, já prolongado além do que era razoável, apontando para a aldeia situada em sua riba, e, referindo-lhe alguma coisa acêrca da expedição de Smith por aquêle rio acima, e acabando por perguntar-lhe se tinha mêdo dos selvagens:

Quando ao cabo de algum tempo conseguiu desprender das nuvens sua atenção, foi para responder pela negativa, no tom da mais suprema indiferença, depois do que tornou a cair na contemplação do tempo.

Mais adiante tornei a experimentar.

— Ali adiante é a casa de Kent. Trouxe a mulher da terra o ano passado. Que cêrca de girassóis que ela plantou! Se gostais de flores encontrareis as do Paraíso nestas florestas.

Nada de resposta.

Abaixo de Martin-Brandon encontramos uma canoa cheia de Paspaheghs, em caminho de uma visita de amigos, algumas das tribos rio abaixo; pois, no fundo do barco ia um gordo veado, e aos pés dos moços estavam escudelas cheias de bolos de milho e de amoras temporãs. Chamei-os e, quando estávamos ao lado uns dos outros, ofereci a fivela do meu chapéu e apontei para a fruta purpurina. A troca se efetuou logo; êles partiram e eu pus as amoras no banco ao lado dela.

— Não estou com fome — disse, com frieza. — Tirai-as daqui.

Mordi o beiço e voltei para o meu lugar ao leme. A rosa tinha espinhos, e eu já os sentia picar. Então recostou-se no ninho que eu lhe dispusera.

— Quero dormir — disse com altivez; e voltando para o outro lado a cabeça, deitou-a no braço.

Fiquei sentado, inclinado para frente, com a mão no leme, e contemplei minha mulher um tanto consternado. Esta não era a pomba, a rósea, a humilde criatura doméstica, que devia constituir-me o lar e criar-me os filhos.

Uma ave marinha, com largas asas brancas, atufou-se na água, agora escura e encarneirada, pousou um momento, e depois desprendeu o vôo para o meio da tormenta iminente. Ela parecia-se com essa ave. Tais pássaros eram, às vêzes apanhados, mas nunca domesticados e nunca mantidos presos.

O relâmpago, que luzira incessante em pálidos clarões por entre as nuvens baixas, ao sul, começou então a saltar para o alto das nuvens e tornou-se mais vívido, e o surdo rumor do trovão transformou-se em ribombo atroador.

Treze anos antes, as tempestades da Virgínia haviam-nos incutido terror. Comparadas às do velho-mundo, que deixáramos, eram tiros de canhão ao lado do zunir de flechas, rebentar de vagalhões em costa a pique ao lado do espraiar da vaga em mares mansos.

Agora, eram-lhe indiferentes; mas como os trovões mudaram-se em estrondosas derrocadas, quais cidades a ruírem, fiquei atônito por ver minha mulher dormir tão sossegada. A chuva principiou a cair, pouco a pouco, em grandes gôtas ameaçadoras, e levantei-me para cobri-la com minha capa. Vi então que o sono era simulado, porque encarava a tormenta com os olhos abertos, pôsto que sem vislumbre de mêdo na sua escura profundeza.

Quando movi-me êles se fecharam, e quando cheguei junto dela os cílios ainda

lhe tocavam as faces, e respirava tranqüila pelos lábios entreabertos. Mas, involuntàriamente, arredou-se ao meu contacto quando deitei sôbre ela a capa; e, quando voltei ao meu banco, inclinei-me para um lado e vi, como já o esperava, que tinha os olhos outra vez abertos.

Se ela fôsse um pouquinho menos formosa desejá-la-ia de volta a Jamestown, de volta ao Atlântico, de volta a qualquer negregado lugar onde boas maneiras eram desconhecidas, e que a tinha possuído e depois repelido. Orgulho e mau gênio! Apertei os lábios e jurei que encontraria quem lhe pedisse meças.

A tormenta passou depressa. Antes de chegarmos a Piercey, a chuva tinha cessado e as nuvens se dispersavam: por cima de Chaplain's Choice pendurava-se imenso arco-íris; passamos Tants-Weyanoke no meio da glória do pôr do sol, recamado de ouro e púrpura.

Nenhuma palavra fôra pronunciada. Permaneci em uma disposição de ânimo bastante triste, e ela continuou deitada diante de mim, perfeitamente acordada, contemplando a ribanceira mudável e a carrenteza da água e pensando que eu a supunha dormindo.

Afinal, minha doca surgiu pela frente por entre a sombra do crepúsculo, e brilhou, adiante uma luz; pois eu recomendara a Diccon que me arrumasse a casa e arranjasse fogo e brandões, para que minha mulher visse que eu desejava prestar-lhe homenagem. Olhei para minha mulher, e súbito a raiva que nutria dissipou-se.

Fôra para uma solidão vasta e temerosa que ela viera. O majestoso rio, as soberbas florestas, o céu enegrecido e o trovão atroador, os gritos terríveis de aves e de feras, os selvagens hediondos e terríveis — por um momento vi êsse meu mundo como a mulher a meus pés teria de vê-lo; estranho, feroz e ameaçador; uma terra maldita, do outro lado da lua!

Uma circunstância que eu esquecera, tornou-me à memória: como, depois do nosso desembarque em Jamestown alguns anos antes um menino que tínhamos conosco, enchera tôdas as noites com gritos e lamentos a cabana em que repousava, com meu primo Percy, Gosnold, e comigo, sem querer aquietar-se, apesar de experimentarmos quer conselhos, quer pontas de corda. Não eram saudades da terra, pois não tinha mãe, nem parente, nem casa; e mais tarde Messér Hunt conseguiu que êle confessasse ser mero terror pânico da terra — não dos índios, ou da vida áspera que levávamos, que êle enfrentava com bastante coragem, mas das estranhas árvores e das altas cúpolas formadas pelas compridas lianas, da negra terra escorregadia e da névoa branca, dos vagalumes, e dos bacuraus — o mêdo da natureza primitiva e da sua máscara trágica.

Esta era uma mulher jovem, sòzinha e sem amigos, a menos que eu, que jurara prezá-la e protegê-la, lhe demonstrasse ser seu amigo. Por isso, quando, alguns minutos depois, inclinei-me sôbre ela, foi com o maior carinho que lhe toquei e lhe falei.

— Nossa viagem terminou — disse eu. — Esta é a nossa casa, minha querida.

Deixou-me ajudá-la a erguer-se e a subir os degraus molhados e escorregadios da doca.

Estava então bem escuro, não havia lua e nuvens ligeiras obscureciam as estrêlas. O contacto de sua mão, que tive de segurar a fim de guiá-la sôbre a ponte comprida, estreita e sem corrimão, gelou-me, e sua respiração era rápida, mas caminhou a meu lado através da densa escuridão com bastante segurança. Chegados à cancela da

◆

trincheira, bati com o punho da espada e chamei em voz alta pela minha gente, para que nos viesse abrir.

Um momento, e uma dúzia de brandões desceram o banco fulgurando. Diccon puxou o ferrôlho e entramos. Os homens perfilaram-se e fizeram continência, pois eu considerava meu solar como um acampamento, meus criados como soldados, e a mim próprio como seu capitão.

Tenho visto companhias menos favorecidas; mas, indubitàvelmente, à mulher a meu lado não sucedera o mesmo. Talvez também a luz vermelha dos brandões, ora brilhando vivamente, ora diminuída pelo vento, lhes desse aos semblantes um aspecto mais ordinário que de costume. Não eram todos maus.

Diccon tinha a virtude da fidelidade, se não tinha outra; havia ali um par de puritanos e um punhado de honestos basbaques, que, se não manobravam bem, tinham horror à sedição.

A meia-dúzia, porém, que eu tirara das mãos de Argal; os holandeses que bem podiam ter sido irmãos dos dois judas, Adão e Francisco; o gatuno e o salteador que eu comprara dentre a preciosa equipagem que nos mandara o Rei no ano anterior; o negro e os índios fizeram com que eu achasse natural que ela recuasse e se intimidasse.

Foi só por um instante!

Eu procurava ainda palavras assaz tranqüilizadoras, quando ela recobrou o ânimo. Não se dignou dar atenção à continência contrafeita da gente e quando Diccon, um tratante bem apessoado, adiantou-se para alumiar-nos o caminho da encosta, roçou-lhe as vestes de perto, colheu a saia, como se êle fôsse um leproso.

À porta da casa, voltei-me e dirigi-me à minha gente, que nos acompanhara até acima.

— Esta senhora — disse, tomando-lhe a mão, quando estava de pé junto de mim — é minha verdadeira e legítima espôsa, vossa senhora, que como tal deve ser honrada e obedecida. Quem lhe faltar com a reverência, terei como sedicioso contra mim próprio e tratá-lo-ei como merecer. Ela vos dá amanhã um feriado com ração dobrada e uma medida de rum a cada um. Agora agradeçam-lhe como devem.

Levantaram caloroso viva, já se via, e Diccon, adiantando-se, agradeceu-nos em nome de todos e desejou-nos felicidade. Depois do que, com outro viva, recuaram da nossa presença, voltaram-se depois e encaminharam-se para os seus quartéis, enquanto eu levava minha mulher para dentro de casa e fechava a porta.

Diccon era um engenhoso tratante. Eu dissera-lhe que banisse os cães; que pusesse a casa limpa e alumiada e a ceia na mesa; mas não lhe ordenara que me cobrisse o soalho de juncos, me ornasse as paredes com trepadeiras em flor, me enchesse uma grande jarra de girassóis, acendesse uma dúzia de brandões. No entanto, tudo parecia bem e francamente aprovei o capão e bolos de milho, a empada de caça e cerveja com que a mesa estava posta. Pelas portas abertas dos outros dois compartimentos da casa, entreviam-se mais juncos, mais flores e mais luzes.

Para o mais amplo dêsses compartimentos caminhei na frente, depositei-lhe a trouxa sôbre um banco de costas e vi que Diccon tinha trazido água fresca para o rosto e mãos; feito o que disse-lhe que a ceia esperava por ela, e tornei à sala da entrada.

Demorou-se muito em aparecer, tanto que tornei-me impaciente e fui chamá-la. A porta estava escancarada, e por isso a vi ajoelhada no meio do quarto, com a cabeça inclinada para trás, as mãos erguidas e cruzadas e no seu semblante o terror e a angústia tão claramente escritos, que fiquei assustado ao vê-los. Contemplei-a atônito e, se tivera obedecido ao meu primeiro impulso, teria ido ter com ela, como teria ido para qualquer criatura em tão formidável desespêro.

Depois de refletir, tornei, sem ruído, ao meu lugar na sala da frente. Estava certo de que não me tinha visto. Nem tive de esperar muito. Apareceu logo, e poderia pôr em dúvida o testemunho de meus olhos, tão mudados estavam sem semblante e forma de alguns momentos antes. Bela e desdenhosa, adiantou-se para a mesa e tomou a ampla cadeira colocada na cabeceira, com o aspecto de uma imperatriz que subisse para um trono. Eu contentei-me com um tamborete.

Nada comeu e tocou apenas com os lábios o vinho das Canárias que lhe pusera no

copo. Instei para que tomasse vinho e vianda — debalde; procurei atar conversação — igualmente em vão. Finalmente, cansado de "sim" e de "não", pronunciados como se com relutância atirasse pérolas a porcos, desisti e consagrei-me à minha ceia em silêncio tão amuado como o seu. Por fim, erguemo-nos da mesa e fui examinar os fechos da porta e das janelas, e ao voltar achei-a de pé, no centro da sala, com a cabeça erguida e as mãos cerradas ao longo do corpo. Vi que chegara o lugar e o momento de nos explicarmos, e estimei que fôsse assim.

— Tendes alguma coisa que dizer-me — disse eu. — Estou inteiramente às vossas ordens.

E fui recostar-me à lareira.

O braseiro da lareira amorteceu-se ainda mais antes que ela quebrasse o silêncio. Quando falou, foi vagarosamente e com uma voz que evidentemente era refreada apenas pelo poderoso esfôrço de uma poderosa vontade. Disse:

— Quando... ontem, hoje, há dez mil anos... fôstes desta horrível floresta àquela miserável aldeia, àquelas cabanas, que constituem vossa Londres... fôstes comprar uma mulher?

— Sim, senhora — respondi. — Fui com essa intenção.

— Tínheis feito vosso cálculo? Mentalmente, tínheis acertado em tal ou tal artigo, com tais ou tais qualidades reputadas desejáveis? Indubitàvelmente vossa intenção foi obter o valor do vosso dinheiro?

— Sem dúvida — disse eu, sêcamente.

— Podereis dizer-me o que estáveis inclinado a considerar equivalente a êsse preço.

Olhei para ela com muita vontade de rir. A entrevista prometia ser interessante.

— Fui a Jamestown para obter uma mulher — disse, afinal — porque empenhara minha palavra que o faria. Não estava muito ansioso. Não corri daqui até lá. Mas, como dizeis, pretendia fazer o melhor que pudesse em meu favor; cento e vinte libras de tabaco são soma considerável para serem assim atiradas fora. Fui procurar uma dona-de-casa, uma companheira para minhas horas de repouso, uma corada, humilde, dócil rapariga, sem outras aspirações mais que ser asseada e afável que tomasse conta dos meus criados e me desse um lar doméstico. Eu devia ser a sua cabeça e a sua lei, mas também a sua espada e o seu escudo. Isto é o que lá fui buscar.

— E encontrastes... a mim! — disse ela e soltou estranha gargalhada.

Fiz-lhe uma inclinação de cabeça.

— Por Deus, por que não fôstes além?

Suponho que leu em meu rosto o por que não fui além, porque ao seu o rubor subiu em chama.

— Não sou o que pareço! — exclamou. — Não estava naquela companhia por meu gôsto!

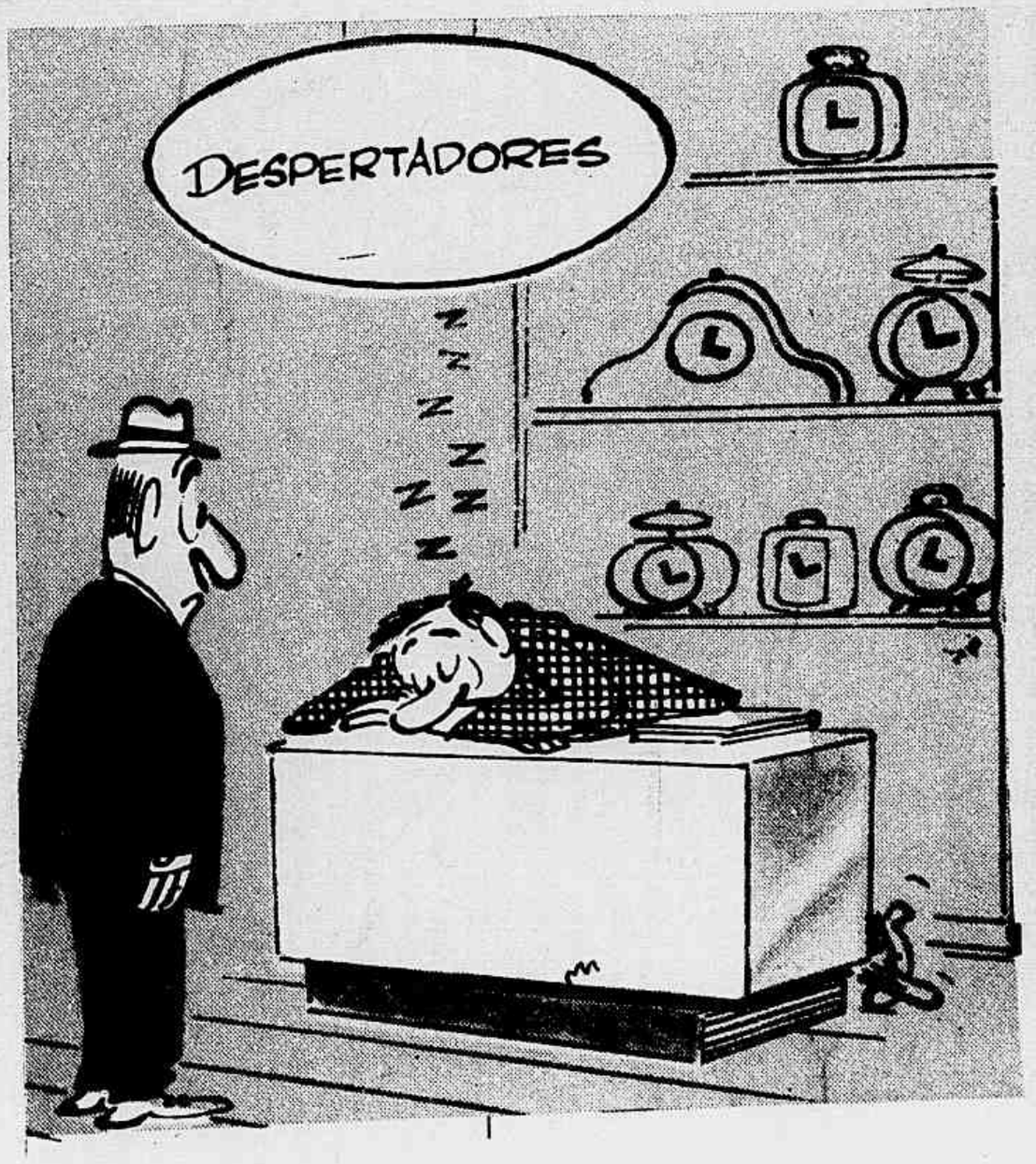
Tornei a inclinar-me diante dela.

— Não precisais dizer-me isso, senhora — disse eu. Tenho olhos. Desejo saber por que lá estivestes e porque vos casastes comigo.

Voltou a cabeça, até que só lhe pude ver o seu profuso cabelo prêso na nuca e uma polegada de pescoço alvo entre o cabelo e a gola do mantéu.

Assim ficamos em silêncio, ela com a cabeça inclinada, cruzando e desencruzando os dedos, e eu encostado à parede, a contemplá-la pelo que parecia longo lapso de tempo.

Pelo menos tive tempo de tornar-me impaciente antes de que ela se voltasse de novo para mim; e tôda a minha irritação



desapareceu, deixando-me boquiaberto de admiração.

Oh, era formosa, e de uma doçura tão atraente quão fatal! Se Medéia tivesse aquêle aspecto, certamente Jasão teria esquecido o Tosão de Ouro, e com tais olhos Circe não precisaria de outro encanto para transformar os homens no que quisesse.

Sua voz, quando falou, já não era imperiosa; era como uma música suave e queixosa. E estendeu-me mãos súplices.

— Tende pena de mim — disse. Ouvi-me com bondade, e tende pena de mim! Sois homem forte e trazeis uma espada. Podeis cortar vosso caminho por entre dificuldades e perigos. Eu sou mulher, fraca, sem amigos, sem amparo. Vi-me em angústia e perigo, e não tinha braço que me salvasse ou cavalheiro que por mim combatesse. Não me aprazem enganos. Oh! não cuideis que não odeio a mim própria pelo falso papel que tenho representado. Mas êstes animais da floresta que apanhais não mordem os laços e as armadilhas? Nutrem êles, por ventura, escrúpulos acêrca do modo de se libertarem? Também eu estava nas mãos do caçador, e também eu não nutri escrúpulos! Havia uma coisa cujo perigo eu corria e que teria sido para mim mil vêzes mais temerosa que a morte. Só tinha um pensamento: escapar! Como, pouco me importava. Só queria escapar! Tinha uma criada grave, chamada Paciência Worth. Uma noite ela veio ter comigo chorando. Ficara cansada de servir e contratara embarcar para a Virgínia como uma das moças importadas por sir Edwino Sandys, e, no último momento, faltou-lhe a coragem. Naquele dia tinham apertado comigo; tinham-me encolerizado até ao fundo do coração. Despedi-a com valiosa peita e com seu traje e sob seu nome fugi de... embarquei naquele navio. Ninguém pensou que eu não fôsse a Paciência Worth, a cujo nome eu respondia. Ninguém o sabe agora; ninguém além de vós, ninguém além de vós...

— E por que me concedeis tal honra, senhora? — disse francamente.

Tornou-se vermelha e readquiriu depois a brancura do rosto. Tremia então com todo o corpo. Afinal, prorrompeu:

— Não pertenço àquele bando que veio casar! Para mim sois completamente um estranho, sois apenas a mão a que me agarrei para sair de uma cova que me tinham aberto. Quando fugi, doida por escapar, pronta a afrontar qualquer coisa menos o que deixara após mim, disse comigo: — **"Posso morrer antes que aquêle navio com a sua vergonhosa carga consiga sair"**. Quando o navio saiu e encontramos tempo tormentoso, e manifestou-se muita moléstia a bordo, disse ainda: — **"Posso morrer afogada ou ser vítima da febre."**

Quando, esta tarde, estava deitada, no barco, subindo êste rio medonho à luz dos relâmpagos, e pensáveis que eu dormia, eu dizia: — **"Algum raio pode ainda matar-me e tudo acabará bem"**. Pedi essa morte, mas a tormenta passou... Não sou destituída de pudor! Sei que só me deveis ter em má conta. Que vos deveis considerar enganado e lograd o. Sinto muito; é tudo quanto posso dizer; sinto muito! Sou vossa espôsa — casei-me hoje convosco — mas não vos conheço e não vos amo. Peço-vos que me considereis, como eu própria me considero, um hóspede em vossa casa, e nada mais. Estou completamente em vossas mãos. Estou inteiramente sem amigos, inteiramente só. Apelo para vossa generosidade, para vossa honra...

Antes que eu a pudesse impedir, ajoelhara-se diante de mim, e não se queria erguer pôsto que lh'o pedisse.

Fui à porta, corri o ferrôlho e olhei para fora no seio da noite, pois o ar dentro da sala estava abafado. Fora não estava muito melhor. As nuvens se haviam de novo aglomerado e debruçavam-se, então, compactas e pesadas. De longe veio o som de um trovão, e a noite tôda era tristonha, carregada e abafadiça. Uma raiva surda se apoderou de mim; raiva contra Rolfe por me haver sugerido êste passo; raiva contra mim próprio por aquêle mal-aventurado lance de dados; raiva mais do que tudo contra a mulher que assim me tinha iludido. Nas casas da gente de serviço, a cem jardas de distância, ardiam ainda as luzes contra a regra, pois a hora era adiantada. Contente por haver lguma coisa contra a qual eu pudesse ralhar, dirigi-me para lá e apanhei a minha gente reunida na cabana de Diccon jogando aos dados o rum do dia

seguinte. Quando apaguei a luz com a espada e despachei os tratantes para os seus diversos aquartelamentos, tornei, no meio da tormenta que se formava, para a sala brilhantemente alumiada e ornada de flores e para junto da senhora Percy.

Estava ainda de joelhos, com as mãos no peito e os olhos arregalados e escuros fixos na escuridão fora da porta. Dirigi-me para ela e tomei-a pela mão.

— Sou um cavalheiro, senhora — disse. — Não é preciso que tenhais mêdo de mim. Peço-vos que vos levanteis.

Pôs-se de pé ao ouvir-me, e a respiração saiu-lhe agitada pelos lábios entreabertos, mas nada disse.

— Está ficando tarde, e deveis estar fatigada — continuei. — Vossa câmara é a última. Espero que repouseis bem. Boa-noite.

Fiz-lhe profunda cortesia, a que ela correspondeu.

— Boa-noite — disse ela.

Em caminho da porta, roçou pela panóplia em que estavam penduradas as minhas armas. Entre elas havia uma pequena adaga. Seu olhar rápido apanhou-lhe o brilho, e vi-a encostar-se à parede, e com a mão direita procurar, às escondidas, desprender a lâmina do gancho, que a segurava. Não pôde consegui-lo. A mão caiu-lhe para o lado e ia seguindo, quando atravessei a sala, tirei a adaga e lh'a ofereci, com um sorriso e uma inclinação de cabeça.

Corou profundamente e mordeu os lábios, mas aceitou-a.

— Há ferrolhos pelo lado de dentro da porta — disse eu. — Outra vez, boa-noite.

— Boa-noite — respondeu; e entrando para o quarto fechou a porta.

Mais um momento, e a ouvi correr os pesados ferrolhos.

Capítulo V

NO QUAL UMA MULHER FAZ O QUE QUER

Dez dias mais tarde, Rolfe, descendo o rio na sua barca, parou em minha doca e, achando-me ali, caminhou comigo até a casa.

— Não vos vi desde que zombastes de meu conselho... e o tomastes — disse êle.

— Onde está a averdugada, Felizardo, homem casado?

— Dentro de casa.

— Oh! Sim? — comentou. — São quase horas de ceia. Cozinha bem?

— Ela não cozinha — disse, sêcamente. — Aluguei a velha Goody Cotton para isso.

Olhou para mim atentamente:

— Deuses do céu! gibão novo! É então perita de agulha?

— Pode ser que seja — respondi. — Nunca a tendo visto com uma, não posso julgar. O gibão foi feito pelo alfaiate na Centena-Flowerdieu.

A êste tempo tínhamos chegado ao nível gramado do alto da encosta.

Rosas! — exclamou. — Uma comprida linha delas, plantada de fresco! Um caramanchão também, e um banco debaixo do castanheiro grande! Quando vos transformastes em jardineiro, Ralph?

— É obra de Diccon. Está ansioso por agradar à senhora.

— Que não cose, nem cozinha, nem planta! Que faz ela?

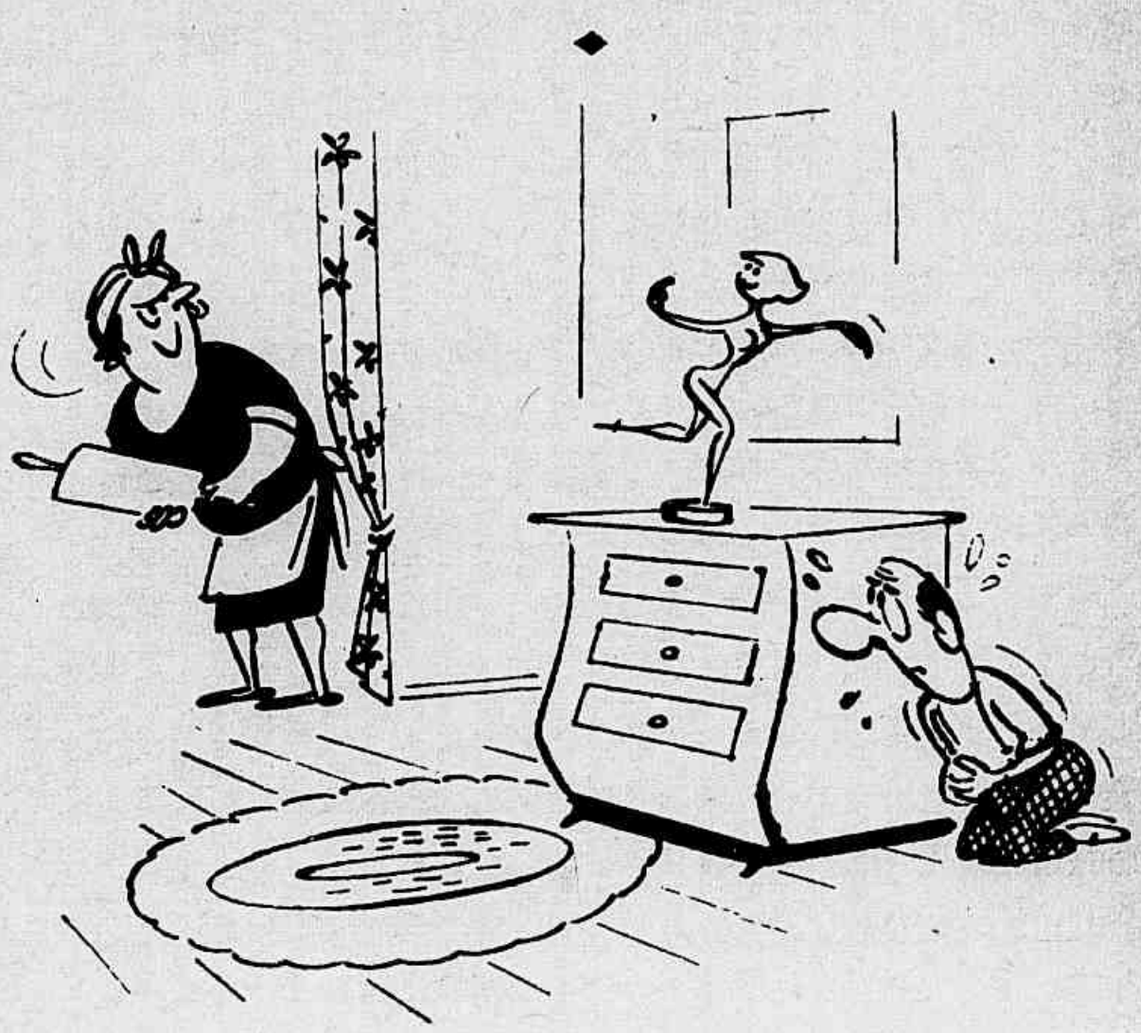
— Colhe as rosas — disse eu. — Entrai.

Quando penetramos na casa, olhou admirado em redor de si, e então exclamou:

— Um ninho para a intemperança, oh! meu renascido Guyon!

E desatou a rir.

Era quase ao fim da tarde e os raios oblíquos do sol, entrando em cheio pela porta e pela janela, listravam de ouro a parede e o soalho. Soalho e parede já não eram de madeira nodosa e manchada: sôbre



o primeiro estendia-se um tapête de delicadas avencas e fôlhas aromáticas, e trepadeiras lustrosas com bagas purpurinas tapeçavam a segunda. Flores... côr de púrpura, vermelhas e amarelas... mostravam-se por tôda a parte. Ao entrarmos, uma forma ergueu-se de repente de junto a lareira.

— É a negra Ângela — disse eu. — Comprei-a de Guilherme Pierce outro dia. A senhora Percy queria uma criada grave.

A preta, uma das cinco criaturas dêsse gênero, então existentes na Virgínia, olhou para nós com os seus grandes olhos movediços. Sabia algum espanhol, e eu me entendia com ela nessa língua. Mandei-a procurar a senhora e dizer-lhe que a esperávamos.

Depois que ela saiu, pus na mesa um jarro de cerveja, e Rolfe e eu sentamo-nos para fazer-lhe honra. Se eu estivesse com disposição para rir-me, teria achado motivo no seu semblante perplexo. Havia flores na mesa, e ao lado delas uma porção de pequenos objetos, um dos quais êle então apanhou.

— Uma luva branca — disse êle — perfumada e franjada de prata, e de um tamanho a servir à mão de Titânia.

Estendi a outra luva sôbre a palma de minha mão.

— Mão de mulher. Branca de mais, macia de mais, e pequena de mais.

Tocou de leve, um por um, os dedos delgados da luva que segurava.

— Mão de mulher... a fôrça na fraqueza, influência velada, a estrêla por entre a névoa guiando, chamando, atraindo para cima!

Ri-me e atirei a luva sôbre a mesa.

— A estrêla, um fogo fátuo! O destino, um tremendal! — disse eu.

Êle estava sentado à minha frente; seu semblante demudou-se, e por tal forma que conheci, antes que me voltasse, que ela entrara na sala.

O embrulho que para ela trouxera de Jamestown, não era nem pequeno nem leve. Não sei por que, quando fugiu, preferiu carregar essas bugigangas, ou se pensou nas suspeitas que poderiam surgir na Virgínia, se uma das moças de sir Edwino se paramentasse com sêdas, rendas e jóias; mas trouxera para a floresta e para as plantações de tabaco, os enfeites de uma dama de honor. O traje puritano com que primeiro a vi, fôra pôsto de parte; agora vestia-se como os periquitos do mato — ou talvez mais como os lírios do campo, pois realmente não trabalhava nem fiava.

Rolfe e eu erguemo-nos dos nossos tamboretes.

— Senhora Percy — disse eu, permiti que vos apresente um excelente cavalheiro, meu bom amigo, Messér João Rolfe.

Ela fêz-lhe uma mesura e êle inclinou-se, profundamente.

Rolfe era um homem de espírito e estivera na côrte, mas durante algum tempo as palavras não lhe acudiram. Depois:

— O rosto da senhora Percy não é dêsses que a gente esquece. Estou certo de tê-lo visto antes, mas aonde...

O rubor subiu-lhe às faces, mas respondeu-lhe com bastante indiferença.

— Provàvelmente em Londres, no meio dos espectadores de algum cortejo organizado em honra da princesa, vossa espôsa, senhor — disse descuidosa. — Tive, por duas vêzes, a fortuna de ver a princesa Rebecca passar pelas ruas.

— Não sòmente pelas ruas — disse cortêsmente. — Agora me recordo: foi no jantar do sr. bispo. Uma companhia muito aristcrática. Estáveis rindo com lord Rich. Trazíeis pérolas no cabelo.

Sustentou-lhe o olhar de frente e ousadamente.

— A memória arma-nos estranhos laços, algumas vêzes — disse-lhe em voz clara e um tanto elevada, acrescentando que havia três anos que Messér Rolfe e sua princesa indiana tinham estado em Londres. Sua memória o enganava.

Sentou-se depois na ampla cadeira colocada no centro da sala, banhada de luz do sol, e a negra trouxe-lhe uma almofada para os pés. Só depois de ter entregue o leque à escrava, que ficou de pé por trás dela, vagarosamente agitando as plumas do leque, foi que voltou o formoso rosto para nós e pediu-nos que nos sentássemos.

Uma hora depois, um bacurau pôs-se a chamar perto da janela, pela qual se via então o crescente da lua. Rolfe ergueu-se.

(Continua no próximo número)

OLHANDO O MUNDO HA SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM ABRIL DE 1956

1 — DOMINGO: — O representante norte-americano na Subcomissão de Desarmamento, sr. Harold Stassen, avista-se com o delegado soviético, sr. Andrei Gromyko. — A polícia dissolve violentamente manifestações de trabalhadores argelinos em cidades do norte da França. — O govêrno americano anuncia que a Rússia realizou "outra prova nuclear" nos últimos dias, o que constitui uma prova de que êsse país está disposto a acelerar o desenvolvimento de seu programa de armas atômicas.

2 — SEGUNDA-FEIRA: — O dr. José Mora, do Uruguai, inicia, oficialmente, suas funções como secretário-geral da Organização dos Estados Americanos. Seu mandato vigorará até 19 de maio de 1958. — Continua gravíssimo o estado de saúde da famosa escritora espanhola, Blanca de Los Rios. — E os Estados Unidos anunciam que autorizarão os jornalistas e fotógrafos a assistir à experiência de uma bomba de hidrogênio, a realizar-se nas vésperas do dia 1.º de maio, no atol de Eniwetok.

3—TÊRÇA-FEIRA: — Anuncia-se que, a despeito da oposição da União Soviética, o secretário-geral da ONU iria em missão de paz, aos países árabes. — Enquanto o secretário de Estado Americano não acredita que o presidente Eisenhower envie auxílio a Israel, sem prévia autorização do Congresso. — Uma mulher tenta incendiar a Casa Branca, ateando fogo no salão vermelho da sede do govêrno americano e em outros quatro pontos do edifício onde funcionam os Escritórios Executivos. — Os civis britânicos discutem a possibilidade de se armarem ante os novos ataques terroristas que são dirigidos tanto contra os civis como contra os militares britânicos residentes em Chipre.

4 — QUARTA-FEIRA: — A Grã-Bretanha repete seu pedido aos Estados Unidos para que adiram ao Pacto de Bagdad com o fim de cerrar fileiras na campanha anglo-norte-americana para solucionr a situação no Levante. — Comemora-se festivamente em Louveciennes (perto de Paris) a assinatura do Tratado do Atlântico Norte. — É oficialmente lançada a candidatura do general Carlos Minano à presidência da República do Peru, nas eleições gerais a se realizar a 3 de junho próximo. — Assinado o decreto nomeando o sr. Valério Caldas de Magalhães, governador do Território do Acre.

5 — QUINTA-FEIRA: — O ex-primeiro ministro soviético, Georgi Malenkov, re-

APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO

pudia pùblicamente aquêle que foi o seu mentor político, Joseph Stalin, acusando-o de pretender ser um "super-homem". — Fôrças egípcias realizam sete tentativas consecutivas visando internar-se nas colônias fronteiriças de Israel, na tensa faixa de Gaza. — Em discursos pronunciados no Palácio Pardo, o Sultão Sidi Mohamed, do Marrocos, e o generalíssimo Franco, chefe do govêrno espanhol, prometem solenemente respeitar a soberania e a independência de seus respectivos países. — Os líderes soviéticos anunciam que seu país está disposto a prestar ajuda às nações latino-americanas nas mesmas condições em que o tem feito com os países do Oriente Próximo e da Ásia.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº .....

NOME .....

RUA ..... Nº .....

CIDADE .....

ESTADO .....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 88,00

6 — SEXTA-FEIRA: — No Oriente Próximo, árabes e judeus acusam-se mùtuamente de preparar uma nova guerra naquela região, depois de dois dias de atos de violência que produziram cêrca de 67 mortes. — Anuncia-se que partirá para o Rio de Janeiro, nos primeiros dias de maio, uma missão oficial francesa, a fim de negociar um novo acôrdo comercial e de pagamento com o Brasil. — O chefe da Polícia Secreta Soviética, general Ivan Serov, é inesperadamente alijado da delegação que acompanhará Bulganin e Krusctchev, em sua visita à Grã-Bretanha, a 18 do corrente.

7 — SÁBADO: — A artilharia pesada troa novamente na fronteira de Gaza, pelo quarto dia consecutivo. — O novo homem forte na política do Ceilão ameaça eliminar as bases militares britânicas e nacionalizar as inversões estrangeiras na antiga colônia inglêsa. — O presidente Eisenhower assina projeto de lei que autoriza a transferência, para o Brasil, a título de empréstimo, de dois submarinos norte-americanos. — Em discurso pronunciado na capital da Dinamarca, o vice-ministro das Relações Exteriores da União Soviética, sr. Andrei Gromyko, declara que o Ocidente dificulta o desarmamento com sua insistência em não renunciar às armas nucleares.

8 — DOMINGO: — Acha-se pràticamente consumada a demissão do vice-premier Mendès-France, caso o sr. Guy Mollet não reconsidere a sua política em relação á argélia. — Sua santidade o papa Pio XII recebe em audiência o sr. Hammarskjold, secretário - geral da ONU. — A assinatura da declaração comum es-

COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Formacciari, diretor do «Curso de Dança Rita». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 60,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: À venda na Livraria Clássica Editôra Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

pano-marroquina, reconhecendo a independência e a unidade territorial de Marrocos, causa viva satisfação nos meios marroquinos da zona califiana, onde a população se apresta para festejar a visita do sultão Mohammed V.

9 — SEGUNDA-FEIRA: — O presidente Eisenhower pede ao Congresso que aumente em 547 milhões de dólares os fundos destinados à defesa, no próximo ano fiscal. — Enquanto novo e violento choque armado ocorre entre uma patrulha israelense e um grupo de "comandos" egípcios. — O sr. Nagib Bourgibe, presidente nacional do "Neo-Destour", é eleito, por unanimidade, presidente da Assembléia Nacional Constituinte Tunisiana.

10 — TÊRÇA-FEIRA: — O govêrno britânico anuncia que "aplaude calorosamente" a declaração do presidente Eisenhower de que os Estados Unidos "ajudarão e apoiarão" qualquer nação que seja vítima de uma agressão no Oriente Próximo. — E em San Sebastian, Espanha, cêrca de quatrocentos operários iniciam uma greve de braços cruzados em uma fábrica de uma localidade próxima com o propósito de conseguir melhoria em seus salários. — Enquanto na ilha de Chipre, a Real Fôrça Aérea assume a responsabilidade plena das atividades no aeroporto de Nicosia, em conseqüência do descobrimento de uma tentativa dos extremistas cipriotas de colocar uma bomba a bordo de um avião.

11 — QUARTA-FEIRA: — Inicia-se a maior mobilização na França, desde as vésperas da Segunda Grande Guerra. Informa-se que o govêrno está dando os últimos retoques num plano para convocar 75.000 reservistas para a luta na Argélia. — Enquanto isto, os rebeldes argelinos travam furiosa batalha contra os legionários franceses na fronteira de Marroços, e as notícias chegadas ao quartel-general francês dizem que houve pelo menos 62 mortos, 10 dêles legionários. — E a greve geral que paralisa a cidade industrial de Pamplona, na Espanha, representa um indício de agitação social naquele país.

12 — QUINTA-FEIRA: — Diplomatas da "Cortina-de-Ferro" sugerem discretamente que os Estados Unidos, França e Grã-

Conserve o encanto dos seus móveis, usando na limpesa ÓLEO DE PEROBA

Bretanha deveriam reunir-se com a União Soviética e outras nações interessadas, a fim de encontrar uma solução para a crise do Oriente Próximo. — E na Espanha, as atividades grevistas se intensificam, paralisando, além de Pamplona, as cidades industriais de Tolosa e Bilbao. — Com 77 anos de idade, falece sùbitamente o general Moscardo, herói do famoso cêrco de Alcazar de Toledo, na guerra civil espanhola.

13 — SEXTA-FEIRA: — O presidente Eisenhower designa o general da Aviação Lauris Norstad para substituir o general Alfred Gruenther no cargo de comandante supremo das fôrças aliadas na Europa. — Enquanto o ex-primeiro ministro, sr. Winston Churchill, falando à imprensa vaticina que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha intervirão, se isto fôr preciso, a fim de evitar a guerra no Oriente Próximo. — A famosa escritora espanhola Blanca de Los Rios falece aos 93 anos de idade, em conseqüência de uma pneumonia complicada com um edema pulmonar.

14 — SÁBADO: — O govêrno do generalíssimo Franco vê-se ante o sério problema da greve dos trabalhadores do norte

do país e parece que, pelo menos no momento, não há perspectiva de solução imediata do mesmo. Calcula-se que os grevistas em San Sebastian e Barcelona se elevam a mais de 40.000. — O primeiro ministrq soviético Nikolai Bulganin e o sr. Nikita Krusctchev, secretário-geral do Partido Comunista, partem para a Grã-Bretanha. — O sr. Milton Eisenhower declara que as relações entre os Estados Unidos e as nações latino-americanas passaram da fase da polítca de "boa-vizinhança" para a da "boa-associação".

15 — DOMINGO: —— Na nova troca de cartas entre o secretário-geral da ONU e o sr. Ben Gurion, primeiro ministro de Israel, êste pede garantias complementares, por parte do Egito, quanto à observância das cláusulas do armistício. — O primeiro ministro da Bulgária, Vulko Chervenkov, renuncia sob o pêso de um violento ataque por seus "erros" stalinistas. Chervenkov é o primeiro comunista destacado a cair vítima da guerra empreendida pelo Kremlin contra os partidários e imitadores de Stalin. — Chegam ao Rio de Janeiro os integrantes da Missão Econômica Italiana.

16 — SEGUNDA-FEIRA: — O premier do Irã, Hussein Alá; ao inaugurar a segunda reunião do Conselho do Pacto de Bagdad, manifesta a esperança de que os Estados Unidos adiram, dentro em breve, a essa aliança. — Nas últimas 48 horas, mais de 200 pessoas são mortas de forma violenta na Argélia, ao intensificar-se a luta entre os rebeldes e as fôrças francesas. — O ex-ministro da China Nacionalista no Japão, sr. Yorkson Shen, revela que as embaixadas da Tchecoslováquia e Polônia no Rio de Janeiro são as que custeiam as despesas do Partido Comunista Brasileiro.

17 — TÊRÇA-FEIRA: — A União Soviética anuncia que está disposta a auxiliar a solução da disputa entre árabes e judeus. — Enquanto o Conselho da Europa adverte solenemente ao Ocidente que a retirada de fôrças estrangeiras do território da Alemanha Ocidental tornará impossível a defesa da Europa pelos aliados.

18 — QUARTA-FEIRA: — Os líderes russos marechal Bulganin e Nikita Krusctchev chegam a Londres procedentes de Portsmouth. Ambos os governantes russos permanecerão dez dias na Grã-Bretanha em visita oficial. — Os Estados Unidos aderem plenamente ao Pacto de Bagdad. — A Assembléia Nacional Francesa resolve deixar de lado a urgente questão da crise na Argélia, a fim de tratar do espinhoso problema da cassação dos mandatos de nove deputados poujadistas. — O príncipe Rainier III e a ex-atriz norte-americana Grace Kelly contraem núpcias em cerimônia realizada na Sala do Trono do Palácio.

19 — QUINTA-FEIRA: — Finalmente, Israel e Egito concordam em cessar o fogo. O acôrdo prevê a completa cessação do fogo em tôdas as partes da fronteira. — Os dirigentes britânicos e soviéticos decidem que suas conversações serão secretas e que nada será publicado sôbre o seu teor e sôbre sua evolução a não ser através de comunicados redigidos em comum.

20 — SEXTA-FEIRA: — A Grã-Bretanha obtém da Rússia uma garantia de que cooperará na pacificação do Oriente Próximo, por intermédio da ONU. — O presidente Sygman Rhee interrompe o seu longo silêncio sôbre o problema da unificação para afirmar que dentro em breve a Coréia do Sul marchará para o norte.

21 — SÁBADO: — Os dirigentes soviéticos Nikolai Bulganin e Nikita Krusctchev levam a Londres o oferecimento da União Soviética de vender ouro à Grã-Bretanha, caso esta concorde em exportar para a União Soviética materiais estratégicos. — A embaixada de Israel na Inglaterra informa que dentro em breve sairá do pôrto de Londres um pequeno embarque de armas para aquêle país, mas, ao mesmo tempo, desmente as notícias da imprensa britânica de que se trata de uma grande quantidade de armas.

22 — DOMINGO: — O sr. Krusctchev lança aos industriais britânicos premente apêlo em favor do desenvolvimento do comércio Leste-Oeste e da supressão das restrições para exportação, para a União Soviética, de produtos estratégicos. — A Grã-Bretanha e a Singápura iniciam uma conferência sôbre a concessão de autonomia à Colônia de Singapura, última possessão britânica no sudeste da Ásia. Singapura está representada na conferência pelo seu principal ministro David Marshall e delegados de tôdas as correntes políticas.

23 — SEGUNDA-FEIRA: — O govêrno de Israel acusa a Síria de ter efetuado disparos contra um barco de pescadores judeus no Mar da Galiléia.

24 — TÊRÇA-FEIRA: — O secretário do Departamento de Estado norte-americano, sr. John Foster Dulles, declara que o domínio da Rússia sôbre seus satélites começa a declinar. — Enquanto a Grã-Bretanha e a União Soviética intensificam seus esforços de última hora para chegar a um acôrdo de paz no Oriente Próximo, em sua conferência de altos dirigentes governamentais.

25 — QUARTA-FEIRA: — O presidente do Conselho de Ministros da França, sr. Guy Mollet, adverte à União Soviética de que, acima de tudo, a França tem o propósito de permanecer "leal à comunidade européia e à comunidade atlântica". — As autoridades francesas dão a conhecer mais detalhes a respeito do ataque de 30 aviões franceses contra objetivos rebeldes, no maior "raid" aéreo até agora efetuado na rebelião argelina.

26 — QUINTA-FEIRA: — Os dirigentes máximos do govêrno da União Soviética regressam a Moscou depois de uma visita de dez dias à Grã-Bretanha, que o primeiro ministro britânico, sr. Anthony Eden disse haver dado resultados que permitirão ao mundo "descansar com maior segurança".

27 — SEXTA-FEIRA: — O primeiro ministro francês, sr. Guy Mollet, arrisca seu gabinete, solicitando um voto de confiança com respeito a seu plano de 140 bilhões de francos para aumentar a pensão à velhice. — E na Argentina, eleva-se a mais de 200 o número de pessoas detidas, em conseqüência da descoberta de uma conspiração peronista na Província de Cordoba. — A Casa Branca anuncia que o presidente Eisenhower receberá, no dia 2 de maio próximo, o vice-presidente do Brasil, sr. João Goulart.

28 — SÁBADO: — O generalíssimo Franco pronuncia, perante os representantes das fôrças de terra, mar e ar, um importante discurso político durante o qual passou em revista os principais problemas internacionais.

29 — DOMINGO: — Tudo parece indicar que a conferência dos cinco grandes sôbre o desarmamento será um fracasso total. Fontes autorizadas dizem que a reunião terminará em breve, sem ter chegado a qualquer acôrdo. — O "The Statist" propõe a assinatura de um acôrdo internacional sôbre o mercado mundial do café, mas afirma que os países exportadores terão de enfrentar graves dificuldades.

30 — SEGUNDA-FEIRA: — A Rádio de Varsóvia informa que foi designado ministro do Exterior do regime comunista da Polônia o sr. Adam Rapacki, ex-ministro de Estudos Universitários. — O sr. René Coty, presidente da República Francesa, aceita um convite para visitar a Itália, feito pelo sr. Giovanni Gronchi, presidente da República Italiana.

QUEBRA CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR

LUTÉRCIO
SECRETÁRIO

ANO XL — Nº 1 — JUNHO — 1956

DICIONARIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONARIO DE NOMES PROPRIOS — DE LIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇÃO DE DIFUSÃO DO CHARADISMO, NÃO PUBLICA TRABALHOS DIFICEIS

2.º TORNEIO — Abril - Maio - Junho

LOGOGRIFOS

— 102 —

São Paulo ! Em blocos de cimento e aço,
Gigante imenso **de** concreto armado, — 3-4-10
Num desafio aos céus varando o espaço, — 8-5-8
Buscando subir mais, desesperado...

Desesperado, na ânsia de crescer,
Não ao **acaso**, dominando alturas, — 3-6-7-2
Vendo, **selvagens**, do Tietê descer — 4-2-7-4-3-10
As torrentes indômitas e escuras.

De obreiros um milhão a trabalhar,
Milhões de braços **fortes**, retezados, — 1-5-2-5-8-3-10
Num ruído **indócil**, espetacular. — 7-2-2-5-9

Poemas de cimento e suor, cantados
— Visão grandiosa dos antepassados —
Tempestades de glórias a marcar.

Dr. Legnar (Urupês, SP)

— 103 —

A memória do inesquecível confrade Euclides Vilar (Romeu do Prado)

Euclides, que foi grande enigmista,
Mostrou **conhecimento** sublimado — 6-7-10-4-8
Dessa importante arte pansofista,
Motivo por que é ainda admirado.

Bem **feliz** deve estar. Na eternidade, — 1-2-3-4-5-10
Sua alma atingirá a **perfeição**, — 6-9-10-8-3
Pois foi um bom amigo e bom confrade,
A todos dando, pleno, o coração.

Concedendo-lhe **real sublimidade**, — 4-7-10-8-3
Que Deus o ilumine e o proteja
Pra sua espiritual tranqüilidade
E **bem-estar** intérmino. Assim seja.

Mavicaro (Recife, PE)

CHARADAS NOVÍSSIMAS

104 — Duas-uma — Uma **bofetada**, é claro, **causa** maior desmoralização que uma **pedrada**.

Gilvanete Rosas (Caruaru, PE)

---

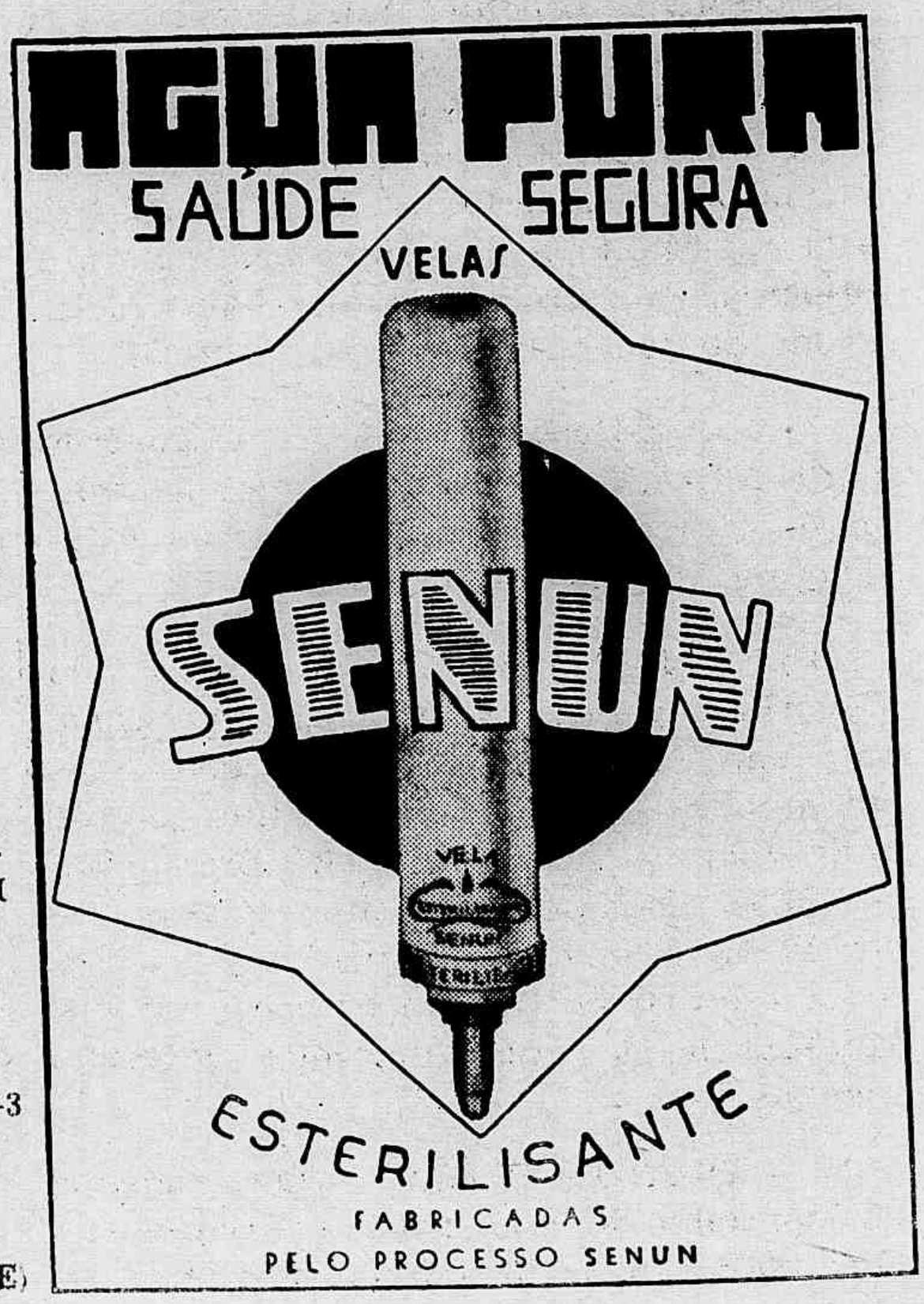
105 — Duas-três — **Valente** para o **amor**, mas longe de **motim**.

Atenas, HC (Rio)

---

106 — Duas-duas — Depois de **safar-se** com a **mantilha** roubada, o ladrão foi detido pelo **polícia secreta**.

El Príncipe (Uberaba, MG)



107 — Duas-uma — Gente que nasce **torta** só **presta** obediência a poder de **pancada**.

Ed Vep (Maceió AL)

---

108 — Duas-duas — O **pacto** foi êste: antes de moldar a **cimalha** poupar ao máximo a **argamassa**.

Asclépios, CEC (Rio)

---

109 — Duas-duas **Voltela** o corpo nos bailes, **alegra** o espírito no flêrte, mas nada resolvas com **azáfama**.

Plá, CEC (Rio)

---

110 — Uma-duas — Eis a **opinião** de um moleque: só estou **contente** quando **vagabundelo**.

Dr. Zinho (S. Paulo)

---

111 — Duas-uma — Nas festas em **casa de campo** esta **espécie de dança** tem a marcação feita por **tambor pequeno**.

Mag, ACCB (Salvador, BA)

---

112 — Quatro-duas — Cuidado! Você **machuca** o **queixo** nessa **desordem**.

Paraná, TG (Rio)

---

113 — Duas-quatro — Causa-me **ira** não **disfarçada** o tratar com **pessoa dissimulada**.

Seamva (Santos, SP)

---

114 — Uma-uma — Não sei **onde** encontrar alguém tão **singelo** como aquêle **dispenseiro**.

Champollion (P. Alegre, RS)

---

115 — Duas-duas — Conheço alguém que **logra** qualquer **indivíduo** de modo muito **simples**.

Gil Vírio (Andradina, SP)

---

116 — Três-uma — **Espera** você que eu tenha **compaixão** daquele **atrevido**?

José Coelho Vieira (Maceió)

◆

ENIGMAS

— 117 —

O baile estando animado
De "boas" e brotos cheio,
Quem não sente, ali no meio,
Dó do velho **espevitado**? - (8 L)

Alô Tropina, CEC (Rio)

— 118 —

Mulher manhosa que tem
Picuínha e que tem bossa,
Não vale sequer um vintém...
Fuja dela o mais que possa!!!
(7 L)

P. Del Debbio, CEP (S. Paulo)

— 119 —

Tudo hoje é desigual
Com o tempo que, por sinal,
Põe a vida amargurada:
Vive o pobre atribulado
Sem dinheiro pro mercado...
Que **coisa desajeitada**! - (11 L)

Bisilva (Manaus, AM)

— 120 —

Aqui na praia onde a vida
Tem um deleite invulgar,
O mar sereno convida
Todo o mundo a se banhar.

Porém, em meio ao clamor
Da multidão que delira,
E em cada frase de amor,
Impera sempre a **mentira**.
(10 L)

Gil Vírio (Andradina, SP)

◆

CHARADAS CASAIS

(Ao Conselheiro)

121 — Três — Conheço certo indivíduo **indolente** que é exímio tocador de **trombeta**.

P. Del Debbio, CEP (S. Paulo)

---

122 — Duas Vantagem em contrabando de **cachaça** não deixa de ser **lucro caviloso**.

Florentino (J. Pessoa, PB)

---

123 — Três — As **diligências** policiais culminaram com a prisão dos **espertos** ratoneiros.

Conselheiro (RN)

---

124 — Duas — Onde **domina** a anarquia não há **autoridade**.

Ed Vep (Maceió, AL)

---

125 — Três — Não é **favor** tratar com respeito uma **irmã de caridade**.

Eurico II (Bauru, SP)

---

126 — Três — **Em breve tempo** ficou tudo **achatado**.

Seamva (Santos, SP)

---

127 — Quatro — **Atrapalha-se** quem se mete em **briga cheia de peripécias**.

Tia Joana (Caruaru, PE)

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNISSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

PRINCIPE Hotel

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

EU SEI TUDO

128 — Três — É um **tratante** todo aquêle que, sem pudor, renega a verdade com **facilidade.**
Dropê (Lisboa, Port.)

---

129 — Quatro — Casamento com muita **pompa espanta** o noivo.
José Coelho Vieira

---

130 — Três — Homem **prevenido** não tem mêdo de **cilada**.
Gil Vírio (S. Paulo)

---

131 — Três — Jesus Cristo, o Bom **Pastor**, pregava na **planície** aos humildes.
Mavícaro (Recife, PE)

---

132 — Três — O **ferreiro mastiga** um pedaço de carne enquanto espera que lhe tragam o **grande martelo**.
Dr. Legnar (Urupês, SP)

---

133 — Duas — Foi verdadeira **tratantada** a permuta da **antiga capa de cauda e roda**.
P. Del Debbio, CEP (S. Paulo)

---

134 — Três — Depois do **suadouro** a enfêrma mostrou-se mais **valente**.
Uedath (Niterói, RJ)

---

135 — Quatro — **Objeto de luxo no vestuário** torna o sujeito **garrido**.
Néo Rosas (Caruaru, PE)

◆

CHARADAS SINCOPADAS

136 — Três (duas) — Vi uma **pulseira** na **choça**.
El Príncipe (Uberaba, MG)

---

137 — Três (duas) — Um pedaço de **bambu** também serve para dar **pancada**.
P. Del Debbio, CEP (S. Paulo)

---

138 — Três (duas) — **Supor** mal de alguém em quem confio é o bastante para me **transtornar** quaisquer projetos.
Florentino (J. Pessoa, PB)

---

139 — Três (duas) — O **bebedor de cachaça** sempre **descobre** onde "matar o bicho".
Coringa (Rio)

---

140 — Três (duas) — Não devemos **alimentar uma esperança** sem **levar em conta** as incertezas da sorte.
Conselheiro (RN)

---

141 — Três (duas) — Aquêle **leito pequeno e pobre** não é lugar **agradável** para repousar.
Beatriz Cardoso, CEP (S. Paulo)

---

142 — Três (duas) — No **ato de não querer** reconhecer o nosso êrro devemos ter **conhecimento** perfeito das nossas razões.
Conde de La Fére, ACCB (Salvador, BA)

— 143 —

Daquele gordo **bucheiro,**
Sempre alegre em seu ofício,
Ninguém sabe o paradeiro
E não há qualquer **indício**. — 3 (2)
Gil Vírio (Andradina, SP)

---

144 — Três (duas) — No **emprêgo público** está proibida a **bebida** alcoólica.
Champollion (P. Alegre, RS)

---

145 — Três (duas) — O **feiticeiro**, após o crime, foi **manietado**.
Ismênia (Recife, PE)

---

146 — Três (duas) — **O indivíduo peralta** tem pouco **lucro**.
Donatila Borba (Criciúma, SC)

---

147 — Três (duas) — É o procedimento irregular do homem **ébrio** que eu **critico**.
Mag, ACCB (Salvador, BA)

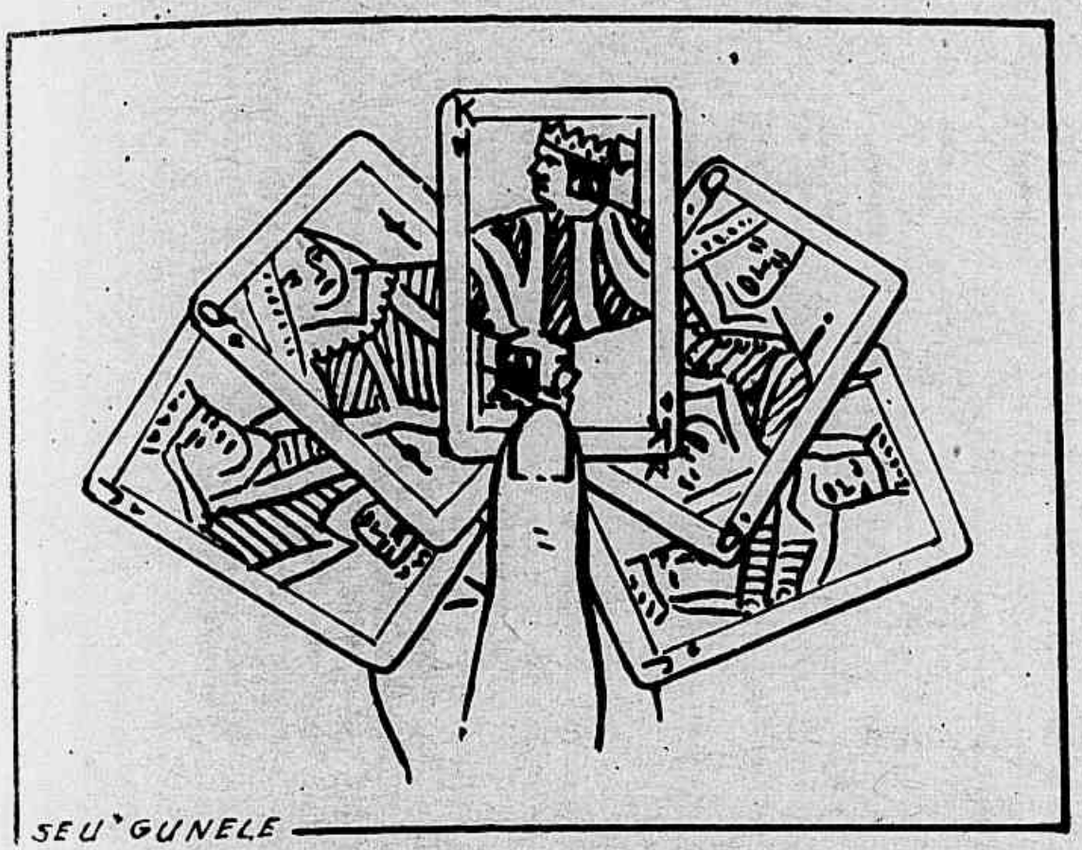
---

148 — Três (duas) — Êsse **indivíduo de tez muito avermelhada** é um **indivíduo maçante**.
Gilberto Rosas (Caruaru, PE)

---

149 — Três (duas) — Você menospreza um **indivíduo tôlo**, mas recebe dêle **dinheiro**.
Heron Silpes (Belmont, BA)

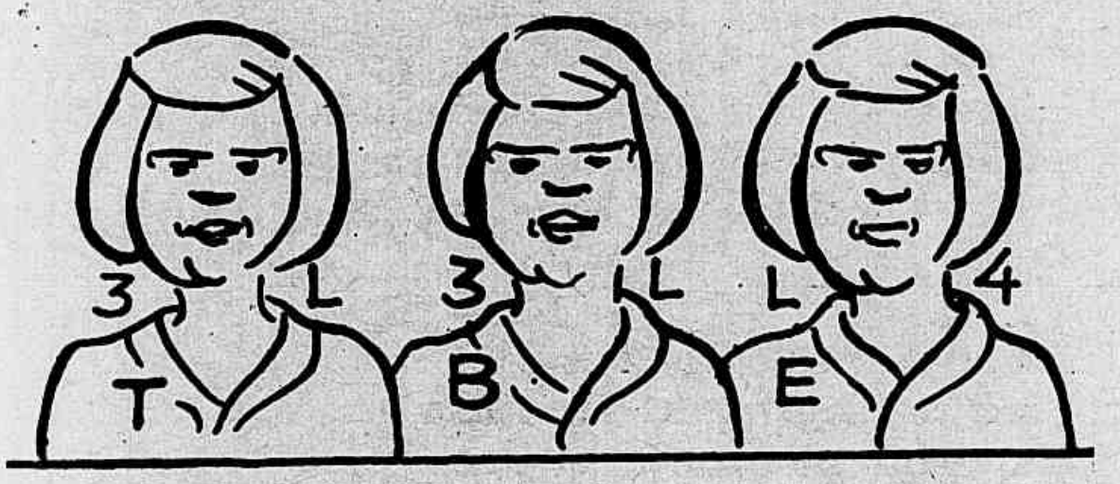
ENIGMA PITORESCO — 150



Seu Gunele (P. Alegre, RS)

◆

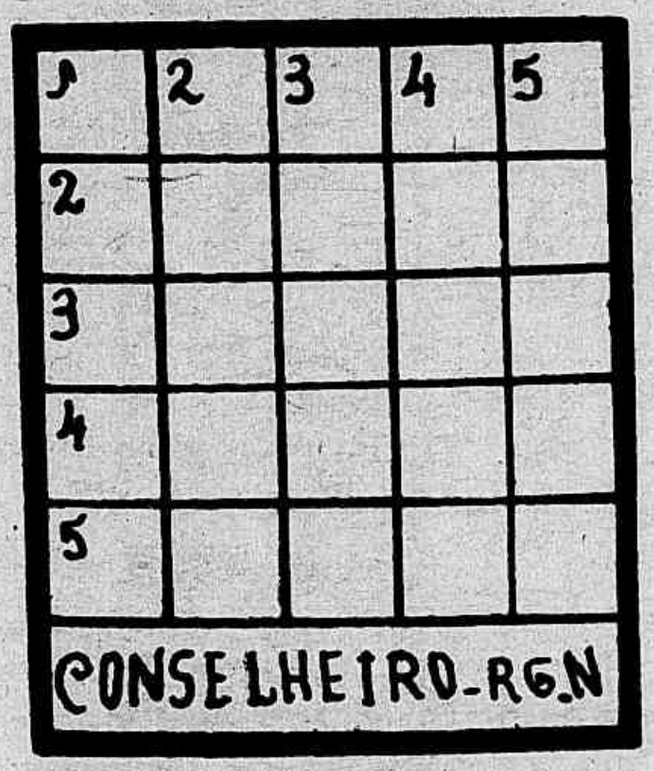
ENIGMA FIGURADO — 151



Muniz, CEC (Rio)

◆

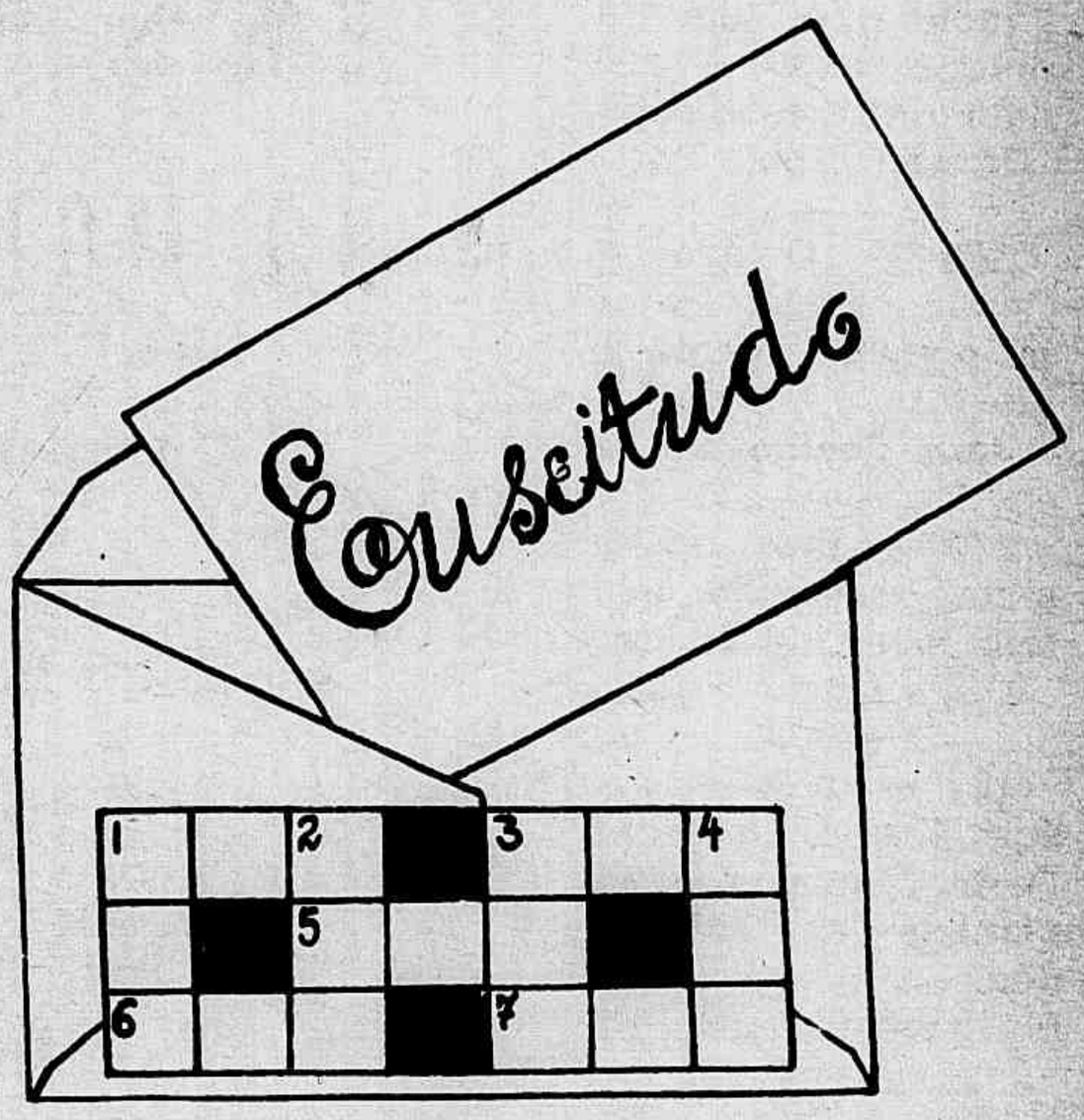
PROBLEMA N. 5



Conselheiro (RN)

Horizontais e verticais: 1 — Livrei; 2 — Desabotoar; 3 — Arrelia; 4 — Contaminas; 5 — Tempestuoso.

PROBLEMA N. 6



Oswágrio Rodrigues (S Ana do Matos)

Horizontais: 1 — Grande quantidade; 3 — Colorido; 5 — Cólera; 6 — Planêta satélite da Terra; — 7 — A pátria.

Verticais: 1 — Doçura; 2 — Esteiro ou braço de rio, próprio para a navegação; 3 — Aquêle; 4 — Forma sincopada de maior..

◆

3.º TORNEIO DE 1955

Soluções

1 — Precípites; 2 — Vigário; 3 — Cargoso; 4 — Falada; 5 — Descuidado; 6 — Povoléu; 7 — Guaraipo; 8 — Cegueira; 9 — Palheiro; 10 — Tortura; 11 — Consulta; 12 — Átimo; 13 — Voante; 14 — Carrada; 15 — Bagualão; 16 — Roleta; 17 — Partista; 18 — Chilique; 19 — Carocho; 20 — Taboca; 21 — Esgoelar; 22 — Talhado; 23 — Barreiro; 24 — Madeiras; 25 — Campo; 26 — Justa; 27 — Debuxa; 28 — Ferra; 29 — Barato; 30 — Espinho; 31 — Escarnecido; 32 — Bandeira; 33 — Tacha; 34 — Balda; 35 — Esquivoso; 36 — Lido; 37 — Prosaico; 38 — Gregário; 39 — Comboiar; 40 — Estraga-albardas; 41 — Predileção; 42 — Aguapé; 43 — Inflador; 44 — Mole-mole; 45 — Bate-bate; 46 — Abanada; 47 — Procrastinador; 48 — Pânria; 49 — Crástino; 50 — Palerma; 51 — Novo ainda não nasceu; 52 — Fazer, fazer bem; 53 — Claro; 54 — Fogoso; 55 — Monada; 56 — Lansquenete; 57 — Tempoquente; 58 — Contrabando; 59 — Pacato; 60 — Pinga-fogo; 61 — João-grande; 62 — Caramutange; 63 — Casmurro; 64 — Nefasto; 65 — Pajelança; 66 — Ouro-negro; 67 — Petardar;

68 — Mambirada; 69 — Lufa-lufa; 70 — Chá-de-burro; 71 — Investida; 72 — Aforçurado; 73 — Peregrina; 74 — Ecomênico; 75 — Sustento; 76 — Cabortar; 77 — Tudesco; 78 — Pródito; 79 — Afeto; 80 — Fumaça; 81 — Fundição; 82 — Perigo; 83 — Cacete; 84 — Espata; 85 — Requinta; 86 — Fieira; 87 — Zorate; 88 — Manente; 89 — Diogo; 90 — Falado; 91 — Lisura; 91-A — Sacudida; 92 — Marcanja; 93 — Potra; 94 — Mélico; 95 — Desatina; 96 — Reboleira; 97 — Trabuca; 98 — Costaneira; 99 — Rascado; 100 — Rechaça; 101 — Cabrita; 102 — Arrufa; 103 — Próprio; 104 — Capoeiro; 105 — Mágica; 106 — Quem tem mêdo não come bredo; 107 — A idade faz do velho um adivinho; 108 — Partenopeu; 109 — Sabagante; 110 — Reboleiro; 111 — Estúrdio; 112 — Enfadadiça; 113 — Retiro; 114 — Descoroçoado; 115 — Feitas; 116 — Caranguejo; 117 — Bicho; 118 — Taco; 119 — Banda; 120 — Abarroado; 121 — Respira; 122 — Tomba; 123 — Parvo; 124 — Facho; 125 — Tesouro; 126 — Toada; 127 — Requestar; 128 — Novelo-da-China; 129 — Pedante; 130 — Desafeito; 131 — Bambada; 132 — Sotaque; 133 — Papa-ricos; 134 — Lambeteia; 135 — Senador; 136 — Guisamento; 137 — Pitombada; 138 — Peleador; 139 — Fracatear; 140 — Engalanada; 141 — Sovado; 142 — Cavuca; 143 — Entremeter; 144 — Contrafeito; 145 — Remorado; 146 — Baileco; 147 — Limadura; 148 — Gosmado; 149 — Ramento; 150 — Farsada; 151 — Falações; 152 — Fogagem; 153 — Poluto; 154 — Quebrado; 155 — Cascata; 156 — Pechoso; 157 — Curumba; 158 — Rolista; 159 — Badalão; 160 — Horrenda; 161 — Moderno; 162 — Tianha; 163 — Cofose; 164 — Linguado; 165 — Em agôsto candieiro pôsto; 166 — As leis são as soberanas dos soberanos.

Academia de Acordeon
MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli

RUA ÁLVARO ALVIM
Nº 24 - 3º ANDAR
TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n. 1: Silo — Ator — Orar — Rale — Ma — Ama — Ai — Cor — Ba — Ura — Um — Oral — Mapa — Mero — Alar.

Problema n. 2: Fel — Mimar — Um — Re — S — M — L — Apara — Ara — Aru — Lis — Atuar — Ata — Ril — La — So.

Problema n. 3: Paris — Ca — A — Il — Paralelas — O — Abama — U — Dina — Ebia — A — Alara — D — Regalorio — Mu — T — Ir — Abalo.

Problema n. 4: Copa — Pólo — Ar — Lei — As — S — Calam — S — Amo — Elo — Alamêda — Ala — Iro — S — Ronha — G — Ca — Pai — Ar — Osga — Colo.

Problema n. 5: Catar — Amame — Talam — Amarelos — Rememora — Local — Orada — Salas.

Problema n. 6: It — Al — Recovo — Pipi — Iras — Adoras — Ro — Re.

DECIFRADORES

Totalistas: Paulo L. Costa, Coringa, Buridan, Ronega, Oarcim, Sertanejo II, Gil Vírio, Oicaroh, Durmel, Don Roal, P. Del Debbio, Kiapp, Sefton, Gomes Júnior, Toberal, Polydamas, Debrito, Farani, Ordisi, Yonix, Ruvina, Alô Tropina, Mozart X, H. França, Dropê, Griwil, Wilgri, Ebrandino, Ivan Baldi, Kinsos, Calpetus, Dr. Kean, Nostradamus, O Sineiro, Navegador, Olin, Breque, Simões, Tim, Malba Tantan, Dr Zinho, Santorum, Pompeu Júnior, Dr Legnar, Florentino, Oscar M. de Medeiros,

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias é devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sólidamente encadernado ..... Cr$ 150,00

PEDIDOS À
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

Conde de La Fére, Mag, Milon, Narciso, Do-passo, Jalbaim, Bastão de Baco, Dr. Barreto Cardoso.

2.º lugar: Megos, Alcidrade, José Coelho Vieira, Mavícaro, Ismênia, Heron Silpes.

NOTA: Serão distribuídos dois primeiros e dois segundos prêmios, respectivamente aos totalistas e aos que alcançaram a segunda colocação.

◆

ANIVERSÁRIO DA REVISTA BRASIL-ENIGMISTA

Em 1.º de maio último completou um ano de publicação, na sua segunda fase, a revista Brasil-Enigmista.

Uêniri (Irineu Villas-Boas Estêves), seu diretor-responsável, tudo tem feito para a divulgação da revista, que se apresenta irrepreensìvelmente bem feita e, caso singular, **Uêniri**, com grande esfôrço, tem conseguido que a revista seja posta a venda no dia 1 de cada mês.

Comemorando o acontecimento o seu diretor convidou todos os diretores de seções e revistas charadísticas para um lauto almôço na Churrascaria Gaúcha. Foi grande o número de convites expedidos, mas nem todos, por motivos justificados, puderam comparecer. Entretanto, pudemos notar os seguintes: Uêniri, Ary Olm, Arpreta, que veio de Santos, Matzuk, Altair Dias, Pinguinho, Vichnu, Jalbaim, Gorgonhe, Juvenil, Marcelos, Moneró Jr., Az, Ronega, Pam, Mister V e Dr. Lavrud. Na ocasião da sobremesa, usaram da palavra Uêniri, dizendo dos motivos da festa; Ary Olm, que fêz o discurso oficial; Dr. Lavrud, felicitando o incansável diretor da revista; Juvenil, também enaltecendo e felicitando a todos os charadistas, e, finalmente, Ary Olm, que, num gesto de pura gentileza, saudou o nosso diretor por ser hoje o decano dos charadistas. Enfim, foi uma festa de confra-ter-ni-za-ção, como disse o Ary Olm.

◆

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 25 de abril:

Anhangá (S. Paulo) — Recebida lista de soluções. Procedemos à sua reinscrição, ufanos pelo auspicioso regresso do confrade a esta seção. Aguardamos a prometida colaboração.

Envergonhado (Lisboa) — Com as listas e explicações enviadas pelo ilustre amigo está regularizada sua situação. Os confrades mencionados em sua carta não têm enviado, ùltimamente, as soluções.

Florentino (J. Pessoa) — Recebemos a colaboração para o Almanaque. Gratos.

H. França, Dorminhoco, Hermy, Delfim, Dil, Tonwil e **Rubilar** (Recife) — Recebida a lista de soluções do Almanaque. Os confrades foram inscritos pelos pseudônimos; queiram, entretanto, completar os dados com seus verdadeiros nomes.

◆

CALEPINO DO SCARAMUCHE

Recebemos, com expressiva dedicatória, um exemplar dêste excelente livro-auxiliar, organizado e lançado em edição restrita pelo confrade paulista Luís Carline.

Trata-se de obra de compilação, contendo os provérbios de Mário Lamenza e outros, separados pelo número de letras, bem como um interessante suplemento de profissões e especialidades, também separados por número de letras.

Nossos parabéns e agradecimentos ao distinto ofertante, a quem louvamos pela paciência e esfôrço realizador.

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

O NOIVO QUE MAMÃE ESCOLHEU

(Continuação da página 10)

diu-me que lhe apresentasse os seus cumprimentos.

— Muito obrigado — respondeu polidamente Hibben. Conseguiu aproximar-se dos elevadores e entrou num dêles quase correndo. A sra. Reyerson se voltou para a filha com desalento:

— Por que você ficou parada? Não disse uma palavra!

— Nada tinha para dizer. E, depois, o momento não era apropriado...

— E nunca o será se não forçarmos os acasos...

NAQUELA noite, já na cama, a sra. Reyerson continuava pensando no assunto:

— Só isso posso fazer: proporcionar as ocasiões! Mãe nenhuma é capaz de ir além. Quanto a êsse desconhecido, penso que você deve esquecê-lo. Muriel! Está dormindo?

— Não.

— Por que não diz qualquer coisa?

— Estava pensando.

— Em quê?

— No que você estava dizendo.

Era uma grande mentira, porque Muriel contemplava a lua, e seus pensamentos eram tão efêmeros como o reflexo prateado. Se não devia tornar a vê-lo nunca mais, pelo menos sonharia com êle.

Pela manhã, o sol a despertou. Era um dia digno do nome do hotel "Boa-Vista". Podia-se ver, através do lago, a fileira de colinas que se elevavam muito além e a água brilhava.

— Vou começar bem êste dia — anunciou Muriel. — Tomarei banho no lago. Não espere por mim, mamãe. Encontrarei com a senhora na sala-do-almôço.

A sra. Reyerson assentiu, distraìdamente. Enquanto não tivesse tomado café, não podia raciocinar.

Muriel tinha todo o lago para ela sòmente. Êle não estava ali, mas não tardaria a aparecer. Já eram as oito... e sete horas depois seriam quinze. Estava secando os cabelos ao sol, quando apareceu o sr. Hibben com a saída de banho azul mais descolorida que ela já vira. Assobiava e, ao descobrir Muriel, corou, detendo-se.

— Oh, não! Continue assobiando, por favor! — pediu ela, amàvelmente. — Sempre desejei saber assobiar assim.

— Ah! Obrigado... Já... já tomou banho?

— Sim; a água estava esplêndida.

Êsse foi o seu primeiro encontro com Alexandre Hibben, nesse dia. Continuou encontrando-o. Entrava na sala-de-jantar, quando ela e a sra. Reyerson dela saíam.

— Já almoçaram? — perguntou.

Mais tarde, nesse dia, encontraram-se no povoado, diante de uma livraria. Ao ver que êle levava grossos volumes sob o braço, ela lhe disse:

— Parece que o senhor lê muito...

Ela teve que entrar na livraria, já que permaneciam no umbral, sem ter nada que dizer ou comprar.

Depois, ao regressar ao hotel, êle surgiu numa volta do caminho e começou a falar-lhe de pássaros. Assim continuou até que chegaram; explicava-lhe seu tamanho exato, como viviam, o que comiam. Ao ver no terraço, entre outras senhoras, a mãe de Muriel, corou e emudeceu.

— De onde vocês estão vindo? — perguntou a sra. Reyerson, sorrindo. — Deram um lindo passeio?

— Muito bonito, sim — respondeu Hibben e quase correu para o vestíbulo.

Quando ficou só com Muriel, a mãe logo perguntou:

— De que falaram?

— De pássaros.

— Só?

— Quando fala sôbre os pássaros é muito interessante.

Não que quisesse mostrar-se generosa. Era gentil com o sr. Hibben como o seria com um tio ou um avô. De qualquer forma faltavam quinze minutos para as quinze horas, o sol brilhava e tinha que trocar de roupa.

Êle a esperava. Sem ligar importância às demais pessoas que se achavam presentes, êlè foi logo propondo:

— Vamos para as nossas pedras?

Quando ali se instalaram, êle falou:

— Você se atrasou três minutos, e receei

que não viesse. E nem ao menos sei o seu nome!

— Muriel Reyerson. E qual é o seu?

— Ralph Saxon. Há mais alguma coisa que deseja saber?

O braço dêle estava junto do dela e quase a tocava e Muriel compreendeu que não era uma mulher do tipo indiferente.

— Tenho a certeza de que há muito mais que dizer sôbre você — murmurou.

— Ainda não... Estou no meu último ano de medicina, e durante o verão arranjo emprêgo no Bela-Vista. Meu primo é gerente. É um trabalho cômodo, que me deixa tempo para estudar um pouco.

Era pobre como ela, e estudante ainda por cima! Mesmo depois de formado passariam anos antes de que tivesse uma clientela.

— E você — perguntou êle.

— Sou secretária do diretor de uma companhia. Vivo com minha mãe.

— Então levo vantagem... tenho uma avó, três irmãos e uma irmã, e todos os quatro querem estudar. É uma linda responsabilidade econômica que me aguarda, não acha? Mas são, todos, muito simpáticos...

Ela retirou sua mão da dêle. Era preferível não tornar a vê-lo, nunca mais, e a melhor maneira consistia em dizer-lhe tôda a verdade.

— Nós duas viemos para aqui gastando mais do que podíamos... e com a esperança de eu encontrar um marido rico. Suponho que você pensará que isso é uma monstruosidade.

— Ao contrário — respondeu êle, com tom de alívio. — Com êste é o quinto verão que passo no "Bela-Vista". Centenas de moças aqui aparecem, todos os anos, com o mesmo propósito, porém nenhuma tão franca como você. Às vêzes, flertam comigo, para distrair apenas. Ainda agora, há uma, no hotel... É por isso que venho tomar banho aqui...

— Então... podemos continuar amigos? — perguntou ela, tìmidamente.

— Acho perigoso... Enfim, vamos experimentar.

Ficaram em silêncio, até que ela exclamou:

— Que é aquilo que há no centro do lago?

Êle olhou, desatou a rir, depois gritou:

— Hibben! Hibben!

Muriel compreendeu que era um homem que nadava, e exclamou:

— Conhece a Alexandre Hibben?

— Sim; e você?

— Conhecemo-nos no hotel.

— Pois dedique-se a êle, menina! Nada em dinheiro e, nesse caso, é o homem que lhe convém. Mas tem mais do que isso: é um rapaz que vale ouro, pela educação e a bondade! Olá, Hibben! — chamou.

— Não lhe dirá o que contei?

— Não costumo trair aos amigos. Tratarei, ao contrário, de ajudá-la.

De fato, ajudou e de maneira tão dissimulada que Muriel só o notou quando a coisa

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93 - 95
Telefone 43-8966
End. Telegr.
« B A N C O C I O »
Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MÉIER: Rua 24 de Maio, 1355
AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9
AG. S. CRISTÓVÃO: R. S. Luiz Gonzaga, 173
AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367
AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7
A. COPACABANA: Av. N.S. Copacabana, 1155
AG. MADUREIRA: Estrada da Portela, 44

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO: Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

já estava feita. Enquanto os três tomavam banho de sol, nas pedras, Ralph disse em tom casual:

— Já está consertada a lancha, Hibben?

— Ficará pronta amanhã.

— Ótimo! Amanhã à noite estarei livre... Por que não vamos a Tryst? Conseguirei deliciosos sanduíches no hotel.. E por que não... nós três? Gostaria de ir conosco, Muriel?

— Sim, mas...

— Teria um grande prazer, se fôsse — confessou Hibben, corando.

Não estava encantado, porém, quanto à sra. Reyerson, que quase enlouqueceu de alegria, dizendo:

— É a primeira vez que convida uma pequena para a sua lancha. Falei com a sra. Benson e ela me afirmou que chega a ser repugnante a forma como o coitado é perseguido pelas viúvas e as divorciadas. Nunca fêz caso de nenhuma, mas se você souber agir, Muriel! Oh, tenho a certeza de que você sabe! Poderá triunfar!

Ralph arranjou as coisas de tal modo que Muriel e Hibben estiveram o mais possível sós durante a excursão. Insistiu em dirigir a lancha para que ambos pudessem sentar cômodamente nos bancos forrados de couro. E, chegando à ilha, sugeriu que Hibben fôsse mostrar a Muriel o ninho da águia, enquanto êle preparava o fogo.

Comeram observando como findava o crepúsculo e surgia a lua. Hibben levara a guitarra e, animado por Ralph, cantou canções folclóricas, com boa voz de tenor.

Ao afastar-se, na lancha, da ilha, Muriel lamentou o término do passeio.

— Obrigada por tudo, ilha querida! Se não tornar a visitar-te...

— Não diga isso! Hibben vem cá constantemente...

— Por que não amanhã? — perguntou Hibben ràpidamente. — Haverá lua-cheia!

— Não poderei sair amanhã, à noite — disse Ralph. — Mas não vejo por que vocês não hão de vir...

Assim ficou combinado. Ao chegar, enquanto Hibben se ocupava da lancha, os outros dois ficaram alguns minutos sós.

— Nós nos conhecemos cedo de mais... Com cinco anos de antecipação... — murmurou êle, e seus dedos roçaram por uma de suas faces, detendo-se um instante em seus cabelos. — Adeus, e boa-sorte amanhã.

No dia seguinte choveu, e no outro e mais no terceiro, porém Hibben, que já não se mostrava tímido, sentava-se com Muriel no vestíbulo ou na biblioteca. Comia na mesa dela, enquanto a sra. Reyerson se fazia servir no próprio quarto, pretextando às amigas do hotel, forte dor reumática num ombro.

— Vocês, que são moços, têm que ficar sòzinhos — explicou à filha.

— Você jogou **bridge** tôda a manhã, mamãe! Não vê que todos vão notar?

— Claro que já notaram... Notaram como êle olha para você... Oh! Se você fôsse um pouquinho mais...

— Mais... quê? — falou Muriel, indignada. — Que quer que eu faça. Que me jogue nos braços dêle? Que o obrigue a declarar-se?

Quanto mais via Hibben, mais simpatizava com êle. Era tão bom, e tão compreensivo... Viajara muito, e às vêzes lia para ela a passagem de um livro, para melhor ilustrar uma explicação. Tinha uma voz clara e sonora, mas, com sincero pesar, Muriel se distraía, pensando em Crown Island onde por um instante parecera-lhe que só existiam duas pessoas no mundo.

— Que acha? — perguntou Hibben fechando o livro.

— Tudo isso me entusiasma e gostaria de visitar tôdas essas terras algum dia.

— Sério? — exclamou Hibben, enquanto sua mão ossuda procurava a dela. — Oh! Se eu tivesse o direito de sonhar...

— Sr. Hibben!

Era a sra. Bronson, que se aproximava. Era uma criatura intragável, porém nesse instante, tremendo de um modo ridículo, Muriel a teria beijado.

— Não quero incomodá-los, porém a sra. Herman e eu discutimos sôbre uma coisa que só uma autoridade como o senhor pode decidir. Venha à janela... vê aquilo? Eu digo que é uma garça, porém ela insiste em que...

Isso foi tudo o que Muriel ouviu, porque fugiu, correndo pelo terraço. A chuva não a deteve, começando a caminhar.

Agora só, não mais sentia aquêle tremor inexplicável que se apoderara de todo o seu corpo, quando Hibben lhe tomara a

mão. A próxima vez estaria preparada. Não fugiria. E tudo estava para acontecer. Amanhã, com certeza! Passaria a chuva e juntos iriam a Tryst. Hibben não falara em convidar a Ralph.

Caminhava sem rumo e, de repente, viu-se diante do elegante hotel "Bela-Vista", com seu jardim, suas pérgolas... Ralph devia estar por perto e se alegraria de saber que ela ia triunfar. A vitória seria devida a êle mesmo, em grande parte.

Com os sapatos empapados, aproximou-se do escritório de recepção, onde Ralph folheava uma pilha de papéis, e disse-lhe bruscamente.

— Felicite-me!

Êle a contemplou com assombro.

— Você... veio, com êsse tempo?

— Felicite-me! Já está resolvido; isto é... Há de ser amanhã. Você é um bom amigo e, assim, felicite-me.

E logo a seguir, sem nenhuma razão, desatou a chorar, com grandes soluços, que ressoavam no vestíbulo vazio. Voltando-se, tentou caminhar para a saída, porém êle, saltando o pequeno balcão do escritório, correu atrás dela, exclamando:

— Não chore, querida, não!

— Deixe-me!

Desprendeu-se dêle, porém Ralph tornou a alcançá-la, dizendo:

— Se isso a aborrece assim...

— Não me aborrece nada... É um dos... dos... melho... lhores homens... que conheci. E tenho que agradecer a você — balbuciava ela. Depois, com um grande esfôrço para conter-se, acrescentou:

— Sou uma tôla e lamento o que fiz... Volte para o seu trabalho, Ralph?

— Não. Vou acompanhá-la ao hotel — respondeu êle, segurando-a com firmeza por um braço.

Enquanto atravessavam os bosques de pinheiros, não falaram, porém, tendo-o ao seu lado, pôde pensar com clareza. Durante dias sentiu-se aturdida, fatalista, porém agora podia tomar uma decisão.

— Não vou casar-me com êle, Ralph. Não seria justo. Se me casar, algum dia, há de ser com alguém a quem ame. Casando-me com um homem a quem não amasse realmente, sem dúvida, me tornaria infeliz e egoísta... Eu...

Nunca terminou a frase. Já tinha sido beijada, antes. Porém nunca dessa maneira.

— Eu...

Também não terminou a frase.

Muito mais tarde, enquanto observavam um fio de azul surgindo entre as nuvens, aumentando depressa até limpar todo o céu, êle disse:

— Esperar três anos, dois no mínimo... ou mesmo um, é muito! Podemos fazê-lo agora. Temos que fazer.

Enquanto Muriel caminhava pelo longo corredor do hotel, preparava as frases que diria a sua mãe. Falaria com tato, dando-lhe a notícia lentamente. Porém a sra. Reyerson desbaratou seus planos. Ao ver os olhos brilhantes da filha, exclamou:

— Oh! Já, hein, querida? Eu sabia! Durante tôda a tarde meu ôlho esquerdo andou piscando, e...

— Não é Hibben, mamãe — declarou Muriel bruscamente. — É Ralph.

— Êsse... êsse desconhecido?

— Não tem um centavo. Ainda tem que acabar os estudos, mas não me importa. Eu sustentarei a êle, a você, a sua família, a todo mundo!

— Não percas a cabeça, criatura! Ouve o meu conselho! Você é moça... Não deve destruir a vida dessa maneira! Ouve alguém que sabe o que diz.

Nada havia a fazer. Muriel permaneceu imóvel diante da janela, contemplando em êxtase as colinas distantes. Apenas pediu um conselho a sua mãe, quando terminaram a **toilette** para descer e jantar.

— Tenho que dizer a Hibben e não quero magoá-lo. Que farei?

— Não será necessário que diga nada — suspirou a sra. Reyerson. — Logo que veja você compreenderá tudo. Todo o mundo saberá!

◆

CASUALIDADE

UM senhor encontra outro na rua e lhe pergunta:

— O senhor, por acaso, não se chama Lopes?

O outro olha-o com desdém, e responde:

— Não, senhor, e se me chamasse Lopes, não seria por acaso, porque minha mãe foi uma mulher honrada.

O EXPRESSO NÃO PAROU EM MILWAUKE

(Continuação da página 15)

para um jipe da polícia gritando: "Para a estação central de carga. Depressa!"

Brandstrom dá uma olhadela para o contador: 136 kms. Sua fisionomia, endurecida, num instante se relaxa, como se fôsse derramar lágrimas. Inclina-se para Carol, que continua inerte, estirado num canto e dá-lhe uma grande palmada num ombro:

— Carol! Estamos diminuindo! Se a velocidade continua a cair e as vias continuam livres, ainda temos uma probabilidade de salvação.

Com os olhos abertos como se quisessem saltar das órbitas, Carol se levanta e vai ajoelhar-se ao lado de Brandstrom, na janela.

10 horas, 36 — Dois automóveis de socorro seguem ao longo da via. Brandstrom não os vê nem tampouco ouve a sereia, que uiva sem cessar. Porém, 300 metros adiante dêles, distingue seis homens que se afastam da via, saltando de um trilho para outro. Vê, a seguir, o trem de carga, retirado da linha principal. O contador marca 127 quilômetros. Brandstrom fecha os olhos. Com os lábios apertados(remexe no bôlso e consegue encontrar um cigarro, que acende com cuidado. Depois mantém o olhar fixo no contador. A velocidade baixa regularmente.

10 horas, 38 — O contador marca 108 quilômetros por hora. Carol observa a paisagem.

— Carol! — grita de repente. — Chegamos à costa de Indianamount! Quando caminharmos mais devagar, podes saltar. O que farão com a máquina, quando eu também saltar...

Carol se aproxima, cambaleando, da portinhola, porém Brandstrom o detém por um braço e ordena que não se mova. Conhece essa espécie de gente. Carol é capaz de perder a cabeça e saltar cedo de mais, pronto a matar-se por mêdo da morte.

Quando correm sòmente a 50 por hora, Brandstrom nota que são seguidos por uma locomotiva, que ganha terreno sôbre êles, à medida que a costa de Indianamount se torna mais empinada.

Brandstrom tem a impressão de que o universo acaba de imobilizar-se. Está atordoado pelo silêncio e a ausência de movimento. Carol, ao contrário, já saltou para o chão. Dá gritos, estala de riso e começa a dançar e a cantar frenèticamente, aos berros, até ficar sem alento.

OS maquinistas da locomotiva de socorro já os cercam e acompanham as palavras de alento com amistosas palmadas nos ombros dos dois fugitivos da morte. Carol, entusiasmando-se, salta-lhes ao pescoço.

— Vocês são formidáveis, rapazes!

Mas logo, sentindo as pernas fracas, vai sentar numa pedra próxima.

— Que tem você? Não está passando bem?

— Eu? Oh! Nada, nada... Apenas não estou habituado a pular tanto! Mas a verdade é que tivemos uma sorte danada!

A êsse tempo, Brandstrom descia lentamente. Os dois maquinistas da locomotiva de socorro se aproximam dêle.

— Realmente, vocês dois tiveram uma sorte como nunca vi! — declarou um dêles.

Largas olheiras sombreavam os olhos de Brandstrom e seus joelhos tremiam. Olhou para os dois colegas, sem nada dizer, com um sorriso estranho.

— Afinal, que aconteceu? — perguntou um dos homens da outra locomotiva.

— Isso é, justamente, o que gostaria de saber — respondeu Carol, que, reunindo-se ao grupo, não tardou a sentar novamente na mesma pedra.

A êsse tempo chegavam dois jipes, atravessando o descampado aos saltos e resfolegando ruidosamente. Num dêles está o inspetor da estrada com um policial, no outro Hoffman, repórter do "Evening Post".

— Sim senhor! Aqui estão os heróis — exclamou o inspetor, gratificando-os com abraços amistosos. — Calma e coragem tiveram êles

Os colegas, da locomotiva de socorro, contemplam com inveja seus camaradas.

— Que posso fazer por vocês? Certamente há alguma coisa que mais desejam neste mundo...

— Beber o conteúdo de uma adega inteira! — respondeu Carol, rindo. — Ter dez dólares para beber a noite inteira com dois bons companheiros.

— Muito bem. E você? — acrescentou, voltando-se para Brandstrom.

— Se fôsse possível passar dois dias de licença em Minneapolis...

— Uma pequena bonita?

Brandstrom mostrou a aliança que trazia no dedo.

— Oh, sim... É casado. Pois conte com os dois dias!

Enquanto o inspetor e os dois maquinistas da locomotiva de socorro examinam a máquina acidentada, o repórter se apodera de Brandstrom.

— Meu nome é Hoffman. Sou repórter do "Evening Post" — disse, apresentando-se. — Tome êstes dez dólares e em troca prometa-me não contar um só detalhe a outro qualquer senão a mim, Hoffman, do "Evening", entende? Faremos uma reportagem sensacional sôbre o que vocês dois viveram... Um furo e tanto! Agora, diga-me como foi a coisa...

— Como disse o senhor?

— Quais foram suas impressões durante essa pequena viagem?

— Oh, sim! Agora compreendo... Mas, melhor será perguntar ao meu colega, que ali está...

Um pequeno grupo rodeava a Carol. Alguém lhe pusera nas mãos um copo com uma bebida forte qualquer.

Não parava de falar senão para beber a grandes sorvos.

— Que pode contar você? — perguntou o inspetor, deslizando-lhe cinqüenta dólares.

— Que a coisa não foi divertida. Eram necessários nervos de aço.

Bebeu outro bom trago.

— Olhem só para êle, coitado! — disse, indicando Brandstrom. — Está todo trêmulo. Nem sequer pode falar ainda!

E curvando-se para Hoffman, disse, baixando a voz, em tom zombeteiro e confidencial:

— Quer estar juntinho da lareira, quanto antes. Não! Certamente não foi uma viagenzinha agradável! Parecia mais uma viagem para o inferno!

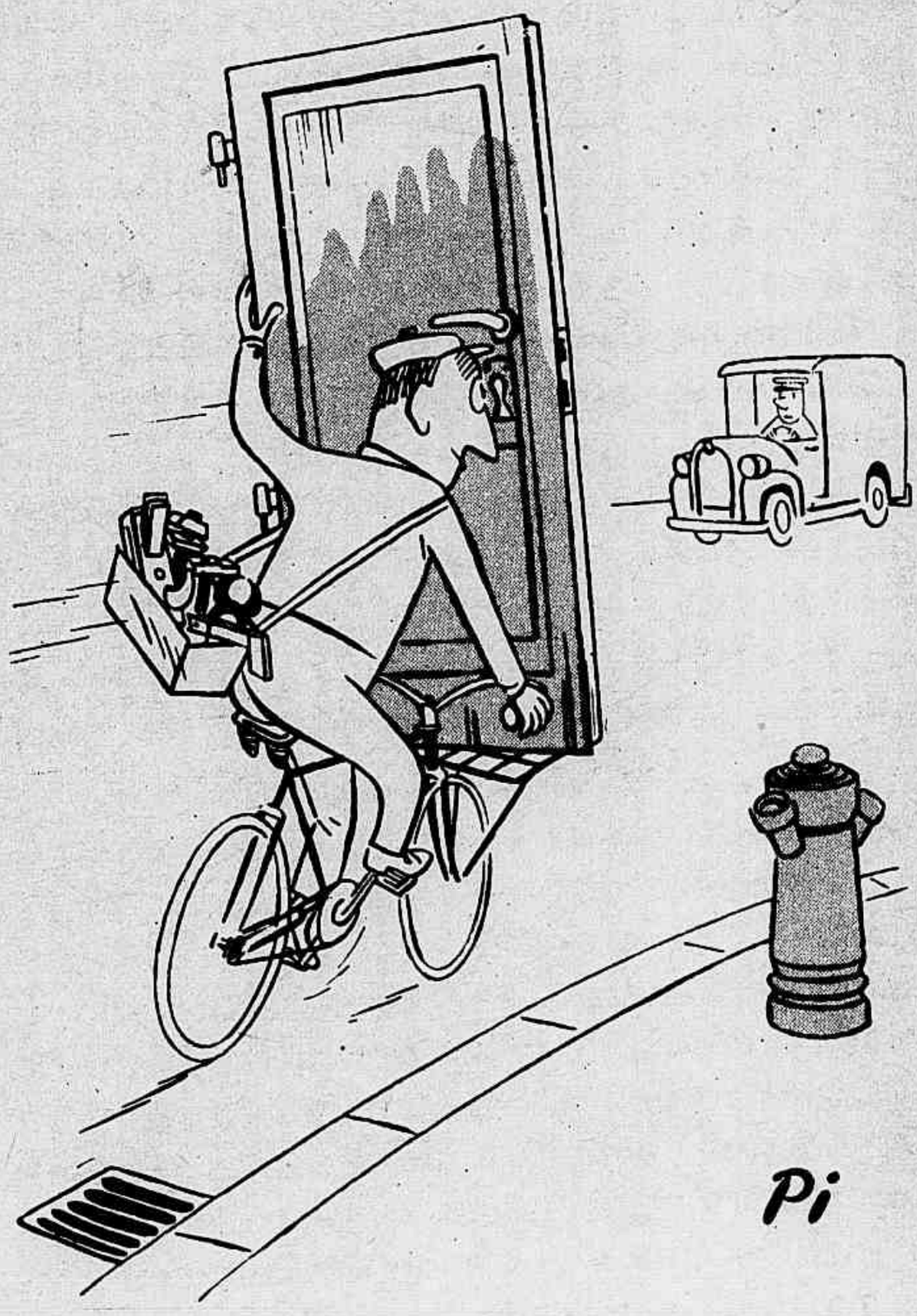
Desatou a rir e voltou a beber, saudando em seguida aos que o rodeavam. Finalizou tudo cantando com entusiasmo a sua canção favorita.

O inspetor e o policial voltaram para o jipe.

— Quer saber de uma coisa? — disse o inspetor ao policial, com voz profética. — Não me causará surprêsa se você tornar a vê-lo, esta noite! A farra que está planejando vai ser das maiúsculas!

BRANDSTROM permaneceu sentado no degrau da locomotiva, com o olhar fixo numa árvore, da qual descia o canto de um pássaro.

— Já vivi os mesmos minutos, em 18, quando nos arrastávamos entre as trincheiras, enterrados na lama, e assombrados por estarmos ainda com vida. Era o mesmo sol sujo, o mesmo canto de pássaro... Só não posso recordar como era a árvore...



Visão Mundial: O ISLÃO ECLODE DO SEU TORPOR

(Continuação da página 34)

terra de Barbária, designação mais uniforme e correta porque havia no Mogreb uma população uniforme na sua origem, muito antiga e distinta dos negros do Sudão. Sabemos da antiguidade da Barbária pelo historiador grego Herôdoto, cujas obras mencionam os seus habitantes. Espalhados por todo o Norte vinham agora em massa contra o invasor islâmico armado de uma religião implacável. De tôdas as colinas e montanhas, planaltos e vales obscuros, saltavam bérberes como uma avalanche humana. Vinham ora do Tel, ora dos altos planaltos, de Oram e Argel, Saara e Líbia. As tribos revoltadas surpreenderam o general Obka ibn Nafi regressando com uma pequena escolta, o grosso do exército havendo seguido para Cairuan. Pereceu massacrado com os seus companheiros às mãos dos combatentes de Kocela ibn Lemezm, príncipe bérbere que conquistou Cairuan e pôs em fuga os soldados do Islão atemorizados com o extermínio do seu chefe. Durante cinco anos, a África do Norte voltou à sua independência barbaresca entregue aos autóctones.

AS RIVALIDADES DO CALIFADO — As civilizações embasadas no politismo das conquistas militares traspassam crises de prosperidade e decadência motivadas pelas suas agressividades internas. Explica-se o intervalo na campanha por novas intrigas no Califado do Oriente, que só terminaram em 688. Nesse ano mais uma expedição sarracena penetra na África comandada por um general encarregado de punir as tribos indisciplinadas à doutrina islâmica. Zoheir ibn Kais pressiona as hordas que massacraram Obka, choca-se afinal com Kocela que aniquila e com os seus despojos reocupa Cairuan. Numerosos, mas sem unidade política, os bérberes perdem sempre diante dos exércitos moslêmicos, melhor instruídos e fortificados pelos versículos do Alcorão.

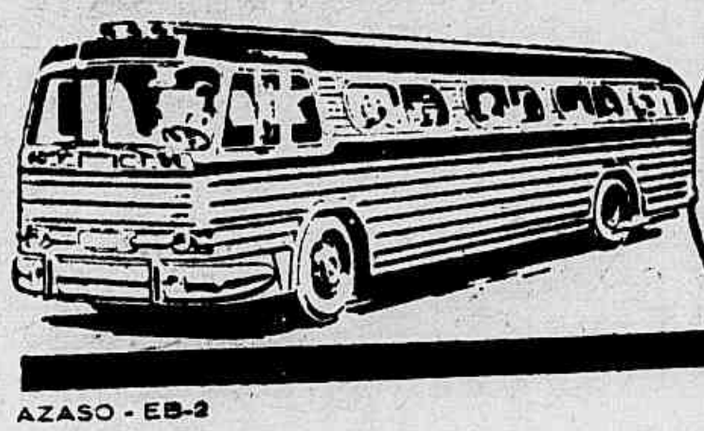
Não obstante a disciplina e a bravura individual, Zoheir reconheceu que não poderia subjugar as tribos com o seu pequeno exército. Viera com uma expedição punitiva, a fim de castigar a morte de Obka, cumprira o desígnio e regressava à Arábia quando o vitimou uma emboscada militar do mesmo gênero. Os gregos desembarcaram uma legião em Cartago e depois de alguns dias de marcha chocaram-se em Barka com os combatentes de Califado. Zoheir ibn Kais pereceu com os seus companheiros vitoriosos até há pouco tempo. Hassane ibn Nomana, que governava o Egito recebe tropas auxiliares com ordens de restaurar o domínio árabe e destruir as fortalezas gregas ainda restantes. Governados por uma mulher, que se julga adivinhatriz e uma enviada celeste, a sacerdotisa Kahena, os bérberes aceitam o combate e destroçam os corpos militares do governador Hassane, que foge para o Egito, onde se conserva cinco anos à espera de auxílio.

Dotado de novo exército entra no ano 691 em Cartago e persegue a Kahena, a rainha Dihi, cuja imaginação concebe o plano de incendiar os campos e as matas, medida que lhe vale o abandono das tribos mais interessadas na pilhagem do que na defesa do território. Hassane triunfa fàcilmente, entra em Cairuan indo orar na Grande Mesquita, glória de arte do conquistador da Barbária, agora vingado e venerado. O general Muça ibn Noceir aporta em 699 como governador árabe da África do Norte, distende a influência colonizadora e corre até o Rif e o Atlas na caça das tribos insubmissas. Expulsos os bizantinos, restam os visigodos, que perdem o seu reduto em Gibraltar, a cidade de Tânger. Com o fim de manter o Mogreb em paz, Muça ibn Noceir reflete que só existe um meio de distrair para outro país a vaga humana dos bérberes, sempre inquieta e errante, salteadora e indócil à vida sedentária. Os colonizadores greco-romanos fracassaram em transplantar pelas armas a cultura latina para o solo agressivo da África do Norte sem a cobertura humana da povoação.

O FRACASSO DAS TRANSFERÊNCIAS DE CIVILIZAÇÃO PELA GUERRA — Prossegue a segmentação e a dissipação definitiva do colonialismo romano no impacto das culturas que se repudiam. Os godos, cuja aparição data do século III, saíram dos limites do Mar Negro em incursões com os outros bárbaros. Seu exército alcançou a cifra de trezentos mil

homens e a sua frota aglomerou até dois mil barcos. Devastaram o Bósforo e Heloponto, Mediterrâneo e Ásia Menor, Atenas e Creta, Rodes e afinal instalaram-se na Ibéria sob a denominação de Visigodos — Godos Ocidentais. Os árabes tomaram Tânger justamente quando viviam no período de decadência, amolecidos no luxo e nos festins da sensualidade. Roderico, duque de Betica e que se dá também como duque de Cordua, usurpara o poder a Mitza, rei dos Visigodos, a quem condenou a morte em 709. Exilados em Tânger, os partidários do soberano usurpado recorreram aos árabes para invadir a Espanha. Sôbre essa versão histórica há uma lenda sentimental que prevalece sôbre a primeira. Fala do conde Juliano, que se improvisou adversário de Roderico por causa da sua paixão com a filha Florinda, chamada pelos muçulmanos de a "Cava". Governador de Ceuta, entendeu-se com Tarek ibn Ziad e os seus árabes convidando-os a passar à Espanha, acontecimento ocorrido em 709. Na batalha de Jerez, a 17 de julho de 711, o conde Juliano acompanhava os guerreiros do Islam. Tarek voltou à África, trouxe um exército mais considerável e desembarcou no Monte Calpé, designado daí por diante de Djebel-Tarek — origem de Gibraltar. Numa série de combates vitoriosos, conquistou Cordua e Betica, Granada e transpôs a Serra Morena, apoderando-se de Toledo.

Muça ibn Nair aporta logo depois com oito mil bérberes e dez mil árabes invade sucessivamente Sevilha e Merida, Portugal e a Galícia. Sob o céu espanhol, a civilização moslêmica prospera e lega à Europa maravilhas de arte como o Alhambra, criações na ciência e na literatura. O vicioso melejo da politização desgastou os romanos e bizantinos, depois bérberes e sarracenos, segmentando-se tôdas as vitórias sob a colisão das culturas alérgicas entre si. A fermentação islamita dormitava há séculos e agora pressionada pela Civilização Tecnológica eclode do seu torpor na hora crepuscular do Colonialismo; terrificando os derradeiros redutos europeístas na Argélia e Tunísia, Líbia e Sudão, Cirenaica e Marrocos. Chefiados pelo cel. Gamal Abdel Nasser, o Egito vai liderar sob a sigla do Islão, a Renascença dos Povos Moslêmicos.

ANTOS
200
VIAGENS POR DIA
das 4,30
ás 24,00 hrs.
cada 8 minutos
Onibus diretos para SÃO VICENTE e PONTA DA PRAIA
AGÊNCIAS
SÃO PAULO
Av. Ipiranga, 885 - Fone: 34-1395
Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones: 32-8733 e 34-5393
Rua Senador Queirós, 85 - Fones: 34-2399 e 36-6402
Rua Tabatinguera, 37 - Fone 33-3326
SANTOS
Pça. Barão do Rio Branco, 62 - Fone 1314 (S. Vicente)
Av. Presidente Wilson, 186 - Fone 4-4090 (José Menino)
Pça. Independência, 11 - Fone 4-3426 (Gonzaga)
Pça. Mauá, 11 - Fones 2-2299 e 2-8777 (Cidade)
Av. Conselheiro Nebias, 841 - Fone 4-5788 (Boqueirão)
VÁ PELO MELHOR!

EXPRESSO BRASILEIRO
VIAÇÃO Ltda.
AZASO - EB-2

CORRESPONDÊNCIA

Jorge Rodrigues (Niterói) — O assunto, segundo já anunciamos, está merecendo tôda a nossa atenção e a busca de mais ilustrações tem impedido sua pronta publicação, a qual não tardará a concretizar-se.

◆

Edson Seabra Mônica (D. Federal) — No próprio Observatório (se existir algum exemplar). O enderêço é rua General Bruce, 586 — Distrito Federal. O "science-fiction" a que se referiu não é encontrado nas livrarias.

◆

Isabel M. de Palva (Distrito Federal) — Do mesmo autor? Nada sabemos a respeito. De uma coisa temos a certeza: Não publicamos êsse romance.

◆

Galba de Castro (Cuiabá, Mato Grosso) — Recebemos. Quanto aos números que solicita foram enviados, embora com algumas falhas, pois alguns estão esgotados.

◆

A CAPA — Leiam, na página 67, o artigo sob o título O SISTEMA NERVOSO "CHAVE" DA VIDA.

EU SEI TUDO

N.º 469 — ANO XL **N.º 1 — Junho — 1956**

SUMARIO:

O noivo que mamãe escolheu (conto) 5 a 10
O lado risonho da vida 10
O rápido não parou em Milwaukee 11 a 15
Sábio inglês fotografa... o passado . 16 a 19
A ciência ao alcance de todos 19
2 novos tratamentos da hipertensão 20 a 22
Conselhos de uma quituteira 22
As montanhas que viajam sôbre as água ..... 23 a 26
Visão mundial: O Islão eclode do seu torpor ..... 27 a 34
Por que não fazem 34
A morte com meias de sêda (romance, continuação) ..... 35 a 42
Em 2.000 anos o Cristo apareceu cem vêzes (policromia) ..... 43 a 50
SOS para o seu lar 51
Viva com mais confôrto 52
Os "tanques" da natureza ..... 53 a 61
O assassino guloso (episódio real) 63
O sistema nervoso, "chave" da saúde 67 a 69
Signos astrológicos 70
Um cadáver nas trevas (episódio real) 71
Pescando por hipnotismo ..... 72 a 73
As razões do divórcio 74
O punhal de dois gumes ..... 75 a 76
Conservas de negros 80
Fotografias malucas 82
Páginas imortais: A batalha de Santos 93 a 94
A pupila do rei (romance, cont.) 95 a 102
Memento EU SEI TUDO — Abril .. 103 a 107
Charadas — Quebra-cabeças 108